

COLEÇÃO AUTORES GREGOS E LATINOS  
SÉRIE TEXTOS

# LUCIANO DE SAMÓDATA

# LUCIANO

# [VI]

TRADUÇÃO DO GREGO, INTRODUÇÃO E NOTAS  
CUSTÓDIO MAGUEIJO

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

(Página deixada propositadamente em branco)

Luciano de Samósata

*Luciano*

[VI]

*Tradução do grego, introdução e notas de  
Custódio Magueijo*

TODOS OS VOLUMES DESTA SÉRIE SÃO SUJEITOS A ARBITRAGEM CIENTÍFICA INDEPENDENTE.

TÍTULO • LUCIANO VI

AUTOR • LUCIANO DE SAMÓSATA

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

COORDENADOR CIENTÍFICO DO PLANO DE EDIÇÃO: Maria do Céu Fialho

COMISSÃO EDITORIAL

José Ribeiro Ferreira

Maria de Fátima Silva

Francisco de Oliveira

Nair Castro Soares

DIRECTOR TÉCNICO: Delfim Leão

OBRA REALIZADA NO ÂMBITO DAS ACTIVIDADES DA UI&D  
CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS

EDIÇÃO

Imprensa da Universidade de Coimbra

URL: [http://www.uc.pt/imprensa\\_uc](http://www.uc.pt/imprensa_uc)

E-mail: [imprensauc@ci.uc.pt](mailto:imprensauc@ci.uc.pt)

Vendas online:

<http://ivrariadaimprensa.uc.pt>

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

[WWW.ARTIPOL.NET](http://WWW.ARTIPOL.NET)

ISBN

978-989-26-0791-7

ISBN DIGITAL

978-989-26-0792-4

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Imprensa da Universidade de Coimbra

DEPÓSITO LEGAL

353356/12

CONCEPÇÃO GRÁFICA

Imprensa da Universidade de Coimbra

1ª EDIÇÃO: IUC • 2013

INFOGRAFIA

Mickael Silva

© DEZEMBRO 2013.

IMPRESSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

CLASSICA DIGITALIA VNIVERSITATIS CONIMBRIGENSIS (<http://classicadigitalia.uc.pt>)

CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Reservados todos os direitos. Nos termos legais fica expressamente proibida a reprodução total ou parcial por qualquer meio, em papel ou em edição electrónica, sem autorização expressa dos titulares dos direitos. É desde já exceptuada a utilização em circuitos académicos fechados para apoio a leccionação ou extensão cultural por via de *e-learning*.

# ÍNDICE

INTRODUÇÃO GERAL:.....	9
<i>FÁLARIS I E II:</i> .....	15
INTRODUÇÃO .....	17
<i>FÁLARIS I:</i> .....	19
TRADUÇÃO E NOTAS .....	19
<i>FÁLARIS II:</i> .....	29
TRADUÇÃO E NOTAS .....	29
<i>HÍPIAS OU O BALNEÁRIO:</i> .....	33
INTRODUÇÃO .....	35
TRADUÇÃO E NOTAS .....	37
<i>DIONISO:</i> .....	43
INTRODUÇÃO .....	45
TRADUÇÃO E NOTAS .....	47
<i>HÉRACLES:</i> .....	53
INTRODUÇÃO .....	55
TRADUÇÃO E NOTAS .....	57
<i>O ÂMBAR OU OS CISNES:</i> .....	61
INTRODUÇÃO .....	63
TRADUÇÃO E NOTAS .....	65
<i>ELOGIO DA MOSCA:</i> .....	69
INTRODUÇÃO .....	71
TRADUÇÃO E NOTAS .....	73
<i>NIGRINO:</i> .....	79
INTRODUÇÃO .....	81
TRADUÇÃO E NOTAS .....	83
<i>DEMÓNAX:</i> .....	103
INTRODUÇÃO .....	105
TRADUÇÃO E NOTAS .....	107
<i>O AUDITÓRIO:</i> .....	125
INTRODUÇÃO .....	127
TRADUÇÃO E NOTAS .....	129
<i>ELOGIO DA TERRA NATAL:</i> .....	143
INTRODUÇÃO .....	145
TRADUÇÃO E NOTAS .....	147

<i>MACRÓBIOS:</i> .....	153
INTRODUÇÃO .....	155
TRADUÇÃO E NOTAS .....	157
 <i>CONTRA A DELAÇÃO:</i> .....	167
INTRODUÇÃO .....	169
TRADUÇÃO E NOTAS .....	171
 <i>JULGAMENTO DAS CONSOANTES:</i>	
<i>SIGMA CONTRA TAU NO TRIBUNAL DAS SETE VOGAIS:</i> .....	185
INTRODUÇÃO .....	187
TRADUÇÃO E NOTAS .....	191
 <i>O BANQUETE OU OS LÁPITAS:</i> .....	199
INTRODUÇÃO .....	201
TRADUÇÃO E NOTAS .....	205

LUCIANO  
[VI]

FÁLARIS – I

FÁLARIS – II

HÍPIAS OU O BALNEÁRIO

DIONISO

HÉRACLES

O ÂMBAR OU OS CISNES

ELOGIO DA MOSCA

NIGRINO

DEMÓNAX

O AUDITÓRIO

ELOGIO DA TERRA NATAL

MACRÓBIOS

CONTRA A DELAÇÃO

JULGAMENTO DAS CONSOANTES: SIGMA CONTRA  
TAU...

O BANQUETE OU OS LÁPITAS

Ficha técnica:

Autor: Luciano de Samósata

Título: LUCIANO [VI]:

— *Fálaris – I*

— *Fálaris – II*

— *Hípias ou O Balneário*

— *Dioniso*

— *Héracles*

— *O Âmbar ou Os Cisnes*

— *Elogio da Mosca*

— *Nigrino*

— *Demónax*

— *O Auditório*

— *Elogio da Terra Natal*

— *Macróbios*

— *Contra a Delação*

— *Julgamento das Consoantes: Sigma contra Tau  
no Tribunal das Sete Vogais*

— *O Banquete ou Os Lápitas*

Tradução, introdução e notas: Custódio Magueijo



## INTRODUÇÃO GERAL<sup>(1)</sup>

Luciano nasceu em Samósata, capital do antigo reino de Comagena, situado a norte da Síria, na margem direita do Eufrates. Os primeiros imperadores romanos conservaram-lhe um certo grau de independência, mas acaba por ser incluído entre as províncias do Império Romano.

Quanto a datas de nascimento e morte, aceitemos 125-190 d.C. Seguramente, a vida literária de Luciano desenvolve-se na segunda metade do séc. II d.C., por um período de quarenta anos, durante o qual escreveu cerca de oitenta obras.

No tocante a dados biográficos, temos de contentar-nos com as informações contidas no conjunto dos seus escritos. Pelo menos têm a vantagem de serem de primeira mão. E se a nossa curiosidade mais «superficial» gostaria de saber muitas outras coisas sobre a sua vida, a verdade é que o essencial do homem está nítida e magnificamente retratado na obra.

De entre as obras mais importantes do ponto de vista autobiográfico, salienta-se a intitulada *O Sonho* (ou *Vida de Luciano*). Imediatamente se conclui tratar-se dum trabalho da meia-idade, que mais abaixo resumimos.

Após uma peregrinação de vários anos por terras da Grécia, da Itália e da Gália, onde conseguira assinalável êxito e não menos importante pecúlio, Luciano regressa (por volta de 162-163) à sua cidade natal, que o havia visto partir pobre e quase anónimo, e agora se orgulhava do prestígio que lhe era transmitido pelo próprio êxito dum filho seu. É então que Luciano, perante os seus concidadãos, traça uma retrospectiva autobiográfica, da qual mencionamos os passos mais salientes.

Chegado ao termo da escolaridade elementar, adolescente de quinze anos, o pai aconselha-se com familiares e amigos sobre o futuro do moço.

*«A maioria opinou que a carreira das letras requeria muito esforço, longo tempo, razoável despesa e uma sorte brilhante. Ora, a nossa fortuna era limitada, pelo que, a breve trecho, precisaríamos de alguma ajuda.»*

---

<sup>1</sup> Esta «Introdução geral» é, na verdade, reproduzida de outras que escrevi a propósito de diversas obras de Luciano. Não se pode exigir que, para cada uma das cerca de oitenta, tivesse de inventar uma biografia formalmente diferente de Luciano. No entanto, a parte final, relativa a cada obra em particular, é redigida especialmente para esta edição.

*Se, pelo contrário, eu aprendesse um ofício, começaria imediatamente a retirar daí um salário mínimo, que me permitiria, naquela idade, deixar de ser um encargo familiar, e até mesmo, algum tempo depois, dar satisfação a meu pai com o dinheiro que traria para casa.» (§ 1)*

Restava escolher o ofício. Discutidas as várias opiniões, foi decidido entregar o rapaz aos cuidados dum tio materno, presente na reunião, e que era um excelente escultor. Além deste factor de ordem familiar, pesou ainda o facto de o moço, nos seus tempos livres, gostar de se entreter a modelar, em cera, bois, cavalos e figuras humanas, «*tudo muito bem parecido, na opinião de meu pai*». Por essa actividade «*plástica*» (é palavra sua), que não raro o desviava dos deveres escolares, «*chegava mesmo a apanhar pancada dos professores, mas isso agora transformava-se em elogio à minha vocação*». (§ 2)

Chegado o grande dia, é com certa emoção que o jovem Luciano se dirige à oficina do tio, a fim de iniciar a sua nova vida. De resto, via no ofício de escultor uma espécie de brincadeira de certo modo agradável, e até uma forma de se distinguir perante os amigos, quando estes o vissem esculpir figuras de deuses e estatuetas. Todavia, e contrariamente às suas esperanças, o começo foi desastroso. O tio põe-lhe na mão um escopro e manda-o desbastar uma placa de mármore, a fim de adiantar trabalho («*O começar é meio caminho andado*»). Ora... uma pancada um pouco mais forte, e eis que se quebra a placa... donde uma monumental sova de correia, que só a fuga consegue interromper. Corre para casa em tal estado, que a mãe não pode deixar de censurar asperamente a brutalidade do irmão. Entretanto, aproximase a noite, e o moço, ainda choroso, dolorido e revoltado, foi deitar-se. As fortes emoções do dia tiveram como resultado um sonho – donde o título da obra. (§§ 3-4)

Até aqui, Luciano fornece-nos dados objectivos, que nos permitem formar uma ideia suficientemente precisa sobre si próprio e sobre a situação e ambiente familiares. Quanto ao sonho, se nada nos permite duvidar da sua ocorrência, a verdade é que se trata, antes de mais, duma elaboração retórica, elemento tantas vezes utilizado na literatura, mas nem por isso menos significativo do ponto de vista autobiográfico. De facto, Luciano serve-se deste processo para revelar aos seus *ouvintes* não tanto o que se terá passado nessa noite, mas principalmente a volta que a vida dera, a partir duma situação que, em princípio, teria uma sequência bem diferente.

Assim, e com uma nitidez – segundo afirma – «em nada diferente da realidade», aparecem-lhe duas mulheres, que, energeticamente e até com grande violência, disputam a posse do moço, que passa duma para a outra, e volta à primeira... enfim, «pouco faltou para que me despedaçassem».

Uma delas era a Escultura (*Hermoglyphikê*), «com o (típico) aspecto de operário, viril, de cabeleira sórdida, mãos cheias de calos, manto subido e coberto de pó, como meu tio quando estava a polir as pedras». A outra era a Cultura (*Paideia*), «de fisionomia extremamente agradável, pose digna e manto traçado a preceito». (§§ 5-6).

Seguem-se os discursos de cada uma das personagens, que fazem lembrar o *agón* («luta», «disputa») das *Nuvens* de Aristófanes, travado entre a Tese Justa e a Tese Injusta.

A fala da Escultura, mais curta (§§ 7-8), contém, no entanto, elementos biográficos (explícitos e implícitos) de certa importância. Começa por se referir à tradição profissional da família do jovem, cujo avô materno e dois tios, também maternos, eram escultores de mérito. A seguir, enumera as vantagens da profissão: comida farta, ombros fortes e, sobretudo, uma vida particular ao abrigo de invejas e intrigas, em vez de (como, de resto, veio a suceder – daí também o valor biográfico da informação) viagens por países longínquos, afastado da pátria e dos amigos. De resto, a História está cheia de exemplos de grandes escultores (Fídias, Policlito, Míron, Praxíteles), cujo nome é imortal e que são reverenciados juntamente com as estátuas dos deuses por eles criadas.

O discurso da Cultura (§§ 9-13) possui todos os ingredientes necessários à vitória (além das informações biográficas que recolhemos das suas «profecias»... já realizadas). Vejamos alguns passos.

*“Meu filho: eu sou a Cultura, entidade que já te é familiar e conhecida, muito embora ainda não me tenhas experimentado completamente.*

*“Quanto aos grandes benefícios que te proporcionará o ofício de escultor, já esta aqui os enumerou: não passarás dum operário que mata o corpo com trabalho e nele depõe toda a esperança da sua vida, votado ao anonimato e ganhando um salário magro e vil, de baixo nível intelectual, socialmente isolado, incapaz de defender os amigos ou de impor respeito aos inimigos, de fazer inveja aos teus concidadãos. Apenas isto: um operário, um de entre a turba, prostrado aos pés dos poderosos, servidor humilde dos bem-falantes, levando uma vida de lebre, presa do mais forte. E mesmo que viesses a ser um outro Fídias ou um Policlito, mesmo que criasses muitas obras-primas, seria apenas*

*a obra de arte aquilo que toda a gente louvaria, e ninguém de bom senso, entre os que a contemplassem, ambicionaria ser como tu. Sim: por muito hábil que sejas, não passarás dum artesão, dum trabalhador manual. “Se, porém, me deres ouvidos, antes de mais revelar-te-ei as numerosas obras dos antigos, falar-te-ei dos seus feitos admiráveis e dos seus escritos, tornar-te-ei um perito em, por assim dizer, todas as ciências. E quanto ao teu espírito – que é, afinal, o que mais importa –, exorná-lo-ei com as mais variadas e belas virtudes: sabedoria, justiça, piedade, doçura, benevolência, inteligência, fortaleza, amor do Belo e paixão do Sublime. Sim, que tais virtudes é que constituem verdadeiramente as incorruptíveis jóias da alma ...*

*“... Tu, agora pobre, tu, o filho do Zé-Ninguém, tu, que ainda há pouco havias enveredado por um ofício tão ignóbil, dentro em breve serás admirado e invejado por toda a gente, cumulado de honrarias e louvores, ilustre por tua alta formação, estimado das elites de sangue e de dinheiro; usarás um traje como este (e apontava-me o seu, que era realmente magnífico) e gozarás de merecido prestígio e distinção. E sempre que saias da tua terra, vás para onde fores, não serás, lá fora, um obscuro desconhecido: impor-te-ei tal marca, que, ao ver-te, um qualquer, dando de cotovelo ao vizinho, apontar-te-á com o dedo, dizendo: “É este, o tal”...”*

O final do discurso (§ 13) constitui um autêntico «fecho» elaborado segundo as leis da retórica. Depois de, no parágrafo anterior, ter mencionado os exemplos de Demóstenes (filho dum fabricante de armas), de Ésquines (cuja mãe era tocadora de pandeireta) e de Sócrates (filho de escultor), lança o ataque final:

*«Caso desprezes o exemplo de tão ilustres homens, seus feitos gloriosos e escritos veneráveis, presença imponente, honra, glória e louvores, supremacia, poder e dignidades, fama literária e o apreço devido à inteligência – então passarás a usar uma túnica reles e encardida, ganharás um aspecto servil, agarrado a alavancas, cinzeis, escopros e goivas, completamente inclinado sobre o trabalho, rastejante e rasteiro, humilde em todas as acepções da palavra, sem nunca levantar a cabeça, sem um único pensamento digno dum homem livre, mas antes continuamente preocupado com a ideia de a obra te sair harmoniosa e apresentável – enquanto a respeito de ti próprio, da maneira de te tornares harmonioso e bem dotado, não te importas absolutamente nada; pelo contrário, ficarás mais vil que as mesma pedras.»*

É pena que esta autobiografia não tivesse sido escrita uns vinte (ou trinta) anos mais tarde. Em todo o caso, Luciano, noutras obras, fornece-nos mais algumas indicações.

Assim, pela *Dupla Acusação* (§ 27), escrita pouco depois do *Sonho*, sabemos que Luciano, entregue de alma e coração à retórica e à sofística, iniciara a sua actividade de advogado em várias cidades da Ásia Menor (Segundo a Suda, «começou por ser advogado em Antioquia»). Da Ásia Menor, passa para a Grécia, e daí para a Itália, mas é sobretudo na Gália que obtém glória e fortuna.

Uma dúzia de anos depois de ter saído da sua terra natal, regressa a casa, mas por pouco tempo. Decide fixar-se com a família em Atenas, onde permanece por cerca de vinte anos (c.165-185 d.C.).

Aos quarenta e poucos anos, Luciano adopta uma atitude fundamentalmente céptica, que, sobretudo, se insurge contra todo o dogmatismo metafísico e filosófico em geral. A este respeito, recomenda-se vivamente a leitura do *Hermetimo* (ou *As Seitas*<sup>(2)</sup>), obra dum niilismo verdadeiramente perturbador: Dada a variedade das correntes filosóficas, e ainda devido ao tempo e esforço necessários a uma séria apreciação de cada uma, o homem, por mais que faça, *não pode atingir a verdade*. Basta citar uma frase, que, não sendo de modo nenhum a mais importante deste diálogo, é, no entanto, verdadeiramente lapidar: «*As pessoas que se dedicam à filosofia lutam pela sombra dum burro*» (§ 71). E, já agora, aqui fica o fecho, em que Hermetimo, finalmente convencido pelos argumentos de Licino (ou seja, Luciano), afirma:

«*Quanto aos filósofos, se por acaso, e apesar das minhas precauções, topar com algum no meu caminho, evitá-lo-ei, fugirei dele como dum cão raivoso*». (§ 86)

Cerca de vinte anos depois de chegar a Atenas, Luciano decide recomeçar a viajar, mas nada será como antigamente: já na recta final da existência, talvez em situação financeira menos próspera, e sem dúvida desiludido com o deteriorado clima cultural de Atenas, fixa-se no Egipto, onde aceita (ou consegue?) um lugar de funcionário público, aliás compatível com a sua formação e importância social. Ele próprio nos informa (*Apologia dos Assalariados*, § 12) de que a sua situação não se compara à dos miseráveis funcionários (por exemplo: professores), que afinal não passam de escravos. E continua: «*A*

---

<sup>2</sup> «Clássicos Inquérito», nº 16.

*minha condição, meu caro amigo<sup>3</sup>, é completamente diferente. Na vida privada, conservei toda a minha liberdade; publicamente, exerço uma porção da autoridade suprema, que administro em conjunto com o procurador ... Tenho sob a minha responsabilidade uma parte considerável da província do Egipto, cabe-me instruir os processos, determinar a ordem pela qual devem dar entrada, manter em dia os registos exactos de tudo o que se diz e faz, ... executar integralmente os decretos do Imperador ... E além do mais, o meu vencimento não se parece nada com o dum simples particular, mas é digno dum rei, e o seu montante, longe de ser módico, ascende a uma soma considerável. A tudo isto acrescenta o facto de eu não me alimentar de esperanças modestas, pois é possível que ainda obtenha a título pleno a prefeitura ou qualquer outra função verdadeiramente real.»*

Esperanças nada modestas, provavelmente bem fundadas... Só que, por motivos que ignoramos, tudo se desfez em vento.

---

<sup>3</sup> Esta obra, de forma epistolar, é dirigida a Sabino, amigo de Luciano.

**FÁLARIS – I**

**FÁLARIS – II**

(Página deixada propositadamente em branco)



## INTRODUÇÃO

Os dois discursos fictícios (exercício retórico) conhecidos por *Fálaris I* e *Fálaris II* assentam num facto histórico e numa personagem real: Fálaris, tirano de Agrigento na 1º metade do séc. VI a.C., ficou tristemente famoso por mandar *assar* os seus opositores políticos dentro de um touro de bronze, sob o qual ateva uma fogueira. Os gemidos e gritos das vítimas eram-lhe sumamente agradáveis, ganhando certas tonalidades musicais ao saírem pela boca do touro, apetrechada com uma flauta. Por fim (mas, naturalmente, este facto não faz parte dos discursos), os habitantes da cidade deram-lhe o mesmo castigo que ele costumava aplicar aos outros.

### FÁLARIS I

Luciano imagina que o tirano Fálaris envia uma delegação a Delfos, a fim de oferecer a Apolo Pítio o famigerado touro de bronze, oferenda essa que é precedida dum discurso do tirano, lido ou recitado pelo chefe da delegação, no qual o ditador se justifica do seu procedimento *aparentemente* bárbaro, apresentado como inevitável e, portanto, justo. O discurso de Fálaris, *Fálaris I* (de Luciano, é claro!), contém todos os ingredientes com que os ditadores sabem temperar as suas maldades. Tomado à letra, ou seja, imaginado como real, constitui um (para nós) revoltante exemplo de cinismo, o paradigma do homem que se apresenta como naturalmente bom, mas que os seus inimigos *obrigam* a ser cruel, o homem poderoso, que até pensa em abandonar o poder, mas que não pode fazê-lo, pois os seus inimigos aproveitariam a sua fraqueza para o destruir, o homem, enfim, que, *dolorosamente* — hipocrisia das hipocrisias —, não tem outra saída que não seja a da dureza implacável. Pobre tirano!

Os delegados de Fálaris terminam, solicitando aos sacerdotes delfianos que aceitem aquela oferenda de um homem “*que passa injustamente por malvado e que tem sido forçado a infligir castigos contra a sua vontade...*”... enfim, um modelo de piedade!

### FÁLARIS II

O segundo discurso, *Fálaris II*, constitui a exortação pronunciada por um dos sacerdotes delfianos (por Luciano, não

esqueçamos!), para que os membros da congregação e o povo delfiano em geral aceitem a oferta de um “soberano tão piedoso” e tão generoso, que assim contribui para a sumptuosidade do santuário e para o prestígio da divindade. Para quê investigar a proveniência e a qualidade moral dos ofertantes? Tal procedimento só resultaria na renúncia dos fiéis a fazer ofertas ao deus, tantas vezes com muito sacrifício e por pura piedade. Além do mais, o oráculo necessita desesperadamente da liberalidade dos fiéis, pois Delfos não tem outro meio de subsistência, a não ser esse. E o sacerdote lembra a evidência (§8):

*“Nós habitamos no meio de precipícios e cultivamos pedras... E quanto ao solo, estaríamos continuamente sujeitos a uma fome muito intensa. Todavia, o santuário, o Pítio, o oráculo, os sacrificantes e os fiéis constituem as planícies de Delfos. São estes os nossos recursos, é deles que vem a nossa prosperidade, é deles que vem a nossa subsistência — sim, há que, pelo menos aqui entre nós, falar verdade —, ou segundo o dito dos poetas, ‘todos esses produtos nos nascem, sem serem semeados ou lavrados’, por acção do deus lavrador, que nos fornece não só os produtos que existem na Grécia, mas também todos os da Frígia, da Lídia, da Pérsia, da Assíria, da Fenícia, da Itália e do país dos Hiperbóreos, que chegam todos a Delfos... E em segundo lugar, a seguir ao deus, somos venerados por todos, somos prósperos e felizes. Era assim no passado, é assim actualmente, e oxalá não deixemos de levar este modo de vida!”*

O sacerdote lembra (e Luciano bem sabe!) quais as necessidades materiais daquele centro de... espiritualidade (que Apolo me perdoe as reticências!).

## FÁLARIS – I

1. [Sacerdotes] delfianos<sup>(4)</sup>: Enviou-nos aqui o nosso soberano Fálaris, a fim de ofertar este touro ao vosso deus e de expor perante vós o que convém dizer a respeito quer dele próprio, quer da sua oferenda. Tais são os motivos pelos quais aqui viemos. Eis, pois, as palavras que ele nos mandou transmitir-vos:

“Eu, sacerdotes delfianos — diz ele —, daria toda a minha fortuna, para ser considerado, não só aos olhos de todos os Gregos, mas, muito especialmente, aos vossos olhos — na medida em que sois sacerdotes e assessores do Pítio e, de certo modo, coabitais com o deus debaixo do mesmo tecto —, tal qual sou [na realidade], e não como os boatos provenientes daqueles que me odeiam e me invejam chegaram aos ouvidos dos que me não conhecem. Na verdade, estou convencido de que, se porventura conseguir justificar-me perante vós e convencer-vos de que fui injustamente acusado de ser cruel, também sairei, através de vós, justificado aos olhos de todas as outras pessoas. E invoco, como testemunha do que vou expor, o próprio deus, a quem não é de modo nenhum possível iludir com falsos argumentos ou enganar com um discurso falacioso. Sim, no que respeita aos humanos, talvez seja fácil enganá-los, mas a um deus, e a este muito particularmente, é impossível escapar.

2. “Ora bem: Eu, que não pertencia, em Agrigento, à classe dos obscuros, mas, pelo contrário, era de família tão nobre como as que mais o eram, eu, educado liberalmente e devotado à cultura, sempre me entreguei à cidade com espírito popular, era justo e moderado com os meus concidadãos, e ninguém me acusava, nesses primeiros tempos da minha vida, de ser violento, grosseiro, insolente ou inflexível. Todavia, ao verificar que os cidadãos da facção contrária conspiravam contra a minha pessoa e procuravam por todos os meios eliminar-me — pois nesse tempo a nossa cidade estava dividida [em partidos] —, achei que era esta a única forma de conseguir refúgio e segurança, e, ao mesmo tempo, a salvação da cidade, [ou seja,] tomar o poder, reprimir essas pessoas, acabar com os conspiradores e obrigar a cidade a ser sensata. E de facto, havia não poucas pessoas a aprovarem esta minha acção,

---

<sup>4</sup>Dórios

Os delegados do tirano Fálaris (bem como este, no seu discurso) dirigem-se aos sacerdotes de Apolo do santuário de Delfos.

homens moderados e patriotas, que sabiam da minha opinião e da necessidade do golpe. Tendo-os, pois, utilizado como aliados [nessa luta], facilmente conquistei o poder.

3. “Desde então, os tais deixaram de [nos] perturbar, mas, pelo contrário, submeteram-se, enquanto eu passei a governar, e a cidade ficou livre de facções. Além disso, não procedi a execuções, nem a ostracismos nem a confiscações contra os que haviam conspirado, muito embora seja necessário usar esses processos, especialmente no começo do reinado. Na verdade, eu tinha uma maravilhosa esperança de que, pela minha humanidade, pela minha brandura, pelo meu trato afável e ainda pela igualdade de direitos, os levaria a obedecer-me. Por isso, logo me entendi e reconciliei com os meus inimigos, tendo tomado a maioria deles como meus conselheiros e convidados. Quanto à cidade, ao vê-la arruinada devido à negligência dos seus governantes, muitos dos quais roubavam, ou antes, saqueavam o bem comum, renovei-a com aquedutos, embelezei-a com a construção de edifícios e fortifiquei-a com uma cintura de muralhas; e quanto aos rendimentos do Estado, facilmente os aumentei devido à diligência dos meus administradores; cuidei da juventude e preocupei-me com os velhos; e distraía o povo com espectáculos, distribuições, festivais e banquetes públicos; além disso quaisquer ofensas a virgens, ou actos de corrupção dos jovens, ou raptos de mulheres, ou ordens de ataque dadas aos meus soldados, ou qualquer ameaça despótica — todos esses actos me eram odiosos só de ouvi-los [nomear].

4. “Até já pensava em deixar o poder e abdicar da soberania, reflectindo somente na maneira de uma pessoa poder terminar em segurança, porquanto o simples facto de governar e de tudo fazer já me parecia uma coisa muito fatigante, a que acrescia a inveja; além disso, procurava a maneira de fazer com que a cidade nunca mais necessitasse de uma tal terapia. Ora, enquanto eu, ingénua [como era], empreendia nestas ideias, eis que os outros já se sublevavam contra mim, planeavam o modo do atentado, organizavam conspirações, reuniam armas, recolhiam fundos, pediam auxílio aos das cidades vizinhas e enviavam delegações à Grécia, aos Lacedemónios e aos Atenienses. O que já tinham decidido fazer da minha pessoa, caso eu fosse apanhado, o modo como se propunham fazer-me em pedaços, bem como as torturas que imaginavam [infligir-me], tudo isso

eles confessaram publicamente sob tortura<sup>5</sup>). O facto de eu não ter sofrido nada disso deve-se aos deuses, que me revelaram a conspiração, mas muito especialmente ao [Apolo] Pítio, que previamente me avisou em sonhos e me enviou pessoas que os interpretaram minuciosamente.

5. “Chegado a este ponto, solicito-vos, sacerdotes delfianos, que, imaginando-vos agora, em pensamento, com o mesmo pavor que eu, me manifesteis a vossa opinião sobre o que, nessa altura, eu devia fazer, quando, sem qualquer protecção e prestes a ser apanhado, procurava qualquer forma de me livrar dessa situação. Então, tendo-vos deslocado, por um breve momento e em imaginação, à minha cidade de Agrigento, e tendo observado os preparativos dessa gente e escutado as suas ameaças, disse-me o que [em tais circunstâncias] se deve<sup>6</sup> fazer: usar ainda mais de humanidade com esses indivíduos, poupá-los e condescender com o facto de eu ter estado prestes a sofrer o mal supremo? Ou então, e melhor ainda, oferecer-lhes o meu pescoço nu e ver com os meus próprios olhos morrer os meus entes mais queridos? Não seria um tal procedimento próprio de um tolo, ou, pelo contrário, deveria conceber uma reacção corajosa e enérgica, e, possuído da cólera própria de um homem sensato, mas injustiçado, fazer frente a esses tipos e, na medida do possível, proporcionar à minha pessoa uma segurança para o futuro? Estou ciente de que seria isto mesmo que vós me aconselharíeis.

6. “Então que é que eu fiz nesse sentido? Mandei vir os implicados, dei-lhes a palavra<sup>7</sup>), apresentei-lhes as provas [do

---

<sup>5</sup> É interessante ver como as confissões obtidas sob tortura tinham valor de prova... na suposição de que o inocente resistiria às mais dolorosas provações!

<sup>6</sup> É esta a lição dos mss.: *dei* (δεῖ) “deve-se...”, “há que...”; Cobet (v. Loeb) emenda para o imperfeito *édei* (ἔδει) “devia-se...”, “havia que...”. O presente, dos mss., é aceitável, no sentido de “o que é que (em circunstâncias idênticas) se deve (sempre) fazer”, e não, embora possível, “o que (naquela precisa circunstância) se devia fazer”... mas, neste sentido, o infinito devia ser *aoristo*, *poiésai* (ποιήσαι), que traduziríamos por “ter feito”. Ora, o infinito presente, *poiein* (ποιεῖν), dos mss., aponta para o “presente” (intemporal) *dei* (δεῖ).

<sup>7</sup> Entenda-se: “para se defenderem”. O tirano pretende mostrar que procedeu a um julgamento justo, com o devido contraditório.

crime] e demonstrei claramente todos os pontos [da acusação]; e quando eles deixaram de [poder] negar, castiguei-os<sup>(8)</sup>, irritado ao máximo, não tanto pelo facto de eles terem conspirado contra mim, mas por não me terem permitido insistir no tal plano que eu tinha inicialmente traçado<sup>(9)</sup>. E daí em diante continuo a proteger-me, punindo todos aqueles que conspirem contra mim. E ainda as pessoas me acusam de crueldade, sem pensarem em qual das duas partes está a origem primeira do caso! Omitindo os antecedentes e o motivo por que foram punidos, insurgem-se contra as punições em si mesmas e contra os aparentes actos de crueldade. É como se um de entre vós, ao ver um sacrílego ser lançado da rocha [Hiampeia]<sup>(10)</sup>, não pensasse no [crime] que ele tinha ousado cometer, como seja o de ter penetrado de noite no santuário, ter mandado abaixo as oferendas, ou ter posto as mãos na estátua [do deus], e vos acusasse a vós de barbarismo excessivo, pelo facto de vós, que vos dizeis gregos e sacerdotes, terdes consentido que um grego sofresse uma tal punição, assim tão perto do santuário<sup>(11)</sup> (pois diz-se que esse rochedo não está muito longe da cidade). Pelo contrário — estou certo —, vós próprios riríeis, caso alguém fizesse tal acusação contra vós, e todas as outras pessoas louvariam a vossa severidade para com os ímpios.

7. “Os povos, na sua generalidade, sem analisarem que espécie de homem é aquele que está à frente dos negócios do Estado, se ele é justo ou injusto, odeiam pura e simplesmente o nome de *tirania*, bem como o próprio tirano; e ainda que este seja um Éaco, um Minos ou um Radamanto<sup>(12)</sup>, procuram indiscriminadamente liquidá-lo, tendo perante os seus olhos somente os que são maus e, devido à identidade da designação, incluindo os bons no mesmo ódio. Ora, tenho ouvido dizer

---

<sup>8</sup> O verbo. *amúnomai* (ἀμύνομαι) significa também “vingar-se de”. Neste contexto, o grego sentiria ambos os sentidos, pelo que poderíamos verter extensivamente por “vinguei-me deles e castiguei-os”.

<sup>9</sup> Quer dizer: o plano de pacificar a cidade e abandonar o poder.

<sup>10</sup> Da rocha Hiampeia, gr. *Hūampeía pētra* (Ἰαμπεία πέτρα), na Fócida (onde se situava Delfos), eram lançados os sacrílegos.

<sup>11</sup> Dentro do santuário (e arredores, como pretende Fálaris) não se admitiam execuções capitais.

<sup>12</sup> Éaco, Minos e Radamanto eram os três juizes do reino dos mortos. Naturalmente, considera-se aqui (e na tradição em geral) que os seus julgamentos eram absolutamente justos.

que entre vós, gregos, houve muitos tiranos sensatos, que, sob essa designação aparentemente odiosa, revelaram um carácter bondoso e humano, de alguns dos quais ficaram no vosso santuário umas curtas máximas — quais ornamentos e oferendas em honra de [Apolo] Pítio.

8. “Vós mesmos constatais que os legisladores atribuem a máxima importância às disposições penais, uma vez que as outras disposições<sup>(13)</sup> não têm qualquer utilidade, se não se lhes seguir o medo e a ameaça<sup>(14)</sup> da punição. No entanto, para nós, tiranos, este procedimento é tanto mais necessário, quanto é certo que governamos pela força e que vivemos no meio de pessoas que nos odeiam e que conspiram contra nós, em que de nada nos servem os papões<sup>(15)</sup>, mas, pelo contrário, este caso parece-se com a história da Hidra<sup>(16)</sup>: quantas mais [cabeças] decapitamos, tantas mais ocasiões ressurgem a requerer punição. É absolutamente necessário atacar<sup>(17)</sup> e, à medida que renascem, ir cortando e, por Zeus!, queimando<sup>(18)</sup>, como fez Iolau... isto se queremos levar a melhor<sup>(19)</sup>. De facto, quem uma vez se viu forçado a tomar tal atitude, tem igualmente de nela persistir, ou então, por ser indulgente, morrer às mãos dos outros<sup>(20)</sup>. Numa palavra, credes que há alguém tão cruel e tão

---

<sup>13</sup> ... ou seja, as disposições não penais. Quer isto dizer que as leis prevêm praticamente só os crimes... e não as boas acções... É o... “*código penal*”.

<sup>14</sup> O gr. diz *elpís* (ἐλπίς), cujo sentido comum é “esperança”, mas também, ainda que mais raramente, “medo”, “receio”; neste contexto, ao emparelhar, precisamente, com *phóbos* (φόβος), “medo”, pode muito bem ter a conotação de “ameaça”.

<sup>15</sup> *mormólúkeion* / *mormolukeion* (μορμολύκειον / μορμολυκεῖον) era uma figura monstruosa com que se metia medo às criancinhas, o correspondente praticamente equivalente ao nosso *papão*.

<sup>16</sup> A Hidra de Lerna era uma serpente de sete cabeças, cada uma das quais ia renascendo à medida que a cortavam, e foi isso que Hércules (Hércules) fez, num dos seus célebres doze trabalhos, ajudado por seu fiel sobrinho Iolau, que ia queimando as cabeças, à medida que o tio as cortava...

<sup>17</sup> O verbo, sem o complemento, bem como toda a frase, permitem interpretar como “atacá-la” (à Hidra), ou “atacá-los” (aos conspiradores); e o resto da frase contém a mesma duplicidade.

<sup>18</sup> Há aqui uma referência clara à tortura a que Fálaris submetia os seus inimigos: metia-os dentro de um touro de bronze, que ia aquecendo até ao rubro...

<sup>19</sup> “levar a melhor”, ou seja, como referência principal, não tanto a Hércules, mas sobretudo ao tirano Fálaris, “vencê-los”, “manter o poder”.

<sup>20</sup> “... dos outros”: o gr. diz “dos próximos”; esperar-se-ia “... dos seus inimigos”.

bárbaro, que se compraza com flagelar [outros], ouvir os seus gemidos e vê-los ser mortos, se não tiver um bom motivo para os punir? Quantas vezes eu não verti lágrimas, ao ver pessoas a serem flageladas! Quantas vezes não pude deixar de lamentar e deplorar a minha sorte, ao sofrer eu próprio uma punição maior e mais duradoura [que a dessas pessoas]! Sim, para um homem bom por natureza, mas severo por necessidade, é muito mais penoso punir do que ser punido.

9. “Para falar francamente, se me fosse proposta a escolha, ou seja, qual das duas coisas prefiro: punir pessoas injustamente ou eu próprio morrer, ficai sabendo que, sem a mínima hesitação, antes quereria morrer, do que punir pessoas inocentes. Mas se me dissessem: ‘*Ó Fálaris, preferes morrer injustamente, ou punir justamente os conspiradores?*’, eu escolheria esta última opção. Portanto, [sacerdotes] delfianos, mais uma vez vos invoco como meus conselheiros: O que é preferível: morrer injustamente, ou poupar um conspirador que o não merece? Ninguém — creio eu — é tão insensato, que não prefira viver e salvar-se dando a morte aos seus inimigos. Apesar disso, quantos dos que conspiraram contra mim, e se provou claramente que o fizeram, eu, mesmo assim, poupei?! Por exemplo, Acanto, aqui presente<sup>(21)</sup>, Timócrates e seu irmão Leógoras, em memória da minha antiga amizade com eles.

10. “Mas se quereis saber quem eu sou, interrogai os estrangeiros que vêm visitar-me em Agrigento, [perguntai-lhes] que tipo de pessoa eu sou para eles, se eu procedo [ou não] humanamente com os que ali desembarcam, eu que até tenho observadores junto dos portos, bem como agentes que me informam sobre quem eles são e de onde vêm, para que eu possa depois despedir-me deles com as devidas honras. Alguns, e os mais sábios de entre os gregos, até vêm propositadamente visitar-me e não evitam a convivência com a minha pessoa. Por exemplo, ainda recentemente, o sábio Pitágoras, que tinha ouvido opiniões desencontradas a meu respeito, veio até nós; tendo-me, porém, contactado directamente, retirou-se elogiando-me pelo meu sentido de justiça e lamentando a minha, aliás necessária, severidade. Posto isto, cuidais vós que um homem tão bondoso

---

<sup>21</sup> Entende-se que Acanto era um dos delegados de Fálaris ao santuário de Apolo.



para com os estrangeiros trataria assim tão rudemente<sup>(22)</sup> os seus concidadãos, se não fosse extraordinariamente ofendido [por eles]?

11. “São estas, pois, as palavras que eu acabo de pronunciar em minha defesa, [palavras] verdadeiras, justas e — estou disso convicto — mais dignas de louvor que de ódio. No que, porém, diz respeito a esta oferenda, convém que vós escuteis em que circunstâncias e de onde obtive este touro, que eu não encomendei ao escultor, pois não seria tão louco, a ponto de desejar possuir um tal objecto. Foi o caso que havia um tal Perilau, meu concidadão, excelente artista do bronze<sup>(23)</sup>, mas um mau carácter. Ora, este fulano, completamente equivocado quanto aos meus sentimentos, julgou que me agradaria, se congeminasse uma nova forma de suplício, como se eu pretendesse punir fosse de que maneira fosse. Vai daí, fabricou este touro e veio trazer-mo — obra belíssima de se ver e fidelissimamente imitada. Só lhe faltava mover-se e mugir, para dar a ideia de estar vivo. Então, assim que o vi, exclamei. *‘Eis um objecto digno do [Apolo] Pítio, pelo que este touro deve ser enviado ao deus.’* Mas Perilau, que estava a meu lado, disse: *‘Então que seria, se tu conhecesses a arte que está dentro dele e a utilidade que ele proporciona?’* E abrindo o touro pela parte do lombo, disse: *‘Se quiseres punir<sup>(24)</sup> alguém, fá-lo subir para dentro deste engenho, aferrolha-o lá dentro, aplica estas flautas às narinas do touro e depois ordena que ateiem fogo por debaixo. Então o tipo, ao sofrer dores incessantes, lançará gemidos e gritos, e a sua voz, ao passar através das flautas, produzirá como que sons musicais melodiosos, a flauta soltará um som fúnebre e “mugirá”<sup>(25)</sup> num*

---

<sup>22</sup> Os mss. têm *adikōs* (ἀδίκως) “injustamente”; a ed. Loeb acolhe a emenda de Herwerden, *pikrōs* (πικρῶς) “rudemente”, “asperamente”... Creio que a emenda não era imperiosa...

<sup>23</sup> O vocábulo *khalkeús* (χαλκεύς) “pessoa que trabalha o cobre ou o bronze”, mas passou a significar também (já desde os poemas homéricos: v. dics.) aquele que trabalha o ferro (“ferreiro”) ou o ouro (“ourives”). Em port., a designação mais ou menos específica para o que trabalha o cobre ou o bronze é *caldeireiro*, que, naturalmente, não se adequa ao caso presente. Também não fica bem a versão por *ferreiro*”.

<sup>24</sup> O verbo *kolázō* (κολάζω) admite a conotação de “torturar”...

<sup>25</sup> “mugirá” é o que, com toda a propriedade metafórica, está no texto grego.

*tom gemebundo, de modo que o outro é punido, ao mesmo tempo que tu te regozijas ouvindo [tocar] flauta’.*

12. “Então eu, ao ouvir tal coisa, abominei a perversa invenção do tipo e detestei a ideia da sua fabricação, pelo que lhe apliquei o castigo adequado. Então disse-lhe: *‘Pois muito bem, ó Perilau: se, ao contrário [do que dizes], tudo isso não passa de promessas vãs, entra lá para dentro e demonstra-nos tu mesmo a veracidade desse engenho e imita os gritos [das pessoas], que é para nós verificarmos se o som que tu produzes soa mesmo a música, ao passar pelas flautas.’* Perilau concordou com esta sugestão, e eu, então, tendo-o encerrado lá dentro, ordenei que ateassem fogo por baixo [do touro], dizendo: *‘Recebe a paga que é devida à tua maravilhosa invenção, e que, como autor da música, sejas tu mesmo o primeiro a executá-la à flauta.’* E assim teve a justa paga, ao desfrutar da sua própria habilidade. Eu, porém, tendo ordenado que retirassem de lá o homem (mas ainda vivo e a respirar, para que não manchasse a obra de arte, morrendo dentro dela), ordenei que o lançassem de um precipício [e o deixassem] insepulto; depois, tendo purificado o touro, enviei-o a vós, a fim de ficar para sempre dedicado<sup>(26)</sup> ao [vosso] deus. E até mandei gravar na oferenda toda a história, [referindo] o nome do ofertante, que sou eu, o do artista, Perilau, a invenção deste, o meu acto de justiça, a devida punição, a música do habilidoso trabalhador de metais e a primeira experiência musical.

13. “Quanto a vós, [sacerdotes] delfianos, procedereis com justiça, celebrando, juntamente com os meus delegados, um sacrifício em meu nome e colocando este touro num bom lugar do santuário, para que todos saibam que espécie de homem eu sou em relação às pessoas perversas, e como castigo as suas desmedidas inclinações para o mal. Mas basta este único facto para revelar o meu carácter: Perilau foi punido, e o touro foi consagrado [ao deus], nunca mais tendo sido reservado para árias de flauta produzidas por quaisquer outros sentenciados a [receber] castigo<sup>(27)</sup>, sem nunca mais ter emitido música, a não

---

<sup>26</sup> “ficar *para sempre* dedicado”: esta ideia de *para sempre* é dada pelo participio *futuro perfeito*: *anatethēsómenon* (ἀνατεθησόμενον).

<sup>27</sup> “sentenciados a... castigo”, e não, é claro, “(já) castigados”. É isso mesmo o que exprime o participio presente (gen. pl.): *kolazoménon* (κολαζομένων).

ser a dos mugidos do artista [seu inventor], e ainda o facto de somente nele ter feito a experiência da sua arte e ter acabado com esse canto não inspirado pelas musas e desumano. Eis, por agora, esta oferenda dedicada ao deus; mas oferecerei frequentemente outras, se ele me conceder a graça de nunca mais precisar de recorrer a punições.”

14. Tais são<sup>(28)</sup>, [sacerdotes] delfianos, os actos de Fálaris, todos verdadeiros e [narrados] exactamente como cada um deles aconteceu. Seria justo que acreditásseis no nosso testemunho, como homens que conhecem os factos e que, até este momento, não podem ser acusados de mentirosos<sup>(29)</sup>. Mas se devemos suplicar em favor de um homem que passa injustamente por malvado e que tem sido forçado a infligir castigos contra a sua vontade, suplicamo-vos, na qualidade de Agrigentinos e de gregos originariamente Dórios, que admitais este homem como vosso amigo, como é esse o seu desejo, o qual está disposto a cumular de benefícios quer a vossa cidade em geral, quer cada um de vós em particular. Portanto, aceitai este touro, consagrai-o [ao deus] e orai por Agrigento e pelo próprio Fálaris. Não nos mandeis embora sem conseguirmos [o nosso objectivo], não ofendais esse homem nem priveis o deus de uma oferenda simultaneamente belíssima e justíssima.

---

<sup>28</sup> Percebe-se que acabou a leitura da carta de Fálaris e começam as palavras finais dos delegados.

<sup>29</sup> Outra interpretação: “... e que, *neste momento*, não têm motivo para (estar a) mentir”. Ou seja: os delegados, longe da acção do tirano e, para mais, num local como era Delfos, não teriam nada a temer da parte de Fálaris, caso resolvessem, em vez de ler o discurso do déspota, confirmar a fama de crueldade por que ele era conhecido em toda a Grécia.

(Página deixada propositadamente em branco)

## FÁLARIS – II

1. Senhores delfianos<sup>(30)</sup>: Sem ser representante oficial, e nem sequer hóspede particular do referido Fálaris, e sem ter qualquer motivo de especial benevolência a seu respeito, e nem mesmo uma expectativa de amizade futura, eu, depois de ouvir os seus delegados pronunciarem palavras justas e sensatas, e tendo em consideração ao mesmo tempo a piedade, o interesse comum e, acima de tudo, a honorabilidade de Delfos, ergui-me [do meu lugar], a fim de vos exortar a que não ofendais um homem e um soberano [tão] piedoso, nem rejeiteis uma oferenda já prometida ao deus, e isto pelo facto de tal oferenda vir a constituir, para sempre, um monumento comemorativo de três acontecimentos da maior importância: uma obra de arte da maior beleza, uma invenção extremamente deplorável, e uma justa punição.

2. Por minha parte, creio que o [simples] facto de vós hesitardes abertamente a este respeito e nos propordes que o examinemos a fundo, se devemos aceitar a oferenda ou mandá-la de novo para trás, já é, em si mesmo, contrário à religião, e até, mais do que isso, é cometer uma impiedade excessiva. De facto, esse procedimento não é senão uma [forma de] pilhagem do santuário, e ainda mais abominável que as outras, porquanto o facto de não permitir a qualquer pessoa que faça uma oferenda constitui um acto de longe mais ímpio do que roubar objectos já consagrados.

3. Na qualidade, também eu, de habitante de Delfos, e, tal como vós, como participante quer da sua boa reputação geral (se ela for preservada!), quer da fama contrária<sup>(31)</sup> (se ela resultar da presente situação), peço-vos que não fecheis o santuário a pessoas piedosas, que não desacrediteis a cidade aos olhos de toda a gente, [fazendo crer] que ela deprecia as oferendas feitas ao deus e sujeita os ofertantes ao voto e a um tribunal. Deste modo, ninguém, daí em diante, se atreveria a fazer ofertas, sabendo que o deus não receberia fosse o que fosse, sem a prévia aprovação dos delfianos.

---

<sup>30</sup> Fala um dos sacerdotes, dirigindo-se ao povo de Delfos em geral, ou a um júri, no sentido — adianto-me desde já — de fazer que seja aceite a oferenda enviada por Fálaris.

<sup>31</sup> “fama contrária”... à boa reputação, ao bom nome; o orador evita usar o termo próprio, que seria bastante duro, p.ex. *dúskleia* (δύσκληια) “má reputação”, “descrédito”; é um caso de eufemismo!

4. Ora a verdade é que o Pítio já deu o seu justo voto a favor desta oferenda. Sim, se ele odiasse Fálaris e detestasse a sua oferta, ser-lhe-ia fácil afundá-lo em pleno mar Jónico, juntamente com o navio que a transportava, mas, muito pelo contrário, permitiu-lhes fazer a travessia, segundo dizem, com tempo sereno e que desembarcassem sãos e salvos em Cirra<sup>32</sup>.

5. Por aqui se torna manifesto que [o deus] aceita a piedade do monarca. E vós deveis votar da mesma maneira que ele e acrescentar este touro a toda a outra ornamentação do santuário, pois seria a coisa mais absurda de todas, que uma pessoa que envia ao deus um presente tão magnificente recebesse do santuário um voto condenatório e levasse daqui, como paga da sua piedade, não ser considerado digno de fazer oferendas.

6. Ora, a pessoa que defende uma opinião contrária à minha declama em tom trágico a respeito de uns tantos morticínios, actos de violência, pilhagens e raptos perpetrados pelo tirano, como se tivesse acabado agora mesmo de desembarcar vindo de Agrigento, pouco faltando para afirmar que foi testemunha ocular [dos acontecimentos], quando sabemos que nunca saiu de cá e nem sequer pôs os pés num navio. Mas, se não devemos acreditar cegamente nas histórias daqueles que afirmam terem tido experiência directa de tais acontecimentos — pois é incerto se estão [ou não] a falar verdade —, também não devemos fazer acusações em matérias que não conhecemos pessoalmente.

7. Portanto, se algum desses actos foi cometido na Sicília, os delfianos não têm necessariamente de se preocupar com isso... a menos que, em vez de sacerdotes, pretendamos ser juízes, e que, devendo celebrar sacrifícios, em vez de prestarmos outros actos de culto em honra do deus e ajudarmos a apresentar as oferendas que alguém lhe envia, fiquemos sentados a analisar se certos homens lá na outra margem do mar Jónico exercem a tirania com justiça ou com injustiça.

8. Que as coisas respeitantes aos outros fiquem como quer que estejam; a nós, porém, cabe-nos — julgo eu — a necessidade de conhecer as nossas próprias obrigações, como elas eram no passado, como são actualmente e como serão mais fáceis

---

<sup>32</sup> Cirra, cidade e porto da Fócida.

de cumprir. Que nós habitamos no meio de precipícios e que cultivamos pedras<sup>(33)</sup>, não precisamos de esperar por Homero para que no-lo mostre: basta olhar em volta. E quanto ao solo, estaríamos continuamente sujeitos a uma fome muito intensa. Todavia, o santuário, o Pítio, o oráculo, os sacrificantes e os fiéis constituem as “planícies” de Delfos<sup>(34)</sup>. São estes os nossos recursos, é deles que vem a nossa prosperidade, é deles que vem a nossa subsistência — sim, há que, pelo menos aqui entre nós, falar verdade —, ou segundo o dito dos poetas<sup>(35)</sup>, *todos esses produtos nos nascem, sem serem semeados ou lavrados*, por acção do deus lavrador, que nos fornece não só os produtos que existem na Grécia, mas também todos os da Frígia, da Lídia, da Pérsia, da Assíria, da Fenícia, da Itália e do país dos Hiperbóreos, que chegam todos a Delfos. E em segundo lugar, a seguir ao deus, somos venerados por todos, somos prósperos e felizes. Era assim no passado, é assim actualmente, e oxalá não deixemos de levar este modo de vida!

9. Não há memória de alguma vez ter sido feita, entre nós, uma votação a respeito de uma oferenda, nem de alguém ter sido impedido de celebrar um sacrifício ou fazer uma oferta. É por esse motivo, cuido eu, que este santuário tem progredido extraordinariamente e se vai enriquecendo em oferendas. Não devemos, portanto, no caso presente, introduzir qualquer inovação, nem criar uma lei que vai contra os usos tradicionais, ao “dividir em tribos”<sup>(36)</sup> as oferendas e ao “fazer a genealogia” daquelas que nos enviam: de onde vêm, de quem vêm e qual o seu mérito, mas antes devemos aceitá-las e consagrá-las sem entraves, servindo a ambas as partes, ou seja, ao deus e aos fiéis.

10. Senhores delfianos: Estou convicto de que, no presente caso, vós decidireis da melhor maneira, se reflectirdes sobre quantos e quais [beneficiários<sup>(37)</sup>] incidirá o vosso veredicto:

---

<sup>33</sup> “cultivamos pedras”: a expressão está literalmente traduzida...

<sup>34</sup> “planícies de Delfos”, notar a metáfora, por “*como que* as planícies de Delfos”.

<sup>35</sup> Citação livre (em prosa) de Homero, *Od.*, IX, 109 e 123.

<sup>36</sup> “dividir em tribos”, *phūlokrineîn* (φυλοκρινεῖν) e “fazer a genealogia”, *genealogeîn* (γενεαλογεῖν): entendi traduzir literalmente estas expressões, que aqui têm, obviamente, um sentido figurado.

<sup>37</sup> O gr. diz, vagamente, como é habitual, “sobre quantas e quais *coisas...*”, coisas essas que a seqüência nos diz quais são: o deus, o santuário,

em primeiro lugar, o deus, o santuário, os sacrifícios, as oferendas, os usos antigos e as primitivas instituições e o prestígio do oráculo; em seguida, toda a cidade em geral, [ou seja,] os interesses quer do nosso Estado, quer de cada um dos delfianos em particular; e acima de tudo, o boa fama ou [pelo contrário] o desprestígio aos olhos de todo o mundo. Na verdade, não sei se vós, se fordes sensatos, poderíeis considerar alguma coisa maior e mais importante do que estas.

11. É esta, pois, a matéria sobre a qual estamos a deliberar, e não sobre *um único* tirano, Fálaris, nem *unicamente* sobre *este* touro de bronze, mas sim sobre todos os reis e sobre todos os soberanos que actualmente frequentam este santuário, bem como sobre o ouro, a prata e outros objectos preciosos que continuamente irão ser oferecidos ao deus, pois, em primeiro lugar, há que atender aos interesses do deus.

12. Então por que motivo não havemos de proceder, a respeito das oferendas, como sempre [o fizemos], desde os tempos mais remotos? Ou que é que censuramos aos nossos antepassados, para procedermos a inovações? Ora — coisa que nunca se fez entre nós, desde que habitamos nesta cidade, desde que o Pítio emite oráculos, desde que a trípede emite sons e a sacerdotisa é tomada de inspiração [divina] —, porque é que iremos *agora* decretar que os ofertantes passam a ser julgados e investigados? E no entanto, devido a esse antigo uso de facultar a todos entrada livre, vós vedes a quantidade de bens que enche o santuário, uma vez que todos fazem oferendas, e alguns até presenteiam o deus acima das suas possibilidades.

13. Mas se vós vos constituís em examinadores e inquiridores das oferendas, receio bem que, daqui em diante, não tenhamos mais nada que examinar, por não haver ninguém que se coloque na posição de acusado e que, ao gastar muito dinheiro e entrar em grandes despesas, seja por isso mesmo julgado e arrisque toda a sua vida. Sim... como será a vida de uma pessoa que seja julgada indigna de fazer oferendas?

---

os sacrifícios, as oferendas, etc. (v. trad.).



*HÍPIAS* **OU** *O BALNEÁRIO*

(Página deixada propositadamente em branco)

## INTRODUÇÃO

O architecto Hípias, de quem se fala, era contemporâneo de Luciano (ou do autor deste opúsculo!) e terá vivido no tempo do imperador Marco Aurélio (161-180 d.C.). Se a obra é mesmo de Luciano, será já da 2ª metade do séc. II, ou, no limite, datará da última década de vida de Luciano (se — repito — é ele o seu autor!).

Este opúsculo, que chegou até nós entre os manuscritos de Luciano com o duplo título (coisa, de resto, não rara) de *Hípias* ou *O Balneário*, constitui um trabalho retórico a que se dava a designação de *ékphrasis* (ἔκφρασις), “descrição”. Tratava-se de um exercício de *cópia verbal* de uma realidade física mais susceptível de ser *plasticamente retratada* do que de ser *descrita*, o que requer, sem dúvida, um fino sentido de observação e a respectiva “tradução” verbal. Por isso o autor desta *descrição* afirma, quase a concluir: “*Pela minha parte, tentei, na medida do possível, corresponder por palavras à obra e ao seu artista e criador.*”

Este balneário do séc. II d.C. devia ser muito superior a diversos outros mais modestos que certamente existiam em Roma, pelo que merece da parte do escritor rasgados elogios. Para o leitor moderno, fica a ideia da largueza, dos amplos espaços, do luxo e, quem sabe se acima de tudo isso, da multidão de utentes e (no caso de gente rica) respectivos acompanhantes, num frenesim de entradas e saídas, burburinho e acotovelamentos. Neste sentido, *Hípias* ou *O Balneário* é também, de certo modo, um documento histórico.

A propósito de autoria, devo dizer que nem sempre me convencem as opiniões daqueles que, baseados, não no conteúdo factual das obras (que podem fornecer informações decisivas), mas no seu estilo, decretam a autoria ou não-autoria em relação a determinado escritor. Na verdade, um homem como Luciano, cuja língua-mãe era o sírio e que estudou grego como segunda língua, deve ter passado por diversas fases de conhecimento e de *sentimento* linguístico. Algumas das obras que, por aparentes motivos de estilo, lhe são negadas, podem muito bem pertencer-lhe, ou, pelo menos, precisamos de melhores argumentos para — como foi *moda* em certos períodos — sentenciar a não-autoria... luciânica...

(Página deixada propositadamente em branco)

## HÍPIAS OU O BALNEÁRIO

1. De entre as doutsos, eu sustento que devemos elogiar acima de tudo aqueles que produziram não apenas tratados sobre diversas matérias particulares, mas sim aqueles que confirmaram as teorias dos seus tratados através das correspondentes realizações. Por exemplo, no caso dos médicos, uma pessoa sensata, quando adoecer, não manda chamar aqueles que são capazes de falar excelentemente sobre a arte [médica], mas sim os que se têm ocupado em praticar nessa matéria. Do mesmo modo, aquele que é capaz de dedilhar uma lira ou uma cítara é — julgo eu — melhor músico do que aquele que sabe distinguir ritmos e harmonias. Será preciso dizer-te que, de entre os generais, os considerados melhores eram-no, obviamente, não apenas pelo facto de serem bons em alinhar as tropas e em exortá-las, mas também em lutar na primeira linha e demonstrar “obras de mão”<sup>(38)</sup> Tais sabemos que foram, em tempos antigos, Agamémnon e Aquiles, e, mais recentemente, Alexandre e Pirro.

2. Mas com que finalidade referi eu estes casos? Na verdade, citei-os, não pelo desejo de patentear conhecimentos históricos, mas porque, entre os engenheiros<sup>(39)</sup>, são dignos de admiração os que, famosos pelos seus conhecimentos teóricos, também deixaram aos vindouros monumentos e provas da sua arte. Na verdade, os homens que se exercitaram somente nas palavras deveriam, com propriedade, chamar-se “sofistas”, e não tanto “sábios”<sup>(40)</sup>. Tal foi, segundo a tradição, Arquimedes, bem como Sóstrato de Cnido, este submetendo Mênfis em favor de Ptolemeu<sup>(41)</sup>, sem cercar a cidade, mas desviando e dividindo o rio [Nilo], e aquele incendiando, por meio da sua ciência, as trirremes inimigas, e, antes destes, também Tales de Mileto, o qual, tendo prometido a Cresos fazer com

---

<sup>38</sup> “obras de mão” é tradução literal, que mantive, por me parecer (?) que a expressão se opõe subtilmente a *obra de intelecto*. Luciano (ou outro por ele!) valoriza especialmente a prática (cf. §2).

<sup>39</sup> “engenheiros”... ou “arquitectos”, pois na Antiguidade ainda não se distinguíam...

<sup>40</sup> “sofista” é o homem do *saber teórico*, ao passo que o verdadeiro “sábio” é aquele que *sabe fazer*.

<sup>41</sup> Julgo tratar-se de Ptolemeu I (*Soter*), primeiro de uma série de dezasseis desta dinastia, oficial de Alexandre Magno, sátrapa do Egipto entre 323 e 305 a.C., e rei deste país de 305 a 285 a.C.

que o exército atravessasse a pé enxuto o [rio] Hális, desviou, com o seu poder inventivo e numa só noite, o rio para a retaguarda do seu acampamento... e não era engenheiro [de profissão], mas sim um sábio em cuja inventividade e inteligência se podia confiar; e ainda o antiquíssimo exemplo de Epeu<sup>(42)</sup>, do qual se diz que não apenas congelou o cavalo para os Aqueus, mas até entrou com estes para o seu interior.

3. Entre tais personalidades, é justo recordar este<sup>(43)</sup> nosso contemporâneo Hípias, homem, por um lado, exercitado na palavra ao nível de qualquer um dos seus antecessores, de inteligência penetrante e de claríssima capacidade de exposição, e que, por outro lado, produz<sup>(44)</sup> obras muito superiores aos seus escritos e cumpre plenamente o que é anunciado na obra teórica, não tanto naquelas matérias em que os seus predecessores foram os primeiros a ter êxito, mas — para usar a expressão da geometria — traçando, sobre um dado segmento de recta, um triângulo equilátero<sup>(45)</sup>. Todavia, enquanto cada um dos outros [artistas], ao distinguir-se num único ramo da sua arte, e sendo por isso muito apreciado nela, é tido por pessoa famosa, Hípias, sendo

---

<sup>42</sup> À forma grega *Epeiós* (Ἐπειός) corresponde o lat. *Epēus* e *Epīus*, que justificariam, em port., *Epio* e *Epeu*. Na verdade, o antigo ditongo gr. *ei*, já em grego, depressa evoluiu para [ē] (fechado e longo), e daí, na pronúncia (e na grafia “popular”), para [i]. O latim reflecte estas duas fases, cf. gr. *Dareios* (Δαρειός), lat. *Darēus* e *Dariūs*, gr. *Alexándreia* (Ἀλεξάνδρεια), gr. *Antiókheia* (Ἀντιόχεια), lat. *Antiochēa* e *Antiochia*, etc...

<sup>43</sup> O pronome demonstrativo *hoútos* (οὗτος) significa, muitas vezes, “este aqui presente”, tal como o lat. *hic*. Resta saber se é esse o sentido neste passo. De qualquer forma, o arquitecto Hípias, de quem se fala, era contemporâneo de Luciano (ou do autor deste opúsculo!) e terá vivido no tempo do imperador Marco Aurélio (161-180 d.C.). Se a obra é mesmo de Luciano, será já da 2ª metade do séc. II, ou, no limite, datará da última década de vida de Luciano (se é ele o seu autor!). Numa tradução mais vaga, poderíamos verter por “... cá o nosso contemporâneo Hípias”.

<sup>44</sup> “produz”: o particípio presente (genit.) *parekhoménu* (παρεχομένου) significa (aspecto *contínuo*) “que está produzindo”, o que pode levar a admitir que o homem ainda vivia no momento em que o discurso era pronunciado — o que apontaria para a interpretação (v. nota *supra*) de *toútouí* (τουτουί) por “aqui presente”.

<sup>45</sup> O gr. diz “linha recta”... “triângulo perfeito”. Trata-se de, com a utilização do compasso, colocado ora numa ponta do segmento de recta, ora na outra ponta, e com abertura igual ao comprimento do dito segmento, determinar o ponto aonde vão dar os outros dois lados do triângulo. Esta imagem geométrica refere-se, metaforicamente, à precisão e à originalidade de Hípias.

figura de topo em engenharia<sup>(46)</sup>, também se revela como tal em matéria de geometria, de harmonia e de música... e mesmo assim produz cada uma dessas artes com tal perfeição, como se fosse especialista somente numa determinada<sup>(47)</sup>. Precisaria de não pouco tempo para elogiar a sua doutrina relativa aos raios luminosos, às refrações, aos espelhos, e ainda à Astronomia, na qual fez dos seus predecessores umas crianças...

4. ... Não hesito, porém, em falar de uma das suas obras, que eu visitei recentemente e me encheu de espanto. Este tipo de obra — a construção de um balneário — é vulgar, mormente nos nossos dias; mas a inventividade e inteligência que se requerem, mesmo para esta “vulgaridade”, são admiráveis.

No que diz respeito ao terreno, que não era plano, mas bastante inclinado e escarpado, Hípias, tendo-o recebido excessivamente baixo de um dos lados, pô-lo ao mesmo nível do outro<sup>(48)</sup>; depois, estendeu uma pavimentação muitíssimo sólida em toda a [superfície da] obra, reforçou a segurança do aterro por meio da colocação de contrafortes e, para maior segurança, fortificou o conjunto por meio de arcadas muito elevadas e, para efeitos de firmeza, muito juntas. As partes edificadas sobre [essa base] correspondem em grandeza às grandes dimensões do lugar, são bem adaptadas à racionalidade da construção e obedecem às boas regras da iluminação.

5. O vestíbulo é alto, com [uma escadaria de] degraus espaçosos e maiores em largura do que em altura, para maior comodidade de quem sobe<sup>(49)</sup>. Uma sala comum bastante espaçosa,

---

<sup>46</sup> Na verdade, “em engenharia e *architectura*”, actividades ainda não claramente separadas.

<sup>47</sup> Creio que se percebe a ideia: Hípias era *igualmente* especialista de muitas artes.

<sup>48</sup> Segundo a emenda de E. Schwartz, seguida pelo editor da “Loeb”, com a lição < θάτερον > θατέρω entenderíamos “pôs um dos lados [sem dizer qual] ao nível do outro”; entendo, porém, que o arquitecto quer dizer “pô-lo [este lado, de que se fala (o inferior)], ao nível do outro” (o superior). Quer dizer: a terraplanagem ter-se-á feito, não retirando terra à parte mais alta, mas entulhando a parte mais baixa, como, de resto, se depreende do facto de ser necessário reforçar o antigo desnível... De notar que este passo e seguintes, devido à dificuldade de interpretação, têm sofrido “tratos de polê” por parte dos editores modernos...

<sup>49</sup> Vê-se que o arquitecto, em vez de nivelar o terreno “puxando” a terra do nível superior para o nível inferior, fez o contrário, ou seja, “encheu” o nível

com suficiente acomodação para criados e acompanhantes, recebe quem entra neste vestíbulo. Do lado esquerdo ficam as instalações destinadas ao prazer [dos utentes], extremamente propícias a um [bom] banho, [que são] retiros agradáveis e iluminados por muita luz [do dia]<sup>50</sup>. Ao lado destas, há uma sala exageradamente grande para um banho, mas necessária para receber os mais ricos. Depois desta [sala], há, de ambos os lados e em série, cabines para as pessoas se despirem; e no meio existe um espaço muitíssimo alto e abundantemente iluminado, com três piscinas de água fria, ornamentado com mármore lacónico<sup>(51)</sup> e com estátuas de mármore branco, de estilo antigo, uma de Higia<sup>(52)</sup>, e outra de Asclépio.

6. Ao sairmos daqui, recebe-nos uma sala comprida e de forma oval, levemente aquecida, que nos proporciona uma temperatura não muito alta. A seguir a esta, do lado direito, há uma sala bastante bem iluminada, própria para sermos suavemente massajados, e que tem os dois lados da entrada embelezados com mármore frígio, e que recebe os que lá entram vindos da palestra<sup>(53)</sup>. Depois desta sala, há uma outra, a mais bela de todas, própria para se estar de pé ou sentado, ou deambular sem ser incomodado, e até para uma pessoa se rebolar com muito proveito, sala esta também [revestida] até ao tecto de refulgente mármore frígio. Seguidamente, recebe-nos um corredor aquecido, [forrado] com [placas] de mármore da Numídia coladas umas às outras. A sala interior é belíssima, toda inundada de luz e rebrilhante de tons de púrpura. Esta sala oferece-nos três piscinas de água quente.

7. Depois do banho, não precisas de regressar pelas mesmas salas, mas sim por um caminho mais curto, que vai dar à sala fria, passando por uma sala levemente aquecida, e tudo isso

---

inferior ao nível do superior, o que lhe dá a possibilidade de construir uma entrada com uma escadaria imponente, de degraus largos e de fácil subida.

<sup>50</sup> Trata-se de uma espécie de estufa, que provoca farta transpiração.

<sup>51</sup> A “pedra (leia-se *mármore*) lacónica” era um tipo de mármore verde, obviamente abundante na Lacónia...

<sup>52</sup> Higia (em port., palavra grave, *não esdrúxula*), gr. *Húgíeia* (Ἥγῑεια), lat. *Hygíia*, personificação da saúde, filha de Asclépio (Esculápio), deus da Medicina.

<sup>53</sup> A palestra, inicialmente uma dependência do balneário ou das termas, era o local de treino para a luta, mas também servia para a prática de outros exercícios...



sob uma iluminação abundante e interiormente com muita luz do dia. Quanto às diversas alturas<sup>(54)</sup>, são proporcionais a cada sala, a largura de cada uma está de acordo com o seu comprimento, e todas as partes rebrilham de grande encanto e beleza<sup>(55)</sup>. Na verdade, como diz o bom do Píndaro<sup>(56)</sup>,

... à obra começada debes dar  
um rosto ao longe brilhante...

qualidade que lhe advém sobretudo da luz solar e da claridade proporcionada pelas clarabóias inteligentemente colocadas. De facto, Hípias, como artista consumado que era, dispôs a sala que recebia a água fria orientada para o norte, sem, no entanto, ficar privada do vento sul; mas as salas que precisavam de muito calor [do sol], expô-las viradas ao Noto, ao Euro e ao Zéfiro<sup>(57)</sup>.

8. Depois disto, para quê falar de mais salas, como palestras e instalações comuns dos guardas da roupa, que, por uma questão de utilidade e de comodidade, dão para as piscinas directamente, e não por um caminho mais longo? Não se suponha que eu, tendo tomado um tema de menor importância, me proponho embelezá-lo com o meu discurso. Na verdade, não considero que seja coisa de pouca sabedoria o facto de inventar novas manifestações de beleza numa matéria vulgar, como é o caso desta obra que o nosso admirável Hípias produziu, a qual possui todas as qualidades de um balneário, como sejam a utilidade, comodidade, iluminação, harmonia, adequação ao terreno e o facto de oferecer uma utilização segura. Além disso, está embelezado com todo o requinte, tem duas latrinas para as necessidades naturais, está provido de muitas portas de saída, dois instrumentos de ver as horas: um por meio de água e que emite mugidos, e outro que indica [as horas] pelo sol.

---

<sup>54</sup> O pl. “alturas”, *húpsē* (ὕψη), sugere a ideia de que o conjunto tinha alturas diferentes, proporcionais à área da cada sala. Do mesmo modo, logo a seguir, o texto diz, também no pl., “larguras” e “comprimentos”, que entendo como “a largura e o comprimento de cada sala”.

<sup>55</sup> “encanto” ou “graça”: o singular, *kháris* (χάρις) não se presta a uma associação a Graças, mas é, aqui, um termo comum, tal como, a seguir, “beleza”, no texto grego *aphroditē* (ἀφροδίτη), e não com maiúscula.

<sup>56</sup> *Ol.*, VI, 4-5. Como nota o ed. da “Loeb”, neste contexto compreende-se mal a referência a uma obra *começada*; conviria melhor “empreendida”...

<sup>57</sup> Noto, vento do Sul; Euro, vento de Leste; Zéfiro, vento de Oeste.

Depois de ver tais coisas, não tributar a esta construção o elogio que ela merece parece-me um acto não só de estupidez, mas também de ingratidão, ou melhor, de má vontade. Pela minha parte, tentei, na medida do possível, corresponder por palavras à obra e ao seu artista e criador. Se a divindade lhes conceder [o privilégio de] aqui virem banhar-se, estou convicto de que terei muitos desses que compartilharão do meu elogio.

*DIONISO*

(Página deixada propositadamente em branco)

## INTRODUÇÃO

Este opúsculo de Luciano inclui-se no grupo de obras que servem de prefácio a uma declamação de fundo, e que eram justamente chamadas *prolalíai* (προλαλίαι). Quer dizer: o orador, antes de começar a dissertar sobre determinado tema, dirigia ao público umas palavras de preparação dos espíritos para o que ia ser tratado mais a fundo.

Assim, esta *prolalia*, intitulada *Diónüsos* (Διώνυσος) tem uma temática “exótica”, que, segundo se crê, preparava a intervenção sobre viagens fantásticas por este mundo e por muitos outros, ou seja — segundo se crê — para a leitura pública do livro II de *Uma História Verdadeira*. Em boa verdade, esta história a respeito de Dioniso e da sua expedição bélica por terras da Índia, enquadra-se perfeitamente na narrativa das mais fantásticas aventuras da obra acima mencionada, que incluíam uma viagem à Lua, com passagem por Vénus, pelo Sol, pelo imenso Oceano no ventre de uma baleia de vários quilómetros de comprimento (imagine só: 1.500 estádios, ou seja, 270 quilómetros!).

Em todo o caso, as aventuras índicas de Dioniso sempre eram menos espantosas que as histórias que esperavam os ouvintes. Pelo menos, a figura de Dioniso e os episódios referidos eram do conhecimento geral dos ouvintes, mas Luciano, como se esperava e era necessário fazer, acrescenta pormenores tirados da sua rica imaginação, mas, de algum modo, deduzíveis do próprio mito. A sua audiência ficaria presa justamente destes pormenores, que contribuía para dar à história uma dimensão “plástica”. Por exemplo, o imaginado discurso informativo posto na boca dos espíões, que descrevem com implícita ironia aquela “tropa fandangá” que era o exército de Dioniso, constitui, em si mesmo, um processo retórico bem mais divertido do que se fosse o autor a descrever as características daquele *tiaso*... “carnavalesco”.

Pelo meio das histórias dionísicas, Luciano ainda se dirige aos seus ouvintes, preparando-os — já que o mito de Dioniso não merece contestação — para histórias mais difíceis de acreditar. E chega a dizer que a entrada é livre, só assiste quem quiser. Leiam-se, p.ex., os §§5-6, de que cito uma parte:

*“De facto, cuidando que irão ouvir da minha boca histórias satíricas, burlescas e fundamentalmente cómicas — na verdade, não sei lá*

como formaram essa ideia a meu respeito —, algumas pessoas, pura e simplesmente, nem cá aparecem, pois não se dignam descer lá dos seus “elefantes”, para expor os ouvidos a orgias femininas e a cabriolas de Sátiros; outras, que vêm atraídas por uma coisa deste género, ao encontrarem ferro em vez de parra, ficam perturbadas com a estranheza da coisa e nem ousam sequer aplaudir”... .. “No entanto — pois a audição é livre —, que façam o que muito bem entenderem.”

Em conclusão, parece que o leitor moderno deveria ler este *Dioniso*, a preceder a leitura de *Uma História Verdadeira*, a fim de ter, de algum modo, a mesma impressão dos ouvintes de Luciano. No conjunto, esse leitor não poderia deixar de perceber a graça, a ironia e a imaginação sem limites, que pede meças às melhores obras de ficção: *Alice no País das Maravilhas*, *Viagens de Gulliver*, *Cirano de Bergerac*, *Rabelais*, o *Voltaire* do *Micrómegas*, etc...

## DIONISO

1. Quando Dioniso conduziu o seu exército contra os Indianos (sim, nada me impede — cuido eu — de vos contar uma história báquica), dizem que as pessoas desse país, logo ao princípio, a tal ponto desdenharam dele, que riam dessa sua avançada e, mais do que isso, tiveram dó da sua temeridade, por ele ir ser logo completamente espezinhado pelos elefantes, caso lhes fizesse frente. Na verdade — cuido eu —, tinham ouvido os seus espíões contar coisas muito bizarras a respeito do seu exército, [dizendo,] por exemplo, que *“a falange e os batalhões eram constituídos por mulheres doidas e fora de si, coroadas de hera, vestidas com peles de corça, que empunhavam pequenas lanças sem ponta de ferro, também feitas de hera<sup>(58)</sup> e tinham uns escudos pequenos<sup>(59)</sup> e leves, que rufavam, quando lhes tocavam — julgo que tomaram os tímpanos<sup>(60)</sup> por escudos —; e ainda havia alguns jovens rústicos, todos nus, que dançavam o córdax<sup>(61)</sup> e tinham caudas e cornos como os que despontam nos cabritos recém-nascidos<sup>(62)</sup>”*.

2. Quanto ao comandante deste exército, é transportado num carro puxado por panteras, é completamente imberbe, sem o mínimo vestígio de penugem na face, está provido de cornos, coroado de folhas de videira, com os cabelos atados por uma fita, vestido de púrpura e com sandálias de ouro. Tem [junto de si] dois lugares-tenentes, um deles<sup>(63)</sup> baixinho, já velho, um tanto gordo, ventrudo, de nariz chato, com grandes orelhas arrebidadas,

---

<sup>58</sup> “feitas de hera”, *kittopoiēta* (κίττοποίητα) é a tradução literal, que nos transmite a maneira como os espíões “viram” e interpretaram as “lanças”, as quais, na verdade, eram de madeira, mas com a ponta envolvida em folhas de hera ou de videira, a que se chama *tirso*.

<sup>59</sup> “escudos pequenos”: o vocábulo grego, pl. *peltária* (πελτάρια) já é um diminutivo de *peltē* (πέλτη), “escudo pequeno e leve”, usado pela infantaria ligeira. O adj. (pl. neutro) *koûpha* (κοῦφα) “leve” é, pois, mais ou menos pleonástico...

<sup>60</sup> O tímpano era um pequeno tambor de base semiesférica, em que se rufava com duas baquetas.

<sup>61</sup> O *córdax* era uma dança licenciosa, considerada imprópria de pessoas decentes...

<sup>62</sup> Trata-se dos sátiros, companheiros de Dioniso e com características de bode: cauda, orelhas, pés e cornos. Luciano, pondo-se no lugar dos espíões, não os nomeia claramente, mas os ouvintes deste “prefácio” entendiam perfeitamente de quem se tratava...

<sup>63</sup> Sileno; o outro (v. adiante) é Pã.

um tanto ou quanto trémulo, arrimado a um bordão, geralmente montado num burro, com uma veste cor de açafraão<sup>(64)</sup>... um belo companheiro de armas<sup>(65)</sup> de Dioniso! O outro [lugar-tenente] é uma figura humana monstruosa, parecido com um bode na parte inferior, com pernas muito peludas, provido de cornos, de longa barba cerrada<sup>(66)</sup>, irascível e arrebatado, tendo na mão esquerda<sup>(67)</sup> uma siringe<sup>(68)</sup>, e na direita um cajado recurvado; percorre excitado e aos saltos todo o acampamento; as mulheres<sup>(69)</sup> têm grande pavor dele, pelo que, sempre que ele se aproxima, fogem, agitando os cabelos soltos ao vento<sup>(70)</sup> e gritando evoé!<sup>(71)</sup>. Imaginavam [os espiões] que tal era o nome do chefe delas. Os rebanhos até já estavam a ser assaltados por estas mulheres, que despedaçavam os animais ainda vivos, pois algumas delas alimentam-se de carne crua.

3. Naturalmente, os Indianos e o seu rei riam ao escutar este relato dos espiões, pelo que não julgaram necessário marchar contra eles em ordem de combate, mas apenas, eventualmente, se eles se aproximassem, mandar ao seu encontro as suas próprias mulheres, uma vez que se lhes afigurava uma coisa vergonhosa vencer e matar mulherezinhas loucas, um comandante com uma fita feminina [na cabeça], um velhote pequenino e embriagado,

---

<sup>64</sup> Este tipo de veste amarela era próprio das mulheres, mas também usado por efeminados.

<sup>65</sup> “belo companheiro de armas”, obviamente em sentido irónico.

<sup>66</sup> O gr. (acusat.) *bathüpógōna* (βαθυπώγωνα) diz somente “barba cerrada”; “longa” é acrescento, talvez abusivo, mas, de algum modo, sugerido pelas representações dessa figura...

<sup>67</sup> “na mão esquerda”: o gr. diz “numa [das mãos]”, que, por eufemismo de superstição, é geralmente a *esquerda*... termo que é melhor evitar; de resto, a seguir não diz “na outra [mão]”, mas, agora sem problemas de superstição, “na [mão] direita”.

<sup>68</sup> a siringe também é denominada, nas línguas modernas, *flauta de Pá*, formada com tubos de cana de comprimentos desiguais e unidos lado a lado.

<sup>69</sup> São as Ménades, companheiras de Dioniso...

<sup>70</sup> O gr. diz apenas “agitam os cabelos soltos ao vento”, o que, juntamente com o contexto, sugere fortemente a ideia de fuga...

<sup>71</sup> Grito das Bacantes, companheiras de Dioniso. Luciano coloca-se no ponto de vista dos espiões, não especificando de que mulheres se trata, mas os seus ouvintes (e leitores) sabiam-no bem. Note-se que aquele grito, rigorosamente, não é susceptível de ser “traduzido”, pelo que deveria ser, simplesmente, transcrito: *euoî* (εὐοῖ). A forma tradicionalmente usada, *evoé*, segue as regras da adaptação de vocábulos gregos ao português: o -υ- intervocálico consonantiza em -v- (como em *Eua*: *Eva*), e o ditongo -οι- é transcrito por -e- (como em *oikonomía*: *economia*).



um outro [metade] soldado e metade bode<sup>(72)</sup>, e [por fim] uns dançarinos nus, todos completamente ridículos. Todavia, assim que se espalhou a notícia de que o deus já andava a arrasar o país pelo fogo<sup>(73)</sup>, a incendiar cidades com os seus habitantes, a puxar fogo às florestas e, numa palavra, a pôr toda a Índia em chamas (pois o fogo é a arma de Dioniso, [arma] paterna, que ele obteve do raio), só então pegaram a toda a pressa em armas, selaram os seus elefantes, puseram-lhes um freio, colocaram-lhes no lombo as [tais] torres<sup>(74)</sup> e marcharam contra eles, ainda desdenhosos, mas cheios de raiva e dispostos a esmagar aquele general imberbe, juntamente com o seu exército.

4. Quando já estavam perto e ficaram à vista uns dos outros, os Indianos fizeram alinhar os elefantes e lançaram-nos em fileiras cerradas. Por outro lado, Dioniso ocupava pessoalmente o centro, enquanto Sileno comandava a ala direita, e Pá a ala esquerda<sup>(75)</sup>. Os Sátiros foram colocados como *locagos* e *taxiarcas*<sup>(76)</sup>. O grito de guerra era, em coro<sup>(77)</sup>, *evoé!* E logo os tambores começaram a rufar, os címbalos deram o sinal de combate, um dos Sátiros

---

<sup>72</sup> Os mss. apresentam uma lição que os modernos editores tentam emendar... Sigo a emenda de Harmon, aceite pelo editor da “Loeb”, mas com uma versão algo diferente.

<sup>73</sup> “arrasar pelo fogo”... “incendiar”... “puxar fogo a”, “pôr em chamas”: o gr. tem três palavras e uma expressão sinónimas: (particípios) *pûrpolôn* (πυρπολῶν), *kataphlégōn* (καταφλέγων), *anáptōn* (ἀνάπτων) e *phlogós empeplēkós* (φλογός ἐμπεπληκώς), numa manifestação de riqueza vocabular, quando podia, simplesmente, dizer “*incendiou* o país, as cidades com os seus habitantes e as florestas”...

<sup>74</sup> “as [tais] torres”: o artigo definido é, em grego, *fortemente definido*. Os ouvintes (e leitores) não entendiam “as torres”, “umas torres”, mas “as *conhecidas* torres (no lombo dos elefantes indianos)”.

<sup>75</sup> O texto grego não diz *claramente* “esquerda”, mas, por antífrase e eufemismo de superstição, *euónimos* (εὐώνυμος), lit.<sup>te</sup> “de bom nome”. Se quiséssemos evitar, também em português, a palavra *esquerda*, o menos mau seria dizer “... e Pá [comandava] a *outra*”... Dificuldades de transposição...

<sup>76</sup> *locagos* e *taxiarcas* acaba por ser a tradução menos má, imprecisamente correspondente a “comandantes de companhia” e “comandantes de batalhão”. Tudo menos aceitar a tradução do editor da “Loeb”, o qual, além de entender diversamente a importância “numérica” de cada uma daquelas divisões, traduz, respectivamente, por “*colonels*” e “*captains*” (!!).

<sup>77</sup> “em coro”: o gr. diz *hápassi* (ἅπασσι) “para todos”, que interpreto da maneira que me parece mais lógica, pois a tradução literal significaria que, noutras ocasiões, cada parte do exército teria o seu grito próprio...

empunhou a corna e soltou o toque órtio<sup>(78)</sup>, o burro de Sileno zurrou em tom marcial, e as Ménades cingidas de serpentes lançaram-se sobre eles em grande alarido e fazendo ver o ferro na ponta dos seus tirsos. Então os Indianos e os seus elefantes deram meia volta e debandaram desordenadamente, sem sequer esperarem por ficar ao alcance de disparo, acabando por serem capturados à força e serem levados como reféns por aqueles mesmos de quem até então troçavam, assim aprendendo por experiência própria que não devemos, com base só nos primeiros boatos, menosprezar os exércitos estrangeiros.

5. Mas — alguém perguntará — que é que este Dioniso tem que ver com o “outro Dioniso”<sup>(79)</sup>? É que — mas, pelas Graças!, não julgueis que eu estou possuído da loucura dos Coribantes ou que estou completamente ébrio, ao comparar o meu caso com o dos deuses —, tenho a impressão de que a maior parte das pessoas tem, a respeito da minha narrativa<sup>(80)</sup>, o mesmo sentimento que aqueles Indianos tiveram relativamente a essa história insólita. De facto, cuidando que irão ouvir da minha boca histórias satíricas, burlescas e fundamentalmente cómicas — na verdade, não sei lá como formaram essa ideia a meu respeito —, algumas pessoas, pura e simplesmente, nem cá aparecem, pois não se dignam descer lá dos seus “elefantes”<sup>(81)</sup>, para expor os ouvidos a orgias femininas e a cabriolas de Sátiros; outras, que vêm atraídas por uma coisa deste género, ao encontrarem ferro em vez de parra, ficam perturbadas com a estranheza da coisa e nem ousam sequer aplaudir. Mas a estes [últimos] eu prometo, com toda a confiança, que, se, como antigos “con-

---

<sup>78</sup> “toque órtio”, em tom elevado e muito forte, era o toque de iniciar o ataque.

<sup>79</sup> Passo algo subtil: “este Dioniso” é o da história que acaba de ser contada; o “outro Dioniso” refere-se ao tema anunciado, que iria ser desenvolvido a seguir, e que é a 2ª parte de *Uma História Verdídica*, que constitui, *também*, um relato de aventuras fantásticas. A expressão “Que é que isto tem que ver com Dioniso?” refere-se ao facto de os dramas satíricos, que deveriam desenvolver temas dionisiacos, quase nunca o fazerem, pelo que suscitavam a crítica: *oudèn pròs tòn Diònūson* (οὐδὲν πρὸς τὸν Διόνυσον) “nada para Dioniso”. A expressão portuguesa é algo “picante”: Que tem o cu a ver com as calças?

<sup>80</sup> Trata-se da 2ª parte de *Uma História Verdídica*, constituída por episódios verdadeiramente fantásticos.

<sup>81</sup> “descer lá dos seus elefantes”, em sentido figurado: “descer da sua alta categoria”, “rebaixar-se”.

vivas”, quiserem, hoje como outrora, assistir frequentemente aos nossos “mistérios”<sup>(82)</sup>, lembrar os “festins” comuns dos velhos tempos e não desprezarem “Sátiros” e “Silenos”, e “beber desta cratera” até fartar, voltarão a sentir a excitação báquica<sup>(83)</sup> e dirão, juntamente connosco: *Evoé!*

6. No entanto — pois a audição é livre —, que façam o que muito bem entenderem. Pela minha parte, uma vez que ainda estamos entre os Indianos, quero contar-vos um outro caso dessas terras, caso esse que não é estranho a Dioniso nem alheio ao tema de que tratamos.

Entre os Indianos Macleus, que habitam na margem esquerda do Indo (olhando no sentido da corrente) e se estendem<sup>(84)</sup> até ao Oceano, existe, lá nessa região, um bosque dentro de uma cerca, de área não muito extensa, mas muito cerrado. De facto, a hera abundante e as videiras tornam-no completamente sombrio. Existem nele três nascentes de água belíssima e cristalina, uma dedicada aos Sátiros, outra a Pá, e outra a Sileno. Os Indianos visitam esse bosque uma vez por ano, a fim de celebrarem a festa do deus, e bebem daquelas nascentes, não todos de todas elas [indistintamente], mas segundo a idade: os jovens na dos Sátiros, os homens na de Pá, e os da minha idade na de Sileno<sup>(85)</sup>.

7. O que acontece com os jovens depois de beberem, ou o que os homens, possuídos por Pá, se atrevem a fazer, seria uma longa história... Mas o que os velhos fazem, logo que se embriagam dessa água, não deixa de ser oportuno contar. Logo que um velho bebe e Sileno se apodera dele, primeiro fica durante muito tempo sem fala, parece que tem a cabeça pesada e fica com ar de embriagado. Depois, e repentinamente, ganha uma voz límpida, uma

---

<sup>82</sup> “mistérios”... “Sátiros”... “Silenos”... “festins”... “beber desta cratera”... “sentir a excitação báquica”: em sentido figurado, tudo para significar “velhas farras”, com muita alegria e alguma licenciosidade...

<sup>83</sup> “sentir a excitação báquica” é, no gr., uma só palavra: *bakkheúein* (βακχεύειν).

<sup>84</sup> “se estendem”; outra interpretação: “apascentam os seus rebanhos”, em que, nos exemplos aduzíveis (v. dics.), o verbo inclui o sentido de “... rebanhos”.

<sup>85</sup> Luciano informa-nos de que já era velho, pelo que este opúsculo, bem como a *História Verdica* (pelo menos a 2ª parte) serão de uma data (presumivelmente) posterior a 175-180 d.C.

fala clara, um tom melodioso; de completamente mudo, torna-se extremamente loquaz, e nem que o amordaçasses conseguirias fazer com que ele deixasse de falar continuamente e de encadear longos discursos. Todavia, as suas palavras são todas plenas de sentido, elegantes e, como aquele famoso orador de Homero, saem-lhe *como flocos de neve em dias de Inverno*<sup>(86)</sup>. Atendendo à idade, não fica bem compará-los aos cisnes, mas sim às cerradas e contínuas cegarregas das cigarras até ao cair da tarde. É então que, passada a bebedeira, eles se calam e regressam ao seu estado inicial... Mas... ainda não vos contei a parte mais estranha. É que, se entretanto o velho, impedido pelo pôr do sol, deixa inacabado o discurso que já tinha iniciado, no ano seguinte, ao beber da mesma nascente, retoma o discurso exactamente no mesmo ponto onde a bebedeira o havia deixado<sup>(87)</sup>.

8. Que, à maneira de Momo, esta coisa se torne uma piada contra mim... Eu, por Zeus!, não lhe acrescentarei a moralidade... Sim, vós mesmos estais vendo em que é que eu me pareço com esta história. Assim, se eu estou fora do meu juízo, a culpada é a bebedeira, mas se as minhas palavras são sensatas, Sileno foi-me propício.

---

<sup>86</sup> *Il.*, III, 222. Homero refere-se a Ulisses e à sua eloquência.

<sup>87</sup> Recorde-se que esta composição serve de prefácio à 2ª parte de *Uma História Verídica*, pelo que se alude à 1ª parte, que havia sido contada algum tempo atrás...

*HÉRACLES*

(Página deixada propositadamente em branco)

## INTRODUÇÃO

Este opúsculo de Luciano é, como outros (p. ex., *Dioniso...*) uma *prolalia* (προλογία) ou “prefácio” a uma intervenção de fundo, e que servia para predispor a audiência favoravelmente ao orador. Não sabemos a que obra este *Héacles* servia de prefácio.

Luciano, que nos seus bons tempos de juventude frequentara assiduamente os auditórios, onde pronunciara os seus discursos de aparato, que viajara pelo vasto Império Romano, onde acumulara fortuna na sua actividade de retor, que se estabelecera em Atenas, onde parecia querer acabar os seus dias, aparece-nos aqui como um homem de idade já avançada, mas plenamente lúcido, que se apresenta *novamente* perante um auditório ávido de assistir aos virtuosismos retóricos desse ilustre intelectual.

Diríamos que o discurso e a respectiva dissertação de fundo (que não sabemos qual fosse) terão sido pronunciados na fase que medeia entre a saída de Luciano de Atenas e o seu estabelecimento no Egipto, na qualidade de alto funcionário imperial. Dá “jeito” imaginar (e não mais do que isso) que Luciano terá regressado, por algum tempo, à sua terra natal, prestigiada pela celebridade de um filho seu, e aí terá “declamado” estas impressões de viagem por terras gaulesas, onde, entre outras surpresas, observara, estupefacto, uma tela que representava um Héacles bastante bizarro, embora com os principais atributos do Héacles grego: “*De facto, enverga a pele do leão, empunha a maça na mão direita, tem a aljava pendurada no ombro e a sua mão esquerda patenteia o arco tenso... Numa palavra, é Héacles sem tirar nem pôr...*” (§1, fim). Tirando isso, porém, difere completamente do seu correspondente grego, pois é velho e bem-falante, arrasta multidões presas pelas orelhas, enfim, obtém todos os seus triunfos, não pela força bruta, mas pelo encanto mágico da palavra.

Luciano refere-se a esta tela como seu observador directo, como testemunha ocular, que ficou estarrecido com tamanha heresia... afinal aparente, como lhe é explicado por um autótone, do qual transcreve o comentário esclarecedor (§§4-6).

Os dois últimos parágrafos (§7-8) constituem uma confidência de velho para velhos amigos (conterrâneos?), e então, interrogando-se (§7) “*se seria bom, já nesta idade, e tendo desde há muito abandonado as leituras públicas, voltar a sujeitar-me ao voto de tão grande número de juizes, veio-me ao espírito, muito*

*oportunamente, esse quadro [de Héracles]. Até então, receava dar a algum de vós a impressão de estar a proceder de maneira completamente juvenil e a comportar-me como um jovem, mas para além da idade [própria]”.*

No fim desse mesmo parágrafo, diz que tem a mesma idade que a figura do quadro, e o último parágrafo persiste na mesma ideia do velhinho consciente dos estragos que o tempo causou...



## HÉRAKLES

1. Os Celtas chamam a Héracles, na sua língua nacional, Ógmio, mas representam a figura do deus de uma maneira bastante estranha. Para eles, é um tipo muitíssimo velho, calvo no alto da cabeça e completamente grisalho no que lhe resta de cabelos; tem uma pele enrugada e crestada num tom bastante negro, como o dos velhos homens do mar<sup>(88)</sup>. Compará-lo-ias a um Caronte<sup>(89)</sup> ou a um Jápeto das profundezas do Tártaro<sup>(90)</sup>, mais que a Héracles. Todavia, mesmo com esta figura, possui, ainda assim, [todos] os atributos de Héracles. De facto, enverga a pele do leão<sup>(91)</sup>, empunha a maça na mão direita, tem a aljava pendurada no ombro e a sua mão esquerda patenteia o arco tenso... Numa palavra, é Héracles sem tirar nem pôr...

2. Ainda pensei que era para ofender os deuses gregos, que os Celtas cometiam uma tal indignidade contra a figura de Héracles, vingando-se dele na representação plástica, pelo facto de o deus, em tempos, ter invadido e saqueado o seu país, quando, em busca dos bois de Gérion, assolou a maior parte das nações ocidentais.

3. Mas ainda não vos falei da coisa mais estranha a respeito da representação [do deus]. De facto, esse velho Héracles arrasta uma numerosíssima multidão de pessoas presas pelas orelhas. As suas cadeias são constituídas por finos elos feitos de ouro e âmbar, parecidos com belíssimos colares. Todavia, apesar de serem puxados por cadeias tão fracas, nem sequer desejam escapar-se, embora possam fazê-lo muito facilmente; mas nem sequer fazem força para trás, nem firmam os pés [no chão], nem se viram no sentido contrário ao da marcha. Pelo

---

<sup>88</sup> “homens do mar” tenta traduzir o termo gr. mais geral, *thalattourgoí* (θαλαττοῦργοί), lit<sup>te</sup> “que trabalham no mar”, o que dá para “pescadores” e “marinheiros”.

<sup>89</sup> Caronte é o barqueiro que passa as almas dos mortos para o reino de Hades; é representado como um velho barbudo e encardido; Jápeto é um dos primeiros Titãs, filho de Úrano (o Céu) e de Geia (a Terra); representado como muitíssimo velho, deu origem ao dito “mais velho que Jápeto”.

<sup>90</sup> “das profundezas do Tártaro” refere-se somente a Jápeto, que, na sequência da revolta dos Titãs contra Zeus, foi por este lançado no Tártaro (no mais profundo dos Infernos)

<sup>91</sup> “a pele do leão”, e não “uma pele de leão”, pois trata-se, muito concretamente, do leão de Némea (melhor, mas menos usado, que *Nemeia*), que devastava a região da Argólida e foi morto por Héracles, que passou a envergar a sua pele como uma das suas insígnias... Do mesmo modo (a seguir), a maça, a aljava, e arco.

contrário, seguem alegres e prazenteiros, louvando aquele que os arrasta, todos pressurosos e, no seu desejo de se chegar ao deus, afrouxando mesmo a trela, dando até a impressão de que ficariam desconsolados, se os desamarrassem. Mas o que me pareceu a coisa mais bizarra de tudo isto, não hesitarei em vo-lo contar. De facto, o pintor, não tendo onde prender as pontas das cadeias (uma vez que a mão direita empunhava a maça, e a esquerda o arco), furou a ponta da língua do deus e representou-o a arrastar as pessoas por essa parte, e ele próprio está virado para trás, sorrindo para os que são arrastados.

4. Eu mesmo fiquei ali plantado durante muito tempo, olhando, admirando, ao mesmo tempo embaraçado e furioso. Mas um celta, que estava ali a meu lado e que não era um ignorante da nossa cultura, como patenteava ao exprimir-se num grego muito puro, e, além disso, segundo creio, estudioso das coisas do seu próprio país, disse-me:

*“Estrangeiro, vou desvendar-te o enigma desta pintura, pois pareces-me muito perturbado diante dela. Nós, os celtas, ao contrário de vós, os gregos, não consideramos Hermes o símbolo da Eloquência, mas antes atribuímos esta [qualidade] a Hércules, pois este é muitíssimo mais forte que Hermes. Não te admires com o facto de aquele ser representado como um velho, pois a eloquência é a única [qualidade] que só na velhice se revela em toda a sua pujança... pelo menos se é verdade o que dizem os poetas, a saber:*

... é leviana a mente dos mais novos<sup>(92)</sup>...

*ao passo que...*

... a velhice é, no falar, | mais atinada que os jovens<sup>(93)</sup>.

*Do mesmo modo, da língua do vosso Nestor escorre mel<sup>(94)</sup>, e os oradores troianos soltam uma certa ‘voz florida’<sup>(95)</sup>. Essas flores, se bem me recordo, chamam-se lírios.*

---

<sup>92</sup> *Iliada*, III, 108.

<sup>93</sup> Eurípides, *Fenícias*, 530.

<sup>94</sup> Cf. *Iliada*, I, 249, passo citado em paráfrase aproximada e em prosa, tal como a alusão seguinte.

<sup>95</sup> Cf. *Iliada*, III, 152: v, nota *supra*. O vocábulo homérico é mais preciso: “voz de lírio”, ou seja, “... doce e delicada como lírios”, flor que o celta explicita a seguir.

5. “Portanto, conhecendo o parentesco existente entre as orelhas e a língua<sup>(96)</sup>, não debes espantar-te com o facto de este velho Hércules arrastar as pessoas presas à sua língua pelas orelhas. Também não constitui uma ofensa ao deus o facto de ele ter a língua furada. Recordo-me até — disse ele — de uns certos iambos cómicos que eu aprendi convosco. De facto...

a língua dos palradores  
tem uma cova na ponta<sup>(97)</sup>.

6. “Em resumo, nós consideramos que foi pela [força da] palavra que Hércules realizou todas as suas façanhas, se tornou sábio e exerceu a sua violência por meio da persuasão. As suas setas são — creio eu — os seus discursos incisivos, certos, rápidos e que penetram [profundamente] nas almas. Sois vós mesmos que falais de ‘palavras aladas.’”

Tais foram as palavras do celta.

7. Então, enquanto reflectia comigo mesmo sobre a minha vinda a este lugar, [interrogando-me] se seria bom, já nesta idade, e tendo desde há muito abandonado as leituras públicas, voltar a sujeitar-me ao voto de tão grande número de juizes, veio-me ao espírito, muito oportunamente, esse quadro [de Hércules]. Até então, receava dar a algum de vós a impressão de estar a proceder de maneira completamente juvenil e a comportar-me como um jovem, mas para além da idade [própria]. Então, um desses moços impregnados de Homero aproximar-se-ia de mim, recitando aquele [passo]:

É já todo desfeito teu vigor...|| ... a penosa velhice já te oprime,  
um servidor te resta, mas bem fraco, || e vagarosos são os  
teus cavalos<sup>(98)</sup>,

---

<sup>96</sup> “entre as orelhas e a língua”, agora com o sentido, não de órgãos, mas de funções, ou seja, “entre a audição e a fala”.

<sup>97</sup> Versos de autor cómico hoje indeterminado. Em todo o caso, Aristófanes, *Nuvens*, 1160, apresenta o velho Estrepsíades todo entusiasmado por o filho, brilhante aluno da escola de Sócrates, ter ganho uma “língua bífida”: ἄμφήκει γλώττη.

<sup>98</sup> *Iliada*, VII, 101-104, dirigidos a Nestor. Note-se que o 2º hemistíquio do v. 101 está citado em paráfrase não métrica, onde se salienta a substituição de um verbo poético, *opázō* (ὀπάζω) por um quase *sinónimo*, mas corrente: *katalambánō* (καταλαμβάνω). Pergunta-se por que motivo é que Luciano não citou exactamente o verso homérico...

aludindo com este último às minhas pernas<sup>(99)</sup>.

Mas quando evoco aquele velho Hércules, sou levado a empreender qualquer acção, e não me envergonho de a tanto me atrever, por ser da mesma idade que o da pintura.

8. Assim sendo, adeus força, adeus rapidez, adeus beleza e todas as virtudes físicas; e que o teu Eros, ó poeta de Teos<sup>(100)</sup>, ao olhar para esta minha barba grisalha, levante voo [e se afaste], se assim o entender, “*com as rémiges<sup>(101)</sup> de suas doiradas e rebrilhantes asas*”, pois “*Hipoclides não se importará<sup>(102)</sup>*”. Oxalá lhe<sup>(103)</sup> fosse dado, nesta hora, rejuvenescer, florescer e atingir a plenitude, oxalá ele pudesse arrastar pelos ouvidos o maior número possível de pessoas e disparar muitas vezes o arco, sem receio de que a aljava, inesperadamente, lhe fique vazia.

Estais a ver como eu me consolo da minha idade e da minha velhice. Foi por essa razão que me atrevi a meter à água e, na medida do possível, a aparelhar a minha barca, que há muito estava em seco, e fazer-me novamente ao mar alto. Oxalá, ó deuses, me sobreis ares favoráveis, pois neste momento precisamos<sup>(104)</sup> de um vento “*enfunador de velas*” e “*bom companheiro<sup>(105)</sup>*”, para que (se disso nos revelarmos digno), alguém nos lance este verso homérico:

*Por debaixo dos farrapos, || que bela coxa o velho deixa ver!<sup>(106)</sup>*

---

<sup>99</sup> Entende-se que Luciano já estaria um tanto trôpego, mas a alusão não deixa de ser subtil.

<sup>100</sup> O poeta de Teos é Anacreonte.

<sup>101</sup> “*rémiges* das asas”, expressão poética por, simplesmente, “asas”; aliás, (dat. pl.) *tarsois* (ταρσοῖς) “pá do remo”, “parte plana da asa”... é emenda de Schwartz (apud “Loeb”). Com a lição dos manuscritos, *aetois* (ἄετοῖς) o sentido, ainda que sintacticamente forçado (daí a emenda!), seria “que o teu Eros de rebrilhantes e doiradas asas levante voo *com a rapidez das águas*” (??).

<sup>102</sup> Expressão proverbial, equivalente ao port. (salvaguardado o nível linguístico!) “*tanto se me dá, como se me deu*”, “*estou-me nas tintas*”. A história de Hipoclides vem contada em Heródoto, VI, ... 129.

<sup>103</sup> “*lhe*”... “*ele*”... “*lhe*”, referidos não propriamente ao Hipoclides do provérbio, mas, na realidade, ao próprio Luciano.

<sup>104</sup> “*precisamos*”... “*nos revelarmos*”... “*nos lance*”: plurais “majestáticos” = “(eu) preciso”...

<sup>105</sup> *dor de velas*” e “*bom companheiro*”: *Odisseia*, XI, 7, XII, 149.

<sup>106</sup> Homero, *Odisseia*, XVIII, 74.

*O ÂMBAR OU OS CISNES*

(Página deixada propositadamente em branco)

## INTRODUÇÃO

Trata-se de mais um prefácio, *prolalía* (προλαλία) a uma declamação sobre um tema de fundo, que não nos é possível identificar.

Em poucas palavras; Luciano refere-se à sua própria e, afinal, ingénua experiência (apresentada como real), ao tentar informar-se, aquando de uma visita à região do rio Erídano (o rio Pó?), onde estavam os choupos que “choravam” âmbar. Desiludido desta crença pelo testemunho negativo e risonho dos autóctones, passa a outra lenda, segundo a qual, havia, nas margens desse rio, uma enorme quantidade de cisnes, que cantavam divinamente. Recebe o mesmo desmentido e tem a mesma, ou ainda maior, desilusão. Por isso, Luciano adverte os seus ouvinte no sentido de não esperarem da sua “declamação” nem “âmbar”, nem “cisnes”, mas Erídanos que escorrem “*autêntico ouro, e ainda mais melodiosos que os cisnes das obras poéticas*”.

Desta dupla temática resulta o título tardicional do livro: *O Âmbar* ou *Os Cisnes*.

Esta *prolalía* devia, portanto, referir-se a algum tema muito concreto, e não (como de outras vezes) a histórias fantásticas.

(Página deixada propositadamente em branco)



## O ÂMBAR OU OS CISNES

1. A respeito do âmbar, o mito traz-vos<sup>(107)</sup> profundamente convencidos de que são os choupos das margens do Erídano<sup>(108)</sup> que o vertem em [forma de] lágrimas<sup>(109)</sup>, ao carpirem [a morte de] Faetonte<sup>(110)</sup>, e que esses choupos<sup>(111)</sup> são mesmo as irmãs de Faetonte, as quais, à força de chorarem pelo jovem, foram transformadas nessas árvores e delas destilam uma lágrima<sup>(112)</sup>, ou seja, o âmbar. Então eu, ao ouvir os poetas cantarem tais histórias, esperava que, se alguma vez me encontrasse nas margens do Erídano, colocar-me-ia debaixo de um desses choupos e, desdobrando a aba do meu manto, recolheria umas poucas de lágrimas, a fim de obter âmbar.

2. E de facto, passado não muito tempo, e devido a uma necessidade diferente, dirigi-me a essa tal região, onde tinha de navegar Erídano acima, mas, por muito que olhasse à minha volta, não vi nem choupos nem o dito âmbar, e os indígenas não conheciam sequer o nome de Faetonte. Então, ao procurar informar-me e saber quando é que chegaríamos aos tais choupos, os do âmbar, os tripulantes [do barco] riam-se de mim e pediam-me que explicasse com mais clareza o que pretendia [saber]. Aí eu narrei-lhes a história, [contando] que Faetonte era filho de Hélio, e que, ao chegar a certa idade, pediu ao pai que o deixasse guiar o seu carro, para que também ele tivesse por um único dia essa experiência. Seu pai acedeu, e o moço

---

<sup>107</sup> Luciano dirige-se às pessoas que tinham acorrido a ouvir uma leitura pública sobre determinado tema, que não podemos precisar. Antes, porém, o autor fazia uma prelecção, uma *prolalia* (προλαλία), quer para introduzir o assunto principal, quer para predispor a audiência a seu favor.

<sup>108</sup> O Erídano é geralmente identificado com o rio Pó.

<sup>109</sup> “o vertem em lágrimas”: o gr. diz “o *choram*”.

<sup>110</sup> Faetonte, filho de Hélio (o Sol), implorou ao pai que o deixasse guiar o seu carro, mas tanto se aproximou e se afastou do Sol, que quase provocava uma catástrofe, pelo que Zeus, como último recurso, o fulminou com um raio, fazendo-o cair no rio Erídano, onde suas piedosas irmãs, as Heliades, lhe prestaram as devidas honras fúnebres e o sepultaram (v. a seguir).

<sup>111</sup> “esses choupos”: Note-se que *ágeiros* (ἄγειρος), como nome de árvore, é do género feminino.

<sup>112</sup> “uma lágrima”: o singular pode sugerir a ideia de destilar “lágrima a lágrima”.

foi precipitado<sup>(113)</sup> do carro e morreu. “Então — contei-lhes — *as irmãs carpiram a sua morte algures por aí na vossa região, justamente no local onde ele havia caído, nas margens do Eridano, transformaram-se em choupos e continuam ainda hoje a chorar por ele sob a forma de âmbar.*”

3. “Mas quem foi — perguntaram eles — o vigarista e aldrabão que te contou essa história? É que nós nunca vimos nenhum condutor de carro a cair do céu, nem temos [por cá] desses tais choupos de que nos falas. Aliás, se nós tivéssemos alguma coisa dessas, cuidas que andávamos por aqui a remar por dois óbolos e a impelir os nossos barcos contra a corrente, quando poderíamos enriquecer colhendo [simplesmente] as lágrimas dos choupos?”

Estas palavras atingiram-me de uma maneira nada branda, e fiquei mudo de vergonha pelo facto de ter feito uma autêntica figura de menino, ao acreditar nos poetas que contam mentiras tão incríveis, que já nada de sensato lhes bastas.

Mas, defraudado desta minha expectativa, que não foi a única<sup>(114)</sup>, fiquei aborrecido como se realmente me tivesse escapado o âmbar das mãos... e eu que já imaginava quantas coisas, e que coisas, eu iria fazer com ele.

4. Todavia, julgava vir a descobrir naquele país um outro fenómeno, e esse absolutamente verdadeiro, ou seja, a grande quantidade de cisnes que cantavam nas margens desse rio. E novamente interroguei os tripulantes, quando já navegávamos rio acima: “Então em que época [do ano] é que os cisnes vos cantam essa música tão melodiosa, poisados numa e noutra margem do rio? De facto, diz-se que eles eram companheiros de Apolo e homens muito dados ao canto, e que algures nesta região se transformaram em aves e, por esse facto, ainda hoje cantam, pois não se esqueceram da música”.

5. Então eles, dando gargalhadas, disseram: “Ó criatura, não deixarás de dizer mentiras todo o dia sobre o nosso país e sobre o nosso rio? Nós, que navegamos e trabalhamos no Eridano praticamente desde rapazes, vemos realmente, algumas vezes, uns cisnes, mas poucos, nos pântanos do rio, mas esses soltam um grasnado tão desengraçado e tão fraco, que os corvos e as gralhas são Sereias em comparação com eles; e quanto a esses cantores,

<sup>113</sup> “foi precipitado” ... por Zeus, que o atingiu com um raio.

<sup>114</sup> A outra expectativa começa no §4.

*tão melódiosos como dizes, nem sequer em sonho alguma vez os ouvimos*<sup>(115)</sup>, *de maneira que perguntamos espantados donde é que vos chegaram essas histórias a nosso respeito.*

6. <sup>(116)</sup> É bem possível que, em matérias como esta, saiam desiludidos aqueles que acreditam nos que lhes contam histórias levadas ao exagero. Nesta ordem de ideias, também eu, neste momento, receio por mim, não se dê o caso de vós<sup>(117)</sup>, os recém-chegados, e que ides escutar-me pela primeira vez, esperando encontrar em nós<sup>(118)</sup> “âmbar” e “cisnes”<sup>(119)</sup>, saiais daqui, dentro de pouco tempo, troçando daqueles que vos garantem que estes meus discursos contêm muitos e preciosos tesouros. Eu, porém, juro que nem vós nem qualquer outra pessoa me ouviu alguma vez, ou ouvirá jamais, gabar-me de tal coisa a respeito das minhas obras. Na verdade, encontrareis<sup>(120)</sup> outros “Eridanos”, e não poucos, de cujas palavras escorre, não âmbar, mas autêntico ouro, e ainda mais melódiosos que os cisnes das obras poéticas. Mas quanto à minha obra, verificai agora mesmo como ela é simples e livre de fantasias, sem acrescentos “musicais”. Portanto, vede lá não vos aconteça algo deste género, ao esperardes demasiado de mim, como acontece com as pessoas que olham para objectos mergulhados em água. De facto, [essas pessoas,] cuidando que eles são do mesmo tamanho com que se apresentam vistos de cima (quando na realidade a imagem é ampliada pela luz<sup>(121)</sup>), ao retirá-los [da água], e verificando que são muito mais pequenos, ficam aborrecidas. Portanto, desde já vos aviso: tendo escoado a água e tendo posto a minha obra a descoberto, não espereis retirar algo de grandioso, pois, caso contrário, acusareis a vossa própria expectativa.

---

<sup>115</sup> “alguma vez *os ouvimos*”, ou “nunca *os ouvimos*”: traduzo o perfeito (aspecto contínuo desde o presente até ao passado).

<sup>116</sup> Recordar-se que esta alocação serve de prefácio à leitura do tema principal (que infelizmente não podemos especificar). Agora o autor dirige-se concretamente ao seu auditório.

<sup>117</sup> “vós”: não “vós todos”, mas “os recém-chegados [a esta cidade]”. Luciano parece, pois, excluir aqueles ouvintes que o conhecem de longa data e que, por isso, dispõem de avisos nesse sentido.

<sup>118</sup> “em nós”: plural majestático = “em mim”.

<sup>119</sup> As (*minhas*) aspas remetem para o sentido figurado.

<sup>120</sup> O gr. diz “encontrarás”, em discordância com o contexto precedente; *idem* a seguir...

<sup>121</sup> A explicação científica envolve, além da refração, a teoria das lentes...

(Página deixada propositadamente em branco)

*ELOGIO DA MOSCA*

(Página deixada propositadamente em branco)

## INTRODUÇÃO

Este *Elogio da Mosca*, gr. *Múias Egkómion* (Μύιας Ἐγκώμιον) constitui simplesmente um tema de “redacção” eventualmente proposto pelo mestre de Retórica ou inventado pelo (já formado) orador, que se propõe dissertar, perante uma audiência ávida de “malabarismos” retóricos, sobre um tema absolutamente inesperado. Sim, imaginemos que Luciano faz espalhar a notícia de que vai pronunciar um discurso, um panegírico ou um “*encómio*” a respeito do insecto que, provavelmente, menos mereceria tal galardão: a irritante mosca.

Pois é isso que Luciano vai atrever-se a fazer, contando antecipadamente com a curiosidade de intelectuais e outros ociosos, curiosos de ouvir como é que o *tipo* irá desenvolver o tema.

Naturalmente, a descrição física e... “moral” da mosca não tem (pelo menos do ponto de vista da moderna Entomologia!) grande base científica, mas baseia-se, simplesmente, na observação comum do animáculo, que é mais ou menos a mesma que hoje verificamos... com alguma interpretação subjectiva e risonha do senhor Luciano.

Logo no início da descrição, é interessante notar *o que a mosca não é*:

*“Não é o mais delgado dos seres alados, em comparação com os mosquitos, as melgas e outros ainda mais finos, mas em grossura excede estes, tanto quanto ela própria fica atrás da abelha. Não está provida de penas como os outros seres alados... O seu voo não é um bater de asas contínuo, como o dos morcegos, nem [se faz] por saltos, como o dos gafanhotos, nem com um zumbido, como o das vespas, mas ziguezagueante...” — tudo banalidades graciosas.*

No que respeita ao “carácter”, “inteligência” e, mais que isso, “esperteza” do bicho, trata-se da parte mais interessante deste *Encómio da Mosca*, do ponto de vista obviamente não científico, mas interpretativo e subjectivo... da única e exclusiva responsabilidade do... encomiasta.

Opúsculo amplificador de matéria tão mesquinha, não deixa, por isso (e talvez por isso mesmo!) de representar um dos aspectos da Retórica pós-republicana, ou imperial, em que a ditadura do Imperador abafava o surto de um advogado como *vir bonus dicendi peritus*, e dava lugar a “redacções” sobre temas

meramente teóricos e inócuos, os quais temas, no entanto, permitiam, e até suscitavam, imprevisíveis manifestações de criatividade literária.



## ELOGIO DA MOSCA

1. A mosca não é o mais delgado dos seres alados, em comparação com os mosquitos, as melgas e outros ainda mais finos, mas em grossura excede estes, tanto quanto ela própria fica atrás da abelha. Não está provida de penas como os outros seres alados, os quais utilizam umas para cobrir todo o corpo, e outras como asas; possui asas membranosas como os gafanhotos, as cigarras e as abelhas, mas mais delicadas [que as destes], tanto quanto um tecido indiano é mais fino e mais macio que um [tecido] grego; além disso, se olharmos para ela atentamente e contra o sol, quando abre as asas e levanta voo, [as suas asas] apresentam um floreado como o dos pavões.

2. O seu voo não é um bater de asas contínuo, como o dos morcegos, nem [se faz] por saltos, como o dos gafanhotos, nem com um zumbido, como o das vespas, mas zigzagueante<sup>(122)</sup>, seja qual for a parte do ar para onde se dirija. Todavia, acresce-lhe esta característica, que consiste em voar, não em silêncio, mas com uma toada musical, não, porém, rude como as melgas e os mosquitos, sem emitir o zumbido surdo das abelhas, nem a temível e ameaçadora zoadá das vespas; pelo contrário, [o seu voo] é mais melodioso que o daqueles, como as flautas são mais suaves que as trombetas e os címbalos.

3. Agora no que respeita ao corpo, a sua cabeça une-se ao pescoço por uma ligação extremamente delgada, gira a toda a volta, não é fixa como a dos gafanhotos. Os seus olhos são salientes e possuem muito [da estrutura] do corno. O peito é robusto, e as suas patas estão bem fixas [nele]<sup>(123)</sup>, não muito juntas<sup>(124)</sup> como as

---

<sup>122</sup> O gr. *eukampṑ́s* (εὐκαμπτός) significa “curvo”..., “fácil de curvar”, “flexível”. Entendo (baseado na... observação) que se trata do voo em zigzague, com mudanças quase instantâneas de direcção.

<sup>123</sup> Não aceito o acrescento de Schwartz (aceite pelo editor da “Loeb”), que se deve nitidamente ao facto de não entender o dat. *autē<sub>i</sub>* (αὐτῆ) como dativo de interesse. De resto, a palavra acrescentada, *entomē<sub>i</sub>* (ἐντομή) não dá sentido claro: “entalhe”, “incisão”... (v. dics.). Em resumo, creio que a lição dos manuscritos é perfeitamente aceitável...

<sup>124</sup> “juntas”, i.é, as patas. Também aqui, não aceito a emenda de Schwartz, obrigado a isso pela sua própria emenda precedente: *autē<sub>i</sub> tē<sub>i</sub> entomē<sub>i</sub>...esphigmē<sub>i</sub>* (αὐτῆ τῆ ἐντομή... ἐσφιγμένη).

das vespas. O abdómen também<sup>(125)</sup> está reforçado, parecendo-se com uma couraça, pois possui umas listas largas e escamas. Defende-se, porém, não com o ferrão traseiro, como a vespa e a abelha, mas com a boca e com a tromba, que possui, tal como os elefantes, e com a qual procura e apanha alimento, que segura fortemente por meio de uma espécie de ventosa na ponta [da tromba]. Desta sai um dente, com o qual pica e suga sangue (de facto, também suga leite, mas o sangue é-lhe mais agradável), aliás sem grande dor dos que são picados. Embora possua seis patas, caminha somente com quatro, servindo-se das duas da frente como se fossem mãos. Poderás vê-la a andar com quatro patas e segurando um qualquer alimento com as duas “mãos” no ar, numa atitude humana, extremamente parecida como a nossa.

4. Não nasce logo com essa forma, mas, de início, é [apenas] uma larva saída de pessoas ou outros animais mortos<sup>(126)</sup>. Depois, pouco a pouco, vai desenvolvendo umas patas, vão-lhe despondo umas asas, e assim, de rastejante [que era] torna-se animal voador<sup>(127)</sup>, é fecundada e gera uma larva minúscula, que mais tarde será mosca. Companheira dos humanos, sua coabitante e sua comensal, alimenta-se de tudo, menos de azeite, pois a sua ingestão significa a morte. Animal de curta existência — realmente, o seu tempo de vida é muito limitado —, aprecia bastante a luz do dia, e é nesse período que actua. Pelo contrário, durante a noite fica muito sossegada, não voa nem emite qualquer som<sup>(128)</sup>, mas mantém-se recolhida e imóvel.

5. Vou agora falar da sua esperteza, que não é pequena, ao tentar escapar à sua inimiga traiçoeira, a aranha. De facto, quando esta está de emboscada, a mosca espreita-a e olha bem fixamente para ela, desviando-se do seu ataque, para não se deixar apanhar na rede<sup>(129)</sup> e cair nos tentáculos do bicho. Da sua coragem e da

---

<sup>125</sup> Aceito a lição dos manuscritos, nominat. *autèó* (αὐτή), e não a emenda de A. M. Harmon (“Loeb”), dat. *auté* (ἀντή).

<sup>126</sup> Embora possa parecer, não se trata da teoria da geração espontânea, pois a seguir diz-se que essas moscas, quando adultas, dão origem a larvas, que se transformam em moscas... etc.

<sup>127</sup> “de rastejante... torna-se animal voador”, lit.<sup>ic</sup>: “de réptil... torna-se ave”...

<sup>128</sup> “nem emite qualquer som”: o gr. diz claramente “nem canta”... obviamente no sentido em que também as cigarras *cantam*...

<sup>129</sup> “apanhar na rede” ... “cair nos tentáculos” (ou *patas*) de...; “apanhar na armadilha” ... “cair na rede / teia de...”. É tudo uma questão de traduzir

sua bravura não preciso de ser eu a falar, mas sim o mais grandiloquente dos poetas, Homero. De facto, ao pretender elogiar o melhor dos heróis<sup>(130)</sup>, compara a sua bravura, não à de um leão, de um leopardo<sup>(131)</sup>, ou de um javali, mas sim à audácia da mosca e à intrepidez e tenacidade da sua arremetida. O poeta não diz que ela tem *thrásos* (θράσος), “descaramento”, mas sim *thársos* (θάρσος), “audácia”<sup>(132)</sup>. Na verdade — diz ele —, repetidamente enxotada<sup>(133)</sup>, mesmo assim não desiste, mas só procura morder<sup>(134)</sup>. E de tal modo elogia e estima a mosca, que a menciona, não uma vez, nem em poucas palavras, mas muitas vezes, e essa menção embeleza os seus versos. Ora descreve o seu voo num enxame compacto em busca de leite<sup>(135)</sup>, ora, comparando Atena (quando esta desvia de Menelau a seta, para que ela não atinja um órgão vital) a uma mãe que vela pelo seu bebé adormecido, introduz novamente a mosca na comparação<sup>(136)</sup>. Além disso, exornou-as com um belíssimo epíteto, dirigindo a elas como *adinás* (ἀδινάς), “compactas”<sup>(137)</sup>, e chamando aos seus enxames *éthnē* (ἔθνη), “nações”.

6. E tão forte, que, sempre que morde em algo, faz ferida, não só na pele do homem, mas também na do boi e do cavalo, e até atormenta um elefante, ao penetrar-lhe nas rugas, picando-o com a tromba, até onde o comprimento desta o permitir. Na união sexual, nos prazeres do amor e no casamento<sup>(138)</sup>, gozam de grande

---

pelo sentido etimológico ou pelo sentido figurado: v. (dics.) *sagēneúō* (σαγήνεύω) e *plektānē* (πλεκτάνη).

<sup>130</sup> *Il.*, XVII, 570-572. O “melhor dos heróis” é, aqui, Menelau, elogiado por Atena: “e no peito pôs-lhe a audácia do moscardo / que apesar de enxotado amiúde da pele do homem / teima em picar, pois doce lhe é o sangue humano”. Trad. de Frederico Lourenço, *Iliada*, “Cotovia”, 2005.

<sup>131</sup> “leopardo” ou “pantera”...

<sup>132</sup> Embora os termos, pelo menos em poesia, sejam intermutáveis, a prosa ática tende a distinguir o *bom* do *mau* atrevimento.

<sup>133</sup> “repetidamente enxotada”: a ideia de repetição está contida no aspecto *contínuo* do part. pres.

<sup>134</sup> “morder”... ou seja, “picar”.

<sup>135</sup> *Iliada*, II, 469-471; XVI, 641-643.

<sup>136</sup> *Iliada*, IV, 129-131. Atena desviou a seta de Menelau, “... do mesmo modo que uma mãe afasta / uma mosca do filho adormecido...”.

<sup>137</sup> O adj. grego *adinós* (ἀδινός) é de uso exclusivamente poético (Homero, Píndaro), que um grego sentia precisamente com uma ressonância poética, difícil de verter para português.

<sup>138</sup> Três termos praticamente sinónimos, eventualmente dispensáveis... para quem se aplicam.

liberdade, e o macho não faz como os galos, que mal montam [as fêmeas], logo se apeiam, mas antes cavalga a fêmea durante muito tempo, enquanto esta transporta o noivo, e ambos voam em conjunto, sem que o voo prejudique aquela união aérea. Quando se lhe corta a cabeça, uma mosca vive ainda muito tempo só com o [resto do] corpo, mantendo um sopro de vida.

7. Mas quero agora falar do fenómeno mais extraordinário que se verifica na natureza da mosca. Julgo mesmo que este é o único ponto que Platão descarta na sua obra sobre a alma e a imortalidade desta. De facto, quando uma mosca morre, se vertermos sobre ela um pouco de cinza, ela ressuscita, sofre uma regeneração e inicia uma segunda vida desde o princípio, o que basta para convencer toda a gente de que a alma das moscas também<sup>(139)</sup> é imortal, porquanto, tendo partido [do corpo], regressa [a ele] novamente, reanima-o e faz com que a mosca volte a voar, o que corrobora a história [que se conta] a respeito de Hermitimo de Clazómenas, segundo a qual a sua alma o abandonava com frequência e viajava sozinha, mas depois regressava, voltava a insuflar o corpo e reanimava Hermitimo.

8. Preguiçosa e mandriona como é, usufrui do trabalho dos outros e tem por toda a parte uma mesa farta. De facto, as cabras são ordenhadas para seu proveito, a abelha não trabalha menos [para si], do que para as moscas e para os homens, é para ela que os cozinheiros confeccionam as iguarias, que ela prova antes dos próprios reis, em cujas mesas perambula, em cujos banquetes participa, fruindo de tudo [o que é bom<sup>(140)</sup>].

9. Não estabelece o seu ninho ou a sua morada num único local, mas, levantando um voo errante, ela, à maneira dos Citas<sup>(141)</sup>, faz a sua casa e a sua cama onde quer que a noite a tenha surpreendido. Nas trevas, porém, conforme já disse, não faz nada nem pretende fazer às escondidas, pois não cuida de cometer algum acto vergonhoso, que, a ser cometido à luz do dia, a deixaria envergonhada<sup>(142)</sup>.

---

<sup>139</sup> “também”, ou seja, como a alma do homem.

<sup>140</sup> “o que é bom” está incluído no próprio verbo *fruir, gozar...*

<sup>141</sup> Os Citas, povos do nordeste da Europa e do norte da Ásia, eram vistos como gente inculta, sem rígida organização social, fundamentalmente nómadas...

<sup>142</sup> Esta atribuição à mosca de um elevado espírito de decência só pode ser levada à conta do pendor brincalhão de Luciano...

10. Diz a lenda que existiu outrora uma criatura<sup>(143)</sup> de nome *Muía* (Μυῖα), “*Mosca*”, muito formosa, mas também muito linguaruda e desbocada, e muito dada ao canto, e que foi rival de Selene<sup>(144)</sup>, ambas apaixonadas por Endímion. Então, como esta despertasse repetidamente o jovem adormecido, ora gracejando, ora cantando, ora chalaceando com ele, o moço irritou-se, e Selene, furiosa, transformou *Muía*, “*Mosca*”, neste animal. É por isso que actualmente, ainda recordada de Endímion, ela detesta, só por estarem a dormir, todos os adormecidos, muito especialmente os jovens de tenra idade. A sua mordedura, porém, não significa avidez de sangue nem crueldade, mas é, pelo contrário, um sinal de amor e de filantropia. Na verdade, é desta maneira que ela goza e desfruta um pouco de beleza.

11. Existiu, em tempos antigos, uma certa mulher homónima desta, muito formosa e muito sábia, e ainda uma outra, que era uma famosa meretriz ateniense, a respeito da qual o poeta cómico<sup>(145)</sup> disse:

*De Mosca a picadela || feriu-lhe o coração.*

Como se vê, nem mesmo a graça cómica considerou indigno nem excluiu da cena este nome de *mosca*, nem os pais se envergonharam de dar esse nome às suas filhas. Também a tragédia menciona a mosca, com [palavras de] grande louvor, como nos versos seguintes<sup>(146)</sup>:

*Muito estranho é que uma mosca || com intrépida bravura  
ataque os corpos dos homens, || pra se saciar de sangue,  
mas que hoplitas bem armados || temam a lança inimiga.*

---

<sup>143</sup> O gr. diz *ánthrōpos* (ἄνθρωπος), “ser humano” (homem ou mulher). Há quem traduza logo por “mulher”, mas o port. *criatura* (ou *pessoa*...) é, do ponto de vista do género-sexo, o termo que mais se aproxima do gr. *ánthrōpos*.

<sup>144</sup> Selene (a Lua) comprazia-se em contemplar todas as noites o formoso pastor Endímion, enquanto este dormia na sua gruta. A história de *Muía*, a Mosca, parece um acrescento mais ou menos literário, de que Luciano faz eco, para os fins da sua prelecção.

<sup>145</sup> Poeta não identificado, há quem sugira Aristófanes. O verso é um trímetro iâmbico, a que dei um certo aspecto métrico (quase iâmbico): *De Mosc(a) a picadela || feriu-lh( )e o coração.*

<sup>146</sup> Tragediógrafo não identificado. Há quem sugira Eurípides...

Teria ainda muita coisa que dizer acerca de *Muia*, “*Mosca*”, a filha de Pitágoras, se a sua história não fosse conhecida de toda a gente.

12. Existem também umas moscas enormes, a que a maior parte das pessoas chama *stratiótides*, “*guerreiras*”, e outros chamam *kúnas*, “*cadelas*”, que emitem um zumbido extremamente áspero e têm um voo rapidíssimo; têm uma vida muito longa e resistem todo o Inverno sem se alimentarem, recolhidas sobretudo nos telhados. Dá-se com elas um fenómeno digno de admiração, a saber, procedem de duas maneiras, ora como fêmeas, ora como machos, ora sendo cobertas, ora cobrindo, mas à vez, como o filho de Hermes e de Afrodite, que tinha uma natureza híbrida e uma dupla beleza.

Embora tenha ainda muitas coisas que contar, ponho um fim definitivo a esta dissertação, a fim de não dar a impressão de, como diz o provérbio, “*fazer de uma mosca um elefante*”.

*NIGRINO*

(Página deixada propositadamente em branco)



## INTRODUÇÃO

Para começar, não sabemos quem era este Nigrino, aparentemente — a julgar pelos elogios que lhe faz Luciano — um estimável filósofo platónico, que Luciano terá conhecido não se sabe onde (na Grécia? Na Ásia Menor?), mas que, em determinado período, passa a viver em Roma, aonde Luciano, aproveitando uma visita a um oftalmologista, o foi visitar, numa casa cheia de livros, quadros e estátuas de filósofos, enfim, num ambiente profundamente cultural.

Depois de uma dedicatória, em forma de carta, dirigida a Nigrino, Luciano oferece-lhe este trabalho, que, nos §§1-12, assume a forma de diálogo entre (supõe-se) Luciano e um amigo, a propósito de Nigrino, mas sem que Luciano concretizasse o que o outro mais gostaria de saber, ou seja, o teor da conversa que tanto o havia deslumbrado e como que “embriagado”. O leitor, ao ler esta parte da obra, fica com a impressão de “arrastamento” excessivo, que mais nítido se torna quando, finalmente, lhe é dado, tal como ao “Amigo” de Luciano, aceder ao pensamento do filósofo.

De facto, Luciano só no §12 inicia a descrição das ideias morais de Nigrino, descrição que, agora, vai sem interrupção até ao §37, após o que a obra termina em curto diálogo, em que o “Amigo” se confessa também “contagiado”, ainda que indirectamente, pela força anímica do filósofo.

Este Nigrino, ainda que seja apresentado como um filósofo platónico, revela-se, afinal, pela sua simplicidade e despreendimento das coisas materiais, mais como um imitador de Sócrates e, no limite, como um filósofo cínico moderado.

Logo de início, Nigrino elogia o clima de simplicidade e tolerância dos habitantes de Atenas, por oposição ao ambiente escaldante e pouco recomendável de Roma, onde se vê obrigado a residir. Esta oposição entre Atenas e Roma constitui o sumo da longa exposição do filósofo moralista, e, para o leitor moderno, é um quadro do contraste daquelas duas cidades no séc. II d.C.: uma Atenas “provincial” e “provinciana”, culta, sim, mas pacata, e uma Roma cosmopolita e viciosa, a fazer-nos lembrar as zonas de “má vida” das modernas metrópoles, com vielas imundas peçadas de bêbados a vomitar junto dos bordéis, mas também, por outro lado, com zonas nobres apetrechadas de balneários de um

asseio e de um luxo impecáveis, onde os grandes senhores se pavoneiam acompanhados de criados e “capangas”, a que chamam “clientes”.

CARTA A NIGRINO

*Luciano Saúda Nigrino:*

Diz o provérbio: *Uma coruja para Atenas*, para significar que é ridículo levar corujas para essa cidade, já que lá existem com abundância<sup>(147)</sup>. Ora se eu, pretendendo demonstrar a força da minha eloquência, escrevesse um livro dedicado a Nigrino e depois lho enviasse, prestar-me-ia ao ridículo, como se realmente importasse<sup>(148)</sup> corujas. Como, porém, somente pretendo revelar-te o meu pensamento, tal como neste momento me sinto, e porque fui atingido, e não superficialmente, pelo teu discurso, talvez escape àquela frase de Tucídides, que diz que “*a ignorância gera atrevimento, mas a reflexão torna-nos prudentes*”<sup>(149)</sup>. Mas é manifesto que a causadora deste meu atrevimento não é somente a ignorância, mas também o afecto que sinto pelas tuas obras.

Passa bem.

**A sabedoria de Nigrino**

1. AMIGO<sup>(150)</sup> — Como tu regressaste assim tão solene e tão altivo! Realmente, já nem te dignas olhar sequer para nós, nem participas nas nossas reuniões, nem te associas aos nossos debates, mas, de repente, ficaste transformado. Numa palavra, tens um ar arrogante. Mas gostava muito de saber da tua boca o motivo por que estás assim tão estranho... a causa desta tua atitude.

---

<sup>147</sup> O provérbio correspondente em português diz: *Ensinar o Padre-Nosso ao cura*.

<sup>148</sup> “importasse”: O autor da carta, Luciano, está a escrevê-la *de Atenas*.

<sup>149</sup> Tucídides, II, 40, 3.

<sup>150</sup> Luciano apresenta a personalidade ética de Nigrino em forma de diálogo entre duas personagens, que alguns editores (“Loeb”...) registam como *A* e *B*, mas que outros especificam como sendo *Um amigo (A)* e *Luciano (B)*. Atendendo ao facto de a personagem *B* representar plenamente Luciano como admirador de Nigrino, não tem qualquer inconveniente considerar o autor do Diálogo como um dos seus participantes.

LUCIANO — Que outra causa, meu amigo, senão a felicidade?

AMIGO — Como assim?

LUCIANO — Na sequência da minha viagem<sup>(151)</sup>, apareço-te aqui feliz e venturoso, ou, como se diz no teatro, “três vezes bem-aventurado”.

AMIGO — Por Héracles! Assim em tão pouco tempo?

LUCIANO — Exactamente.

AMIGO — E depois? Que coisa foi essa que te fez tão emproado? Não nos regozijemos<sup>(152)</sup> só com as linhas gerais, mas precisamos de escutar toda a história, para ficarmos a saber tudo minuciosamente.

LUCIANO — Não te parece, por Zeus!, uma coisa admirável, que eu, em vez de escravo, me tenha tornado um homem livre, em vez de pobre, um homem, por assim dizer, rico, em vez de insensato e enfatuado, uma pessoa mais comedida?

2. AMIGO — Sim, é coisa muito importante... mas ainda não percebi claramente o que queres dizer com isso.

LUCIANO — Tinha-me deslocado à cidade<sup>(153)</sup> [de Roma], propositadamente no intuito de consultar um certo médico dos olhos, pois o padecimento de um dos olhos agravava-se cada vez mais.

AMIGO — Sei disso tudo em pormenor, e até fiz votos para que desses com uma pessoa capaz.

LUCIANO — Tendo desde há muito pensado em visitar Nigrino, o filósofo platónico, levantei-me logo de manhã cedo, a fim de ir a sua casa. Bati à porta, um criado anunciou-me, e logo fui introduzido. Ao entrar, encontro-o com um livro nas mãos<sup>(154)</sup> e com muitas imagens<sup>(155)</sup> de filósofos antigos espalhadas à sua volta. A meio [da sala], sobressaía um quadro com o

---

<sup>151</sup> Viagem a Roma: v. a seguir.

<sup>152</sup> “regozijemos” ... “precisamos” ... “ficarmos...”: plurais majestáticos.

<sup>153</sup> a “cidade”, ou “Cidade” pode ser, por excelência, Atenas, Roma, etc... Neste caso, como Luciano escreve de Atenas, é óbvio que se refere a Roma. A título de curiosidade, os gregos de hoje referem-se vulgarmente a Istambul, ou Constantinopla, como *i Póli*, η Πόλιη.

<sup>154</sup> “nas mãos”, plural, pois tratava-se de *rolos*, que eram lidos precisamente com o auxílio das duas mãos, uma que desenrolava, enquanto a outra enrolava.

<sup>155</sup> “imagens”, acusat. *eikónas* (εἰκόνας) “quadros” (pintados) ou “estatuetas”, “bustos”...

desenho de algumas das figuras de geometria. Havia também uma esfera feita de verga, que representava, julgo eu, o Universo<sup>(156)</sup>.

3. Então, depois de me saudar com muita amizade, perguntou-me como é que eu estava<sup>(157)</sup>. Eu contei-lhe tudo e, é claro, pela minha parte, quis também saber como é que ele estava e se tencionava voltar de novo à Grécia.

Mal Nigrino começou a falar sobre este tema e a expor a sua opinião pessoal, lançou sobre mim uma tal ambrósia de palavras<sup>(158)</sup>, que superava as famosas Sereias (se é que realmente existiram<sup>(159)</sup>), os rouxinóis e o antigo loto<sup>(160)</sup> de Homero... a tal ponto eram divinas as suas palavras!

4. Depois continuou, elogiando a Filosofia em si mesma, bem como a liberdade que desta advém, troçando daqueles valores vulgarmente considerados como bens, como a riqueza, a glória, a realeza, as honrarias, e ainda o ouro e a púrpura, coisas essas cobiçadas pela maioria das pessoas, e que também a mim, até então, se apresentavam como tais. Então, ao escutar essas palavras com espírito ao mesmo tempo atento e aberto, de repente, deixei de ser capaz de explicar o que se passava comigo e fiquei com sentimentos desencontrados. Ora ficava triste, ao ver censuradas aquelas coisas que me eram tão queridas, como a riqueza, o dinheiro e a glória, pouco faltando para chorar ao vê-las assim tão rebaixadas, ora essas mesmas coisas me pareciam mesquinhas e ridículas, e então regozijava-me, como se, passando da atmosfera obscura da minha vida anterior, contemplasse agora um céu

---

<sup>156</sup> Trata-se de uma esfera armilar, gr. *krikōtḗ sphaira* (κρικωτῆ σφαῖρα), “esfera composta por círculos”, que representava, não a Terra (que *ainda* não era esférica!), mas o firmamento...

<sup>157</sup> “como é que eu estava (de saúde...)”, é um sentido especial de *práttō* (πράττω), como ingl. *How do you do?*, ou gr. mod. *ti kánis?* (τι κάνεις;), lit.<sup>ie</sup> “Que é que *fazes?*”... “Como estás?”. Um pouco abaixo, ocorre o mesmo sentido daquele verbo.

<sup>158</sup> “ambrósia de palavras” = “palavras doces como ambrósia”. A ambrósia e o néctar, feitos com base no mel, eram o alimento dos deuses.

<sup>159</sup> Não deixa de ser curioso este “toque” de dúvida, que até me sugere um comentário à margem do texto, mas que, numa cópia posterior, teria (?) acabado por nele se introduzir...

<sup>160</sup> O *loto*, *lótus* ou *lódão* é um estupefaciente, que fazia esquecer as agruras da vida, e, no caso dos companheiros de Ulisses, até mesmo as saudades do lar...

límpido e luminoso<sup>(161)</sup>. Então — o mais estranho de tudo isto —, esqueci-me do meu olho e da sua doença, enquanto, a pouco e pouco, o meu espírito se tornava cada vez mais penetrante, ele que, até então, e sem que eu tivesse disso consciência, vagueava por aí completamente cego.

5. De avanço em avanço, fui levado à situação que ainda há pouco me censuravas. Agora, devido à sua dissertação, sou [um homem] orgulhoso e altivo, e não ligo absolutamente nada a coisas mesquinhas. Na verdade, creio que passei, no caso da Filosofia, pela mesma experiência que os Indianos tiveram com o vinho, quando pela primeira vez provaram essa bebida. É que, por serem de sua natureza mais quentes, ao ingerirem uma bebida tão forte, imediatamente ficaram numa excitação báquica e duplamente loucos, por acção do vinho puro<sup>(162)</sup>. Assim, também eu deambulo por aí como um possesso, embriagado pelas palavras de Nigrino.

6. AMIGO — Isso não é de modo algum estar embriagado, mas sim estar sóbrio e ser sensato... Mas eu gostaria de ouvir, se fosse possível, as suas próprias palavras. Na verdade, não é justo recusares-te a dizê-las<sup>(163)</sup>, especialmente se aquele que deseja ouvir é um amigo interessado em semelhante matéria.

LUCIANO — Tem calma, caro amigo. Na verdade, estás a pedir a quem já está determinado aquilo de que fala Homero<sup>(164)</sup>; e se tu não te tivesses adiantado, eu próprio te pediria que escutasses a minha narração. Sim, quero que tu te apresentes junto da maioria das pessoas como minha testemunha de que não é sem razão que eu estou possuído desta loucura. Aliás, não só me é agradável rememorar muitas vezes essas suas palavras, como até já o fiz como exercício<sup>(165)</sup>. Assim, se acontece não

---

<sup>161</sup> Alusão ao mito platónico da caverna (Platão, *República*, início do livro VI.

<sup>162</sup> O vinho puro, *ákratós oínos* (ἄκρατος οἶνος) era normalmente diluído com uma certa proporção de água. Só os grandes beberrões é que o bebiam puro. É interessante saber que em grego moderno a palavra corrente para “vinho” é *krasí* (κρασί)... que já não significa “(vinho) com mistura”.

<sup>163</sup> Parece que os manuscritos contêm, neste passo, uma lacuna...

<sup>164</sup> *Iliada*, VIII, 293-294: Teucro responde a Agamémnon, que o incitava à luta contra os Troianos: “... porque me excitas, / quando eu próprio já me apresso?...”.

<sup>165</sup> “exercício” de repetição e de memorização da lição do mestre, processo que fazia parte do aprendizado, nomeadamente nas aulas de filosofia, retórica...

ter ninguém por perto, faço para comigo próprio, duas ou três vezes por dia, uma revisão do que foi dito.

7. É assim como os amantes apaixonados<sup>(166)</sup>, quando os seres amados não estão presentes, repassam na memória tudo quanto por eles<sup>(167)</sup> foi feito e foi dito, e, entretidos com esses pensamentos, enganam o mal de amor<sup>(168)</sup>, como se os seus entes queridos estivessem presentes (alguns até imaginam que se lhes estão dirigindo e sentem prazer como se acabassem de ouvir o que eles anteriormente lhes haviam dito, e assim, ligando o seu espírito à memória dos actos passados, não têm tempo de se afligir com o presente), assim também eu, na ausência da própria Filosofia<sup>(169)</sup>, encadeando as palavras que então escutei e voltando-as para [se aplicarem a] mim próprio, sinto uma enorme consolação. Em resumo, é como se, à deriva no alto mar em noite escura, eu avistasse este “farol”, imaginando que esse grande homem está presente em todas as minhas acções, e que eu estou sempre como que a ouvi-lo em pessoa dizendo-me aquelas mesmas palavras. Algumas vezes, especialmente quando concentro o meu espírito, aparece-me o seu rosto, e o som da sua voz permanece nos meus ouvidos. De facto, como diz o comediógrafo<sup>(170)</sup>, é como se *deixasse* um autêntico *aguilhão* [espertado] *nos* [ouvidos dos] *ouvintes*.

8. AMIGO — Ó admirável criatura, deixa-te lá de longos prelúdios<sup>(171)</sup>, e recita-me, remontando ao seu início, as próprias palavras [do homem]. É que, com essas digressões, já estás a irritar-me, e não é pouco.

---

<sup>166</sup> “amantes apaixonados”: o gr. diz. numa só palavra, *hoi erastai* (οἱ ἐρασταί).

<sup>167</sup> “por eles”, ou seja, pelas duas partes.

<sup>168</sup> “mal de amor”, no texto gr., *nósos* (νόσος) “doença”, ou seja, o amor visto como uma enfermidade, aquilo que os elegíacos latinos designavam por *amor morbus*.

<sup>169</sup> Esperar-se-ia, em termos mais concretos (e menos fortes), “na ausência do filósofo (Nigrino)”.

<sup>170</sup> Êupolis, referindo-se à eloquência de Péricles. Este foi-nos transmitido por Diodoro Sículo (Kock, *Comicorum atticorum fragmenta*, 94). A citação de Luciano não é exacta: nomeadamente, substitui o poético *tois akroōménois* (τοῖς ἀκροωμένοις) pelo “normal” *tois akouousin* (τοῖς ἀκούουσιν).

<sup>171</sup> O verbo (voz média) *anakrouomai* (ἀνακρούομαι) é um termo musical, “preludiar” uma ária, mas também um discurso.

LUCIANO — Dizes bem, e é assim que devo passar a proceder. Mas, meu amigo, já tens visto certos maus actores trágicos, ou, por Zeus!, mesmo cómicos, quero eu dizer, desses que são assobiados, que arruínam as peças e que acabam por ser expulsos [da cena], muito embora as obras [que eles representam] sejam de boa qualidade e mesmo premiadas?

AMIGO — Sim, sei de muitos desse tipo... Mas... que queres dizer com isso?

LUCIANO — Receio que, no meio de tudo isto, eu pareça, a teus olhos, representar [o papel] de maneira ridícula, quer encadeando desordenadamente [o discurso], quer, outras vezes, e por incapacidade [minha], adulterando-lhe o sentido, a ponto de tu seres insensivelmente levado a condenar toda a obra. No que me toca a mim pessoalmente, não fico lá muito consternado, mas aflige-me, e não pouco, o facto de, por minha culpa, a “peça” parecer sair degradada e motivo de vergonha.

9. Portanto, lembra-te disto ao longo de todo o meu discurso, ou seja, que o nosso<sup>(172)</sup> “poeta”<sup>(173)</sup> não é responsável por essas nossas faltas, ele está sentado algures afastado da cena, nada se importando com o que se passa no teatro, enquanto eu te demonstro em pessoa que espécie de actor eu sou no que respeita à minha memória, pois quanto ao resto não difiro em nada de um mensageiro de tragédia. Assim, se te parecer que eu pronuncio alguma parte de maneira mais fraca, tem bem presente que [essa parte] era melhor, e que muito provavelmente o “poeta” a recitava de maneira diferente. Cá por mim, se tu me vaiares com assobios<sup>(174)</sup>, não me afligirei mesmo nada.

10. AMIGO — Por Hermes! Acabas de fazer um belo exórdio, segundo as normas dos retores. Dá-me até a ideia de que irias acrescentar que a vossa conversa foi curta, que não vieste preparado falar e que seria bem melhor escutar as suas próprias palavras, pois acontece que só tinhas recolhido na memória algumas poucas palavras — as que tinham sido possíveis. Não

---

<sup>172</sup> “nosso” (poeta)... “nossas” (faltas): plurais majestáticos.

<sup>173</sup> O “nosso poeta”, em sentido figurado (tirado do exemplo precedente), é o filósofo Nigrino.

<sup>174</sup> O gr. *eksürítō* (ἐκσυρίττω) contém as ideias de “assobiar” (“vaiar com assobios”) e de “expulsar” (prev. *ek-*: ἐκ-). Imaginamos assobios misturados com gritos de “*Fora!*”.



era isso o que ias dizer? Pois cá comigo não precisas de nada disso. Antes considera que, a esse respeito, já preludiaste tudo, e que eu já estou pronto a aplaudir<sup>(175)</sup> e a bater palmas. Mas se tu tardares, então sim, zangar-me-ei ao longo da “peça”<sup>(176)</sup> e mandar-te-ei assobios estridentes.

11. LUCIANO — Também eu desejaria ter dito essas coisas que tu referiste, e que, além disso, iria fazer uma exposição, mas não de enfiada, nem exactamente como ele falou, nem sobre todos os assuntos [que ele focou], pois tal coisa é-me impossível. Por outro lado, também não lhe atribuiria as minhas próprias palavras<sup>(177)</sup>, para não me tornar igual a esses tais actores, os quais, tantas vezes, tomando a máscara de Agamémnon, de Creonte ou de Hércules, envergando vestes bordadas a ouro, assumindo um olhar feroz e de boca escancarada, soltam um som fraquinho, muito fino e feminino, e muito mais delicado que o de Hécuba ou de Políxena<sup>(178)</sup>. Portanto, não se dê o caso de eu próprio ser acusado de pôr uma máscara muito maior que a minha cabeça e de encher de vergonha o meu traje, quero falar-te de cara destapada, de modo que, em caso de falhanço [da minha parte], não arruíne o herói que eu estou a representar.

12. AMIGO — Mas não deixará este homem de utilizar comigo um estilo de cena e de tragédia?

LUCIANO — Sim, sim, vou mesmo terminar e regressar imediatamente ao tal assunto. Ora, o começo do discurso de Nigrino constituía um elogio da Grécia e dos cidadãos atenienses, pelo facto de estes serem companheiros da Filosofia e da pobreza e não gostarem de ver nenhum dos seus concidadãos

---

<sup>175</sup> “aplaudir”: o gr. diz *boân* (βοᾶν), “gritar”, que uns entendem como de aplauso, e outros como de desagrado. Julgo que o contexto aponta para “aplaudir” ... e “bater palmas”, por oposição a “zangar-se” e “assobiar”, caso o seu interlocutor não se apresse a repetir o discurso de Nigrino.

<sup>176</sup> “peça”... de teatro, aqui em sentido figurado = “ao longo da tua exibição (“teatral”)”.

<sup>177</sup> Quer Luciano dizer que usará o estilo indirecto, e não as próprias palavras de Nigrino. Trata-se de uma maneira de salvaguardar alguma imprecisão de linguagem, a qual não poderá ser atribuída ao filósofo Nigrino, mas àquele (Luciano) que, deste modo, tenta transmitir o seu pensamento.

<sup>178</sup> *Políxena*, proparoxítone, é a forma correcta, segundo a norma da adaptação ao português (penúltima sílaba breve). No entanto, em poesia (devido a dificuldades de rima... e outras), encontra-se *Policena* (Camões, *Lus.*, III, 131, 1, e também Gil Vicente, *Comédia de Rubena* e *Auto da Barca do Purgatório*).

ou estrangeiros esforçar-se por introduzir o luxo entre eles, mas, pelo contrário, se algum destes vem à sua cidade com este propósito, a pouco e pouco fazem-no mudar de ideias, reeducam-no e convertem-no ao seu estilo de vida muito frugal.

13. Então Nigrino recordou um desses homens riquíssimos, o qual, tendo chegado a Atenas todo enfatuado e muito arrogante, com uma turba de criados, umas vestes garridas e [carregado de ouro, julgava que seria invejado por todos os atenienses e seria considerado [um homem. muito feliz. Para os atenienses, porém, o homenzinho afigurava-se-lhes um infeliz, pelo que tentavam corrigi-lo, mas não com dureza e sem o dissuadirem directamente de viver, numa cidade livre, da maneira que entendesse. Ora, como o fulano, nos ginásios e nos banhos, se tornasse muito incomodativo, com os criados a acotovelarem e a empurrarem toda a gente, uma ou outra vez<sup>179</sup>) alguém murmurava baixinho, fingindo não querer ser notado e como se não se dirigisse directamente a ele: “*Receia ser assassinado enquanto toma banho; e no entanto, reina no balneário uma grande tranquilidade; portanto não é cá preciso um exército.*” Então o fulano, à força de ouvir [tais comentários., ia-se corrigindo. Quanto àquelas vestes garridas e tingidas de púrpura, conseguiram que ele as abandonasse, ao troçarem com graça delicada<sup>180</sup>) da garridice floreada<sup>181</sup>) das cores, dizendo: “*Já é Primavera*”, ou: “*Donde nos veio este pavão?*”, ou ainda: “*Certamente traz o vestido da mãe*”, e outras piadas<sup>182</sup>) deste género. E de tal modo troçavam dos outros adornos, como o tamanho exagerado dos anéis, o requinte do seu penteado e a licenciosidade do seu comportamento, que, a pouco e pouco, ganhou juízo e, corrigido pela sociedade, partiu dali muitíssimo melhor [do que tinha chegado..

14. Para mostrar que os Atenienses não se envergonham de confessar a sua pobreza, citou-me uma certa frase que ele afirmava ter ouvido pronunciar por todos [os espectadores] a uma só voz,

---

<sup>179</sup> *án* (ἄν) + aor. indicat. ou imperf. indicat. significa *repetição da acção...*

<sup>180</sup> “com graça delicada”, gr. *asteiós* (ἄστειος), “em tom urbano”, não grosseiro.

<sup>181</sup> “garridice floreada”, gr. uma só palavra: *tò anthērón* (τὸ ἀνθηρόν) “o floreado”.

<sup>182</sup> “piadas deste género”: o gr. diz, vagamente, “*coisas deste género*”, processo habitual.

nos Jogos Panatenaicos. Foi o caso que, tendo certo cidadão sido detido e conduzido à presença do agonóteta<sup>(183)</sup>, pelo facto de estar a assistir envergando um manto de cores garridas<sup>(184)</sup>, as pessoas, ao verem-no assim [vestido], tiveram compaixão dele e pediam que lhe perdoassem. Então, quando o arauto anunciou que o homem tinha procedido contra a lei, ao apresentar-se com tais vestes, todos os espectadores gritaram a uma só voz, como se estivessem ensaiados, para que concedessem perdão ao homem vestido daquela maneira, uma vez que ele não tinha outra roupa.

Nigrino elogiava esta maneira de ser, bem como a liberdade que ali reinava, o modo de vida isento de invejas, a tranquilidade e o ócio, qualidades que neles existem em abundância. Enfim, fazia-me ver que o seu estilo de vida está em conformidade com a Filosofia e é capaz de preservar a pureza de costumes, e que o modo de vida nessa cidade<sup>(185)</sup> é extremamente apropriado a um homem honesto, educado no desprezo da riqueza e que optou por viver honestamente em harmonia com a Natureza.

15. Pelo contrário, todo aquele que ama apaixonadamente a riqueza, que se deixou enfeitiçar pelo ouro, que mede a felicidade pela púrpura e pelo poder, que não provou a liberdade, que não experimentou a livre expressão, que nunca viu a verdade, que sempre conviveu com a lisonja e com a escravidão, ou todo aquele que orientou todo o seu pensamento para o prazer e decidiu prestar-lhe culto, que gosta de mesas requintadas, que é dado a bebidas e a prazeres de amor, que está cheio de imposturice, de enganos e mentiras, enfim, todo aquele que se compraz em ouvir música de cordas ou de sopro<sup>(186)</sup>, bem como cantigas libertinas... a esses — dizia ele — convém o modo de vida desta cidade<sup>(187)</sup>.

---

<sup>183</sup> O agonóteta era o presidente dos jogos e, em certos casos, o árbitro das competições.

<sup>184</sup> Era proibido assistir aos jogos em honra da casta Atena com vestes garridas, pelo que se impunha (a própria lei impunha) uma certa sobriedade.

<sup>185</sup> O gr. diz “ali”, i.é, “nessa cidade” (em Atenas). As palavras de Nigrino são pronunciadas *em Roma*, pelo que “ali” significa “em Atenas”. Portanto, no parágrafo seguinte, “aqui” significa “em Roma”.

<sup>186</sup> Refere-se a notas tocadas com o plectro (lira, cítara), *kroúmata* (κρούματα), e a notas sopradas (flauta), *teretismata* (τερεισίματα).

<sup>187</sup> “desta cidade”, gr. “de cá”, ou seja, de Roma. Embora Luciano esteja em Atenas, está a atribuir a Nigrino palavras pronunciadas em Roma, aonde fora visitá-lo.

16. De facto, todas as ruas e todas as praças estão pejudadas de coisas que lhes são agradáveis. Em todas as portas podem receber algum prazer, quer para os olhos, quer para os ouvidos, quer para o olfacto, quer pela boca, quer pelo sexo. É em função desse prazer que se abrem todas as vias<sup>(188)</sup>, numa torrente constante e lamacenta. De facto, é por aí que penetram o adultério, a avareza, o perjúrio e toda a casta de paixões, e que são erradicados da alma, atolada [nesse lodaçal], o pudor, a virtude e a justiça. Então o “campo”, privado destas virtudes, mas sempre ardendo<sup>(189)</sup> de desejo<sup>(190)</sup> [de produzir], desabrocha em muitas paixões grosseiras.

Foi assim que Nigrino me pintou a cidade [de Atenas]<sup>(191)</sup> como mestra de tantas e tamanhas virtudes.

17. “Por isso eu — disse ele —, quando pela primeira vez aqui regresssei, vindo da Grécia, já muito próximo [da cidade], parei e perguntei a mim mesmo por que motivo aqui vinha, citando as famosas palavras de Homero<sup>(192)</sup>:

*Porquê, ó desgraçado, || deixando a luz do sol,...*

a Grécia, a sua famosa felicidade e a sua liberdade, aqui *vens*, para veres o alvoroço que aqui reina, sicofantas, saudações arrogantes, jantaras, adultores, assassinatos, caça aos testamentos e amizades fingidas? Que é que tencionas fazer, incapaz [como és] quer de evitar, quer de praticar os costumes [aqui] estabelecidos?”

18. “Assim falando comigo mesmo, e fazendo como Zeus em relação a Heitor, afastei-me — como sói dizer-se — das “*frechadas*,”

---

<sup>188</sup> São as “vias” acima enumeradas: os olhos, os ouvidos, o olfacto, a boca e o sexo.

<sup>189</sup> “ardendo”, *pimprámenos* (πιμπράμενος), é emenda de A. M. Harmon (“Loeb”), mas também poderíamos manter a lição dos manuscritos: *pimplámenos* (πιμπλάμενος) “cheio”.

<sup>190</sup> “desejo”, um dos sentidos figurados de *dípsa* (δίψα) “sede”, cf. port. *sede de vingança*, etc.; o acrescento [“de produzir”] é interpretação minha, diferente da de outros tradutores.

<sup>191</sup> Embora, na última parte do discurso, o filósofo falasse dos vícios de Roma, a “cidade” aqui referida é Atenas, da qual fizera o elogio (§12-14); aliás, “mestra de tais virtudes” só pode, neste contexto, aplicar-se a Atenas, pois aplicada a Roma... só por ironia...

<sup>192</sup> *Odisseia*, XI, 93(-94: “aqui *vens*”, mais adiante). No passo homérico, o adivinho Tirésias dirige-se a Ulisses, que descera ao Hades, a fim de se informar do seu regresso a Ítaca...

e decidi, daí em diante, viver isolado em casa e, propondo-me levar uma vida que muitos consideram efeminada e covarde, convivo com a própria Filosofia, com Platão e com a Verdade. E sentando-me como num teatro apinhado de espectadores, observo os acontecimentos cá do alto, alguns susceptíveis de me proporcionarem enorme divertimento e riso, e outros que me dão conhecimento prático do homem verdadeiramente forte.”

19. “Na verdade, se me é lícito fazer algum elogio dos vícios, não creias que haja maior exercitação da virtude ou mais verdadeira experimentação da alma, do que esta cidade e o seu modo de vida. De facto, não é coisa de somenos resistir a tantos desejos, a tantas coisas para ver e a tantas coisas para ouvir, [coisas essas] que nos seduzem e se apoderam de nós, mas antes, é absolutamente imperioso imitar Ulisses e passar adiante a essas coisas, não com ambas as mãos atadas (pois isso seria cobardia), nem com os ouvidos tapados com cera, mas de ouvidos abertos, de mãos livres e com ar verdadeiramente desdenhoso.”

20. “Para admirar a Filosofia, basta observar tanta loucura e desdenhar dos bens da sorte, ao vermos, como no teatro e numa peça com um só actor para vários papéis<sup>(194)</sup>, que um passa de escravo a senhor, outro, antes rico, agora é pobre, outro, que era pobre, agora é sátrapa ou rei, outro que é amigo de alguém, depois inimigo, e por fim exilado. Mas o mais estranho de tudo isto é o facto de que, muito embora a própria Fortuna ateste que brinca com as coisas humanas e confesse que nenhuma dessas coisas é segura, os homens, mesmo vendo todos os dias esse espectáculo, aspiram à riqueza e ao poder e acorrem em massa, cheios de esperanças que não se realizam.”

21. “Quanto àquilo que já disse, ou seja, que os factos contêm motivos de riso ou de divertimento, vou já explicar-me. Sim,

---

<sup>193</sup> *Iliada*, XI, 163.

<sup>194</sup> O gr. *en polüprosôpō, drámati* (ἐν πολυπροσώπων δράματι) não significa “numa peça com muitas personagens”, ou “... com muitos papéis”, o que, neste contexto, não faz sentido. Trata-se antes de casos em que um actor faz diferentes papéis. A tradução extensiva pareceu-me inevitável.

como podem deixar de ser ridículos esses novos-ricos<sup>(195)</sup>, ao ostentarem as suas vestes purpúreas, ao patentear os seus anéis, revelando uma grande falta de gosto e — a coisa mais insólita de todas —, ao saudarem com voz alheia as pessoas que encontram<sup>(196)</sup> [no caminho], e esperando que elas se sintam estimadas só pelo facto de eles lhes terem lançado um olhar; outros, mais presunçosos, esperam que os venerem, não de longe, nem segundo o ritual dos Persas, mas a pessoa deve aproximar-se, fazer uma vénia, humilhar a sua alma e dar sinal do seu próprio sentimento em consonância com a postura física, deve beijar-lhes o peito ou a mão direita, [privilégio] invejado e admirado por aqueles a quem tal coisa não é permitida. O senhor, porém, permanece a pé firme durante longo tempo, prestando-se assim ao embuste. Mas, no meio dessa sua desumanidade, eu louvo-os pelo facto de não nos deixarem aproximar-nos dos seus lábios.”

22. “No entanto, muito mais ridículos que estes [senhores] são aqueles que os visitam e os servem: levantam-se a meio da noite, percorrem toda a cidade, são rechaçados pelos criados e suportam ser tratados por cães, bajuladores e outros nomes do género. Como paga destas andanças tão desagradáveis para eles, ganham a “famosa”<sup>(197)</sup> ceia, uma ceia ordinária e causadora de muitas desgraças, em que, tendo-se atafalhado de comida, tendo bebido para além do razoável, tendo tagarelado e dito mal do que não deviam, por fim saem irritados, maldizendo a ceia e acusando [o patrão] de insolência e mesquinhez<sup>(198)</sup>. As velas ficam cheias deles a vomitar e a alterar junto dos bordéis; e tendo-se quase todos deitado ao romper do dia, dão aos médicos a ocasião de

---

<sup>195</sup> O texto não diz *plouísioi* (πλούσιοι) “ricos”, mas *plousiountes* (πλουσιούντες) “que vão enriquecendo”, “que se tornaram ricos”. Luciano, em *Como se Deve Escrever a História*, §20 usa o termo *neóploutos* (νεόπλουτος) “novo-rico”, referindo-se a um criado que acabara de herdar os bens do seu amo.

<sup>196</sup> Trata-se dos *nomenclatores* (função tipicamente romana), escravos que anunciavam a entrada de convidados, mas que, nos passeios do seu amo pela cidade, o poupavam da maçada de ter de cumprimentar outras pessoas...

<sup>197</sup> “famosa”, em gr. *ekeíno deípnon* (ἐκεῖνο δεῖπνον) “aquela (famosa) ceia”, “a tal ceia”, em sentido irónico. Fui tentado a traduzir por “famigerada”.

<sup>198</sup> O gr. *mikrología* (μικρολογία) também pode significar “avareza”, “sovinice”...

fazer a ronda<sup>(199)</sup>. Na verdade, alguns<sup>(200)</sup> — coisa muitíssimo estranha — nem têm vagar de estar doentes.”

23. “Eu, pessoalmente, sustento a ideia de que os adulares são muito mais perversos que os adulados, e que são eles os maiores culpados da arrogância dos outros. De facto, quando eles admiram a opulência dos patrões, quando gabam o seu ouro, quando enchem desde madrugada os seus vestíbulos e, indo até junto deles, os tratam como senhores, como é que achas que os patrões naturalmente se sentirão? Se, porém, de comum acordo, eles renunciassem, nem que fosse por pouco tempo, a essa servidão voluntária, não acreditas que, agora ao contrário, os ricos iriam bater às portas dos pobres, suplicando-lhes que não deixassem a sua felicidade sem espectadores e sem testemunhas, a beleza das suas mesas e a grandeza das suas casas sem utilidade nem serventia? Na verdade, não é tanto de serem ricos que eles gostam, mas sim de *serem felicitados* por serem ricos. É assim mesmo: O habitante de uma casa não tira qualquer benefício de uma bela moradia, nem do seu ouro, nem do seu marfim, se não houver alguém que admire esses bens. Por conseguinte, haveria<sup>(201)</sup> que abater e depreciar o poder dos ricos, opondo à sua riqueza o muro do desprezo. Presentemente, porém, ao adorá-los, promovem-lhes o orgulho.”

24. “Que homens vulgares, que reconhecem abertamente a sua incultura, procedam deste modo, é coisa que poderia considerar-se de certo modo tolerável. Mas que muitos dos que se fazem passar por filósofos, se comportem de maneira ainda mais ridícula que aqueles, é coisa de grande espanto. Sim, em que estado é que tu achas que fica o meu espírito, quando vejo algum desses, sobretudo de entre os mais velhos, misturado com a turba dos bajuladores, ou fazendo escolta a algum dos importantes [senhores], ou cavaqueando com os [criados] que os convidam para as ceias, e que, devido ao seu traje, se distingue e dá nas vistas mais que os outros? Mas o que mais me irrita é

---

<sup>199</sup> “ronda”, gr. *períodos* (περίοδος): os médicos deslocavam-se a diversas casas dos foliões, distanciadas umas das outras.

<sup>200</sup> “alguns” justifica, um pouco antes, “quase todos”.

<sup>201</sup> “haveria” *ekhrên* (ἐχρῆν), e não “há”: trata-se de um desejo, pois, como se vê logo a seguir, a situação real é bem diferente: os próprios explorados fomentam a exploração...

o facto de eles não mudarem de roupa, já que desempenham na peça o mesmo papel de aqueles.”

25. “Quanto à maneira como eles se comportam nos banquetes, em qual das boas práticas havemos de retratá-los? Não se empanturram eles [de comida] de um modo mais grosseiro [que os outros]? Não se embebedam de maneira mais descarada? Não se levantam [da mesa] em último lugar? Não pretendem eles levar [para casa] mais [comida] que os outros? Geralmente, os mais bem-educados já antes se tinham posto a cantar.”

Nigrino considerava ridículas essas práticas. De um modo especial, citava o caso daqueles que fazem profissão de filósofos<sup>(202)</sup> mediante pagamento e põem a virtude à venda, como se fosse uma mercadoria. E então chamava lojas e tabernas às suas escolas. De facto, sustentava que aquele que se propõe ensinar [os outros] a desprezar a riqueza deve, em primeiro lugar, apresentar-se a si próprio como pessoa acima do lucro.

26. É claro que ele sempre procedeu desse modo, não só dando lições gratuitamente a quem o desejasse, mas também acorrendo aos necessitados<sup>(203)</sup> e desdenhando de todo o tipo de bens. E está tão longe de desejar o que não lhe pertence, que não cuida sequer dos seus próprios bens em degradação, ele que, dono de um terreno não muito longe da cidade, durante muitos anos não só não se dignou pôr lá os pés, como nem sequer reconhecia claramente que [esse terreno] lhe pertencia, pois considerava, julgo eu, que nós não somos, por natureza, donos de nenhuma dessas coisas, mas apenas recebemos, por lei ou por herança, o seu usufruto por um período indeterminado, pelo que apenas somos considerados seus donos precários, e quando o prazo se esgota, nesse mesmo momento um outro recebe esses bens e goza do título [de seu proprietário].

Nigrino proporciona grandes exemplos a quem queira imitá-lo, como a frugalidade na alimentação, a moderação nos exercícios

---

<sup>202</sup> “fazem profissão de filósofos”, ou “ensinam filosofia” é, neste contexto, o sentido de *philosophéō* (φιλοσοφῆω), que também pode significar “cultivar a Filosofia” e, no limite, “ser filósofo”. Sócrates era o exemplo máximo do Mestre que não recebe honorários... com excepção do Sócrates de Aristófanes (*Nuvens*), propositadamente confundido com os sofistas, que, esses, cobravam boas maquiãs pelo seu magistério.

<sup>203</sup> O contexto imediato (anterior e posterior) indica que o auxílio aos necessitados era fundamentalmente monetário.



físicos, a modéstia [espelhada] no rosto, a simplicidade no vestir e, acima de tudo isso, a harmonia do seu pensamento e a afabilidade do trato.

27. Exortava os seus discípulos a não adiar as boas ações, como faz a maioria das pessoas, que fixam certas festas ou festivais como datas, a partir das quais começarão a não mentir e a cumprir os seus deveres. De facto, considerava inadiável a pulsão para o Bem, e era muito claro ao criticar aquele tipo de filósofos que entendiam que constituía uma ascese no caminho da Virtude<sup>(204)</sup> o facto de exercitarem os jovens a suportar práticas forçadas e penosas, a maior parte preconizando que eles tomassem banhos de água gelada<sup>(205)</sup>, outros que os flagelassem, ou, no caso dos mais formosos, que lhes retalhassem o rosto com uma lâmina.

28. Entendia ele que se devia insuflar nas almas, em primeiro lugar, essa firmeza e essa impassibilidade, e que aquele que se propusesse educar excelentemente os homens devia tomar em consideração primeiro a alma, depois o corpo, depois a idade, e depois a sua educação anterior, para não ser acusado de impor [aos discípulos] práticas acima das suas forças, e até dizia que muitos morriam, por serem tão irracionalmente violentados. Eu próprio conheci um [tipo] que, tendo experimentado os malefícios nas escolas desses [mestres], assim que ouviu falar destas doutrinas verdadeiras, fugiu de lá sem olhar para trás e foi procurar Nigrino. É claro que se recompôs facilmente.

29. Depois, tendo posto de lado estes [filósofos], voltou a referir-se às outras pessoas e passou a expor as desordens da cidade, as multidões apinhadas, os teatros, o hipódromo, as estátuas dos aurigas, os nomes dos cavalos e as conversas nas

---

<sup>204</sup> “ascese no caminho da Virtude”: Para os estóicos, a Virtude reside no cume de uma montanha muito escarpada, pelo que era muito difícil e muito penosa de alcançar.

<sup>205</sup> “tomar banhos de água gelada”, *psükhrolouteîn* (ψυχρολουτεῖν): é emenda moderna (E. Capps, aceite por A. M. Harmon: “Loeb”), enquanto outros propõem *thürauleîn* (θυραυλεῖν) “passar a noite ao relento” (Schwartz), ou *anüpodêteîn* (ἀνυποδητεῖν) “caminhar descalço”. A verdade é que a lição dos manuscritos, *ou dein* (οὐ δεῖν), retirando a sugestão de “banhos de água gelada”, daria: “a maior parte ordenando que não se deve fazer” (i.é, *supra*, “práticas forçadas e penosas”)... “enquanto outros...”.

vielas a respeito deles. De facto, a hipomania<sup>(206)</sup> é verdadeiramente generalizada, e até já se apoderou de muitas pessoas de aspecto grave.

30. Em seguida, aflorou outro espectáculo, o dos ritos dos funerais e o dos testamentos, acrescentando que os filhos de Roma<sup>(207)</sup> pronunciam uma única palavra verdadeira em toda a sua vida — Nigrino referia-se aos testamentos —, de modo que não colhessem o fruto da sua franqueza.

Enquanto ele dizia estas coisas, eu desmanchei-me a rir pelo facto de eles pretenderem enterrar consigo a sua ignorância, ao passo que confessam por escrito a sua estupidez, ordenando uns que aquelas vestes que eles estimavam em vida sejam queimadas consigo, outros que junto dos seus túmulos ficassem alguns criados, alguns outros que coroassem de flores as suas estelas funerárias, enfim, continuando uns pobres de espírito mesmo depois de mortos.

31. Nigrino achava-se capaz de imaginar o que eles tinham feito durante a vida, a partir dos actos que recomendavam para depois dessa mesma vida<sup>(208)</sup>. De facto — dizia ele —, “eram pessoas que compravam manjares caríssimos, que, nos banquetes, deitavam açafraão e perfumes no vinho, que se cobrem de rosas<sup>(209)</sup> em pleno Inverno, pois gostam delas quando são raras e fora de estação, mas que as desprezam na estação própria e segundo a natureza, só porque são baratas; são também estes tipos que costumavam beber vinhos perfumados.<sup>(210)</sup>”

Mas o que Nigrino mais critica neles é o facto de não saberem gozar dos seus desejos, mas abusarem deles e confundirem os seus [justos] limites, entregando as suas almas à luxúria, para que esta

---

<sup>206</sup> *hippomania* (ἵππομανία) é mesmo o termo usado por Luciano (parece que só atestada neste passo); os dics. de Português registam o termo.

<sup>207</sup> “os filhos de Roma”: o texto diz “os filhos dos Romanos” = “os Romanos (de nascimento)”.

<sup>208</sup> “... durante a vida ... depois da vida”: Contra o original, e algo indevidamente, apetecia variar para “... .. depois de mortos”

<sup>209</sup> Mais propriamente, “pétalas de rosa”.

<sup>210</sup> O gr. diz (pl.) *múra* (μύρα) “mirras”, “perfumes”. Trata-se de vinhos que, durante a fermentação, recebiam certas especiarias ou plantas aromáticas, como tomilho, menta, canela, serpão, pétalas de rosa, bagas de zimbro, folhas de louro, absinto, rábano silvestre, açafraão... V. P. Lavedan, *Dict. de la mythologie et des antiquités grecques et romaines*, s.u. *Vin*.

as espezinhe, e fazendo como se diz nas tragédias e nas comédias: “*penetram à força* [pela parede] *ao lado da porta* [aberta]”<sup>(211)</sup>. A este mau uso<sup>(212)</sup> dos prazeres chamava ele um *solecismo*<sup>(213)</sup>.

32. Nesta mesma ordem de ideias, Nigrino dizia, citando precisamente o argumento de Momo. De facto, este censurava o deus criador do touro<sup>(214)</sup>, por não lhe ter colocado os cornos à frente dos olhos. Do mesmo modo, Nigrino criticava aqueles que se coroam [de flores], por não saberem qual o sítio adequado para [pôr] a coroa: De facto — dizia ele —, “se é do aroma das violetas e das rosas que eles gostam, deviam antes pôr a coroa debaixo do nariz, o mais próxima possível do ponto de inalação, a fim de retirarem daí o máximo de prazer.”

33. Também criticava aqueles que punham um zelo espantoso nos banquetes, com uma grande variedade de molhos e esquisitices de doçaria. De facto, afirmava que suportavam enormes incómodos por amor de um prazer efémero e curto<sup>(215)</sup>. Então mostrava que eles passavam por todas essas tribulações, só por causa de “quatro dedos”<sup>(216)</sup>, que é o comprimento máximo da garganta do homem. Na realidade, nem, antes de comerem, gozam daquilo que compraram, nem, depois de ingerirem [a comida], a saciedade lhes é mais agradável pelo facto de resultarem de alimentos mais caros.

---

<sup>211</sup> Não sabemos a que peças se refere, nem qual o sentido exacto da expressão. Segundo A. M. Harmon (“Loeb”), alude-se ao facto de ser mais fácil furar a parede da casa (feita de tijolo cru, seco ao sol), do que arrombar a porta... excepto se esta já estivesse aberta ou não trancada! Em, port. temos um provérbio, não rigorosamente correspondente, que diz: “arrombar portas abertas”.

<sup>212</sup> “mau uso”, não está no texto, mas é contextual...

<sup>213</sup> Um *solecismo* é uma falta contra as normas da linguagem, mas, em sentido figurado, pode significar, como aqui, “falta contra as regras da decência...”, “uma coisa insólita... e criticável”.

<sup>214</sup> “o deus criador do touro” é Posídon. Refere-se a um concurso entre Atena, Hefesto e Posídon, a ver qual deles produzia a obra mais perfeita. Atena fez uma casa, a qual, segundo Momo, deveria ser apetrechada de rodas...; Hefesto fez um homem, o qual deveria ter (mas não tinha!) uma abertura no peito, a fim de mostrar os seus sentimentos; Posídon fez um touro, mas com os cornos colocados onde não deviam estar, em vez de ficarem à frente dos olhos, para que o animal visse bem onde marrava..

<sup>215</sup> “curto” (genit., fem) *brakheías* (βραχείας) tem aqui, como se vê já a seguir, um sentido *físico*, relativo ao comprimento (quatro dedos!) da zona por onde passam os alimentos...

<sup>216</sup> Sabendo que o “dedo” é a 16ª parte do pé (c. 30 cm), 4 dedos dão c. 7,4 cm.

Trata-se, portanto, de comprar por muito dinheiro o prazer sentido na [breve] passagem. Também dizia que era natural que, devido à sua ignorância, eles sofressem por desconhecerem os prazeres mais autênticos, que, todos eles, só a Filosofia facultava àqueles que optam por se esforçarem [no seu estudo].

34. Também dissertou longamente acerca do seu comportamento nos balneários, como [por exemplo] a multidão dos seus acompanhantes, as suas atitudes insolentes, o facto de se apoiarem nos criados, pouco faltando para parecerem levados a enterrar<sup>(217)</sup>. Uma coisa parecia ele abominar particularmente, muito habitual na cidade e nos balneários, e que consistia no facto de alguns criados irem adiante, com a missão de gritarem e avisarem [os seus senhores], para verem onde punham os pés, se estivessem prestes a passar por uma lomba ou uma cova, recordando-lhes — que coisa mais bizarra! — que estão a andar a pé. Ficava indignado ao ver que eles, que não precisavam de bocas nem de mãos alheias para comer, nem de ouvidos [de outros] para ouvir, pelo contrário, estando de perfeita saúde, precisavam de olhos alheios que observassem à sua frente e sujeitavam-se a ouvir vozes [de aviso] que convinhassem a pessoas desgraçadas e a ceguinhos<sup>(218)</sup>. É isso mesmo o que se passa com os magistrados urbanos nas praças públicas e em pleno dia.

35. Tendo dissertado sobre estes temas e outros do mesmo género, deu por findo o discurso. Até esse momento, eu tinha-o escutado estupefacto, receando que ele se calasse; mas logo que terminou, senti a mesma sensação que os Feaces<sup>(219)</sup>. Na verdade, fiquei durante longo tempo a fixá-lo, fascinado. Depois, tomado de grande confusão e de vertigens, ora escorria em suor, ora, querendo falar, perdia a fala e ficava entupido, fugia-me a voz, falhava-me a língua, e por fim, embaraçado<sup>(220)</sup>, desatei a chorar.

---

<sup>217</sup> “levar (alguém) a enterrar” é um dos sentidos de gr. *ekphérō* (ἐκφέρω), equivalente a idêntico sentido de lat. *ecfêro* (*effêro*).

<sup>218</sup> “a pessoas desgraçadas e a ceguinhos”: Pareceria dar jeito traduzir por “a desgraçados ceguinhos”, mas o texto distingue duas situações, a primeira das quais se refere a pessoas que, não sendo cegas, precisam de quem as avise dos perigos do caminho... Só pode tratar-se de pessoas de pouca compreensão, meninos ou atrasados mentais.

<sup>219</sup> Homero, *Odisseia*, XI, 333. Terminado o longo discurso de Ulisses, o poeta diz: “Assim falou, e todos ficaram em silêncio.”

<sup>220</sup> “a falta de voz”, gr. *aporóúmenos* (ἀπορούμενος), também pode significar “que tem falta de”, “privado de”, subentendendo-se, neste caso “voz”: à falta de voz”.

Na verdade, este seu discurso penetrou em mim, não de maneira superficial e ligeira, mas, pelo contrário, a chaga foi profunda e mortal<sup>(221)</sup>, e a sua palavra, extremamente bem apontada, rasgou profundamente — se assim pode dizer-se — a minha própria alma. De facto, se é que posso neste momento empregar a linguagem dos filósofos, eis o que eu entendi sobre este assunto:

36. Creio que a alma de um homem bem dotado é muito semelhante a um alvo mole. Então muitos arqueiros, com as aljavas cheias, disparam contra ela, ao longo da desta vida, setas de palavras de todas as variedades e espécies; nem todos, porém, visam correctamente, pois uns, esticando demasiado a corda, disparam com mais força do que era preciso, e de facto acertam, mas as suas setas não ficam [cravadas] no alvo, pois, devido à sua própria violência, furam e atravessam a alma, deixando-a apenas com um buraco nela aberto; outros, porém, procedem ao contrários daqueles, pois as setas, por fraqueza [do arqueiro] e pela frouxidão [da corda], nem sequer atingem o alvo, mas, perdem a força e, muitas vezes, caem a meio do trajecto; e se, uma vez por outra, acertam [no alvo], a sua ponta crava-se apenas superficialmente e não causam uma ferida profunda, pois não foram disparadas com grande energia.

37. Mas um bom “arqueiro”<sup>(222)</sup>, como este [é], em primeiro lugar observará minuciosamente o “alvo”, não se dê o caso de ele ser ou demasiado mole ou muito duro para uma “seta”. Realmente, existem “alvos” impenetráveis. Então, depois de observar estes aspectos, besunta muito bem a seta, não com veneno, como são besuntadas as dos Citas, nem com suco [de papoila]<sup>(223)</sup>, como as dos Curetas, mas, untando-a com uma droga levemente agridoce<sup>(224)</sup>, dispara com muita perícia. Então a “seta”, lançada com uma certa tensão, e rasgando até penetrar, permanece [dentro da alma] e aí deixa uma grande quantidade de droga, que se vai espalhando e

---

<sup>221</sup> “mortal”, *kairios* (καίριος), aplicado a uma lança, seta, etc., significa “que atingiu um órgão vital”, donde “mortal”. Aqui, naturalmente, o sentido é figurado.

<sup>222</sup> “arqueiro”, naturalmente em sentido figurado, como em diversos passos a seguir.

<sup>223</sup> “suco [de papoila]”: o termo *opós* (ὀπός) significa “seiva” (de figueira, de papoila, de certa árvore resinosa...). Deve haver qualquer relação com o termo (grego tardio) *ópion* (ὄπιον) “ópio”. Percebe-se que se trata de um forte estupefaciente.

<sup>224</sup> “agridoce”: o gr. tem as duas palavras, “acre” e “doce”.

percorre completamente toda a alma. É então que as pessoas, ao ouvirem essas palavras, se alegram e choram ao mesmo tempo, como aconteceu comigo, à medida que a “droga” ia lentamente percorrendo a minha alma. E veio-me à mente citar o famoso verso:

*Dispara assim tuas setas, || e sê luz de [minha] esp'rança*<sup>(225)</sup>.

Assim como nem todos os que ouvem a flauta frígia entram em frenesim, mas somente os que ficam possessos de Reia<sup>(226)</sup>, os quais são induzidos nesse estado pela música, assim também nem todos os que ouvem os filósofos saem de lá arrebatados e “feridos”, mas somente aqueles cuja natureza já tinha uma certa afinidade com a Filosofia.

38. AMIGO — Meu amigo, como a tua dissertação foi grave, maravilhosa, divina! Sem disso te aperceberes, saciaste-me verdadeiramente de ambrósia e de lótus. Enquanto tu falavas, eu sentia uma certa emoção na minha alma, e agora que te calaste, sinto uma grande dor, ou, para dizê-lo como tu, “estou ferido”. Mas não fiques admirado, pois bem sabes que aqueles que são mordidos por cães raivosos não são os únicos a ficarem raivosos, pois se estes, na sua fúria, fizerem a outros o mesmo [que lhe fizeram a si], também esses outros ficarão fora de si. É que existe nesse mal algo que se transmite juntamente com a mordedura, pelo que a doença se propaga e se gera uma grande série de loucuras em cadeia.

LUCIANO — Quer dizer que confessas estar possuído da mesma loucura que eu?

AMIGO — Claro que estou, e até te peço que imagines alguma forma de tratamento para nós ambos.

LUCIANO — É preciso usar o mesmo método que Télefo<sup>(227)</sup>.

AMIGO — A que método te referes?

LUCIANO — Irmos ter com quem nos feriu e pedir-lhe que nos cure.

---

<sup>225</sup> *Iliada*, VIII, 282. O verso diz “... luz para os Dánaos...”, que Luciano omite, para poder entender-se “minha luz”.

<sup>226</sup> Na época romana, a “velha” Reia, mãe de Zeus, era identificada com a deusa frígia Cíbele, também chamada Mãe dos deuses e Grande Mãe. A flauta frígia fazia parte do seu culto orgiástico.

<sup>227</sup> Entre as diversas histórias a respeito de Télefo, interessa-nos aqui referir o facto de, na guerra de Tróia, ter sido ferido por Aquiles. Como a chaga não sarasse, Télefo foi consultar o oráculo de Delfos, que respondeu lapidarmente: “*Quem feriu, curará*”: *Ho trósas kai iásetai* (“Ο τρώσας και ιάσεται”).

*DEMÓNAX*

(Página deixada propositadamente em branco)



## INTRODUÇÃO

Tirando a extensa informação biográfica que Luciano traça do seu contemporâneo Demónax, nada mais sabemos da sua vida e, eventualmente, da sua obra.

Natural de Chipre, de família abastada, viveu sempre em grande, mas não excessiva, frugalidade. Luciano não o diz, mas entende-se que, tal como muitos intelectuais, escolhe Atenas como seu lugar permanente. A admiração que o autor desta biografia tem pelo seu biografado, leva-o a compará-lo aos maiores filósofos anteriores, com o acrescento muito significativo de que divulga a sua personalidade, para que a juventude não tenha somente por modelos os grandes nomes da Filosofia.

Da sua figura de pensador, basta transcrever o §5:

*“Não elegeu uma só corrente filosófica, mas antes amalgamou muitas, sem, no entanto, revelar claramente qual delas lhe agradava mais. Parecia, porém, estar mais identificado com Sócrates, embora, no que respeitava ao seu aspecto exterior e ao seu estilo de vida despreocupado, parecesse imitar o Sinopeu<sup>(228)</sup>, sem, todavia, exagerar na imitação daquele no intuito de ser admirado e fazer-se notado por quem com ele se cruzasse, mas, pelo contrário, levava a vida de toda a gente, era uma pessoa simples, que não tinha um pouco que fosse de presunção, e, além disso, convivia [com as pessoas] e participava nos assuntos públicos.”*

Embora tivesse estudado com grandes figuras, como os cínicos Agatobulo e Demétrio, o estóico Epicteto e o epicurista Timócrates de Heracleia, manteve sempre uma certa independência doutrinária, em que, no entanto, prevaleciam os valores morais e um magistério difuso, “de rua”, salpicado de ironia não demasiado agressiva.

Todavia, de tão grande filósofo — a aceitarmos o testemunho de Luciano — nada nos ficou, a não ser, por esta biografia, umas dezenas de “ditos ao mesmo tempo certos e graciosos” (§§12-66), de veracidade aceitável (dada a proximidade temporal de Luciano com o seu biografado), mas que, nem sempre tão “certos” como se pretende, também não são, muitas vezes, nada “graciosos”. Quer dizer: para o leitor moderno, que até ao §11 ficara com uma imagem de homem bom, justo,

---

<sup>228</sup> “Sinopeu”, i. é, o filósofo cínico Diógenes, natural de Sinope (Paflagónia, Ásia Menor).

suavemente irónico, mas tolerante e até “bonacheirão”, estes ditos — nada que se compare com os atribuídos (falsamente ou não) a Diógenes — são, em geral, de uma vulgaridade confrangedora, a roçar pela “laracha”.

## DEMÓNAX<sup>(229)</sup>

1. Estava destinado que o nosso tempo não ficaria completamente privado de homens dignos de menção e de memória, mas, pelo contrário, produziria uma figura de força física excepcional e também um homem de inteligência profundamente filosófica. Digo isto referindo-me tanto ao beócio Sóstrato, a quem os gregos chamavam, e acreditavam que fosse, “Héracles”, como, sobretudo, ao filósofo Demónax, ambos os quais eu conheci pessoalmente e, além de os conhecer, admirei, tendo mesmo convivido durante longo tempo com Demónax. No que diz respeito a Sóstrato, deixei escrito um outro livro<sup>(230)</sup>, no qual ficou patente a sua enorme estatura física e a sua força extraordinária, bem como a sua vida ao ar livre no Parnaso, o seu leito incômodo, a sua alimentação silvestre e as façanhas que realizou, nada incongruentes com o seu epíteto<sup>(231)</sup>, quer acabando com ladrões, quer abrindo caminhos por lugares antes intransitáveis, quer lançando pontes sobre [desfiladeiros] difíceis de atravessar.

2. É justo, neste momento, falar de Demónax, e isto por duas razões: para que ele permaneça, tanto quanto depender de mim, na memória das elites culturais, e para que os jovens mais bem-nascidos e mais vocacionados para a Filosofia possam moldar-se por outros paradigmas, que não somente os antigos, e tenham diante dos olhos um modelo tirado do nosso tempo e imitem aquele que, de entre os que eu conheço, é o mais excelente dos filósofos.

3. Demónax era natural de Chipre, não de classe humilde no que respeita a prestígio social e a bens materiais. Nada disso, mas, superior a todos essas vantagens e aspirando aos mais belos valores, dedicou-se à Filosofia, sem ser [a isso] incitado nem por Agatobulo<sup>(232)</sup>, nem, antes deste, por Demétrio, nem

---

<sup>229</sup> O gr. *Dēmónax*, genit. *Dēmónaktos* (Δημόνωνας, Δημόνωνακτος) pode adaptar-se de duas maneiras ao port.: ou pelo nominativo, *Demónax*, ou pelo (suposto) acusativo latino, \**Dēmónakte(m)*, que daria port. *Demonacte*. Esta última adaptação, ainda que legítima, não soa bem...

<sup>230</sup> Esse livro não chegou até nós... para compensar alguns que passam por ser da sua autoria. Na obra de Luciano são referidas diversas personagens com o nome de Sóstrato, todas diferentes deste.

<sup>231</sup> Recorde-se que Sóstrato era conhecido também por “Héracles”.

<sup>232</sup> Agatobulo, filósofo cínico; não confundir com um irmão de Epicuro, do mesmo nome. Viveu no Egito por volta de 120 d.C.; Demétrio (nome

por Epicteto, embora tivesse estudado com todos estes, e ainda com Timócrates de Heracleia, homem de grande sabedoria e excelentemente dotado do ponto de vista linguístico e intelectual. Mas Demónax, conforme já disse, não foi solicitado por nenhum destes [mestres], mas antes, impelido logo desde menino por uma vocação natural para as coisas belas e por um amor inato pela Filosofia, desprezou todos os bens humanos, completamente devotado às artes liberais e à liberdade de expressão, e levou sempre uma vida recta, sã e irrepreensível, proporcionando a quantos o viam e ouviam, como modelo [a seguir], o seu próprio pensamento e a sua autenticidade como filósofo<sup>(233)</sup>.

4. Mas não foi, como sói dizer-se, “de pés por lavar”<sup>(234)</sup>, que ele se entregou a este modo de vida; pelo contrário, tornou-se conhecedor íntimo dos poetas, a maioria dos quais citava de cor, e exercitava-se a declamá-los; além disso, conhecia as diversas escolas filosóficas, não de forma resumida, nem, como diz o provérbio, “tocando-as com a ponta do dedo”<sup>(235)</sup>. O seu corpo estava bem exercitado e bem treinado para suportar [grandes esforços]; numa palavra, de tal modo se preocupara em não ficar dependente de ninguém, que, ao aperceber-se de que já não se bastava a si próprio, partiu desta vida, deixando uma grande reputação de si mesmo entre as elites culturais gregas.

5. Não elegeu uma só corrente filosófica, mas antes amalgamou muitas, sem, no entanto, revelar claramente qual delas lhe agradava mais. Parecia, porém, estar mais identificado com Sócrates, embora, no que respeitava ao seu aspecto exterior e ao seu estilo de vida despreocupado, parecesse imitar o Sinopeu<sup>(236)</sup>, sem, todavia, exagerar na imitação daquele no intuito de ser admirado e fazer-se notado por quem com ele se cruzasse, mas, pelo contrário, levava

---

de muitas personagens ilustres), filósofo cínico, viveu no tempo de Calígula, Nero e Vespasiano; Epicteto, o famoso filósofo estóico (c. 60-140 d.C.); Timócrates de Heracleia, filósofo epicurista (?), c. 130 d.C.

<sup>233</sup> “a sua autenticidade como filósofo”: entendo “a consonância entre a sua doutrina e o seu comportamento moral”... coisa que nem a todos se aplica, e que muitas vezes Luciano critica.

<sup>234</sup> “não foi... de pés por lavar”, ou seja, “... sem prévia preparação”, “... sem uma base prévia”...

<sup>235</sup> “tocando-as com a ponta do dedo”, i-é, “pela rama”.

<sup>236</sup> “Sinopeu”, i. é, o filósofo cínico Diógenes, natural de Sinope (Paflagónia, Ásia Menor).

a vida de toda a gente, era uma pessoa simples, que não tinha um pouco que fosse de presunção, e, além disso, convivía [com as pessoas] e participava nos assuntos públicos.

6. Embora sem cultivar a ironia de Sócrates, patenteava uma conversação impregnada de um encanto ático, de forma que os que se lhe dirigiam para com ele conversar não saíam dali a desprezá-lo como pessoa grosseira, nem a rejeitar a severidade das suas críticas, mas sim tomados das mais variadas sensações devido ao prazer que sentiam, muito mais bem dotados, mais radiosos e mais esperançados quanto ao futuro.

7. Nunca foi visto a gritar, nem excessivamente crispado, nem zangado, mesmo que tivesse de repreender alguém, mas, se realmente atacava os pecados, também perdoava aos pecadores, e achava que devia tomar o exemplo dos médicos, que curam as doenças, mas não se enfurecem com os doentes. Considerava que errar é próprio do homem, mas que corrigir os erros é divino ou próprio de um homem igual aos deuses.

8. Graças a este modo de vida, não exigia nada para si próprio, mas auxiliava bastante os seus amigos e, àqueles que se mostravam prósperos, lembrava que estavam orgulhosos de bens só aparentes e de curta duração, enquanto àqueles que lamentavam a sua pobreza, que suportavam mal o exílio ou que se queixavam da velhice ou da doença, consolava-os com um sorriso, dizendo-lhes que eles não viam que dentro de pouco tempo cessaria a sua aflição, e que brevemente um esquecimento de bens e males, bem como uma longa liberdade, se apoderariam de todos.

9. Considerava seu dever reconciliar irmãos desavindos e promover a concórdia entre esposas e seus maridos. Algumas vezes<sup>(237)</sup>, dirigiu-se calmamente a multidões amotinadas e conseguiu persuadir a maioria delas a servir humildemente a Pátria.

Tal era o carácter da sua filosofia: mansa, tranquila e brilhante.

10. A única coisa que o afligia era a doença ou a morte de um amigo, pois considerava a amizade o maior dos bens entre os homens. Por esse motivo, era amigo de toda a gente, e não

---

<sup>237</sup> “Algumas vezes”, melhor interpretação que “uma vez”.

havia ninguém que ele não considerasse, só pelo facto de ser homem, seu próximo, embora gostasse de conviver com alguns desses homens mais do que com outros, apenas evitando aqueles que lhe pareciam laborar em erro sem a mínima esperança de cura. E tudo isso ele fazia e dizia com o dom das Cárites e da própria Afrodite<sup>(238)</sup>, ou, como diz o famoso comediógrafo<sup>(239)</sup>, “constantemente em seus lábios reside a persuasão”.

11. Por isso, todo o povo de Atenas e os seus magistrados o admiravam profundamente e o olhavam sempre como um dos seus melhores. Mesmo assim, ao princípio, devido à sua franqueza de linguagem e à sua independência, escandalizava a maior parte das pessoas, pelo que suscitou da parte delas um ódio não menor do que o seu predecessor<sup>(240)</sup>, e até se ergueram contra ele os “Ânitos” e os “Meletos”, que o acusaram dos mesmos crimes que os de outrora, ou seja, que nunca fora visto a celebrar sacrifícios, e era o único de entre todos [os atenienses], que não fora iniciado nos mistérios de Elêusis. Para enfrentar essas acusações, pôs corajosamente uma coroa [na cabeça], vestiu um manto [impecavelmente] limpo, e assim se dirigiu à Assembleia [do Povo], onde pronunciou a sua defesa, em parte de maneira moderada, e noutra parte num estilo mais truculento do que os que estavam nos seus princípios. Quanto à acusação de nunca ter sacrificado a Atena, disse: “*Meus senhores, não estranheis que eu nunca antes tenha sacrificado a essa [deusa], pois não supunha que ela necessitasse dos meus sacrifícios.*” E quanto à outra acusação, a dos mistérios, disse que tinha um motivo para não participar com eles no [respectivo] ritual, a saber: se os mistérios fossem indecorosos, não se calaria perante os não iniciados, mas dissuadi-los-ia dessas orgias; mas, se fossem honestos, divulgá-los-ia a toda a gente, por amor da Humanidade<sup>(241)</sup>. Desse modo, os Atenienses, que já estavam de pedras nas mãos para lhas atirarem, ficaram imediatamente brandos e clementes, e daí em diante começaram a honrá-lo, a respeitá-lo e, por fim, a admirá-lo. E no entanto,

---

<sup>238</sup> “com o dom das Cárites e da própria Afrodite”, i.é, com elegância e poder de sedução.

<sup>239</sup> Êupolis, referindo-se à eloquência de Péricles.

<sup>240</sup> “o seu predecessor” é Sócrates, como de resto se percebe logo a seguir, ao chamar aos seus acusadores, num plural depreciativo, “Ânitos” e “Meletos”...

<sup>241</sup> O gr. *philanthrōpía* (φιλανθρωπία) não tem a mesma “ressonância” que o port. *filantropia*.

logo no início do discurso que lhes dirigiu, pronunciou palavras algo rudes: “*Senhores Atenienses — disse —, vendo-me assim coroados*<sup>(242)</sup>, *sacrificai-me imediatamente, pois desde há muito que não fazeis sacrifícios perfeitos.*”

12. Quero agora apresentar alguns dos seus ditos ao mesmo tempo certos e graciosos. E tenho por bem começar por Favorino<sup>(243)</sup> e pela resposta que Demónax lhe deu. De facto, Favorino, tendo ouvido alguém dizer que Demónax fazia troça das suas prelecções, e muito especialmente do aspecto amarecado dos versos que nelas introduzia — coisa extremamente mole e feminina, mesmo nada própria da Filosofia —, foi ter com ele e perguntou-lhe quem é que ele era, para fazer pouco das suas lições. “*Um homem — respondeu —, cujos ouvidos não se deixam facilmente seduzir.*” Então, como o sofista insistisse e lhe perguntasse: “*Que bagagem é que tu, ó Demónax, trazias da tua educação de rapaz, para entrares na Filosofia?*” Resposta: “*Os testículos.*”

13. De outra vez, o mesmo [Favorino] foi ter com Demónax e perguntou-lhe com que corrente filosófica é que ele mais se identificava, ao que ele respondeu: “*Mas quem é que te disse que eu sou filósofo?*” ... E afastou-se rindo às gargalhadas. Então, como Favorino lhe perguntasse porque é que estava a rir, respondeu: “*É que achei ridículo que tu, que não tens barba, pretendas classificar os filósofos pelas respectivas barbas.*”

14. Uma vez, em que o sofista Sidónio, muito estimado em Atenas, fazia o elogio da sua própria pessoa, dizendo que dominava toda a Filosofia... Bem... é melhor citar as suas próprias palavras: “*Se Aristóteles me chamar ao Liceu, eu segui-lo-ei; se Platão [me chamar] à Academia, eu irei; se Zenão [me chamar], permanecerei na Pércile*<sup>(244)</sup>; e se Pitágoras

---

<sup>242</sup> “coroados” como uma vítima animal, que é a imagem que Demónax pretendia dar à Assembleia.

<sup>243</sup> Favorino (c. 80-c.150 d.C.), gaulês de Arles (*Arelate*), era hermafrodito, o que se tornava evidente pelo seu modo de falar. Intelectual muito conhecido, e até famoso, das suas muitas obras pouca coisa chegou até nós.

<sup>244</sup> A “*Pércile*” (fem), i. é, gr. *poikilē stoá* (ποικίλη στοά) “pórtico coberto de pinturas, de quadros...”, especialmente, em Atenas, galeria com pinturas de Polígnoto, habitualmente designado, em port., por “Pórtico”,

*me chamar, ficarei calado.*<sup>(245)</sup>” Então Demónax levantou-se no meio da assistência e disse: “Ó tu — tratando-o pelo seu nome —, *Pitágoras está a chamar-te.*<sup>(246)</sup>”

15. Como um tal Píton, formoso jovem filho de uma nobre família da Macedónia, quisesse vexá-lo, apresentando-lhe uma questão sofisticada e pedindo-lhe que dissesse a solução do silogismo, ele respondeu: “*Uma coisa eu sei, meu rapaz: é que [te] vai até ao ‘fim’*<sup>(247)</sup>.” E como o jovem ficasse irritado com a troça feita de ambiguidade, dizendo “*Deixa estar que já te mostro um homem!*”<sup>(248)</sup>, Demónax, às gargalhadas, respondeu: “*É o quê? Tu tens um homem?*”

16. Como um certo atleta, ridicularizado por ele pelo facto de, apesar de ser um campeão olímpico<sup>(249)</sup>, se apresentar [em público] com uma veste floreada, lhe tivesse dado com uma pedra na cabeça, donde corria muito sangue, as pessoas que assistiram [à cena] ficaram indignadas, como se cada uma delas é que fosse ferida, e gritavam-lhe para que fosse procu-

---

era o poiso habitual dos estóicos, cuja escola, o Estoicismo, foi fundada por Zenão de Cítio (Chipre) c. 300 a.C.; não confundir com o inquietante Zenão de Eleia... *Zénon, cruel Zénon, Zénon d’Élée...* o tal das aporias (que deviam ser *apórias*...)

<sup>245</sup> Os discípulos iniciados nas doutrinas de Pitágoras só ouviam o Mestre, sem direito a pronunciar qualquer palavra. Daí a “piada” a seguir referida.

<sup>246</sup> Maneira muitíssimo subtil de mandar calar o outro!

<sup>247</sup> “[te] vai até ao fim”: Há aqui um jogo praticamente impossível de traduzir: o gr. *peráinei* (περαίνει) (3ª p. sg. act.) tem o sentido normal em Lógica, aplicado a um certo tipo de silogismo: “vai até ao fim”, “tem a sua conclusão em si mesmo”, mas, na voz pass. (2ª p. sg. pass.), significa (por artes de sentido figurado, *erótico*) “deixas ir até ao fundo”, “deixas-te penetrar”. A ambiguidade é propositada, mas Demónax espera (talvez acrescentando um gesto obsceno) que o jovem perceba (como percebeu!) o sentido erótico. E a conversa continua no mesmo estilo de ambiguidade (v. nota *infra*).

<sup>248</sup> “já te mostro um homem!” (... *o homem que eu sou*: o jovem), ou “já te mostro como sou homem / como sou viril”: é este o sentido dado pelo jovem, mas entendido de outra maneira por Demónax, que faz por entender “já te mostro um homem” (que não o jovem, como este pretendia significar). Daí o “contra-ataque”: “Mas tu tens um homem?”, ou seja, na sequência do jogo precedente: “tens quem te... penetre?”

<sup>249</sup> A “um campeão olímpico”, mocetão viril, não ficaria nada bem usar vestes garridas, mais próprias de mulheres ou, sugestão mais grave, de jovens depravados...



rar o procônsul<sup>(250)</sup>. Então Demónax disse: “*Meus senhores, de maneira nenhuma o procônsul, mas sim o médico!*”

17. Tendo uma vez, enquanto passeava, achado um anel no meio do caminho, pôs uma tabuleta na praça pública, solicitando ao dono do anel perdido que o procurasse, e que levaria o anel, desde que lhe dissesse qual o peso, a pedra e o tipo de gravação. Então apresentou-se um juvenzinho muito formoso, que afirmava ter perdido [o objecto]; mas, como não dava, os sinais certos, Demónax disse-lhe: “*Vai-te embora, meu rapaz, e guarda bem o teu anel, pois este aqui não foste tu que o perdeste.*”

18. Uma personagem pertencente ao Senado Romano, de passagem por Atenas, apresentou-lhe o filho, jovem extremamente formoso, mas todo efeminado e cheio de requebros, dizendo: “*Aqui o meu filho saúda-te*”, ao que Demónax comentou: “*Belo moço, digno de ti e muito parecido com a mãe.*”

19. Àquele cínico que estudava filosofia e andava [coberto] com uma pele de urso, queria ele que lhe chamassem, não Honorato, que era o seu nome, mas... *Úrsulo*<sup>(251)</sup>.

Tendo-lhe<sup>(252)</sup> alguém perguntado qual lhe parecia ser a definição de *felicidade*, ele respondeu que somente é feliz o homem livre. E tendo o outro afirmado que havia muitos homens livres, Demónax [acrescentou]:

20. “*Mas eu considero [livre] só o homem que nada espera e nada teme*” E diz o outro: “*E como pode uma pessoa alcançar tal coisa, se todos nós somos, em grande medida, escravos destes sentimentos?*” Diz Demónax: “*A verdade é que, se bem considerares as coisas humanas, acharás que elas não justificam nem*

---

<sup>250</sup> O procônsul era, no Império, o governador de uma província *senatorial*; as províncias *imperiais* eram governadas, em nome do imperador, por um *legatus Augusti pro praetore*. A Grécia era uma província senatorial, mas o fabuloso Egípto era uma província imperial..

<sup>251</sup> Há aqui um jogo impossível de verter: o gr. joga com a pele de *urso* (*árktos*: ἄρκτος) e a alcunha proposta, *Arkesílaos*: Ἀρκεσίλαος. Em port., *urso* e *Arcesilau* não sugerem, nem de perto nem de longe, esse jogo, pelo que substituí o proposto apelido por *Úrsulo*, ou *Ursino*, ou mesmo *Urso*, que são andrónimos existentes.

<sup>252</sup> Alguns editores colocam aqui o início do §20. Embora pareça lógico, siga a ed. “Loeb”.

*esperança nem temor, pois todas as coisas têm um fim absoluto, quer as penosas, quer as agradáveis.”*

21. Peregrino, [de alcunha] Proteu, criticava-o por ele estar quase sempre a rir e a troçar das pessoas, e dizia-lhe: “*Ó Demónax, não estás a comportar-te como um cínico!*”<sup>253</sup>, ao que Demónax replicou: “*E tu, Peregrino, não estás a comportar-te como um homem!*”<sup>254</sup>.

22. De outra vez, estando um físico<sup>(255)</sup> a dissertar sobre os antípodas, Demónax fê-lo levantar-se, conduziu-o à beira de um poço e, apontando-lhe a sua imagem na água, perguntou-lhe: “*São então estes a quem tu chamas antípodas?*”<sup>(256)</sup>

23. Como um certo fulano dizia ser mágico e possuir poderosas fórmulas mágicas, por meio das quais convencia qualquer pessoa<sup>(257)</sup> a dar-lhe tudo aquilo que ele quisesse, disse-lhe: “*Que grande admiração! Sim, eu próprio possuo a mesma arte que tu. Faz o favor de me acompanhar até uma padeira e verás como eu, com uma única palavra mágica e com um pequeno ingrediente, a convenço a dar-me alguns pães*”, com o que dava a entender que uma moeda tinha o mesmo poder que uma fórmula mágica.

---

<sup>253</sup> “comportar-se como um cínico”, gr. *kūnāō* (κυνῶω). Para se entender o jogo com o que vem a seguir, é preciso levar em consideração que o verbo significa, simultaneamente, “portar-se como um cínico / “... como um cão” (ladrando ou rosnando!), conotação que o grego entendia imediatamente.

<sup>254</sup> Em *A Morte de Peregrino*, Luciano traça a biografia vergonhosa desta personagem. É a esta luz desfavorável que devemos entender a resposta de Demónax, segundo o qual Peregrino não se comportava como um homem... mas (forte sugestão) como um animal. Mais um caso de dificuldade de tradução.

<sup>255</sup> Por *phūsikós* (φυσικός) entendiam os antigos o cientista dos fenómenos físicos ou naturais, por oposição ao estudo da moral. Também lhes chamamos filósofos da Natureza (Física, Astronomia, Meteorologia, Geografia...).

<sup>256</sup> O curioso da história reside, para nós, no facto de verificarmos como “esta coisa” dos antípodas não é assim tão moderna. É claro que, como outras intuições geniais (teoria atómica...), esta também não recolhia o apoio geral.

<sup>257</sup> Sigo a lição dos manuscritos, *anapeithein* (ἀναπείθειν) “convencer” (alguém: acusat.). A emenda de Schwartz (seguido por A. M. Harmon: “Loeb”), *anapeisthēnai* (ἀναπεισθῆναι) “ser convencido” não me parece forçosa.

24. Quando o mui famoso Herodes<sup>(258)</sup> preparava a cerimónia fúnebre em honra de Polideuces<sup>(259)</sup>, prematuramente falecido, mandando aparelhar um carro e ajaezar cavalos para o jovem, como se este fosse subir para o carro, e lhe preparasse um banquete, Demónax apareceu e disse-lhe: “*Trago-te uma carta da parte de Polideuces.*” Então Herodes, regozijando-se e cuidando que, como era costume, se associava às outras pessoas na cerimónia fúnebre, perguntou-lhe: “*Então, ó Demónax, que é que Polideuces me quer?*”<sup>(260)</sup>, ao que Demónax respondeu: “*Queixa-se de tu ainda não teres ido ter com ele.*”

25. O mesmo [Demónax], dirigindo-se a um fulano que chorava a morte do filho e se tinha encerrado no escuro, dizia-lhe que era um mágico, capaz de trazer à terra o espírito do jovem, desde que ele lhe dissesse o nome de três pessoas que nunca tivessem chorado a morte de ninguém. Como o homem hesitasse e ficasse embaraçado — na verdade, não era capaz, julgo eu, de nomear alguém nessas condições —, Demónax disse-lhe: “*Ó criatura ridícula, cuidas então que és a única pessoa que sofre dores insuportáveis, mesmo ao veres que ninguém está isento de luto?*”

26. Também gostava de trocar daqueles que, nas suas conversas [vulgares], empregavam palavras arcaicas e estranhas. Por exemplo, a um tipo por ele interrogado sobre um determinado assunto, e que lhe respondera num estilo hiperático<sup>(261)</sup>, disse: “*Meu caro amigo, eu interroguei-te agora, tu respondes-me como [se estivesses] no tempo de Agamémnon!*”<sup>(262)</sup>

---

<sup>258</sup> Trata-se do famosíssimo *Vibullus Hipparchos Tiberius Claudius Atticus Herodes* (101-177 d.C.), protegido dos imperadores Adriano e Antonino Pio, e professor de Marco Aurélio e Lúcio Vero. Além de orador e escritor, é conhecido pela sua acção na construção e reconstrução de diversos edifícios, tanto em Atenas (templo da Fortuna, o estádio de Atenas, o Odeão...), como noutras cidades da Grécia. Era, no seu tempo, tão famoso, que Luciano se lhe refere como o “mui famoso /o grande...!” Herodes, inconfundível com qualquer outro.

<sup>259</sup> Polideuces (ou Pólux, segundo a adaptação latina, por via popular e, em princípio, aplicada só ao irmão gémeo de Castor) era, neste caso, o escravo favorito de Herodes Ático.

<sup>260</sup> Depreende-se (ainda que se estranhe!) que Herodes não leu pessoalmente a mensagem, mas pediu ao mensageiro que a lesse.

<sup>261</sup> Note o gr. *hūperattikós* (ὑπεραττικῶς), v. também *Lexifanes*, §25, *hūperattikós* (ὑπεραττικός).

<sup>262</sup> “no tempo de Agamémnon”... também é exageradamente arcaico... Nem tanto ao mar...

27. Como um dos seus amigos lhe dissesse: “Ó Demónax, vamos ao Asclepieu<sup>(263)</sup> orar pelo meu filho”, ele disse: “Estás a julgar que Asclépio é muitíssimo surdo, se não é capaz de ouvir daqui as nossas orações.”

28. Uma vez, ao ver dois filósofos completamente ignorantes discutindo sobre determinada matéria, com um deles a fazer perguntas absurdas, e o outro a dar respostas que nada tinham que ver com o tema, disse: “Meus amigos<sup>(264)</sup>, não vos parece que um destes fulanos está a ordenhar um bode, enquanto o outro lhe põe uma peneira por baixo?”

29. Como o peripatético Agátocles<sup>(265)</sup> se jactasse alto e bom som<sup>(266)</sup> de ser o único e o primeiro dos dialécticos, Demónax disse-lhe: “Ó Agátocles, se realmente és o primeiro, não és o único; e se és o único, não és o primeiro.”<sup>(267)</sup>

30. O ex-cônsul Cetego, na sua passagem pela Grécia a caminho da Ásia, a fim de ocupar a função de lugar-tenente de seu pai, costumava dizer e fazer coisas extremamente caricatas. Então um dos amigos de Demónax, ao assistir a tais cenas, dizia que ele era uma grande porcaria [de homem], ao que Demónax replicou: “Por Zeus!, tira-lhe lá o ‘grande!’”

31. Uma vez, ao ver o filósofo Apolónio no momento de partir em viagem, acompanhado de muitos dos seus discípulos — pois fora mandado ir, a fim de se encarregar da

---

<sup>263</sup> *Asklēpieion* (Ἀσκληπιεῖον), o templo de Asclépio (em lat. *Aesculapius*: Esculápio), filho de Apolo e deus da Medicina. Entende-se, portanto, que a pessoa ia orar pela saúde do filho.

<sup>264</sup> “meus amigos”, não os dois filósofos, mas os (mesmo amigos) que naquele momento estavam com Demónax.

<sup>265</sup> Por muito que Agátocles se gabasse, já devia ser uma figura pouco famosa, e é hoje para nós (aliás, só para os leitores de Luciano!) um nada ilustre desconhecido. É possível que Demónax tivesse razão.

<sup>266</sup> “alto e bom som” traduz — creio que fielmente — o gr. (adv.) *méga* (μέγα).

<sup>267</sup> Esta censura à frase *ilógica* de um *dialéctico*, no momento em que o homem a pronuncia, poderá ter (assim o desejaria Demónax?) grande valor generalizante.

educação do príncipe<sup>(268)</sup> —, disse: “*Lá vai Apolónio<sup>(269)</sup> mais os seus argonautas!*”

32. Tendo-lhe alguém perguntado se, na sua opinião, a alma é imortal, respondeu: “*Sim, é imortal... como tudo o resto...*”

33. Referindo-se a Herodes [Ático], dizia que Platão falava verdade, ao afirmar que nós não temos uma única alma, uma vez que não é obra da mesma alma oferecer festins em honra de Regila<sup>(270)</sup> e de Polideuces, como se estes estivessem vivos, e pronunciar aquelas suas belas declamações.

34. Uma vez, ao ouvir o aviso prévio [relativo aos mistérios]<sup>(271)</sup>, perguntou publicamente aos Atenienses por que motivo é que eles excluíaam os bárbaros, não obstante ter sido Eumolpo, um bárbaro e, para mais, da Trácia, quem havia fundado esse ritual.

35. Uma vez, estando prestes a fazer, de Inverno, uma viagem por mar, um dos seus amigos disse-lhe: “*Não receias que o navio se afunde e que tu sejas devorado pelos peixes?*”, ao que ele respondeu: “*Muito ingrato seria eu, se receasse ser tragado por peixes, eu que já comi tantos peixes.*”

36. A um certo orador que declamava pessimamente, Demónax aconselhava a que praticasse e se exercitasse [na dicção]. Então, como ele lhe respondesse: “*Mas eu declamo constantemente comigo mesmo...*”, Demónax disse-lhe: “*É natural que declames tão mal, com um imbecil por ouvinte.*”

37. Uma vez, vendo um fulano que, mediante pagamento, fazia predições em público, disse-lhe: “*Não vejo por que razão*

---

<sup>268</sup> O gr. *basileús* (βασιλεύς), na época romana e aplicado à realidade romana, significa “imperador”, mas também o sucessor designado ou presumido, algo como (anacronicamente, é certo!) o “príncipe”. Não consegui saber quem era o filósofo Apolónio, nem a que “príncipe” (ou “imperador”) se refere.

<sup>269</sup> Este Apolónio é, óbvia e explicitamente, Apolónio de Rodas, autor do poema *Os Argonautas*.

<sup>270</sup> Regila, esposa de Herodes Ático, e Polideuces, seu escravo e favorito, ambos já falecidos.

<sup>271</sup> O aviso prévio continha, entre outras coisas, certas proibições, como esta a seguir referida.

*exiges pagamento: se é por teres o dom de alterar alguma coisa já destinada, exiges muito pouco, seja o que for que exiges; mas se tudo acontecerá como está predestinado pela divindade, para que serve esse teu dom divinatório?”*

38. Como um certo romano, já velho, mas ainda em boa forma, fizesse diante dele um exercício armado [de espada] contra um poste, e lhe perguntasse: “*Então, Demónax, como achas que eu lutei?*”, respondeu-lhe: “*Muitíssimo bem... se tiveres pela frente um adversário de madeira.*”

39. Também estava sempre preparado para responder com muita oportunidade às questões mais embaraçosas. Assim, como certa pessoa, para troçar dele, lhe perguntasse: “*Ó Demónax, se eu queimar mil minas<sup>(272)</sup> de madeira, quantas minas de fumo daí resultarão?*”, respondeu: “*Pesa as cinzas, e todo o resto é [o peso do] fumo.*”

40. Como um certo Políbio, homem extremamente ignorante e péssimo falante [de latim]<sup>(273)</sup>, tivesse dito: “*O Imperador honrou-me com a cidadania romana*”, Demónax retorquiu: “*Melhor fora<sup>(274)</sup> que ele te tivesse feito grego, em vez de romano!*”

41. Ao ver um tipo da classe patrícia todo vaidoso com a largura do seu laticlavo<sup>(275)</sup>, chegou-se-lhe ao ouvido, tocou-lhe na veste e, apontando para ela, disse: “*Antes de ti, uma ovelha vestia esta coisa... e não passava de uma ovelha.*”

---

<sup>272</sup> A mina equivalia a 432 g (mas o peso variou com o tempo e o lugar), pelo que 1.000 minas era qualquer coisa como 432 kg. Para o caso, não interessa o valor exacto.

<sup>273</sup> “péssimo falante [de latim]”: “péssimo falante” traduz o gr. *sóloikos* (σόλοικος) “que diz *solecismos*”, ou seja, comete faltas contra as boas regras da gramática (diferente do *barbarismo*, que é um falar largamente estrangeiro, uma “algaraviada” ininteligível). Neste caso, os solecismos eram atentados contra a língua latina — o que claramente se depreende do contexto.

<sup>274</sup> “Melhor fora...” deve ser entendido (creio) com sentido *irónico*, algo como “Era só o que faltava, que...”. Julgo que a ideia é a seguinte: Demónax, como grego culto, acha, pessoalmente, menos escandaloso que aquele ignorante e *solecista* seja nacionalizado *romano*, e não grego!

<sup>275</sup> “laticlavo”, faixa larga de lã, tingida de púrpura, no sentido vertical, usada pelos patrícios (os membros da classe equestre usavam uma faixa mais estreita). O gr., à falta de termo técnico para traduzir lat. *laticlavus*, diz (pelo menos neste passo) “a largura da púrpura”.

42. De outra vez, estando prestes a banhar-se, hesitou em entrar na água borbulhante<sup>(276)</sup>, e então um certo indivíduo acusou-o de ser um medricas. “*Diz-me cá — disse ele —, é pela [salvação da] Pátria que eu tenho de passar por esse sacrifício?*”

43. Como alguém lhe perguntasse: “*Como é que achas que são as coisas no Hades?*”, respondeu: “*Espera um pouco*<sup>(277)</sup>, *que eu mandar-te-ei notícias de lá.*”

44. Um certo Admeto, péssimo poeta, dizia que tinha composto uma inscrição num só verso, que já tinha ordenado, em testamento, que ela fosse inscrita na sua estela tumular... Bem... não é má ideia transcrevê-la:

*A terra recebeu*<sup>(278)</sup> *de Admeto o corpo; || para o seio sua alma foi de Deus.*

Então Demónax sorriu e disse: “*Ó Admeto, esse epitáfio é tão bonito, que eu gostaria que já lá estivesse gravado.*”

45. Certa pessoa, vendo nos joelhos de Demónax as marcas normais da velhice, perguntou-lhe: “*Que é isto, ó Demónax?*”, ao que ele, sorrindo, respondeu: “*Foi Caronte que já me mordeu.*”

46. De outra vez, vendo um certo lacedemónio chicotear um seu escravo, disse-lhe: “*Pára de tratar o teu escravo como teu igual.*”<sup>(279)</sup>

47. Como uma certa Dánae tivesse um processo contra seu irmão, Demónax disse-lhe: “*Recorre à justiça, já que, apesar de [te chamares] Dánae, não és filha de... Acrísio.*”<sup>(280)</sup>

---

<sup>276</sup> “borbulhante” e não “fervente”. É óbvio que se tratava de água muito quente, talvez só *borbulhante*.

<sup>277</sup> “*Espera um pouco*”, imperat. aor.; o imperat. pres. significaria “vai esperando”.

<sup>278</sup> “*A terra recebeu*”, também pode interpretar-se por “*Ó terra, recebe...*”, mas a proposição seguinte diz claramente “*foi*”, “*dirigiu-se*”. Esta ambiguidade seria, para Demónax, uma prova da fraca qualidade do poeta, bem como outros aspectos métricos e linguísticos, p.ex., onde *eu* (abusivamente!) traduzo por “*a alma*”, o gr. diz “*ele*”. Veja-se: “... *de Admeto o corpo || ... ele mesmo...*”.

<sup>279</sup> “como teu igual”, i. é, como uma besta que tu és.

<sup>280</sup> Faz-se referência à famosa Dánae da mitologia, filha de Acrísio, rei de Argos. História longa de contar, joga-se aqui com o sentido etimológico do andrónimo Acrísio: *a-* (α-) privativo + *krísis* (κρίσις) “julgamento”.

48. Demónax insurgia-se sobretudo contra os que faziam vida de filósofos, não por verdadeira convicção, mas por ostentação. Então, ao ver um cínico envergando um manto, com um alforge [às costas], empunhando uma cachaporra em vez de um cajado e dizendo-se imitador de Antístenes, de Crates e de Diógenes, disse-lhe: “*Não mintas... tu és discípulo, sim, mas de... Hiperides.*”<sup>(281)</sup>

49. De outra vez, ao ver muitos dos atletas a lutarem bastante mal e, contra os regulamentos da luta, a morderem-se em vez de praticarem o pancrácio<sup>(282)</sup>, comentou: “*Não admira que hoje em dia os apoiantes dos atletas lhes chamem ‘leões’.*”

50. Espirituoso e ao mesmo tempo mordaz é aquele seu dito dirigido ao procônsul<sup>(283)</sup>. Este era dos que depilavam as pernas e todo o corpo. Ora, como um cínico, tendo subido a uma rocha, o criticasse por esse procedimento e o acusasse de mariquice, o procônsul irritou-se e, tendo mandado descer o cínico, estava a ponto de lhe dar uma esfrega de pau ou mesmo de o punir com o exílio. Nisto, Demónax, que ia a passar, pediu-lhe que perdoasse, pois o seu atrevimento devia-se à tradicional liberdade de expressão dos [filósofos] cínicos. E como o procônsul dissesse: “*Por esta vez, e por consideração por ti, perdoo-lhe; mas no caso de mais tarde ele ter a mesma ousadia, de que castigo será merecedor?*”, ao que Demónax respondeu: “*Nesse caso, ordena que ele seja depilado.*”

51. A um outro, a quem o Imperador confiara o comando de algumas legiões e o governo da mais importante província<sup>(284)</sup>,

---

Uma versão algo atrevida, mas muito ilustrativa do jogo de palavras, seria: “*Recorre à justiça, pois, apesar de [te chamares] Dánae, não és filha de... Injusticado.*” A “piada” está longe de ser genial!

<sup>281</sup> Mais um jogo que, além de pouco gracioso, é impossível de verter, sugerido pelo vocábulo *húperos* (ὑπερος) “moca”, “cachaporra”, a que Demónax associou o andrónimo *Húpereidês* (ὑπερείδης), nome do célebre orador. Teríamos de achar, em port., uma palavra sinónima de *cachaporra*, mas parecida com o andrónimo *Hiperides*.

<sup>282</sup> O pancrácio consistia numa combinação de luta livre e pugilato, em que os antagonistas tinham as mãos nuas, e não envolvidas em correias ou armadas com uma espécie de luva munida de cabeças de pregos, o que tornava esta luta muito mais violenta que o pancrácio.

<sup>283</sup> V. nota a “procônsul”, §16 (*ad finem*).

<sup>284</sup> Por esta informação, só pode tratar-se do governador de uma província imperial (Egipto?), pelo que a personagem teria o título de *legatus*



que lhe perguntou qual a melhor maneira de governar, Demónax respondeu: “*Sem cólera, falando pouco e ouvindo muito.*”

52. A alguém que lhe perguntou se ele costumava comer bolos de mel<sup>(285)</sup>, respondeu: “*Julgas então que as abelhas fabricam o mel só para os tolos?*”

53. Ao ver, na *Pécile*<sup>(286)</sup>, uma estátua com uma mão decepada, disse: “*Até que enfim que os Atenienses homenagearam Cinegiro*<sup>(287)</sup> *com uma estátua!*”

54. De outra vez, ao ver Rufino de Chipre — refiro-me ao coxo, um [tipo] da escola peripatética... ‘*deambulante*’ — deambulando tempo sem fim [pelo Liceu], disse: “*Não há nada mais desengraçado do que um coxo peripatético... ‘deambulante*<sup>(288)</sup>”.

55. Como, uma vez, Epicteto<sup>(289)</sup> o criticasse, aconselhando-o a arranjar esposa e a ter filhos — pois dizia que ficava bem a um filósofo deixar no seu lugar alguém do seu sangue —, replicou-lhe da maneira mais irrefutável: “*Então, ó Epicteto, dá-me uma das tuas filhas.*<sup>(290)</sup>”

56. Também é digno de ser citado o que Demónax disse ao aristotélico Hermino. De facto, sabendo que este, um tipo da pior espécie, que cometia uma infinidade de acções condenáveis, mas estava constantemente a elogiar Aristóteles e tinha sempre na boca as [famosas] dez *categorias*, disse-lhe: “*Ó Hermino, realmente tu és digno de dez... [categóricas] acusações.*<sup>(291)</sup>”

---

*Augusti pro praetore.* A Grécia era uma província senatorial (governada por um *procônsul*, mas o fabuloso Egipto era uma província imperial. V. § 16, nota a “*procônsul*”, *ad finem*).

<sup>285</sup> gr. *plakoús, -oúntos* (πλακοῦς, -οῦντος) bolo redondo e achatado, feito de farinha de trigo e mel.

<sup>286</sup> V. §14, nota a “*Pécile*”.

<sup>287</sup> Cinegiro, irmão de Ésquilo, perdeu uma mão na batalha de Maratona.

<sup>288</sup> Há aqui um jogo intraduzível, à volta de *peripatos* (“*passeio*”, “*deambulação*”) e a alusão aos filósofos aristotélicos, *peripatéticos*, que costumavam filosofar enquanto passeavam.

<sup>289</sup> Epicteto (55-135 d.C.), famoso filósofo estóico.

<sup>290</sup> Depreende-se que Epicteto não tinha filhas...

<sup>291</sup> Mais um jogo intraduzível.: *katêgoria* (κατηγορία) significa, na linguagem jurídica, “*acusação*”, e, na filosofia aristotélica... “*categoria*”. A minha versão é obviamente de recurso...

57. Como os Atenienses, por rivalidade com os Coríntios, pensassem em instituir um espectáculo de gladiadores, Demónax apresentou-se diante deles e disse: “*Atenienses, não voteis essa resolução, sem antes terdes destruído o altar da Piedade.*”

58. Uma vez, tendo ido a Olímpia, os Eleus<sup>(292)</sup> votaram [erguer-lhe] uma estátua [de bronze]. “*Mas de maneira nenhuma, senhores Eleus, para que não pareça que ofendeis os vossos antepassados, pelo facto de não terdes erigido uma estátua de Sócrates ou de Diógenes.*”

59. Uma vez, ouvi-o dizer estas palavras ao jurista ...<sup>(293)</sup>, a saber, que as leis arriscam-se a serem inúteis, quer sejam escritas para os maus, quer para os bons: de facto, estes não precisam de leis, e aqueles não se tornam melhores devido às leis.

60. Demónax gostava de recitar especialmente o seguinte verso de Homero:

*Tanto morre o ocioso, || como quem muito trabalha.*<sup>(294)</sup>

61. Costumava elogiar Tersites<sup>(295)</sup>, como sendo um cínico arengador de massas.

62. Uma vez, em que lhe perguntaram qual dos filósofos lhe agradava mais, respondeu: “*São todos admiráveis, mas eu venero Sócrates, admiro Diógenes e amo Aristipo.*”<sup>(296)</sup>

63. Demónax viveu perto de cem anos, sempre sem doenças, sem dores, sem incomodar ninguém e sem nada pedir,

---

<sup>292</sup> “Eleus”, habitantes da Élide, região onde se situava Olímpia.

<sup>293</sup> A. M. Harmon (“Loeb”) entende que Luciano mencionou o nome do jurista (depois desaparecido dos manuscritos), enquanto outros entendem: “ouvi-o dizer a um jurista”.

<sup>294</sup> *Iliada*, IX, 320.

<sup>295</sup> Tersites era, na guerra de Tróia, o grego mais feio, mais deformado, mais covarde e mais insolente que se pudesse imaginar. a ponto de Ulisses, ali perante todos, lhe dar uma humilhante bastonada. A associação aos filósofos cínicos não deixa de ter alguma verosimilhança.

<sup>296</sup> Aristipo de Cirene, amigo e discípulo de Sócrates, passa por ser o fundador da escola filosófica de Cirene (Escola Cirenaica). Para ele, o bem supremo é o prazer... mas há prazeres bons e prazeres maus, pelo que é de toda a conveniência conhecê-los. Pode considerar-se um precursor do Epicurismo.

sempre prestável aos seus amigos, e nunca tendo feito sequer um inimigo. Os Atenienses e, aliás, toda a Grécia tinham por ele um afecto tal, que, quando ele passava, até os magistrados se levantavam e se fazia um silêncio geral. Já no final da vida, extremamente velho, entrava sem ser convidado em casa de quem calhava, jantava e dormia lá, pois os moradores consideravam esse facto como sendo a aparição de uma divindade, e que um génio benfazejo lhes havia entrado em casa. Quando ele passava, as padeiras puxavam-no para si, cada uma delas querendo que ele aceitasse os seus pães, e aquela que lhos tinha oferecido considerava esse facto uma felicidade. E até as crianças lhe ofereciam fruta e lhe chamavam “pai”.

64. Tendo ocorrido uma sublevação em Atenas, Demónax entrou na Assembleia e, só com a sua aparição, fez calar as pessoas. Então, vendo que eles estavam arrependidos, saiu sem dizer palavra.

65. Quando compreendeu que já não estava em condições de prover às suas necessidades, recitou para os presentes a proclamação [final] dos arautos nos jogos:

*Chegou a seu termo o jogo, || dador de excelentes prémios;  
o tempo já vos convida || a que partais sem demora...*

... e então, abstando-se de qualquer alimento, partiu desta vida, jovial como sempre se mostrou para toda a gente,

66. Pouco tempo antes da sua morte, como alguém lhe perguntasse: “*Que instruções dás para a tua sepultura?*”, respondeu: “*Não te preocupes, pois o meu cheiro dar-me-á sepultura*<sup>(297)</sup>. E tendo outro dito: “*O quê? Não é uma vergonha que o corpo de um homem tão importante seja exposto à voragem de aves e de cães?*”, ao que ele respondeu: “*Não tem nada de absurdo o facto de eu, depois de morto, vir a ser útil a alguns seres vivos.*”

67. Enfim, os Atenienses fizeram-lhe um pomposo funeral a expensas públicas e choraram-no durante muito tempo; quanto ao banco de pedra onde ele, quando estava cansado, costumava sentar-se a descansar, veneravam-no e ornavam-no

---

<sup>297</sup> A “sepultura” era (humor negro!) a barriga de aves e de cães: v. a seguir.

de grinaldas em sua homenagem, considerando sagrada essa pedra onde ele se sentava. Além disso, não houve ninguém que não fosse ao seu funeral, mas muito especialmente os filósofos, que carregaram com ele aos ombros e o transportaram até ao seu túmulo.

Eis, pois, um pequeno número de episódios, que eu evoquei, de entre muitos outros [que podia citar]. Por estes, podem os leitores imaginar como era esse grande homem.

## *O AUDITÓRIO*

(Página deixada propositadamente em branco)

## INTRODUÇÃO

Trata-se de mais uma *prolalia* (προλαλία) ou prefácio a uma *declamatio*, gr. *epídeixis* (ἐπίδειξις), sem que nos seja possível identificar a que dissertação de fundo ela servia de introdução.

À falta de verdadeira oratória judicial, as escolas de Retórica fomentavam, entre os seus estudantes, (mais tarde oradores de aparato) o desenvolvimento de temas meramente teóricos, que eram largamente anunciados e reuniam, por vezes, autênticas multidões ávidas de ouvir o inventivo orador.

Naturalmente, havia locais especialmente adequados a receber grandes audiências. Este “auditório”, descrito pelo (parece que ainda jovem) Luciano, era um edifício imponente, rica e artisticamente decorado, com todas as condições para inspirar um orador, como se diz no § 4: “... creio que o luxo requintado deste auditório também contribui para exaltar o pensamento do orador e para lhe despertar as palavras, como se a própria visão lhas ditasse. Na verdade, como que escorre dos olhos para a alma uma certa beleza, e então esta, tendo moldado<sup>(298)</sup> as palavras à sua imagem, envia-as cá para fora”.

Eis senão quando (§14)... no fim do discurso, um outro discurso sopra aos ouvidos do orador, portador da tese contrária, segundo a qual todo aquele aparato artístico desvia os *ouvintes* e os transforma em *espectadores*. Pergunta este “2º orador” (§21): “... como pode um auditório tão belo e tão admirável deixar de ser um difícil adversário do orador?”

A solução que agrade ao orador e aos seus *ouvintes-espectadores*, é simples (§21): “Para que vós não estejais constantemente a olhar para essas obras e não nos<sup>(299)</sup> abandoneis, eis que vou, na medida do possível, descrevê-las para vós oralmente. Na verdade,

---

<sup>298</sup> “tendo moldado”, part. aor. *neutro kosmésan* (κοσμήσαν): no texto gr., o sujeito do particípio é (subentendido: vem de trás) “o belo”, “a beleza”, *kalón* (καλόν). Gramática à parte, quem envia as palavras cá para fora é a alma... a menos que (sugestão minha), o particípio fosse o fem. *kosmésasa* (κοσμήσασα), o que daria (com nova ordem de palavras, só para facilitar a tradução): “Na verdade, uma certa beleza como que escorre dos olhos para a alma, e então esta, tendo moldado as palavras à imagem da beleza, envia-as cá para fora”. É caso para pensar seriamente em adoptar esta minha emenda.

<sup>299</sup> “nos”, plural majestático, ou referência aos *dois* supostos e diferentes oradores.

*julgo que sentireis prazer ao ouvir [descrever] as obras que vós admirais somente ao contemplá-las.”*

Vem então a descrição, algo resumida, é certo, de todos aqueles quadros alusivos à Mitologia, descrição essa que, afinal, tem algum interesse para o leitor moderno, o qual, de algum modo, também pode *ver* o aparato artístico do Auditório.



## O AUDITÓRIO

1. Alexandre quis banhar-se no Cidno, ao ver aquele rio tão belo e tão cristalino, de uma profundidade sem perigo, de corrente suave, agradável para [nele se] nadar, fresco no Verão, de tal modo que, mesmo que fosse previsível que adoeceria [de febre<sup>(300)</sup>] devido a isso, estou convicto de que não se absteria de nele se banhar.

Do mesmo modo, qual seria a pessoa que, ao ver um auditório de enormes dimensões, de tão grande beleza, extremamente bem iluminado pela luz do dia, todo rebrilhante de ouro e vivamente decorado de pinturas, não desejaria pronunciar nele um discurso, se tivesse essa oportunidade, ser aplaudido e ganhar celebridade, encher a sala com a sua forte voz, tornando-se também ele, de algum modo, parte da sua beleza? Ou, pelo contrário, quem é que, depois de olhar atentamente à sua volta e limitando-se a admirar, sairia dele calado, deixando-o sem uma palavra, sem se lhe referir e sem falar com alguém, como se fosse mudo ou, por despeito, decidisse calar-se?

2. Por Hércules!, isso não seria procedimento próprio de uma pessoa de bom gosto e amante das coisas belas, mas sim uma [grande] grosseria, falta de gosto estético e, mais do que isso, insensibilidade às belas-artes, desprezo das coisas mais agradáveis, alheamento das mais belas actividades e o facto de não compreenderem que, em termos de espectáculos, o critério de apreciação<sup>(301)</sup> não é o mesmo para as pessoas vulgares e para as pessoas cultas, pois, para aqueles, basta o trivial: um simples olhar, uma vista a toda a volta, dar uma olhadela em círculo, elevar os olhos para o tecto, fazer um gesto com a mão e apreciar em silêncio, com receio de não ser capaz de exprimir qualquer opinião a respeito do que estão a ver. Pelo contrário, aquele que, apetrechado de cultura, observa as obras de arte, não se contentará, cuido eu, com fruir do encanto somente através da visão, nem ficará como espectador mudo

---

<sup>300</sup> O texto não diz explicitamente “de febre”, mas todos os ouvintes conheciam os pormenores do triste fim do grande conquistador. A doença deve ter sido a malária.

<sup>301</sup> “critério de apreciação”: tento, com esta expressão, verter (mais ou menos!) o gr. *nómos* (νόμος).

da beleza, mas tentará, na medida do possível, demorar-se [na sua observação] e traduzir por palavras o que observou.

3. Essa tradução, porém, não consiste somente no elogio do edifício — pois isso talvez conviesse àquele [jovem] ilhéu<sup>(302)</sup>, quando ficou estupefacto com o palácio de Menelau e comparou o marfim e o ouro nele existente com as obras de arte do céu<sup>(303)</sup>, pois nunca tinha visto nada de tão belo na terra —, mas o próprio facto de eu discursar dentro dele, de reunir aqui pessoas distintíssimas e de dar provas da minha eloquência, isso já seria uma parte do [merecido] elogio.

Mas o facto de longe mais agradável é que o mais belo dos auditórios se abra de par em par para acolher um discurso e fique repleto de elogios e louvores, produzindo eco, como nas cavernas, acompanhando de perto<sup>(304)</sup> as palavras [do orador], prolongando os finais da voz e arrastando-se nas suas últimas sílabas, ou melhor, como se fosse um ouvinte inteligente, que memoriza as palavras, louva quem as pronuncia e lhas devolve de maneira elegante. Coisa idêntica é a que se passa com as fragas, que respondem aos toques de flauta dos pastores, em que o som volta para trás, fazendo ricochete e regressando ao lugar de origem. As pessoas ignorantes, porém, julgam que se trata de uma jovem<sup>(305)</sup> que habita no meio das escarpas, fala de dentro das rochas e assim devolve o som às pessoas que cantam ou gritam.

4. Ora, creio que o luxo requintado deste auditório também contribui para exaltar o pensamento do orador e para lhe despertar as palavras, como se a própria visão lhas ditasse. Na verdade, como que escorre dos olhos para a alma uma certa beleza, e então esta, tendo moldado<sup>(306)</sup> as palavras à sua

---

<sup>302</sup> O “[jovem] ilhéu” é o filho de Ulisses, Telémaco, que foi ao palácio de Menelau, a fim de saber notícias de seu pai, que tardava em regressar a Ítaca (*Odisseia*, IV, 71).

<sup>303</sup> “do céu”, ou seja, do Olimpo, do palácio de Zeus.

<sup>304</sup> “acompanhando de perto”, gr. só *parakolouthôn* (παρακολουθῶν) “acompanhando”. Outra versão poderia ser “repetindo de perto”, “repetindo imediatamente a seguir”...

<sup>305</sup> A “jovem” é a ninfa *Eco* (Ἠχώ), da qual, numa das versões mitológicas, Pã se enamora, sem ser correspondido, pelo que se vinga, incitando os pastores a que a desfaçam em pedaços. Da bela ninfa, agora incorpórea, só ficou a voz... o eco.

<sup>306</sup> “tendo moldado”, part. aor. *neutro kosmêsan* (κοσμήσαν): no texto gr., o sujeito do particípio é (subentendido: vem de trás) “o belo”, “a beleza”, *kalón* (καλόν). Gramática à parte, quem envia as palavras cá

imagem, envia-as cá para fora. Mas então [será que], por um lado, acreditamos em Aquiles, segundo o qual a [simples] vista do seu armamento lhe fez aumentar a raiva contra os Frígios<sup>(307)</sup> e, logo que o envergou<sup>(308)</sup> a fim de o experimentar, se sentiu excitado e arrebatado com desejo de ir à luta, mas, pelo contrário, a arte oratória não é incrementada pela beleza dos lugares? Também a Sócrates bastou um frondoso plátano, uma relva viçosa e uma fonte [de água] cristalina perto do [rio] Ilisso; e aí reclinado, dirigia a sua ironia a Fedro de Mirrinunte<sup>(309)</sup>, criticava o discurso de Lísias, filho de Céfalo, invocava as Musas e acreditava que elas acorreriam a esse lugar solitário, a fim de tomarem parte no debate sobre o amor; também não se envergonhava de, já velho, convidar jovens moças para cantarem canções de amor<sup>(310)</sup>. Assim sendo, porque não acreditar que as Musas, mesmo sem serem convidadas, acorreriam a um lugar tão belo [como é este]?

5. Em todo o caso, este auditório não se compara, nem com a mera sombra, nem com a beleza de um plátano, mesmo que, para já não falarmos do plátano junto do Ilisso, nos referíssemos ao plátano de ouro do Grande Rei<sup>(311)</sup>. De facto, a admiração causada por este último residia tão-somente no seu elevado custo, já que a arte, a beleza, o encanto, as justas proporções

---

para fora é a alma... a menos que (sugestão minha), o participio fosse o fem. *kosmésasa* (κοσμήσασα), o que daria (com nova ordem de palavras, só para facilitar a tradução): “Na verdade, uma certa beleza como que escorre dos olhos para a alma, e então esta, tendo moldado as palavras à imagem da beleza, envia-as cá para fora”. É caso para pensar seriamente em adoptar esta minha emenda.

<sup>307</sup> “Frígios” ou Troianos; *Iliada*, XIX, 15-16.

<sup>308</sup> “envergou”, suj. “as armas”, “o armamento”, não só a lança e o escudo, mas também as vestes...

<sup>309</sup> Mirrinunte, gr. *Mürrinoús*, -oúntos (Μυρρινοῦς, -οὔντος), demo da Ática.

<sup>310</sup> “para cantarem canções de amor”, segundo a emenda de Schwartz, aceite por A. M. Harmon (“Loeb”): *süna soménas* (συνασομένας), donde *tà paiderastiká* (τὰ παιδραστικά) só pode significar “coisas (canções) de amor”. A lição dos manuscritos diz *sünesoménas* (συνεσομένας) “para terem relações”... pederásticas, i. é, com rapazes. Não seria completamente impossível... só que “pederásticas” está em acusativo, o que não se ajusta ao verbo, cujo complemento normal vai para dativo.

<sup>311</sup> O Grande Rei é Dario, rei da Pérsia, pai de Xerxes, a quem um tal Pítio oferecera um plátano de ouro (V. Heródoto, VII, 27).

e a harmonia não se encontravam articulados e amalgamados com o ouro, mas, pelo contrário, o aspecto visual era bárbaro, só opulência, motivo de inveja para aqueles que o contemplavam e de felicidade para os que o possuíam. De resto, não tinha mais nada digno de elogio. Realmente, os Arsácidas<sup>312</sup> não se preocupavam com as obras de arte, nem faziam delas ostentação com o fim de deleitar [as pessoas], nem cuidavam de que os espectadores as elogiassem, mas sim que ficassem pasmados. É que os Bárbaros não são apreciadores da beleza, mas sim apreciadores da riqueza,

6. Ora, a beleza deste auditório não é para olhos bárbaros, nem para vanglória persa, nem para orgulho de reis, mas, pelo contrário, requer como espectador, não um qualquer pobre [de espírito], mas sim uma pessoa culta, para quem o julgamento não assente só na visão, mas em que a razão acompanhe o que se está a ver.

O facto de [este auditório] estar orientado para a parte mais bela do dia — a sua parte mais bela e mais desejável é, sem dúvida, o seu começo —, de receber directamente o sol nascente e ficar fartamente inundado de luz com as portas abertas de par em par (no sentido em que os antigos orientavam os seus templos<sup>313</sup>), a justa proporção entre o comprimento e a largura, e entre estes dois e a altura, a amplitude das janelas e a sua adequação a cada estação do ano — como é que tudo isto deixaria de ser agradável e digno de elogio?

7. Além disso, poder-se-á admirar a simplicidade elegante e sem exageros do tecto, a sua decoração irrepreensível e o emprego do ouro só até onde é decente e em quantidade que não vai além das necessidades, mas sim em quantidade como a que

---

<sup>312</sup> Arsácidas, descendentes de Ársaces, dinastia dos Partos. Luciano confunde estes com os Aqueménidas, dinastia dos Persas, de que faziam parte Dario, Xerxes... Se, de facto, o orador cometeu esse erro, podemos perguntar (sem obter resposta) se os seus ouvintes teriam os conhecimentos históricos dos modernos comentadores, que logo apontaram o lapso.

<sup>313</sup> A. M. Harmon (“Loeb”) entende que este inciso constitui uma glosa, escólio ou comentário abusivamente introduzido no texto por um copista. Não é forçoso que assim seja: o próprio Luciano poderia muito bem ter dado esta explicação aos seus ouvintes. Ele pode muito bem dizer (se é que disse) “os antigos”, pois já tem atrás de si muitos séculos de cultura e de civilização.

bastasse para realçar a beleza de uma mulher já de si recatada e formosa, ou seja, um fino colar ao pescoço, ou um anel muito leve no dedo, ou uns brincos nas orelhas, ou um gancho ou uma fita que segurem os cabelos flutuantes, sem acrescentar à sua beleza mais do que a púrpura [acrescenta] a uma veste. As meretrizes, especialmente as mais feias de entre elas, é que usam um vestido todo de púrpura e todo o pescoço envolvido em ouro, procurando provocar a sedução por meio do luxo e tentando compensar a falta de beleza [natural] com o encanto vindo de fora. Na verdade, acham elas que os seus braços parecerão mais brilhantes, se reluzirem com jóias de ouro, ou que a forma deselegante do pé passará despercebida sob uma sandália doirada, ou que o rosto ficará mais sedutor, se for visto coberto de um creme muito brilhante<sup>(314)</sup>. Mas elas são assim mesmo. Mas uma mulher recatada usa só o ouro suficiente e estritamente necessário, e não se envergonharia da sua beleza, mesmo que — creio eu — se apresentasse despojada [de adornos].

8. Ora, o tecto deste auditório, ou, digamos, a sua “cabeça”, é em si mesmo “bem-parecido”, está decorado com ouro na mesma proporção em que o céu nocturno brilha com as estrelas disseminadas pelo espaço e com “flores” de fogo intervaladas<sup>(315)</sup>. Na verdade, se tudo fosse fogo, não seria belo, mas parecer-nos-ia uma coisa pavorosa. Aqui, porém, poder-se-á ver que o ouro não é supérfluo nem está espalhado pelo resto da decoração apenas para nosso deleite, mas brilha com uma suave luz radiante que impregna toda a sala de um tom avermelhado. De facto, sempre que a luz, incidindo sobre o ouro, o atinge e com ele se mistura, ambos refulgem em conjunto e produzem uma suave atmosfera duplamente avermelhada.

9. Quanto ao tecto e às partes cimeiras deste auditório, precisariam do elogio de um Homero, que lhe chamaria “*de altíssimo tecto*”<sup>(316)</sup>, como o tálamo de Helena, ou “*refulgente*”,

---

<sup>314</sup> “coberto de um creme muito brilhante” é uma versão de recurso do gr. *tô<sub>i</sub> phaeinotátô<sub>i</sub>* (τῶ φαεινοτάτῳ) “com (um produto...) muito brilhante”: admito que se trate de um creme ou similar.

<sup>315</sup> “flores” de fogo intervaladas: estrelas cadentes?

<sup>316</sup> “*de altíssimo tecto*”: pobre e prosaica perífrase do belo e poético composto homérico *hüpsórophos* (ὑψόροφος, que o ed. da “Loeb” escreve ὑψώροφος, forma de acordo com certa regra dos compostos, mas aqui, por imposição métrica, sem alongamento do -o-). Aliás, geralmente o maior

como o Olimpo. No que respeita ao resto da decoração, como as pinturas murais, a beleza das cores, a vivacidade de cada uma delas, a sua fidelidade e a sua autenticidade, ele [Homero] seria bem capaz de comparar tudo isso a uma visão de Primavera e a um bosque todo coberto de flores... com uma diferença: enquanto estas perdem o viço e murcham, e a sua beleza se altera e se esvai, aquela “Primavera” é permanente, aquele “prado” nunca murcha, as flores são imortais, uma vez que somente a vista lhes toca e colhe o prazer daquilo que vê.

10. Quem não sentiria prazer ao contemplar tantas e tão belas obras? Quem não desejaria ardentemente dissertar sobre elas para lá das suas forças, sabendo que seria humilhante ficar abaixo da sua observação? Na verdade, a visão das coisas belas é algo arrebatador, mas não só para os humanos, pois até um cavalo teria, julgo eu, mais prazer ao correr numa planície com uma leve inclinação e muito macia, que recebesse suavemente a sua passada, cedesse facilmente às suas patas e não lhe ferisse os cascos. Deste modo, o cavalo tira todo o partido da corrida e, ao entregar-se por completo á velocidade, rivaliza [em beleza] com a própria beleza da planície.

11. Por outro lado, o pavão, no começo da Primavera, dirige-se a um prado, quando as “flores” [das suas penas] não só sobressaem mais, mas até, se assim podemos dizer, ficam mais... “floridas” e com os tons mais nítidos, e é então que ele abre as asas e as vira para o sol, levanta a cauda e, fazendo-a girar num círculo completo, mostra as suas “flores” e a “Primavera” das suas asas, como se o prado o desafiasse para um concurso [de beleza]. Então roda sobre si mesmo e deambula [pelo prado], fazendo exibição da sua beleza. Mas onde ele surge verdadeiramente mais admirável é sob os raios do sol, quando as suas cores mudam e se transformam lentamente num outro tipo de beleza. O mesmo se passa especialmente com os círculos que ele possui nas extremidades das asas, em que as cores do arco-íris mudam [alternadamente] em cada um deles. De facto, o [círculo] que antes era cor de bronze aparece agora doirado, quando ele se desvia um pouco, e aquele que, sob a luz do sol, era azul-celeste, torna-se esverdeado à sombra. Assim, a sua plumagem muda de tom sob o efeito da luz.

---

problema dos tradutores de Homero reside precisamente na equivalência *poética* nas línguas modernas.

12. Que o mar, quando se apresenta calmo, é susceptível de nos convidar e suscitar o nosso desejo [de embarcar], é coisa que vós sabeis, sem que fosse preciso eu dizê-lo. Ora, até um continental, sem experiência de navegação, desejaria, mesmo assim, meter-se num barco, viajar por esse mar e afastar-se para longe de terra, especialmente ao ver a brisa enfunar suavemente a vela e o navio a deslizar branda e suavemente na crista das ondas.

13. Do mesmo modo, a beleza deste edifício é susceptível de incitar uma pessoa a pronunciar discursos, de estimular o orador e de fazer com que ele seja aplaudido. Por minha parte, rendo-me, estou mesmo definitivamente<sup>(317)</sup> rendido a estes encantos, e por isso vim a este auditório a fim de pronunciar um discurso, como que atraído por um canto mágico ou pela beleza de uma Sereia, com uma esperança nada pequena de que, mesmo que o meu discurso fosse deselegante, ele pareceria belo, por estar adornado com uma bela “veste”.

14. Mas... eis que um outro discurso, nada falho de nobreza, mas, pelo contrário, como sói dizer-se, mui nobre, me soava aos ouvidos enquanto eu falava, tentando interromper o meu discurso. E agora que eu terminei, diz que eu não falo verdade e que se admira pelo facto de eu afirmar que um belo auditório, decorado com pinturas e com ouro, é mais apropriado a uma exibição de eloquência... Mas o melhor, se me permitirdes, é que o próprio discurso aqui venha e vos fale em sua defesa, como se estivesse diante de jurados, pois sustenta [a tese de] que a simplicidade e a falta de beleza de um auditório são mais vantajosas para o orador. Ora, a mim já vós ouvistes discursar, de maneira que não necessito de falar duas vezes sobre a mesma coisa. Então que ele venha aqui imediatamente e pronuncie o seu discurso, que eu vou já calar-me e retirar-me agora mesmo.

15. “Senhores — como sói dizer-se —... ‘jurados’<sup>(318)</sup>: O orador que me precedeu teceu muitos e largos elogios a este auditório, que

---

<sup>317</sup> “definitivamente” não está explicitamente no texto, mas sim implícito no aspecto perfectivo do verbo: *pépeismai* (πέπεισμα).

<sup>318</sup> Muito provavelmente, os dois discursos são pronunciados pelo seu autor, Luciano, mas podemos *imaginar* que, nesta transição tão rápida entre ambos, o “segundo orador” mude apressadamente de indumentária. Trata-se de um autêntico *agôn* (ἀγών) que faz lembrar o das *Nuvens*, entre

ele embelezou com o seu discurso. Ora eu estou tão longe de lhe dirigir uma censura, que até me proponho acrescentar algo que ele deixou omissos. Na realidade, quanto mais belo este [auditório] se mostrar, tanto mais contrário se revelará à função de orador.

“Em primeiro lugar, já que ele se referiu aos atavios e ao ouro das mulheres, permitam-me que também eu faça uso do mesmo exemplo. Na verdade, eu afirmo que, no caso das mulheres, os atavios excessivos não contribuem para as tornarem mais belas, mas vão no sentido contrário, na medida em que cada um dos que com elas se cruzam, deslumbrado pelo ouro e pelas pedras preciosas, em vez de gabar o tom da pele, a cor dos olhos, o pescoço, os braços ou os dedos, deixa de lado tudo isso e repara somente na ágata, na esmeralda, no colar ou nas braceletes, de tal modo que a mulher se sentiria ofendida, e com muita razão, por ser desprezada só por causa dos seus atavios, uma vez que os observadores não têm “vagar” para elogiar propriamente a sua pessoa, mas olham-na somente como um acessório do seu aspecto.

16. “Ora, isso é forçosamente — julgo eu — o que se passa com quem pronuncia um discurso rodeado de obras de arte tão belas. Na verdade, as suas palavras passam despercebidas, ficam obscurecidas e abafadas no meio da magnificência dessas obras de arte, como se uma pessoa pegasse numa candeia e a aproximasse de uma enorme fogueira, ou pusesse uma formiga ao lado de um elefante ou de um camelo. Portanto, o orador deve precaver-se contra esta circunstância, e ainda contra o facto de, enquanto ele fala, a sua própria voz ser perturbada nesta sala [com uma acústica] tão retumbante e tão ecoante, que repercute, replica, repete a voz, ou melhor, abafa-a, tal como faz uma trombeta em relação a uma flauta a tocar juntamente com ela, ou como faz o mar em relação aos mestres de remadores, quando estes, contra o barulho das ondas, tentam marcar o ritmo da remação. De facto, um som forte sobrepõe-se e reduz ao silêncio um som mais fraco.

17. “A respeito daquilo que este [meu adversário] disse, ou seja, que um belo auditório estimula o orador e o torna

---

os dois argumentos, raciocínios ou teses. Mais uma nota: o processo de meter dois discursos (e duas personagens) numa única *declamatio* não deixa de ser engenhoso nem de espantar a assistência, de repente investida nas funções de jurados.



mais ardoroso, a mim parece-me que ele produz o resultado contrário, pois deslumbra-o, amedronta-o, perturba-lhe o raciocínio e torna-o mais tímido, só de pensar que a coisa mais humilhante de todas é o facto de, num espaço tão belo, o discurso não se revelar de igual qualidade. De facto, posto assim à prova, fica completamente exposto, como um soldado que, envergando um equipamento magnífico, fugisse antes dos outros, tornando a sua cobardia ainda mais notada devido a esse equipamento. Foi precisamente nisto que pensou o famoso orador de Homero<sup>(319)</sup>, que cuidava muito pouco da bela aparência exterior e se apresentava como uma pessoa completamente ignorante, para que a beleza das suas palavras resultasse ainda mais impressionante, quando comparada com a sua fealdade. Aliás, é de todo em todo inevitável que o espírito do orador se distraia nessa contemplação, e que esta desvie a precisão do seu pensamento, já que [a este] se sobrepõe o espectáculo exterior, que o atrai para si e não o deixa concentrar-se no seu discurso. Assim sendo, que maneira haverá de evitar que ele discursasse bastante mal, quando o seu espírito está ocupado em elogiar o que os seus olhos vêem?

18. “E já me esquecia de dizer que as próprias pessoas aqui presentes, convidadas para uma *audição*, mal entraram neste auditório, passaram de *ouvintes* a *espectadores*, e não há nenhum orador, seja ele um Demódoco, um Fémio, um Tâmiris, um Anfíon ou um Orfeu, capaz de lhes desviar o pensamento deste espectáculo. Pelo contrário, cada um deles, mal transpõe o umbral da entrada, é penetrado desta imensa beleza, de modo que não parece escutar, nem um pouco, as palavras [do orador] ou qualquer outro som, pois está todo concentrado nas vistas... a menos que, porventura, seja completamente cego, ou que a *audição* se realize de noite, como na assembleia do Areópago<sup>(320)</sup>”.

19. “Que a força das palavras não possui poder combativo capaz de competir com a visão, eis o que pode ensinar-nos o mito das Sereias comparado com o das Górgonas. Na verdade,

---

<sup>319</sup> *Iliada*, III, 216-242. O orador que se apresenta com aspecto simples é Ulisses.

<sup>320</sup> No Areópago julgavam-se os crimes mais graves, nomeadamente os de homicídio. As suas sessões realizavam-se em completa escuridão, a fim de se preservar o anonimato dos jurados.

aquelas seduziam os que por aquelas paragens navegavam, e apossavam-se dos navegantes lisonjeando-os com os seus cantos, mas a sua função necessitava de um certo tempo, e mesmo assim houve um que passou por elas sem lhes dar ouvidos<sup>(321)</sup>. Pelo contrário, a beleza das Górgonas, muitíssimo mais violenta e comunicando com as partes mais vitais da alma, punha imediatamente fora de si e emudecia aqueles que para elas olhavam, os quais — como quer e reza a lenda<sup>(322)</sup> —, ficavam petrificados de espanto.

Ora, aquele argumento que este [meu adversário] há pouco vos aduziu a respeito do pavão, julgo eu que foi aduzido em meu favor. De facto, o encanto desta ave está, não na sua voz, mas na sua aparência. Se alguém puser lado a lado um rouxinol ou um cisne, e os mandarmos cantar, e se, enquanto eles cantam, apresentarmos um pavão silencioso, estou bem convencido de que o seu espírito penderá para este último e dirá um longo adeus aos cantos dos outros. Vede, pois, como é imbatível o prazer que vem da visão.

20. “Agora, se me dais licença, vou apresentar-vos como testemunha um homem sabedor [desta matéria], o qual atestará que aquilo que se vê tem muito mais força do que aquilo que se ouve. Então... que o arauto me chame já para aqui o próprio Heródoto de Halicarnasso, filho de Lixes. E uma vez que ele teve a bondade de aceder, que se apresente e preste o seu testemunho. No entanto, concedei-lhe que vos fale no dialecto jónico, como é seu hábito<sup>(323)</sup>.”

*‘Senhores jurados: Veras são as palavras que este homem vos diz, e crede nele, naquilo que ele vos diz com respeito a este tema, ou seja, que a visão é preferível à audição: de feito, acontece serem os ouvidos mais infiéis que os olhos’<sup>(324)</sup>*

“Estais a ouvir o que afirmou a testemunha, que deu a primazia à visão? E fê-lo com razão. Na verdade, as palavras são aladas e desaparecem voando, logo que saem [da boca], ao

---

<sup>321</sup> Ulisses até ouviu o seu canto, mas, amarrado ao mastro, não podia acorrer aos seus encantos.

<sup>322</sup> “como quer e reza a lenda”: o orador (Luciano!) não se compromete...

<sup>323</sup> Não há maneira de verter a (suposta) intervenção de Heródoto numa forma de português que sugira o dialecto jónico... Talvez com uma pitada de arcaísmo... e mesmo assim...

<sup>324</sup> Heródoto, I, 8, 3. Só a última frase é realmente tirada do texto de Heródoto.

passo que o prazer daquilo que se vê está sempre presente, de certo modo permanece e seduz o espectador.

21. “Portanto, como pode um auditório tão belo e tão admirável deixar de ser um difícil adversário do orador? Mas ainda não vos disse o principal. De facto, vós próprios, jurados, enquanto eu estou a discursar, olhais para o tecto, admirais as paredes, apreciáis as pinturas, passando a vista [sucessivamente] por cada uma delas. Mas não vos envergonheis disso, pois é desculpável que vós tenhais algum sentimento humano, para mais em relação a matérias tão belas e tão variadas. De facto, a precisão da técnica e a utilidade da história alusiva à Antiguidade, constituem uma atracção que requer espectadores verdadeiramente cultos.

Pois bem: Para que vós não estejais constantemente a olhar para essas obras e não nos<sup>(325)</sup> abandoneis, eis que vou, na medida do possível, descrevê-las para vós oralmente. Na verdade, julgo que sentireis prazer ao ouvir [descrever] as obras que vós admirais somente ao contemplá-las. E talvez me elogieis também por esse facto e me prefirais ao meu adversário, ou seja, pelo facto de eu, ao mesmo tempo que me exhibo, duplicar o vosso prazer. Todavia, vós vedes a dificuldade deste acto de coragem, que é o de representar tão grande quantidade de quadros, sem [dispor de] cores, de formas ou de espaço<sup>(326)</sup>. Realmente, a “pintura” por palavras é muito deficiente.

22. “À direita de quem entra, mistura-se a aventura etiópica com o mito argólico<sup>(327)</sup>: Perseu mata o monstro marinho e liberta Andrómeda; pouco tempo depois, casará<sup>(328)</sup> com ela e partirá dali, levando-a consigo. Este episódio constitui um acessório da busca aérea<sup>(329)</sup> das Górgonas<sup>(330)</sup>. Num espaço muito limitado, o artista representou muita coisa: o recato e

---

<sup>325</sup> “nos”, plural majestático, ou referência aos *dois* supostos e diferentes oradores.

<sup>326</sup> “... cores... formas... espaço”, ou seja “sem dispor de tintas, pincéis e tela(s)”.

<sup>327</sup> Um episódio do mito do argivo Perseu, o qual, na sua passagem pela Etiópia, libertou Andrómeda, que estava prestes a ser devorada por um monstro marinho... etc., etc...

<sup>328</sup> “casará”: o futuro indica uma referência que não consta do quadro.

<sup>329</sup> “aérea”, pois Hermes havia dado a Perseu umas sandálias que lhe permitiam voar. Foi com esta vantagem (“artilharia” aérea!) que Perseu matou as Górgonas.

<sup>330</sup> As Górgonas eram três: Esteno, Euríale e Medusa. Só esta última é que era (como se verá!) mortal.

o pavor da jovem, que observa a luta do alto de uma fraga, a coragem do jovem [Perseu], movido pela paixão, e o aspecto invencível da fera<sup>(331)</sup>. Esta avança de espinhos eriçados e de horrenda boca escancarada, enquanto Perseu, com a mão esquerda, exhibe ao alto a Górgona<sup>(332)</sup> e trespassa-a com a espada na mão direita. Então, a parte do monstro que viu Medusa<sup>(333)</sup> já está petrificada, enquanto a outra parte, ainda viva, está a ser cortada pela foice.

23. “Logo a seguir a este quadro, está representado um outro episódio dramático da maior justiça, cujo arquétipo o artista foi buscar, julgo eu, a Eurípidés ou a Sófocles, uma vez que ambos descreveram a mesma cena<sup>(334)</sup>. Os jovens amigos Píladés da Fócida e Orestes (este que se julgava morto) penetraram secretamente no palácio e estão prestes a matar Egisto. Clitemnestra já está morta e jaz seminua estendida num leito, enquanto, de entre toda a criadagem estupefacta com o sucedido, uns parecem gritar<sup>(335)</sup>, enquanto outros olham à volta, a ver por onde fugir. O artista teve uma ideia nobre, ao sugerir apenas a impiedade do caso, omitindo o facto consumado e representando os dois jovens empenhados, como que ao retardador, na morte do adúltero<sup>(336)</sup>.”

24. “A seguir a este, há um que representa um belo deus e um formoso rapazinho, numa cena de amável brincadeira<sup>(337)</sup>.”

---

<sup>331</sup> “aspecto invencível da fera”, anacoluto, por “aspecto da fera invencível”.

<sup>332</sup> Neste caso (singular) refere-se a Medusa.

<sup>333</sup> “que viu Medusa”, entenda-se, através do escudo polido de Perseu, que servia de espelho...

<sup>334</sup> Trata-se da *Electra*, mas a descrição coaduna-se mais com a tragédia de Sófocles, vv. 1424, ss. (v. ed. “Loeb”). A lenda era bem conhecida: Ao regressar de Tróia, Agamémnon, rei de Micenas, é assassinado por Egisto, com a cumplicidade de Clitemnestra. Mais tarde, Orestes e o seu amigo Píladés vingam a morte do pai, matando primeiro Clitemnestra, e a seguir Egisto.

<sup>335</sup> “parecem gritar”, gr. “como que gritam”: é o que se depreende dum quadro... mudo.

<sup>336</sup> O orador (Luciano, afinal) pretende salientar o cuidado do artista em evitar uma descrição demasiado violenta, que, *no quadro*, não chega a ser sangrenta.

<sup>337</sup> “uma amável brincadeira”: o gr. diz *erōtikḗ tis paidiá* (ἔρωτικὴ τις παιδιὰ), que poderíamos ser tentados a verter por “uma brincadeira erótica”; mas o contexto diz-nos que a brincadeira era, simplesmente, “amável”.

O jovem Branco<sup>(338)</sup>, sentado numa rocha, tem nas mãos uma lebre e está a brincar com o seu cão, que parece querer saltar e agarrá-la lá em cima. Apolo, a seu lado, sorri, encantado com ambas as acções: com a brincadeira do menino e com os esforços do cão.

25. “A seguir a estes, vem novamente Perseu, agora na audaciosa aventura que precedeu a do monstro marinho, com a Medusa em vias de lhe ser cortada a cabeça e com Atena contemplando Perseu. Ele de facto cometeu essa façanha, porém não viu o seu acto, mas sim a imagem da Górgona reflectida no seu escudo, pois sabia muito bem qual a pena por ver a imagem real.

26. “A meio da parede, por cima da porta oposta [à da entrada], foi construído o nicho de Atena, no qual esta deusa está, não com a veste guerreira, mas tal como seria a [veste] de uma deusa guerreira em período de paz.

27. “A seguir a esta, há outra Atena, não de mármore, mas de novo em pintura. Hefesto, apaixonado por ela, persegue-a, enquanto ela foge, e é desta perseguição que nasce Erictónio<sup>(339)</sup>.

28. “A esta segue-se uma outra tela [de temática] antiga. Oríon<sup>(340)</sup>, cego, leva às cavalitas Cedálion, que lhe indica o caminho em direcção ao Sol nascente,

29. “e Hélio aparece e cura-o da cegueira, enquanto Hefesto, lá [da ilha] de Lemnos, observa a cena.

30. “Depois deste, vem Ulisses simulando loucura, pois não quer acompanhar os Atridas na expedição; estão junto dele os embaixadores, no gesto de apelar [a que parta]. Todos

---

<sup>338</sup> Branco, gr. *Brághkos* (Βράγῃκος), formoso jovem amado por Apolo, que lhe concedeu o dom da adivinhação, fundou um célebre oráculo em Didime (sul de Mileto), que rivalizava com o de Delfos.

<sup>339</sup> Erictónio foi um dos primeiros (e lendários) reis de Atenas. A sua filiação materna sofre diversas variantes, mas a mais difundida, que Luciano acolhe, era esta.

<sup>340</sup> Oríon (acentuação grave, não esdrúxula) ou *Orião*, um gigante caçador, tendo sido cegado pelo rei Enópio, pai de Mérope, que Oríon tentou violar, está, neste quadro, a transportar às costas o jovem Cedálion (que vivia junto do deus ferreiro Hefesto), que o levará ao Sol nascente, onde recuperara a vista.

os pormenores da simulação eram credíveis, como a charrua e a incoerência da atrelagem, bem como a insensatez do que fazia<sup>(341)</sup>, É, porém, desmascarado pela cena do menino. Foi o caso que Palamedes, filho de Náuplio, percebendo o que se passava, pegou em Telémaco e ameaça matá-lo; já tem na mão a espada nua. À loucura fingida [de Ulisses], responde com a sua [pretensa] fúria. Então Ulisses, perante tal horror, mostra-se sensato, procede como pai e desfaz a simulação.

31. “Por último, está representada Medeia, ardente de ciúme, olhando sombriamente os seus dois filhos e meditando em algo terrível. Na verdade, já tem na mão a espada, enquanto os dois infelizes [meninos] estão sentados e riem, sem consciência do que está para acontecer, mesmo vendo a espada nas mãos [da mãe].

32. “Senhores jurados: Não vedes como tudo isto seduz o ouvinte e o desvia [do que ouve] para o que está à vista, deixando o orador abandonado? Ora, se eu desenvolvi estas ideias, não foi para que vós, ao considerardes o meu adversário atrevido e [até] insolente pelo facto de se ter lançado voluntariamente numa tarefa tão difícil, o condeneis e o hostilizéis e vos afasteis a meio do seu discurso, mas antes para que, atendendo à dificuldade do empreendimento, o apoieis e, na medida do possível, fecheis os vossos olhos e ouçais [apenas] as suas palavras. Na verdade, dificilmente ele poderia, mesmo tendo-vos, não por juízes, mas por defensores, não ser julgado muito abaixo de um tão magnífico auditório. Mas não vos admireis de eu vos fazer este pedido a bem de um adversário. É que, pelo amor que tenho por este auditório, desejaria que todo aquele que nele discursasse fosse bem-sucedido.

---

<sup>341</sup> Para melhor convencer os embaixadores, Ulisses encenou um quadro, que incluía uma charrua puxada por um burro e um boi, ao mesmo tempo que ia semeando... sal...

*ELOGIO DA TERRA NATAL*

(Página deixada propositadamente em branco)



## INTRODUÇÃO

A Pátria, *patris* (πατρίς), era, no contexto antigo (quer no da Grécia clássica, a das *póleis*, quer no do vasto Império Romano), aquilo a que chamamos a *terra natal* (a santa terrinha!) Essa concepção está explícita logo desde o início... e até ao fim deste opúsculo.

Numa parêntese, ocorre-me o facto curioso que se verifica na Grécia moderna: o termo *patrida* (πατρίδα) significa, de facto, o mesmo que para qualquer de nós: *pátria*, mas — e é aqui que reside a curiosidade —, quando o grego quer referir-se à sua terra natal, diz *i mikri patrida* (η μικρή πατρίδα), “a pequena pátria”. É, pois, neste sentido que devemos entender o título *Patridos egkómion* (Πατρίδος ἐγκώμιον), “Elogio da Terra Natal”.

Por muito que alguns (p. ex., A. M. Harmon, “Loeb”) resistam a reconhecer a autoria de Luciano, não creio que haja argumentos suficientemente sérios que excluam essa paternidade. Segundo Wieland (*apud* Eugène Talbot, *Oeuvres complètes de Lucien*, “Hachette”, 1857), este *Elogio da Terra Natal* dataria da velhice de Luciano: andarilho por terras do Império, aos quarenta anos fixa-se em Atenas, talvez por uns vinte anos, antes de ocupar um alto cargo público na província imperial do Egipto, onde parece acabar os seus dias. Entre Atenas e o Egipto, pode ter ido “matar saudades” à sua querida *patris*, precisamente à santa terrinha... Outra possibilidade é que essa viagem à terra se tenha realizado depois do cargo ocupado no Egipto, portanto em idade bastante mais avançada.

O §9 aponta precisamente para o facto de Luciano ter pronunciado este discurso numa idade avançada, perante os seus concidadãos de Samósata:

*“Se a terra natal é muito querida para os jovens, ainda mais o é para as pessoas de avançada idade, porquanto, na medida em que estas têm uma compreensão superior à dos jovens, também nelas se enraíza mais o amor da terra natal. O facto é que todo o ancião procura e deseja ardentemente acabar os seus dias na sua terra natal, de maneira que o seu corpo seja sepultado na terra onde começou a sua vida e que o criou, e onde partilhe da sepultura dos seus antepassados. Na verdade, é horrível para qualquer pessoa encontrar-se na situação de estrangeiro e, após a sua morte, ficar sepultado em terra alheia.”*

O exemplo de Ulisses (§11), constantemente a suspirar de saudades pela sua modesta Ítaca, pela sua Penélope e pelo seu

querido Télmaco, esse Ulisses que renuncia à bela Calipso e à imortalidade que esta lhe proporcionaria, eis o caso supremo que melhor se aplica ao velho e saudoso Luciano.

Este opúsculo transmite aos desenraizados de hoje um sentimento de nostalgia que Luciano não deixou de sentir dolorosamente.

## ELOGIO DA TERRA NATAL

1. É um dito muito antigo que...

*Coisa mais doce não há, | que a terra de cada um*<sup>(342)</sup>.

Há lá coisa mais doce, mais veneranda e mais divina? Ora, tudo quanto os homens consideram como *venerando* e *divino*, de tudo isso a nossa terra natal é a causa e a mestra, ela que nos gerou, nos sustentou e nos educou. São muitos, é certo, os que *admiram* a grandiosidade, o brilho e a magnificência de construções de outras cidades, mas o que todos *amam ternamente* é a sua terra natal. Não há ninguém, mesmo de entre as pessoas completamente rendidas ao prazer da espectacularidade, que se deixe seduzir pela abundância de maravilhas de outras paragens, a ponto de se esquecer da sua terra natal.

2. Todo aquele que se vangloria de ser cidadão de uma cidade importante, menospreza, julgo eu, a homenagem que deve prestar à sua terra natal, e é manifesto que um tal indivíduo fica irritado por lhe ter calhado uma terra natal algo modesta. Para mim, é mais agradável honrar o simples nome da minha terra natal. De facto, quem se der ao trabalho de *comparar* cidades deve analisar as suas dimensões, a sua beleza e a abundância de mercadorias, mas quando se trata de *escolher* entre cidades, ninguém escolheria uma mais magnífica em detrimento da sua terra natal; esse, embora desejasse — é certo — que a sua terra natal estivesse ao nível das [cidades] mais ricas, escolheria a sua, fosse ela qual fosse.

3. É deste modo que procedem os filhos justos e os bons pais. De facto, nenhum jovem de boa formação<sup>(343)</sup> preferiria outro [homem] a seu pai, nem nenhum pai amaria outro jovem em detrimento do seu próprio filho; pelo contrário, os pais estão de tal modo agarrados e afeiçoados aos seus filhos, que estes lhes parecem os mais belos, os maiores e os mais bem dotados de todos. E todo aquele [pai] que não seja juiz nesta conformidade em relação ao seu filho, não creio que tenha olhos de pai.

---

<sup>342</sup> Máxima de facto muito antiga, tirada da *Odisseia*, IX, 34, verso fielmente transcrito, ainda que incompleto, pois o texto homérico diz mais: "... *nem que os [nossos] pais*".

<sup>343</sup> "de boa formação", assim verti (com todos os riscos!) o conhecido ideal grego de perfeição: *kalòs kagathòs* (καλὸς κἀγαθός).

4. Portanto, o simples nome de *pátria*<sup>(344)</sup> é o primeiro e o mais familiar de todos. Na verdade, não existe nada de mais familiar que o *pai*. Se alguém dedica ao seu *pai* a devida honra, como, de resto, o ordenam a lei e a natureza, por maioria de razão deverá honrar a sua *pátria*. Na verdade, o nosso próprio pai é um produto da *pátria*, tal como o pai do nosso pai e todos os familiares daí para trás, [de forma que,] até aos deuses pátrios, vai esse nome em linha ascendente.

5. Até mesmo os deuses gostam das suas [respectivas] terras natais<sup>(345)</sup>; e embora, segundo parece, olhem por todas as coisas humanas e tomem como sua propriedade toda a terra e todo o mar, cada um deles prefere a todas as outras cidades aquela onde nasceu. Pelo facto de serem a terra natal de deuses, certas cidades são mais veneráveis, e certas ilhas são mais divinas, e nelas se celebra [particularmente] o nascimento de divindades. Por isso mesmo, julga-se que são mais agradáveis aos deuses aqueles sacrifícios que cada pessoa vai celebrar na terra natal desses deuses. Então, se o simples nome de *pátria* é honroso para os deuses, como deixaria de sê-lo, e muito mais, para os homens?

6. Na verdade, foi lá da sua terra natal que cada um de nós viu pela primeira vez o Sol, de maneira que este deus, embora comum [a todas as terras], é considerado por cada um o seu deus *pátrio*, devido à primeira visão a partir da nossa terra [natal]. Foi aí que cada um começou a articular sons, a aprender a falar a língua local<sup>(346)</sup>, e foi aí que conheceu os deuses. Ora, se nos calhasse por destino uma terra natal de tal ordem que tivéssemos necessidade de uma outra para [receber] uma formação superior, mesmo assim é à nossa terra natal que devemos gratidão pelos seus ensinamentos, uma vez que não conheceríamos sequer a palavra *pólis*, por não termos sequer aprendido, através da nossa terra natal, que existe uma [palavra] *pólis*.

---

<sup>344</sup> Aqui, é forçoso traduzir *patris* (πατρίς), não por “terra natal”, mas mesmo por “pátria”, pois o termo entra num jogo etimológico com *patēr* (πατήρ) “pai”.

<sup>345</sup> Alude-se aqui a diversos locais que eram tidos como lugares de nascimento de deuses, como, p.ex., Creta, terra natal de Zeus...

<sup>346</sup> Luciano (ou outro por ele) refere-se à língua síria (ou outra...), língua da sua infância, a que, mais tarde e por acção da escola, veio acrescentar-se o grego.

7. Os homens acumulam todos esses conhecimentos teóricos e disciplinas científicas<sup>(347)</sup>, tornando-se por esse meio — cuidado eu — mais úteis às respectivas terras natais. Além disso, amealham fortuna, movidos pela ambição de contribuir para as despesas públicas da sua terra natal, e [fazem-no] por boas razões, julgo eu. De facto, as pessoas que receberam os maiores benefícios, não devem ser ingratas [ao seu benfeitor]. Pelo contrário, se, como é da maior justiça, agradecemos a um particular sempre que dele recebemos um favor, por maioria de razão devemos retribuir à nossa terra natal aquilo que lhe é devido. Ora, se as cidades têm leis sobre os maus procedimentos [dos filhos] em relação aos pais, há que considerar a nossa terra natal como mãe comum de todos nós e dar-lhe graças pela nossa educação e pelo conhecimento das leis.

8. Nunca, porém, se viu ninguém tão esquecido da sua terra natal, a ponto de não se preocupar com ela quando está numa outra cidade. Pelo contrário, aqueles que se dão mal com a emigração, estão constantemente a clamar que a sua terra natal é o maior dos bens; mas mesmo os que enriqueceram, ainda que bem-sucedidos em tudo o mais, acham que lhes falta o maior bem, pelo facto de não residirem na sua terra natal, mas numa terra estrangeira, pois a própria condição de estrangeiro é humilhante. Mesmo aqueles que se celebrizaram durante a sua estada no estrangeiro, quer por terem feito fortuna, quer por terem alcançado glória por cargos oficiais, quer pelo reconhecimento da sua [elevada] cultura ou pelo elogio da sua coragem, é vê-los todos eles a regressarem pressurosos à *santa terrinha*<sup>(348)</sup>, como se não pudessem patentear o seu êxito perante outros [cidadãos] melhores [que os seus]. Quanto mais um homem for, no estrangeiro, considerado digno das maiores honras, tanto mais pressa sente de regressar à sua terra natal.

9. Se a terra natal é muito querida para os jovens, ainda mais o é para as pessoas de avançada idade, porquanto, na medida em

---

<sup>347</sup> “conhecimentos teóricos e disciplinas científicas”, ou seja, respectivamente, p.ex., Filosofia, Retórica... e Matemática, Geometria, Astronomia...; esta é uma das versões possíveis de *paideúmata* (παιδεύματα) e *mathémata* (μαθήματα); “educação” e “instrução” seriam outra possibilidade...

<sup>348</sup> Peço desculpa ao leitor, por usar esta expressão tão nossa, que ao longo desta tradução me tem persistentemente “saído ao caminho”, no lugar da repetidíssima *terra natal*.

que estas têm uma compreensão superior à dos jovens, também nelas se enraíza mais o amor da terra natal. O facto é que todo o ancião procura e deseja ardentemente acabar os seus dias na sua terra natal, de maneira que o seu corpo seja sepultado na terra onde começou a sua vida e que o criou, e onde compartilhe da sepultura dos seus antepassados. Na verdade, é horrível para qualquer pessoa encontrar-se na situação de estrangeiro e, após a sua morte, ficar sepultado em terra alheia.

10. Quanta afeição têm à sua terra natal os cidadãos verdadeiramente genuínos [dessa terra], eis o que pode deprender-se do caso dos autóctones. De facto, os estrangeiros, como se fossem bastardos, tornam fáceis as suas migrações: por um lado, nem conhecem nem amam o simples nome de *terra natal*, e, por outro lado, dispõem-se a procurar em qualquer parte a sua subsistência, colocando o seu critério de felicidade nos prazeres da alimentação. Pelo contrário, aqueles para os quais a terra natal é a sua mãe amam a terra onde nasceram e onde foram criados, mesmo que possuam uma minúscula extensão [dela], e mesmo que ela seja pedregosa e fraca de solo [arável]. E embora careçam de motivos para elogiar as virtudes do solo, mesmo assim não terão falta de encómios em prol da sua terra natal. Mesmo que vejam outros orgulhosos das suas planícies a perder de vista e dos seus prados salpicados de plantas de toda a espécie, não se esquecerão dos elogios devidos à sua terra natal e, desprezando a [terra] “*criadora de cavalos*”, louvam a [terra] “*criadora de mancebos*”<sup>(349)</sup>.

11. E uma *certa* pessoa<sup>(350)</sup> dirige-se pressurosa para a sua terra natal, ainda que seja um ilhéu, ainda que pudesse prosperar noutras paragens; nem sequer aceita uma imortalidade que lhe é oferecida, preferindo antes [ter] o túmulo na sua pátria; e até mesmo o fumo da sua terra é, a seus olhos, mais brilhante que o fogo de outras paragens.

12. Portanto, tão venerável parece ser para todas as pessoas a sua terra natal, que, como se pode verificar, por toda a parte

---

<sup>349</sup> [terra] “*criadora de cavalos*” é referência especial à Trácia ou a Argos; [terra] “*criadora de mancebos*” alude a Ítaca, v. *Odisseia*, IX, 27: [uma ilha] “*fragosa, mas boa criadora de mancebos*”.

<sup>350</sup> “*uma pessoa*”, referência a Ulisses...

os legisladores estabeleceram o exílio como a pena mais grave para os grandes crimes. E se assim procedem os legisladores, os comandantes de um exército não agem de maneira diferente, pois, quando das batalhas, a exortação mais forte feita aos soldados em linha de ataque é a que diz que “*a luta é pela terra natal*” deles, e então nenhum dos que ouvem estas palavras quer passar por cobarde. De facto, o simples nome de *terra natal* faz do cobarde um valente.

(Página deixada propositadamente em branco)



*MACRÓBIOS*

(Página deixada propositadamente em branco)

## INTRODUÇÃO

Como se diz no preâmbulo, em forma de carta-dedicatória, este opúsculo é dedicado a um amigo do autor (que pode ou não ser Luciano), de nome Quintilo, e tinha o título explícito de *Makróbioi* (Μακρόβιοι) “pessoas de idade muito avançada”.

O destinatário é, sem dúvida, uma figura concreta, mas já é menos certo que o seu autor seja Luciano. Os argumentos em favor da não-autoria de Luciano baseiam-se no aspecto descuidado e “telegráfico” da lista de homens que viveram acima dos oitenta anos, lista fastidiosa, seca, com formas repetidas e, enfim, sem qualquer valor literário.

Depois de se referir a Nestor e a Tirésias, como dois famosos velhinhos, passa para castas de pessoas e países onde a regra era que as pessoas vivessem até uma idade avançada. Os §§8-28 contém a referida lista de mais de sessenta veneráveis anciãos, lista que o leitor moderno tem dificuldade em seguir, pois é constituída por personalidades que, na sua maioria, lhe são desconhecidas, como desconhecido é o próprio destinatário, um tal Quintilo. Alguma informação histórica *nova* a respeito de uma ou outra personalidade importante parece ser bastante rara.

Enfim, se este catálogo de velhinhos não honra especialmente Luciano, também não seria completamente de excluir a sua autoria, propositadamente em forma de lista e de “rascunho”...

Outra sensação que nos assalta é a da possibilidade de se tratar de uma obra bizantina, que, por artes não se sabe de quê, se terá introduzido nos manuscritos de Luciano.

O próprio autor deve ter-se sentido “enjoado” com tanta citação, pois, mesmo na parte final (§29) (que ele, aliás, determina que seja final), desculpa-se de não ter cumprido a promessa de incluir nessa lista personalidades de Roma e do resto da Itália:

*“Tais são os reis e os homens da cultura que pude reunir. Mas, venerável Quintilo, uma vez que prometi fazer o registo de alguns macróbios Romanos e naturais da Itália, indicar-tos-ei numa outra obra.”*... obra que Luciano... ou alguém por ele, não terá concretizou. E não se perdeu muito!

(Página deixada propositadamente em branco)

## MACRÓBIOS

1. Por ordem de um certo sonho, preclaríssimo<sup>(351)</sup> Quintilo, ofereço-te como presente os meus *Macróbios*. Tive esse sonho já há muito tempo e contei-o aos meus amigos, no dia da imposição do nome ao teu segundo filho. Mas, sem ser capaz de interpretar que “macróbios” é que o deus<sup>(352)</sup> me ordenava que te oferecesse, pedi então aos deuses que vos concedessem, a ti e aos teus filhos, muitos anos de vida, convencido de que esse facto é benéfico não só para todo o género humano, mas, antes de mais, para mim próprio e para todos os meus. Na verdade, também a mim esse deus parecia augurar algo de bom.

2. Então, reflectindo cá com os meus botões<sup>(353)</sup>, veio-me à ideia que era natural que os deuses, ao imporem uma tal coisa a um homem dado à cultura, estavam a ordenar-lhe que te oferecesse alguma coisa no âmbito da minha arte. Portanto, considerando que o dia do teu aniversário é o mais auspicioso de todos [os dias], ofereço-te a relação daqueles homens que se conta terem atingido uma idade muito avançada [sempre] com grande saúde mental e boa forma física geral. Além disso, oxalá resulte deste meu escrito um duplo benefício para a tua pessoa: por um lado, um grande desejo e uma boa esperança de poderes ter uma longa vida e, por outro lado, a lição resultante desses exemplos, ao verificares que aqueles que cuidaram especialmente de si mesmos, do ponto de vista quer físico, quer mental, chegaram de perfeita saúde à mais avançada velhice.

3. De Nestor, por exemplo, o mais sábio dos Aqueus, diz Homero que ultrapassou três gerações<sup>(354)</sup>, e apresenta-o excelentemente ágil de espírito e de corpo. Também do adivinho Tirésias, diz a tragédia que ultrapassou seis gerações. Será de acreditar que um homem devotado aos deuses e que leve um estilo de vida bastante puro, tenha uma vida muito longa.

---

<sup>351</sup> *Praeclarissimus* era o tratamento que, durante o Império, se dava a pessoas de elevada condição social e política. Este parece ser um dos irmãos *Quintillus*, que foram ambos governadores da Grécia. Atendendo à designação latina, preferi traduzir “mais à letra”, em vez de “ilustríssimo”...

<sup>352</sup> “o deus”, no singular, é o deus Hipno, gr. *Ίπνος* (“Υπνος”).

<sup>353</sup> “cá com os meus botões”: o gr. diz “comigo mesmo”...

<sup>354</sup> Cada geração representava um período de cerca de 40 anos, donde Nestor teria mais de 120 anos.

4. Também se conta que existem castas inteiras de pessoas macróbias por efeito do seu modo de vida, como por exemplo, entre os Egípcios, os chamados “escribas sagrados”<sup>(355)</sup>; do mesmo modo, entre os Assírios e Árabes, os intérpretes dos mitos; e entre os Indianos, os chamados Brâmanes, homens intensamente ocupados com a Filosofia; e os chamados “magos”, uma casta de adivinhos e devotada aos deuses, entre os Persas, os Partos, os Báltrios, os Corásmios, os Arios, os Sacas, os Medos e entre muitíssimos outros povos bárbaros: todos eles são fortes e longevos, por efeito da magia e do seu modo de vida muito severo.

5. Existem mesmo povos inteiros extremamente longevos, como os Seres, que se diz viverem até aos trezentos anos, de acordo uns, ao clima, ao que outros acrescentam como causa da extrema velhice a natureza do solo, e ainda segundo outros o modo de vida, pois diz-se que todo este povo bebe somente água. Também se conta que os habitantes do [monte] Atos vivem até aos cento e trinta anos, e os Caldeus, segundo se diz, vivem mais de cem anos, pois alimentam-se de pão de cevada, que também é remédio para a agudeza de visão. Diz-se mesmo que, devido a esse modo de vida, possuem os restantes sentidos mais saudáveis que as outras pessoas.

6. Mas, além destes exemplos a respeito de castas ou povos macróbios, que se diz viverem por longuíssimo tempo, uns por acção do clima e do solo, outros pelo estilo de vida<sup>(356)</sup>, ou por ambas as causas [conjuntas], eu gostaria de te inculcar, muito apropriadamente, uma esperança bem-fundada [nesse sentido], ao referir o facto de que existem, com todos os solos e climas, homens longevos, que praticam exercícios físicos adequados e um estilo de vida extremamente conveniente para a sua saúde.

7. Vou agora estabelecer uma primeira divisão nesta minha obra, [feita] segundo a função desempenhada por esses homens.

---

<sup>355</sup> Os “escribas sagrados”, gr. *hierogrammateis* (ἱερογραμματεῖς) escreviam, ou transcreviam, os livros de Ísis e Osíris, pelo que estavam na posse de segredos muito... confidenciais.

<sup>356</sup> Note-se que “clima e solo” contam como *uma causa*, *causa natural*, enquanto o “estilo de vida” é *a outra causa*, que depende da pessoa, e não da natureza.

Em primeiro lugar, falarei dos reis e dos generais, entre os quais a piedíssima Fortuna do [nosso] mui divino Imperador o elevou ao mais alto grau, tornando-o um grande benfeitor do seu Império<sup>(357)</sup>. Assim, ao veres a similitude da tua condição física e da tua fortuna com a desses homens longevos, poderás esperar ter à tua frente uma velhice saudável e longa, e, ao imitá-los, conseguirás, com esse estilo de vida, uma existência muitíssimo longa e cheia de saúde.

8. <sup>(358)</sup>De Numa Pompílio, o mais venturoso dos reis dos Romanos e o mais devotado ao culto dos deuses, conta-se que viveu para lá dos oitenta anos. E de Sêrvio Túlio, também rei dos Romanos, diz-se que viveu igualmente mais de oitenta anos. Quanto a Tarquínio, o último rei dos Romanos, que foi exilado e passou a residir em Cumas<sup>(359)</sup>, diz-se que viveu para lá dos noventa anos [sempre] com uma robustíssima saúde.

9. Estes são os reis dos Romanos, aos quais juntarei os outros reis que atingiram uma longa velhice; e depois destes, de acordo com as respectivas funções. Por fim, mencionar-te-ei também os restantes que, de entre os Romanos, atingiram uma idade muito avançada, a estes acrescentando conjuntamente aqueles que, no resto da Itália, viveram durante muitíssimos anos. A sua [simples] citação constitui uma refutação muito plausível daqueles que tentam acusar aqui o nosso clima, pelo que temos<sup>(360)</sup> as mais belas esperanças de que serão concretizados os nossos votos de que o Senhor<sup>(361)</sup> de toda a terra e do mar atinja uma longa e brilhante velhice e se mantenha no comando do seu Império mesmo já [muito] velho.

---

<sup>357</sup> “entre os quais... .. do seu Império”: O texto, muito confuso sintacticamente e com um vocabulário empolado, tem sugerido a diversos comentadores um autor muito tardio, que não Luciano. Até mesmo a referência ao Imperador é completamente vaga: dá para quase todos...

<sup>358</sup> Começa aqui uma fastidiosa, monótona e seca lista de personalidades “macróbias”...

<sup>359</sup> Cumas, cidade da Campânia, onde tinha o seu oráculo a famosa Sibila... de Cumas.

<sup>360</sup> “temos”, plural majestático (= “eu tenho”) ou simples generalização (“todos nós temos”), o mesmo, a seguir: “os *nossos* votos”.

<sup>361</sup> “Senhor”, gr. *despótēs* (δεσπότης) pôde aplicar-se ao Imperador, o que deve ser aqui o caso.

10. De Argantónio, rei dos Tartessos, diz-se que viveu cento e cinquenta anos, como afirmam o historiador Heródoto e o poeta lírico Anacreonte<sup>(362)</sup>, mas muitos consideram esse facto uma lenda. Agátocles, tirano da Sicília, morreu aos noventa anos, conforme contam Demócates e Timeu. Hierão, tirano de Siracusa, morreu de doença aos noventa e dois anos, tendo reinado durante setenta anos, conforme dizem Demétrio Claciano e outros. Áteas, rei dos Citas, morreu, com mais de noventa anos, na batalha contra Filipe nas margens do rio Istro<sup>(363)</sup>. De Bardílis, rei dos Ilírios, diz-se que combateu a cavalo, ia completar noventa anos. Teres, rei dos Odrísios, morreu, segundo Teopompo, aos noventa e dois anos.

11. Antígono “Monoftalmo”, filho de Filipe e rei da Macedónia [Frígia]<sup>(364)</sup>, ao combater na Frígia<sup>(365)</sup> contra Seleuco e Lisímaco, tombou crivado de múltiplos ferimentos e morreu, aos oitenta e um anos, conforme narra Hierónimo<sup>(366)</sup>, que o acompanhou nessa batalha. Também Lisímaco, rei da Macedónia [Trácia], morreu na batalha contra Seleuco, ia perfazer oitenta anos, conforme diz o mesmo Hierónimo. [Um outro] Antígono, filho de Demétrio e neto do [Antígono] “Monoftalmo”, foi rei da Macedónia durante quarenta e quatro anos, tendo vivido oitenta anos, conforme narra Medeu e outros historiadores. Do mesmo modo, Antípatro, filho de Iolau, homem de grande influência e regente de vários reis da Macedónia<sup>(367)</sup>, morreu com mais de oitenta anos de idade.

---

<sup>362</sup> Heródoto (I, 163) diz “cento e vinte anos”. O autor desta obra deve estar a citar de cor, como, a seguir, na menção a Timeu, que parece dizer “setenta e dois”, e não “noventa”. Parece que, para o autor deste opúsculo, o limite inferior da *avançada velhice* está nos oitenta anos.

<sup>363</sup> “Istro”, actual Danúbio.

<sup>364</sup> O autor deste opúsculo pressupõe que o seu destinatário conhecia bem a história da Macedónia, e especialmente a divisão do Império de Alexandre pelos seus generais. Assim, Antígono ficou com parte da Frígia; Lisímaco com a Trácia; Eúmenes com a Capadócia; Ptolomeu com o Egipto...

<sup>365</sup> Batalha de Ipso, em 301 a.C.

<sup>366</sup> Hierónimo, historiador e general, foi lugar-tenente de Antígono na batalha de Ipso (301 a.C.). A sua obra não chegou até nós, mas serve de fonte de informação aos historiadores, Diodoro (c. 40 a.C.), Arriano (séc. II d.C.) e Plutarco (46-c. 126 d.C.). É possível que o autor desta obra *ainda* tivesse acesso ao texto de Hierónimo.

<sup>367</sup> Nomeadamente, regente de Alexandre, durante as campanhas orientais deste.



12. Ptolemeu, filho de Lago, o mais venturoso dos reis do seu tempo, que foi rei do Egipto, aos oitenta e quatro anos, e dois anos antes de morrer, entregou o poder a seu filho Ptolemeu, de cognome Filadelfo, que assim recebeu o reino paterno, <passando à frente de mais velhos<sup>(368)</sup>> irmãos. Filetero, que era eunuco, foi o primeiro que constituiu e ocupou o reino de Pérgamo, tendo terminado a vida aos oitenta anos. Átalo, cognominado “Filadelfo”, rei de Pérgamo, a quem o general romano Cipião fez uma visita, deixou a vida aos oitenta e dois anos.

13. Mitridates, rei do Ponto, cognominado “o Fundador”, escorraçado por Antígono “Monoftalmo”, morreu no Ponto com oitenta e quatro anos de idade, conforme dizem Hierónimo e outros historiadores. Ariárates, rei da Capadócia, viveu oitenta e dois anos, conforme diz Hierónimo. É possível que vivesse durante mais tempo, não fosse o caso de, na batalha contra Perdicas, ter sido aprisionado e crucificado.

14. Ciro “o Antigo”, rei dos Persas, conforme dizem os anais dos Persas e dos Assírios, com os quais Onesícrito, historiador de Alexandre, parece concordar, ao chegar aos cem anos, perguntou por todos os seus amigos, um por um, mas foi informado de que eles, na sua maioria, haviam sido mortos por seu filho Cambises. Então, como este afirmasse que tinha cometido esses actos por ordem de Ciro, este, por um lado, difamado pela crueldade do filho e, por outro lado, acusando-se a si próprio de falta de juízo, desmaiou e morreu.

15. Artaxerxes, cognominado “*Mnémon*”<sup>(369)</sup>, contra quem seu irmão Ciro fez uma expedição, era rei dos Persas, quando morreu de doença, aos oitenta e seis anos, ou como diz Dínon, aos oitenta e quatro. Um outro Artaxerxes, também rei dos Persas, do qual diz o historiador Isidoro Caraceno<sup>(370)</sup> que reinou no tempo dos seus antepassados, viveu noventa e três anos, tendo sido assassinado numa conspiração montada por

---

<sup>368</sup> O texto tem uma lacuna evidente, que A. M. Harmon (“Loeb”) tenta completar, com a devida (e aceitável) explicação em rodapé.

<sup>369</sup> “*Mnémon*”, “que não esquece”. É irmão de Ciro, ambos filhos de Dario e Parisátide.

<sup>370</sup> Caraceno, i.é, natural de Cárax (ou Cárace), cidade na foz do Tigre.

seu irmão Gositras. Sinátroces<sup>(371)</sup>, rei dos Partos, tendo sido, já com oitenta anos, repatriado pelos Citas Sacauraces, tomou o poder e reinou ainda durante sete anos. Tigranes, rei dos Armênios, ao qual Luculo fez guerra, morreu de doença aos oitenta e cinco anos.

16. Hispaucines de Cárax<sup>(372)</sup> e também rei das regiões ribeirinhas do Mar Vermelho, morreu de doença aos oitenta e cinco anos. Tireu, o terceiro rei a seguir a Hispaucines, viveu noventa e dois anos e morreu de doença. Artabazo, o sétimo rei de Cárax a seguir a Tireu, repatriado pelos Partos, subiu ao trono aos oitenta e seis anos. Camnascires, rei dos Partos, viveu noventa e seis anos.

17. Massinissa, rei dos Mauritanos, viveu noventa anos. Asandro, que, em vez de etnarca<sup>(373)</sup>, foi proclamado rei do Bósforo pelo divino Augusto<sup>(374)</sup>, tinha então noventa anos, e não se mostrava inferior fosse a quem fosse em combate a cavalo ou a pé; ao ver, porém, os seus [partidários], já quase na hora da batalha, passarem-se para [o lado de] Escribônio, renunciou a alimentar-se e morreu, tendo vivido noventa e três anos. Goesio, conforme diz Isidoro Caraceno, de quem era contemporâneo, e que era rei daquela Omana perfumada<sup>(375)</sup>, morreu de doença aos cento e quinze anos.

Estes são os muitos reis que os nossos predecessores relatam terem tido uma longa vida.

18. Quanto a filósofos e todos os que, por cuidarem das suas pessoas, atingiram uma extrema velhice, vou aqui registrar aqueles de que há notícia, a começar pelos filósofos. Demócrito de Abdera, chegado aos cento e quatro anos, morreu por deixar

---

<sup>371</sup> *Sinátroces* assenta na lição *Sinatrókēs* (Σινατρόκης), mas há quem leia *Sinatroukēs* (Σινατρούκης; v. Bailly), o que daria em port. *Sinatruces*; outra leitura (ou emenda?) é *Sinatroklēs* (Σινατροκλής), que daria em port. *Sinátrocles*; esta última parece-me demasiado grega para um Parto...

<sup>372</sup> V. nota *supra* a “*Isidoro Caraceno*”. Outros lêem *Hispsines* (v. Bailly).

<sup>373</sup> “etnarca”, governador de uma província.

<sup>374</sup> “Augusto” = Imperador (em geral), gr. *Sebastós* (Σεβαστός), trad. de lat. *Augustus*. O título de “divino”, lat. *divus*, aqui gr. *theós* (θεός) era aplicado aos imperadores mortos e divinizados. Não se diz, afinal (nem interessa nada!) de que imperador se trata.

<sup>375</sup> “Omana perfumada”, na Arábia Feliz, diferente de outra Omana, esta... não perfumada (!).

de se alimentar. O músico Xenófilo, conforme diz Aristóxeno, tendo aderido á filosofia pitagórica, viveu em Atenas mais de cento e cinco anos. Sólon, Tales e Pítaco, que faziam parte dos chamados sete sábios, viveram todos eles cem anos.

19. Zenão, chefe da Escola Estóica<sup>(376)</sup>, viveu noventa e oito anos. Dele se conta que, tendo tropeçado ao entrar na Assembleia, exclamou: “*Porque me chamás?*” Então voltou para casa e, renunciando a alimentar-se, acabou por morrer. Cleantes, discípulo de Zenão e seu sucessor, aos noventa e nove anos sobreveio-lhe um tumor no lábio, pelo que decidiu deixar-se morrer de fome. No entanto, tendo-lhe chegado umas cartas de amigos seus, retomou a alimentação e fez o que os amigos lhe pediam, após o que, voltando a abster-se de comida, deixou esta vida.

20. Xenófanes, filho de Dexino e discípulo do “físico”<sup>(377)</sup> Arquelau, viveu noventa e um anos. Xenócrates, que foi discípulo de Platão, viveu oitenta e quatro anos. Carnéades, chefe da Nova Academia, viveu oitenta e cinco anos<sup>(378)</sup>, e Crisipo oitenta e um. Diógenes de Seleucia junto do Tigre, filósofo estóico, viveu oitenta e oito anos. Posidónio de Apamia, na Síria, legalmente cidadão de Rodas, ao mesmo tempo filósofo e historiador, viveu oitenta e quatro anos. O peripatético Critolau viveu mais de oitenta e dois anos.

21. O divino Platão viveu oitenta e um anos. Atenodoro, filho de Sândon, [natural] de Tarso e estóico, que foi preceptor do divino César Augusto, e por cujo intermédio Tarso foi isenta de [pagar] impostos, viveu oitenta e dois anos e morreu na sua terra natal, onde o povo de Tarso lhe presta homenagem todos os anos, como a um herói. O estóico Nestor, de Tarso, preceptor

---

<sup>376</sup> Zenão de Cício (Chipre), fundador do Estoicismo (dif. de Zenão de Eleia, da Escola Eleática).

<sup>377</sup> O subst. gr. *phūsikós* (φυσικός) significa “cientista da natureza”, o que inclui diversos e variados ramos, como Astronomia, Meteorologia, Geografia... Arquelau de Atenas (ou de Samos?) estabelece a transição entre os “físicos” e os “filósofos”. Dizia ele que “*O bem e o mal são-no, não por natureza, mas por convenção*”.

<sup>378</sup> “anos”: Daqui em diante prefere subentender a palavra... o que entendi não fazer.

de Tibério César, viveu noventa e dois anos. Xenofonte, filho de Grilo, viveu para lá dos noventa anos.

São estes os filósofos dignos de menção.

22. De entre os historiadores, Ctesíbio morreu com cento e quatro anos<sup>(379)</sup>, enquanto passeava, conforme conta Apolodoro nas suas *Crónicas*. Hierónimo, que andou envolvido em guerras e sofreu muitas canseiras e muitos ferimentos, viveu cento e quatro anos, conforme diz Agatárquides no nono livro da sua *História da Ásia*, onde admira este homem pelo facto de, até ao seu último dia [de vida], se ter mantido válido nas sua relações<sup>(380)</sup> e em todos os seus sentidos, sem lhe faltar nenhum dos sinais de saúde. Helânico de Lesbos viveu oitenta e cinco anos, e o sírio Ferecides igualmente oitenta e cinco. Timeu de Tauroménio viveu noventa e seis anos. Aristobulo Cassandreu<sup>(381)</sup> viveu, segundo se diz, para lá dos noventa anos, tendo começado a escrever a sua *História* aos oitenta e quatro anos, como ele próprio diz no início dessa sua obra. Políbio, filho de Licortas, de Megalópolis, ao regressar da sua propriedade, caiu do cavalo e, tendo adoecido devido a esse facto, morreu aos oitenta e dois anos. Hipsícrates de Amiso, historiador e conhecedor de diversas ciências, viveu noventa e dois anos.

23. De entre os oradores, Górgias, a que alguns chamam sofista, viveu cento e oito anos. Morreu por se ter absterido de se alimentar. Dizem que, tendo sido interrogado sobre o motivo da sua avançada velhice e do vigor de todos os seus sentidos, respondeu que era pelo facto de nunca ter andado metido nos festins dos outros. Isócrates escreveu o seu *Panegírico* aos noventa e seis anos; e faltava-lhe um ano para os cem, quando, ao saber que os Atenienses tinham sido derrotados por Filipe em Queroneia, suspirando declamou o verso de Eurípides, aplicado a si próprio:

*Cadmo, enfim, abandonou | a fortaleza de Sídon.*

---

<sup>379</sup> Nos manuscritos, ρκ'δ (124), geralmente emendado para ρ'δ (104).

<sup>380</sup> “relações”: uns entendem “relações sociais”, e outros “relações sexuais”.

<sup>381</sup> “Cassandreu”, de Cassandria, cidade da Macedónia. Nota: O lat. *Cassandrêa* / *Cassandria* aponta para port. *Cassandria*, cf. *Alexandrêa* / *-ia...*, port. *Alexandria*.

... e acrescentando que “a Grécia vai ser escravizada”, deixou esta vida. O retor Apolodoro de Pérgamo, que foi preceptor do divino César Augusto, que ele educou juntamente com o filósofo Atenodoro de Tarso, viveu, tal como Atenodoro, oitenta e dois anos.

24. O tragediógrafo Sófocles viveu noventa e cinco anos, tendo morrido engasgado ao ingerir um grainha de uva. Na parte final da sua vida, acusado de insanidade mental pelo seu filho Iofonte, leu perante os jurados o seu *Édipo em*, assim provando, com esta peça, que estava de boa saúde mental, a ponto de os jurados o terem altamente elogiado, ao mesmo tempo que condenaram a insanidade, sim, mas do filho [do poeta].

25. Cratino, poeta cómico, viveu noventa e sete anos; já no final da sua vida, fez representar *A Garrafa*<sup>(382)</sup>, que saiu vencedora, e morreu não muito tempo depois. Filémon, poeta cómico, viveu, tal como Cratino, noventa e sete anos; estando tranquilamente reclinado no leito<sup>(383)</sup>, viu um burro a comer os figos que lhe eram destinados, com o que desatou a rir, ao mesmo tempo que chamou o seu criado, a quem, no meio de sonoras gargalhadas, mandou que desse também vinho a beber ao burro. Então morreu, sufocado pelo riso. O poeta cómico Epicarmo também viveu, segundo se diz, noventa e sete anos.

26. O poeta lírico Anacreonte viveu oitenta e cinco anos, e Estesícoro, [também] autor de poesia lírica, viveu outros tantos anos. E Simónides de Ceos viveu mais de noventa.

27. Entre os gramáticos, Eratóstenes, filho de Alau, de Cirene, que foi não só gramático, mas a quem também po-

---

<sup>382</sup> *A Garrafa*, gr. *Pūtínē* (Πυτίνη) é a certa resposta a Aristófanes, que, nos *Cavaleiros*, havia dito que Cratino, outrora tão engraçado, perdera a veia cómica... Então Cratino escreveu esta peça, em que se põe ele próprio em cena, como esposo legítimo da Comédia, que abandonara para se amigar com a... Garrafa. Por fim, volta para os braços da legítima... e ganha o primeiro prémio, contra, precisamente, as *Nuvens* de Aristófanes, classificadas em terceiro lugar (nem ao menos o segundo...).

<sup>383</sup> Não se trata propriamente de uma *cama*, mas de um leito junto de uma mesa, onde as pessoas se reclinavam para comer... Hoje diríamos “reclinado à mesa”.

deríamos chamar poeta, filósofo e géometra, viveu oitenta e dois anos.

28. De Licurgo, o legislador dos Lacedemónios, conta-se que viveu oitenta e cinco anos.

29. Tais são os reis e os homens da cultura que pude reunir. Mas, venerável Quintilo, uma vez que prometi fazer o registo de alguns macróbios Romanos e naturais da Itália, indicar-tos-ei numa outra obra.

*CONTRA A DELAÇÃO:*  
*NUNCA SE DEVE ACREDITAR LEVIANAMENTE NA DELAÇÃO*

(Página deixada propositadamente em branco)



## INTRODUÇÃO

Um problema inicial de tradução diz respeito ao sentido do termo *diabolé* (διαβολή). De facto, esta obra geralmente conhecida com o título de *Contra a Calúnia* (ou o equivalente noutras línguas), deve, porém, ser antes vertida como *Contra a Delação*, uma vez que o termo *calúnia* contém já em si a noção de “falsa e pública acusação”, diferentemente de *delação* ou *denúncia*, como se encontra definida no §6: “*Delação é uma acusação feita à revelia do acusado, sem que este tenha [dela] conhecimento, e à qual, vinda somente de uma das partes, se dá crédito sem [possibilidade de] contestação.*” É certo que a delação pode muito bem ser verdadeira (mas sempre traiçoeira, porque secreta), como se vê, por contraste, quase no fim do §1: “... *tenho em mente... de modo especial as delações não-verdadeiras contra familiares e amigos*”. De resto, o título, em forma de “tese”, diz, literalmente: *Acerca de nunca se [dever] acreditar levianamente na delação* (“delação”, traduzo eu). É óbvio que, desde logo, está excluída a ideia de *calúnia*, uma vez que é da mais elementar boa razão que *não se deve acreditar na calúnia ou falsa acusação*.

Apesar disso, no entanto, acontece que, em certos passos, se trata mesmo, como seria de esperar, de *calúnia*, de *falsa acusação*, ideia que, afinal, pode ocorrer incluída na noção de *delação* ou *denúncia*.

Nos §2-4, conta-se o caso do pintor Apeles, vítima (quase mortal) de uma falsa denúncia de conspiração contra Ptolemeu IV “Filopator”, rei do Egipto (221-203 a.C.). Passado o perigo, o artista entendeu representar na tela a imagem da Delação, com todo o seu cortejo de figuras associadas (§5): o destinatário da denúncia (de enormes orelhas!), a Ignorância, a Suspeição, a Delação e uma jovem (a vítima), arrastada pelo Ciúme, a Traição, a Falsidade e, finalmente, a Contrição e a Verdade.

Esta descrição verbal tem, entre outros, o mérito de nos mostrar o que era a representação plástica de um quadro real, que Luciano declara ter apreciado directamente, descrição que, mais tarde, serviu de inspiração a Botticelli, que pintou *La Calunnia*.

Embora, logo no §7, Luciano nomeie as três personagens essenciais das peças com esta temática — o delator (denunciante), o “delatado” (denunciado) e o ouvinte —, acaba por mostrar quase sempre em primeiro plano “o protagonista da peça, ou seja, o autor da delação”.

Além de considerações gerais de análise psicológica da figura do delator, Luciano não deixa de ilustrar o seu discurso com exemplos tradicionais da História ou da lenda: além do caso de Apeles (v. *supra*), menciona o filósofo Demétrio, Agátocles de Samos, Hipólito, Belerofonte, Temístocles e, finalmente, coroando a galeria de exemplos, o mártir Sócrates.

Enfim, o leitor aperceber-se-á do fino sentido de observação de Luciano (julga-se que ainda no início de carreira), que certamente conhecia, quiçá por experiência própria, essa figura desprezível, *“um fulano... injusto, sem lei, ímpio e pernicioso para os que com ele contactam”* (§8)... *“dissimulado e covarde”* (§9).

A alusão final (§32), não explícita, ao deus Momo, mostra como seria fácil acabar com a delação (ou Delação), desde que se acabasse com a ignorância ou o secretismo do traiçoeiro ataque: *“Oh!, se um certo deus desvendasse as nossas vidas, a delação, por falta de outro lugar, fugiria a refugiar-se num abismo, porquanto os acontecimentos ficariam iluminados pela verdade.”*

## CONTRA A DELAÇÃO: NUNCA<sup>(384)</sup> SE DEVE ACREDITAR LEVIANAMENTE NA DELAÇÃO

1. A ignorância é uma coisa terrível, que causa mil males à Humanidade, como se lançasse [um véu de] trevas sobre os acontecimentos, obscurecendo a verdade e denegrindo a vida de cada um. De facto, assemelhamo-nos todos a seres vagueando na escuridão, ou melhor, comportamo-nos como cegos, quer chocando irreflectidamente com os objectos, quer passando além deles sem necessidade, umas vezes sem vermos aquilo que está mesmo a nossos pés, e outras vezes receando, como um obstáculo, aquilo que está mais além e muito afastado de nós, numa palavra, em tudo aquilo que fazemos, não deixamos, a maior parte das vezes, de dar passos em falso. Por isso mesmo, esta realidade fornece aos tragediógrafos milhares de motivos para as suas peças, como os Labdácidas, os Pelópidas e outros casos semelhantes. Na verdade, pode constatar-se que quase todas as desgraças que sobem à cena são motivadas pela ignorância e dirigidas por uma espécie de génio trágico.

Dito isto, tenho, porém, outros assuntos em mente, e de modo especial as delações não-verdadeiras contra familiares e amigos, por via das quais já muitas famílias têm sido destruídas e muitas cidades arruinadas, pais em fúria contra filhos, irmãos contra irmãos, filhos contra os seus progenitores, amantes contra os seus amados, enfim, muitas amizades foram interrompidas e muitos juramentos<sup>(385)</sup> quebrados, devido à credibilidade dada a delações.

2. Então, para que caíamos o menos possível nessa situação, quero mostrar, neste meu discurso, como se fosse numa pintura, que espécie de coisa é a delação, donde deriva e que efeitos produz.

Apeles de Éfeso foi o primeiro que — já lá vai muito tempo — captou plasticamente esse tema. De facto, embora denunciado a Ptolemeu<sup>(386)</sup> como estando implicado, juntamente

---

<sup>384</sup> A ideia de “nunca” está contida no infinito presente-contínuo *pisteúein* (πιστεύειν).

<sup>385</sup> “muitos juramentos” (*hórkoi*: ὅρκοι) : os manuscritos têm “muitas casas” (*oíkoi*: οἴκοι). Aceito a emenda de Cobet (e do ed. da “Loeb”), mas ela não é absolutamente necessária.

<sup>386</sup> Ptolemeu IV “Filopator”, rei do Egipto (221-203 a.C.).

com Teódoto<sup>(387)</sup>, na conspiração [planeada] em Tiro, Apeles nunca tinha sequer visitado Tiro nem sabia quem era Teódoto, ou, quando muito, ouvia dizer que era um lugar-tenente de Ptolemeu e governador da Fenícia. Mesmo assim, um pintor seu rival, de nome Antífilo, com inveja da consideração de Apeles junto do rei, e também por motivos de rivalidade artística, denunciou-o a Ptolemeu, dizendo que ele tinha tomado parte em tudo aquilo, que alguém o vira na Fenícia jantando com Teódoto e segredando-lhe ao ouvido durante todo o jantar, e por fim [Antífilo] declarou que a revolta de Tiro e a tomada de Pelúcio tinham acontecido a conselho de Apeles.

3. Então Ptolemeu, que, aliás, não era uma pessoa muito sensata, mas que havia sido criado no ambiente de adulação da corte, ficou de tal maneira exaltado e perturbado por esta acusação tão surpreendente, que, sem considerar nenhum motivo razoável, [por exemplo,] que o acusador era rival do outro na arte, que um pintor era demasiado insignificante para tamanha traição e, para mais, que [o acusado] tinha sido por si cumulado de honrarias superiores aos demais artistas, e sem sequer verificar se Apeles havia realmente embarcado para Tiro, entrou logo em grande fúria, enchendo o palácio de gritos e clamando contra o ingrato, o conspirador, o conjurado. E se um dos detidos juntamente na mesma altura, indignado com a desfaçatez de Antífilo e a piedado do infeliz Apeles, não tivesse declarado que o homem não estivera absolutamente nada conluiado com eles, teria a cabeça cortada e seria mais uma vítima das desgraças de Tiro, ele que não era culpado de nada.

4. Então Ptolemeu, segundo se diz, ficou tão envergonhado com o sucedido, que presenteou Apeles com cem talentos<sup>(388)</sup> e lhe entregou Antífilo como seu escravo. Apeles, recordado do perigo

---

<sup>387</sup> “Teódoto” é a forma aceite como correcta pela ed. da “Loeb”, mas só em nota de rodapé, pois na trad. tem *Theodotas*.

<sup>388</sup> O talento era aquilo a que se chama «moeda de conto» (cf. *contos de réis*), ou seja, não existia como moeda. Equivalências: 1 talento = 60 minas; 1 mina = 100 dracmas; 1 dracma = 6 óbolos. Para termos uma ideia aproximada do valor do dinheiro, basta citar dois casos tirados dos *Diálogos das cortesãs*: §8,1: 1 talento era o preço por uma *hetaira* em exclusividade durante seis meses; §6,1: 1 mina foi o primeiro salário de uma *hetaira*, com o qual comprou um colar. V. “Introdução” ao referido *Diálogos das Cortesãs* (Quadro com diversas quantias e respectivas serventias).

por que havia passado, vingou-se da delação por meio do quadro a seguir [descrito].

5. <sup>(389)</sup>À direita, está sentado um homem com orelhas enormes, pouco faltando para se assemelharem às [orelhas] de Midas<sup>(390)</sup>; está estendendo uma das mãos para a Delação, que se aproxima, mas ainda longe. Junto dele estão duas mulheres: a Ignorância, julgo eu, e a Suspeição. Do outro lado, aproxima-se a Delação, uma senhorinha extremamente formosa, algo inflamada e muito excitada, aparentando fúria e raiva; na mão esquerda tem um facho a arder, enquanto com a outra arrasta pelos cabelos um jovem, o qual ergue as mãos para o céu, invocando os deuses por suas testemunhas; [o jovem] é conduzido por um homem muito pálido e muito feio, de olhar penetrante e dando a impressão de estar definhado por uma longa doença, o qual se suporia ser o Ciúme<sup>(391)</sup>. Além disso, duas outras [mulheres] acompanham a Delação, encorajando-a, cuidando dela e compondo-lhe o traje. Conforme me explicou o guia [a respeito] desta tela, uma era a Traição, e a outra a Falsidade. Atrás destas seguia, com ar fúnebre, em traje de luto e esfarrapada, a chamada, julgo eu, Contrição<sup>(392)</sup>; estava virada para trás<sup>(393)</sup>, chorosa e olhando de soslaio, cheia de vergonha, para a Verdade que se aproximava.

Foi assim que Apeles imitou na tela o perigo por que passara.

6. Então, se assim vos aprouver, tracemos também nós<sup>(394)</sup>, à semelhança da arte do pintor de Éfeso, as características da delação, e começemos por enunciar uma definição geral, pois deste modo o retrato sairá mais claro. Portanto, a “*delação*

---

<sup>389</sup> Chamo a atenção para a nítida sugestão *plástica* desta descrição *verbal*.

<sup>390</sup> Midas, rei da Frígia, tinha (por motivos longos de explicar)... orelhas de burro, que ele cobria com uma tiara... etc.; aqui, porém, as orelhas grandes, em vez de serem um empecilho, serviam para dar “amplos” ouvidos a todo e qualquer boato...

<sup>391</sup> “Ciúme”: a tradução mais óbvia seria “Inveja”, mas, no texto grego, trata-se de uma entidade *masculina* divinizada. Problema desesperado para o tradutor, como, p.ex., no caso de al. *die Sonne* (“*o Sol*”) e *der Mund* (“*a Lua*”), em que o Sol é assimilado a um temperamento feminino, e a Lua a uma visão masculina.

<sup>392</sup> “Contrição” ou “Arrependimento”... mas era preciso verter por um nome feminino...

<sup>393</sup> “virada para trás”, ou seja, para o *passado*... pois ninguém se arrepende do futuro...

<sup>394</sup> “nós”, plural majestático.

é uma acusação feita à revelia do acusado, sem que este tenha [dela] conhecimento, e à qual, vinda somente de uma das partes, se dá crédito sem [possibilidade de] contestação”. Tal é o tema do meu discurso.

Ora, uma vez que, como nas comédias, existem três personagens [envolvidas] — o denunciante, o denunciado<sup>(395)</sup> e aquele ao qual a denúncia é feita —, observemos cada uma delas na maneira como é natural que se comportem.

7. Em primeiro lugar, se assim vos apraz, mandemos vir o protagonista da peça, ou seja, o autor da delação. Este fulano é, creio eu, conhecido de todos vós como pessoa mesmo nada honesta. Na verdade, nenhuma pessoa de bem causaria mal ao seu semelhante; pelo contrário, é característico das pessoas de bem serem elogiadas e ganharem fama de pessoas de bons sentimentos, pelo bem que fazem aos seus amigos, e não por acusarem injustamente os outros e os tornarem odiados.

8. Segue-se daí que é fácil de entender que um fulano destes é injusto, sem lei, ímpio e pernicioso para os que com ele contactam. Na verdade, quem deixaria de reconhecer que é timbre da justiça a equidade absoluta e a ausência de todo e qualquer excesso, ao passo que a parcialidade e a ambição desmedida são típicas da injustiça? Ora, aquele que usa traiçoeiramente de delação contra pessoas ausentes, como não o consideráramos um ambicioso, quando ele se apodera completamente, em proveito próprio<sup>(396)</sup>, do seu ouvinte, quer tomando-lhe previamente os ouvidos, entupindo-os e tornando-os completamente inacessíveis a um segundo discurso, uma vez já ocupados pela delação? Um tal comportamento é o cúmulo da injustiça, como diriam os nossos melhores legisladores, como por exemplo Sólon e Drácon, que obrigaram os juízes a jurarem ouvir igualmente ambos os lados e a concederem igual benevolência aos litigantes, até que o discurso de um,

---

<sup>395</sup> “denunciante... denunciado”: tentei manter a relação activa-passiva dentro da mesma família lexical; o gr. diz (genit.) *toú diabállontos... toú diabállomenou* (τοῦ διαβάλλοντος... τοῦ διαβαλλομένου), que não entendi traduzir por “o delator... o delatado”, sendo este último termo possível, mas... impraticável; também poderíamos verter por “o acusador... o acusado”, ou “o caluniador... o caluniado”.

<sup>396</sup> “em proveito próprio” está implícito na voz média: *sphretizómenos* (σφηρετιζόμενος).

comparado com o do outro, se revele ou mais fraco, ou mais forte. Consideraram eles que seria ímpia e contrária à santidade uma sentença que não pusesse em confronto a defesa e a acusação. Na verdade, até poderíamos afirmar que os deuses se escandalizariam, se permitíssemos ao acusador dizer à sua vontade tudo o que lhe apetecesse, e fechássemos os ouvidos ao acusado, condenando-o sem ele abrir a boca<sup>(397)</sup>, baseados somente no primeiro discurso. Assim sendo, pode dizer-se que as delações não estão conformes nem com a justiça, nem com a lei nem com o juramento dos juizes. Mas se a alguém não parecer dignos de crédito os legisladores, quando estes exortam a que se ditem sentenças justas e imparciais, entendo invocar para aqui o excelente poeta, que exprimiu bem essa ideia, ou melhor, a “legislou”, com o seu verso:

*Não dites uma sentença | sem ouvir ambas as partes<sup>(398)</sup>.*

De facto, ele bem sabia, julgo eu, que entre as muitas injustiças que há na vida, não se encontra nada pior nem mais injusto do que uma pessoa ser condenada sem ser julgada e sem lhe ser dada a palavra. Ora, é isso mesmo o que o denunciante pretende fazer, ao entregar o denunciado, sem [possibilidade de] julgamento, à fúria de quem lhe dá ouvidos, tirando-lhe, com o carácter secreto da sua acusação, a possibilidade de defesa.

9. Na verdade, todo o indivíduo desta laia é dissimulado e cobarde, não faz nada às claras, mas, pelo contrário, é como os [soldados] emboscados, que disparam de um lugar oculto, de modo que os inimigos não possam fazer-lhes frente nem contra-atacar, pelo que são dizimados devido a essa dificuldade e ao facto de desconhecerem esse tipo de guerra, o que constitui a maior prova de que os delatores não dizem nada que mereça crédito. De facto, se um homem está intimamente convicto de que a sua acusação é verdadeira, esse homem — julgo eu — denuncia [o outro] às claras, responsabiliza-o e confronta-o

---

<sup>397</sup> “sem ele abrir a boca”. Aceito a emenda de Halm, *tò stóma siōpōntos* (τὸ στόμα σιωπῶντος), lit.<sup>te</sup> “estando ele calado...” (genit. absol.)... “de boca” (acusat. de relação), quer dizer: “estando ele (o réu) de boca calada”.

<sup>398</sup> Não se sabe quem é esse “excelente poeta” (Focílides? Hesíodo?). A ideia, no entanto, não é nova; v. Aristófanes, *Vespas*, 919-920: ... μὴ προκαταγί-γνωσκ', / πρὶν ἄν γ' ἀκούης ἀμφοτέρων “não condenes, sem ouvir ambas as partes”.

em argumentação, tal como nenhum [comandante], podendo vencer às claras, usaria alguma vez de emboscadas e de embuste contra o inimigo.

10. Poderás ver pessoas dessa laia muito apreciadas nas cortes dos reis e no círculo de amizades dos governadores e dos príncipes, onde a inveja é muita, as suspeições são aos milhares, e inúmeras as ocasiões propícias a bajulações e delações. Na verdade, onde as expectativas são maiores, aí são também mais cruéis as invejas, mais perigosos os ódios e mais arditas as rivalidades. Olham-se todos uns aos outros fixamente, e, como [se fossem] gladiadores, observam atentamente, a ver se descobrem alguma parte do corpo desprotegida. E cada um deles, querendo ser o primeiro, desvia do caminho e acotovela o vizinho, e até, se puder, manda abaixo e rasteira o da frente. Então o homem honesto é logo pura e simplesmente derrubado, tirado do caminho e, por fim, desonrosamente escorraçado, enquanto o outro, mais bajulador e mais convincente em maquinações desse género, é aplaudido. Em suma, “*vence quem chega primeiro*”, e esses tais confirmam em absoluto as palavras de Homero:

*Imparcial, Eniálio*<sup>(399)</sup> | *dá a morte ao matador*<sup>(400)</sup>.

Portanto, uma vez que a luta não é por coisas de somenos importância, maquinam uns contra os outros as mais diversas vias, das quais a mais rápida e a mais segura é a da delação, [via essa] que<sup>(401)</sup> vai buscar o seu esperançoso princípio à inveja ou ao ódio, mas que é mais miserável e que conduz a um desenlace trágico e cheio de mil desgraças.

11. Mas este processo não é tão insignificante e tão simples como se pensa, mas, pelo contrário, requer muita arte, uma inteligência nada pequena e um planeamento muito rigoroso. De facto, a delação não causaria tantos estragos, se não assumisse um

---

<sup>399</sup> “Eniálio”, gr. *Eniálios* (Ἐνυάλιος), “Belicoso” é um dos epítetos de Ares, deus da guerra.

<sup>400</sup> *Iliada*, XVIII, 309.

<sup>401</sup> “que” tem como antecedente, não *delação*, mas “a [via]”, como nos obriga a interpretar o nominativo do participio, *lambánousa* (λαμβάνουσα), e não ...-oúsēs (...-ούσης).



aspecto convincente, nem prevaleceria sobre a verdade, que é a coisa mais forte de todas, se não suscitasse uma grande sedução, sinceridade e mil outros sentimentos da parte dos que a escutam.

12. Ora, é especialmente vítima da delação o homem cumulado de honrarias e, por esse facto, invejado pelos que lhe foram preteridos. Na verdade, todos estes lhe atiram frechadas, ao verem nele um empecilho e um obstáculo; cada um deles pensa em ser o primeiro a cercá-lo, expulsá-lo<sup>(402)</sup> e privá-lo da amizade [de que gozava]. É como o que se passa, nas competições atléticas, com os corredores. Aí, o corredor honesto, mal cai a barreira, concentrado somente em avançar, com o pensamento posto na meta e com esperança somente nas suas pernas, não prejudica o [atleta] do lado nem pensa em nenhum truque contra os seus adversários, ao passo que o seu adversário desonesto e mau desportista, desesperado [da vitória] pela velocidade, vira-se para os processos fraudulentos, pensando somente numa coisa, ou seja na maneira de travar a corrida do outro, cortando-lhe o caminho ou fazendo-lhe obstrução, de tal modo que, se falhasse esse processo, nunca teria a possibilidade de vencer. Passa-se com estes o mesmo que com a amizade dos poderosos: o que está em situação de evidência é logo vítima de conspirações e, apanhado no meio dos seus inimigos, é deposto [da sua posição], enquanto os outros passam a ser amados e a figurarem como amigos, pelo simples facto de se terem revelado prejudiciais a outros.

13. Mas não é ao acaso que [os delatores] imprimem credibilidade à delação, mas, pelo contrário, todo o seu trabalho se concentra neste ponto, por recearem introduzir algum elemento discrepante ou mesmo contraditório. Assim, muitas vezes viram para um sentido pejorativo as qualidades do denunciado, sem tornarem as acusações inconvincentes; por exemplo, denunciam um médico como sendo um envenenador, um rico como um [aspirante a] tirano, um do círculo do tirano como sendo um traidor.

14. Algumas vezes, a própria pessoa que escuta sugere matéria para a delação, e então esses malvados adaptam-se [às circunstâncias] e atiram no sentido do carácter do ouvinte. Por exemplo, se vêem que ele é ciumento, dizem-lhe: “*Durante o jantar, ele fez um sinal à*

---

<sup>402</sup> “cercar e expulsar”, gr. *ekpoliorkéō* (ἐκπολιorkέω).

*tua mulher, olhou -a fixamente e suspirou; e Estratonice olhou para ele nada desagradada...*” Em suma, trata-se de delações de natureza amorosa e adúltera contra o outro. Mas se [o ouvinte] for dado à poesia e tiver grande orgulho nessa actividade, diz-lhe: “*Por Zeus!, Filóxeno troçou dos teus versos, fê-los em pedaços, disse que eles eram mal medidos e mal compostos.*” E perante um [ouvinte] piedoso e dedicado aos deuses, o amigo [desta pessoa] é denunciado como sendo ateu e sacrílego, como pessoa que rejeita os deuses e nega a [Divina] Providência. Então o homem, ao escutar tal coisa, como se tivesse levado no ouvido uma ferroadada de moscardo, fica, como se calcula, todo inflamado e renega o seu amigo, sem esperar por uma prova rigorosa.

15. Em termos gerais, [os delatores] imaginam e expressam aquelas acusações que eles sabem especialmente capazes de provocar a fúria do seu ouvinte, e então, conhecendo o ponto onde cada um é [mais] vulnerável, é para lá mesmo que eles dirigem as suas flechas e atiram as suas lanças, de maneira que ele, perturbado por uma fúria súbita, não tem tempo de examinar a verdade; e mesmo que algum [acusado] pretenda justificar-se, não lhe permite [fazê-lo], pois já está completamente apanhado pelo absurdo de uma história que toma por verdadeira.

16. Na verdade, o tipo de delação mais eficaz é aquele que vai contra alguma paixão do ouvinte, como quando um certo fulano denunciou a Ptolemeu, cognominado “Dioniso”, o filósofo platónico Demétrio, por este beber [somente] água e ser o único que não envergava vestes femininas nas Dionísias. E se Demétrio, citado [a comparecer no tribunal], não tivesse bebido [vinho] à vista de toda a gente e não tivesse dançado ao som dos címbalos, vestido com uma curta túnica tarentina<sup>(403)</sup>, teria perdido a vida, por não apreciar o estilo de vida do rei e por ser um crítico e um opositor da devassidão de Ptolemeu.

17. Na corte de Alexandre, era, a certa altura<sup>(404)</sup>, a mais grave de todas as denúncias o dizer-se, a respeito de uma pessoa, que ela não venerava nem reverenciava Heféstion. De facto, logo que

---

<sup>403</sup> “curta túnica tarentina” (... e leve, vaporosa...) típica das mulheres de Tarento, em gr. é o diminutivo (daí “curta”) *tarantinidion* (ταραντινίδιον).

<sup>404</sup> “a certa altura” (assim traduzo *poté: ποτέ*), ou seja, a seguir à morte de Heféstion (ou Hefestião), em 324 a.C., amigo de infância e depois

Heféstion morreu, Alexandre, [movido] pelo amor que lhe dedicava, decidiu acrescentar a todas as outras magníficas honrarias mais esta: declarar o falecido como sendo uma divindade. E logo as cidades lhe erigiram templos, foram-lhe consagrados santuários, instituídos altares, sacrifícios e celebrações festivas, tudo em honra desta nova divindade. Então o maior de todos os juramentos era [invocando] Heféstion. E se alguém sorria sequer desta situação ou não se mostrava muito piedoso, a pena aplicada era a morte. Ora, os aduladores, apercebendo-se desta paixão infantil de Alexandre, apressaram-se a incendiar e a acirrar ainda mais essa sua paixão, contando sonhos vindos de Heféstion, associando-lhe algumas aparições e curas e divulgando profecias. Por fim, deram em lhe oferecer sacrifícios na qualidade de deus “tutelar” e “afugentador de desgraças”. Alexandre gostava muito de ouvir tais coisas, acabando por acreditar nelas, e até se orgulhava bastante pelo facto de ser, não apenas filho de um deus<sup>(405)</sup>, mas também capaz de fazer deuses. Então, pensemos em quantos dos amigos de Alexandre sofreram, naquele período, as consequências da divindade de Heféstion, ao serem denunciados por não homenagearem esse deus reconhecido por toda a gente, e que por isso foram banidos e excluídos da estima do rei.

18. Na mesma altura, Agátocles de Samos, que exercia as funções de taxiarca<sup>(406)</sup> junto de Alexandre e era muito estimado por este, pouco faltou para ser encerrado [numa jaula] com um leão, denunciado por ter chorado ao passar pelo túmulo de Heféstion<sup>(407)</sup>. Todavia, diz-se que Perdicas veio em seu socorro, jurando por todos os deuses, e pelo próprio Heféstion, que, enquanto ele [Perdicas] estava prostrado em adoração, lhe apareceu claramente este deus, que lhe ordenou que fosse ter com Alexandre, para que este poupasse [a vida de] Agátocles,

---

general de Alexandre. Todo o período é confuso na lição dos mss., pelo que sigo a emenda de A. M. Harmon (“Loeb”).

<sup>405</sup> Ámon, deus egípcio, passava por ser o verdadeiro pai de Alexandre, numa lenda que fala de uma serpente que se introduzia no leito de Olímpíade, esposa de Filipe...

<sup>406</sup> O taxiarca era, neste contexto (o cargo varia de competências...), um oficial médio ou mesmo superior, mas subordinado ao “general”... ou ao próprio rei, como é o caso.

<sup>407</sup> A ideia é que não se chora por um imortal... a menos que não se acredite na sua imortalidade...

uma vez que, se ele chorava, não era em sinal de não acreditar, e nem mesmo [chorava] por um morto, mas simplesmente ao recordar a sua antiga amizade.

19. Portanto, a bajulação e a delação tinham, sobretudo nesse tempo, livre curso, quando adaptadas à paixão de Alexandre. Tal como, num cerco, os inimigos não atacam nos pontos altos, escarpados ou seguros da muralha, mas sim na parte que consideram desguarnecida, degradada ou baixa, e avançam para essa parte com todo o seu potencial, a fim de poderem mais facilmente penetrar [na fortaleza] e conquistá-la, assim também os delatores aplicam e dirigem a sua “maquinaria” para a parte da alma que eles consideram fraca, degradada e acessível, e assim se apoderam dela, sem que alguém resista ou se aperceba do ataque. Depois, uma vez no interior das muralhas, incendiam tudo, batem, matam e roubam, actos naturais de acontecer com uma alma conquistada e reduzida à escravidão.

20. As “maquinarias” [usadas] contra aquele que lhes dá ouvidos são o engano, a mentira, o perjúrio, a perseverança, a impudência e mil outros artifícios; mas o mais poderoso de todos é a bajulação, que é parente, ou melhor, irmã da delação. Realmente, não há ninguém tão forte e com uma alma tão bem protegida por um “muro” de diamante, que não ceda aos ataques da bajulação, sobretudo quando a delação a corrói e lhe escava os alicerces.

21. Este é o aspecto que está à vista, mas, por dentro disso, entram também na liça muitas traições, estendem a mão, abrem os “portões” de par em par e facilitam de todas as maneiras a “conquista”. Em primeiro lugar, há o gosto da novidade, que existe naturalmente em todos os homens, bem como um repúdio inicial; depois, é o que se segue<sup>(408)</sup> à estranheza do que é contado. De facto, não sei lá como, todos nós temos um grande prazer em escutar coisas secretas e que nos são contadas ao ouvido,

---

<sup>408</sup> “o que se segue”, *tò hepómenon* (τὸ ἐπόμενον): aceito a lição dos mss., precisada justamente pelo período seguinte, iniciado por *gár* (γάρ). A sugestão (que não chega a assumir o carácter de emenda) de A. M. Harmon (“Loeb”), *helkómenon* (ἐλκόμενον), “a atracção”, não é de modo nenhum forçosa.

impregnadas de alusões<sup>(409)</sup>. Sei mesmo de certas pessoas que têm orelhas tão agradavelmente afagadas pela delação, como se lhes fizessem cócegas com uma pena.

22. Assim, os delatores, ao atacarem secundados por todos estes aliados, tomam [a presa] de assalto e, julgo eu, a vitória não se lhes tornará difícil, uma vez que ninguém se lhe opõe ou repele os seus ataques, mas, pelo contrário, é o próprio ouvinte que se rende, sem que o denunciado se aperceba da traição. Na verdade, tal como [acontece] numa cidade tomada de noite, também os denunciados são mortos enquanto dormem<sup>(410)</sup>.

23. E o mais lamentável de tudo isto é o facto de o denunciado, sem saber o que passou, se aproximar todo sorridente do seu amigo<sup>(411)</sup>, pois está consciente de não ter feito nada de mal, pelo que fala e procede como de costume... o infeliz, vítima de emboscadas de todo o género. Então o outro, [o amigo,] se possuir alguma nobreza, liberalidade e abertura de espírito, num primeiro momento, rebenta de fúria e expande a sua raiva, mas acaba por permitir a defesa [do denunciado] e por reconhecer se encarniçou injustamente contra o seu amigo.

24. Se, porém, [o ouvinte] for um tipo ignóbil e mesquinho, aproxima-se [do denunciado], sorri-lhe com a ponta dos lábios, mas, lá por dentro, está cheio de ódio e de ranger de dentes, ou, como diz o poeta “fica remoendo lá no fundo”<sup>(412)</sup> a sua cólera. Pessoalmente, entendo que não há nada mais injusto nem mais desprezível do que, remordendo os lábios, alimentar secretamente a ira e acumular o ódio encerrado dentro de si, tendo uma coisa escondida no fundo da alma, mas dizendo outra coisa diferente, e, embora com um aspecto alegre e cómico, representar uma tragédia apaixonada e cheia de lamentações.

As vítimas deste procedimento são-no especialmente, quando o denunciante, apesar de parecer um velho amigo do denunciado,

---

<sup>409</sup> Os mss. dão deste período uma lição difícil, que tem sido diversamente emendada. Sigo a de A. M. Harmon (“Loeb”), mais simples (e, *por isso mesmo*, algo incerta!).

<sup>410</sup> “enquanto dormem”, em sentido figurado: “inconscientes do que se passa” (v. logo a seguir).

<sup>411</sup> Este “amigo” é, obviamente, a pessoa que escuta o delator.

<sup>412</sup> “remoer no fundo da alma”: *büssodomeúō* (βυσσοδομεύω) é termo poético: Homero, *Od.*, IX, 316; XVII, 66; Hesíodo, *T. D.*, 30.

mesmo assim age dessa maneira. Em tais circunstâncias, [os outros<sup>(413)</sup>] não querem nem sequer ouvir os denunciados ou quem fala em sua defesa, uma vez que aceitam de antemão a credibilidade da acusação, pelo simples facto de parecer oriunda de um velho amigo [do acusado], e isto sem reflectirem no facto de que, frequentemente, ocorrem, entre pessoas amicíssimas, muitas causas de ódio, que passam despercebidas de todos. Algumas vezes, uma pessoa apressa-se a acusar o vizinho de algo de que ele próprio é culpado, tentando, deste modo, escapar à denúncia [contra a sua pessoa]. Em geral, ninguém se atreveria a denunciar um inimigo, pois nesse caso a acusação não mereceria crédito, pelo facto de ter uma motivação óbvia. Atacam sobretudo os que passam por seus amigos, pretendendo desse modo demonstrar os seus bons sentimentos para com os seus ouvintes, pelo facto de, no interesse desses mesmos [ouvintes], não pouparem nem sequer os seus entes mais próximos.

25. Há também aqueles que, descobrindo mais tarde que os seus amigos lhes foram denunciados injustamente, mesmo assim, por vergonha de terem acreditado [na denúncia], não ousam aproximar-se deles ou com eles encarar, como se se sentissem culpados de terem reconhecido que os outros nada fizeram de mal.

26. Portanto, a vida está cheia de inúmeras desgraças devidas às delações a que se dá crédito de ânimo leve e sem análise prévia. Por exemplo, diz Anteia<sup>(414)</sup>:

*Que tu pereças, ó Proito, || ou mata Belerofonte,  
que contra minha vontade || quis fazer amor comigo<sup>(415)</sup>,*

ela que antes tinha tentado, mas fora rejeitada. Pouco faltou para que o jovem, que estivera a ponto de perecer na luta contra a Quimera, agora, devido á maquinação de uma mulher lasciva, recebesse a paga da sua continência e do respeito devido

---

<sup>413</sup> “[os outros]”, que o contexto identifica como as pessoas às quais é feita a denúncia.

<sup>414</sup> “Anteia”, gr. *Ánteia* (Ἄντεια), ou Estenebeia, esposa de Proito, rei de Tirinte, apaixonou-se pelo formoso herói Belerofonte, que rejeitou as suas propostas amorosas. Então Anteia acusou o jovem de ter tentado violá-la. NOTA: As formas “canónicas” seriam *Antia* e *Preto* [-è-]...

<sup>415</sup> Homero, *Iliada*, VI, 164-165.

ao seu hospedeiro. Do mesmo modo, Fedra, tendo acusado de idêntico crime o seu enteado, fez com que Hipólito fosse amaldiçoado por seu pai, ele que, ó deuses!, não tinha cometido nenhuma infâmia.

27. *“Pois sim — dirá alguém —, mas por vezes o delator é um homem digno de crédito e, de resto, pessoa que parece justa e prudente, pelo que devemos prestar-lhe atenção, pois nunca antes cometera uma tal maldade.”* Mas então haverá alguém mais justo que Aristides? E no entanto, intimamente excitado, segundo se diz, pela mesma ambição política que Temístocles, conspirou contra este e ajudou a acirrar o povo [contra ele]. Na verdade, Aristides era justo, se comparado com as outras pessoas, mas também era homem e tinha o seu mau humor, amava e odiava.

28. Se é verdadeira a história que se conta a respeito de Palamedes, [Ulisses,] o mais prudente dos Aqueus e o melhor noutros aspectos, parece ter armado, por inveja, uma tramóia e uma cilada contra um parente e amigo, que, para mais, tinha [com ele] embarcado para a mesma aventura<sup>(416)</sup>. A tal ponto é inerente a todos os homens o erro em coisas como esta!

29. Para quê referir Sócrates, injustamente denunciado aos Atenienses como sendo ímpio e insidioso<sup>(417)</sup>? Ou Temístocles, ou Milcíades, os quais, depois de tamanhas vitórias, foram suspeitos de traição à Grécia? Na verdade, exemplos destes são numerosíssimos e, na sua grande maioria, bem conhecidos.

30. *“Então que é que deve fazer uma pessoa sensata e que se reclama [amigo] da virtude e da verdade?”* O mesmo, julgo eu, que Homero sugeriu no episódio das Sereias, ao ordenar que passassem ao largo desses prazeres mortais dos seus cantos, que tapassem os ouvidos e não os deixassem livremente abertos no caso de homens já de si sujeitos à paixão, mas, pelo contrário,

---

<sup>416</sup> A “aventura” (o gr. diz “perigo”) era a guerra de Tróia. O A. refere a cilada que Ulisses armou ao seu amigo, colocando na tenda deste uma falsa carta de Príamo, rei de Tróia, carta essa que fingiu ter descoberto, com o que Palamedes fica em muito má situação...

<sup>417</sup> “insidioso”, ou “traidor”, ou “conspirador”, ou seja, Sócrates ter-se-ia colocado numa posição anticívica, ao negar ou não reconhecer os deuses oficiais da *pólis* — traição religiosa, ainda mais grave que a traição política ou militar...

pondo a razão como severo porteiro contra tudo o que se diz, recolher e aceitar o que é digno de crédito, e excluir e rejeitar o que é falso. Na verdade, seria bem ridículo pôr porteiros na nossa casa, mas deixar abertos os ouvidos e a mente.

31. Portanto, quando vem alguém procurar-nos, para nos contar coisas deste género, há que analisar o facto em si mesmo, sem considerar a idade da pessoa que fala, nem o seu estatuto social, nem o brilho das suas palavras. De facto, quanto mais convincente alguém se mostra, tanto mais requer uma análise cuidadosa. Não devemos, pois, acreditar no *juízo* alheio, ou melhor, no [*sentimento*<sup>(418)</sup> de] ódio do acusador, mas, pelo contrário, devemos reservar para nós mesmos a verificação da verdade, confrontando o delator com a sua própria inveja, obtendo abertamente a prova do pensamento de cada uma das partes, a fim de odiar ou amar quem já foi posto á prova. Proceder desse modo movido pela primeira delação, por Héracles!, que coisa mais infantil, mais vil e não menos absolutamente injusta!

32. Mas a causa de tudo isto, conforme dissemos<sup>(419)</sup> no início, é a ignorância, bem como o facto de a índole de cada pessoa estar, de algum modo, na obscuridade. Oh!, se um certo<sup>(420)</sup> deus desvendasse as nossas vidas, a delação, por falta de outro lugar, fugiria a refugiar-se num abismo, porquanto os acontecimentos ficariam iluminados pela verdade.

---

<sup>418</sup> O gr., num jogo de palavras idênticas, diz *krísei* (κρίσει) “no julgamento”... *mísei* (μίσει) “no ódio”. A fim de manter (de algum modo!) esse jogo, verti “ódio” por “sentimento de ódio”. Não pode dizer-se que tenha sido um “achado” muito feliz...

<sup>419</sup> “dissemos”, plural majestático = “(eu) disse”.

<sup>420</sup> Esse deus seria Momo, o “Sarcasmo”, que entendia que os homens deviam ter uma janela aberta no peito, de maneira que não pudessem esconder os seus sentimentos... sobretudo a hipocrisia e vícios quejandos...



*JULGAMENTO DAS CONSOANTES:  
SIGMA CONTRA TAU NO TRIBUNAL DAS SETE VOGAIS*

(Página deixada propositadamente em branco)

## INTRODUÇÃO

Tal é, mais ou menos, o título deste opúsculo no manuscrito Γ (*Vaticanus 90*, dos sécs. IX-X), literalmente: “*Julgamento de Consoantes: do Sigma contra o Tau, pelas Sete Vogais*”. Os outros manuscritos, talvez mais próximos (pela sua concisão) do título original, dizem “*Julgamento de Consoantes*”; mas, para complicar as coisas, há quem dê a esta obra o título de *Julgamento das Vogais*, como se vê pela lista de Autores do dicionário de Bailly (p. XXII): “*J. voc. [Judicium vocalium], Jugement des voyelles*”, ou no Liddell-Scott (p. XXVIII): “*Jud. Voc.*” [*id.*]. Eugène Talbot, “Hachette”, 1857 titula “LE JUGEMENT DES VOYELLES”.

Trata-se, como se vê pelo extenso título do manuscrito Γ (mas também pelo próprio texto), do julgamento a que se sujeitaram duas consoantes — O *Sigma* na qualidade de acusador, e o *Tau* como acusado —, em que *sūmphōnōn* (συμφώνων), “de consoantes”, é um genitivo *subjectivo* — “a que se sujeitaram as consoantes” —, ao passo que na titulação “*Julgamento das Vogais*”, o (presumido) genitivo “das vogais” seria um genitivo *objectivo*: julgamento que as vogais pronunciaram.

Enfim, parece-me de aceitar o título dado ou sugerido pelos manuscritos: “*Julgamento das Consoantes...*”. O leitor é que, perante dois títulos diferentes — *Julgamento das Consoantes* e *Julgamento das Vogais* —, será levado a supor que se trata de duas obras distintas.

\* \* \*

Tratando-se de uma dissertação sobre fonética e respectiva ortografia, cada um dos 35 vocábulos aduzidos como exemplos merecia (especialmente, mas também “enjoativamente” para o “leigo” em matéria de língua e de linguística gregas), certos comentários, que não cabem em notas de rodapé.

De toda a maneira, esta breve dissertação (redacção?) é das obras de Luciano mais difíceis de traduzir, uma vez que os fenómenos aí referidos não são transponíveis para as línguas “de chegada”.

Por exemplo, no início do §2 surge um grave problema de tradução, cuja discussão aqui introduzo, uma vez que não cabe numa nota de rodapé. De facto, nos julgamentos *normais*, o orador (acusador ou réu) dirigia-se aos juízes, ou membros do júri, com a expressão vocativa *ándres dikastai* (ἄνδρες

δικασταί), lit.<sup>te</sup> “homens juízes”, fácil e naturalmente vertido para “senhores juízes”; nas sessões da Assembleia, o vocativo era *ándres Athēnaíoi* (ἄνδρες Ἀθηναῖοι), “senhores Atenienses”.

Aqui, o Sigma dirige-se a um júri constituído pelas sete vogais (A E H I O Ω Y), no estilo usual, mas com a devida alteração: *Phōnēenta dikastai* (Φωνήεντα δικασταί), que seríamos tentados a traduzir por “(Senhoras) Vogais-Juías”. Ora, para lá do facto de não ser admissível, na Antiguidade, imaginar sequer um tribunal constituído por mulheres, acresce que, em grego, *phōnēen*, pl. *phōnēenta* (“vogal”, “vogais”) é do género neutro, facilmente associado ao masculino plural *dikastai* (δικασταί), ao contrário do port., em que *vogal* / *vogais* é irremediavelmente *feminino*, ao passo que os nomes das vogais são do género *masculino* (e o mesmo se diria das consoantes). Seríamos então levados a traduzir *δικασταί* por “juízas”, o que daria “(Senhoras) Vogais-Juías”, não obstante cada membro do júri ter um nome masculino.

A título de exemplo, vejam-se duas traduções deste passo: A. M. Harmon (“Loeb”): “*Vowels of the jury...*”; Eugène Talbot (v. *supra*): “*Voyelles, qui nous jugez...*”.

Curiosamente, em port. existe o termo *vogal* como masculino ou feminino: “Pessoa que faz parte de uma corporação, de uma junta, de um conselho, de uma direcção, de um júri, etc.”; ou “pessoa que tem voto numa assembleia” (“Morais”). Neste caso, aproveitando a designação, mas fazendo “vista grossa” ao sentido de gr. *phōnēenta* (φωνήεντα), “vogais”, seria tentador traduzir por “(Senhores) Vogais deste júri...”. Enfim, não podemos fugir ao sentido próprio, *gramatical* e... *alfabético*, do vocábulo *vogal*, embora “escondendo” o género feminino do português, p.ex.: “*Vogais, juízes deste tribunal...*”.

\* \* \*

Este gracioso opúsculo de Luciano (julga-se que da sua juventude, eventualmente dos tempos de estudante de Retórica) torna-se um autêntico bico-de-obra para o tradutor e para o leitor sem a necessária preparação na língua grega, mas a verdade é que nos dá informações directas sobre alguns aspectos do grego no séc. II d.C., de que dou (mas nem sempre) um brevíssimo comentário.

Eis a lista dos vocábulos mencionados. São 35, com os respectivos “alternantes”. Note-se que 16 desses casos

referem-se aos pares com *-tt-* / *-ss-*; 8 mencionam a pronúncia *-t-* em vez de outras consoantes; as restantes 11 constituem “casos vários”.

*kephalalgia* (κεφαλαλγία) / *kephalargia* (κεφαλαργία), por dissimilação, cf. gr. mod. *adelphós* (αδελφός) / *aderphós* (αδερφός), etc.

*knarheíou* (κναφεῖον) (át. ant.) / *gnarheíou* (γναφεῖον) (át. recente)

*knáphallon* (κνάφαλλον) / *gnáphallon* (γνάφαλλον) (recente, *koinéō*)

*mólis* (μόλις) / *mógis* (μόγισ)

*málista* (μάλιστα) / \**mágista* (μάγιστα), pronúncia ocasional, julgo (sem provas!) que, pelo menos em parte, por influência do lat. *magis* (??).

*téttara* (τέτταρα) / *téssara* (τέσσαρα)

*tettarákonta* (τετταράκοντα) / *tessarákonta* (τεσσαράκοντα)

*káttüma* (κάττυμα) / *kássüma* (κάσσυμα)

*pítta* (πίττα) / *píssa* (πίσσα)

*basilissa* (βασίλιττα) / *basilitta* (βασίλιττα), hiperaticismo criticado, forma recente, por analogia com outras em *-ssa* (*-σσα*), como *Phoínissa* (Φοίνισσα), v. Bailly.

*sûkon* (σῦκον) / *tûkon* (τῦκον), forma beótica

*phátta* (φάττα) / *phássa* (φάσσα)

*nétta* (νήττα) / *néssa* (νήσσα)

*kóttuphos* (κόττυφος) / *kóssuphos* (κόσσυφος)

*mélitta* (μέλιττα) / *mélissa* (μέλισσα)

*Hümēttós* (Ύμηττός) / *Hümēssós* (Ύμησος)

*Thettalía* (Θετταλία) / *Thessalía* (Θεσσαλία)

*thálatta* (θάλαττα) / *thálassa* (θάλασσα)

*teutlîon* (τευτλίον) / *seutlîon* (σευτλίον)

*pássalos* (πάσσαλος) / neo-át. (hiperaticismo?) *pátталos* (πάτταλος)

*smáragdos* (σμάραγδος) / \**zmáragdos* (\*ζμάγδος), sobretudo na pronúncia (mas com algumas atestações: v. Liddell-Scott), por assimilação de sonoridade: *sm* > *zm*

*Smûrna* (Σμύρνα) / *Smûrna* (Ζμύρνα), grafia frequente (v. Liddell-Scott), por assimilação de sonoridade: *sm* > *zm*

*sünthékē* (συνθήκη) / *xünthékē* [ks-] (ξυνθήκη)

*súmmakhos* (σύμμαχος) / *xúmmakhos* [ks-] (ξύμμαχος)

*mürrínē* (μυρρίνη) / *mürsínē* (μυρσίνη)

*kórrē* (κόρρη) / jón. e át. ant. *kórsē* (κόρση)

*endelékhēia* (ἐνδελέχεια) / *entelékhēia* (ἐντελέχεια), duas palavras diferentes, confundidas: v. §10, nota a *endelékhēia kolokúnthē* (κολοκύνθη) / *kolokúntē* (κολοκύντη)  
*süríttein* (συρίττειν) / *sürízein* (συρίζειν)  
*salpízein* (σαλπίζειν) / *\*salpíttein* (\*σαλπίττειν), pronúncia ocasional  
*grúzein* (γρύζειν) / *\*grúttein* (\*γρύττειν), pronúncia ocasional  
*glóssa* (γλωσσα) / *glótta* (γλωττα)  
*kalós* (καλός) / *\*talós* (\*ταλός), palavra inexistente: pronúncia ocasional e individual defeituosa: v. §11, nota a *kalón kléma* (κλήμα) / *tléma* (τλήμα), pronúncia ocasional e individual defeituosa (v. §11 e nota)  
*Kûros* (Κῦρος) / *\*Tûros* (\*Τῦρός), pronúncia ocasional e individual defeituosa (v. §11 e nota)

**JULGAMENTO DAS CONSOANTES:  
SIGMA CONTRA TAUNO TRIBUNAL DAS SETE VOGAIS**

[LIBELO DE ACUSAÇÃO]<sup>(421)</sup>

1.

NO ARCONTADO DE ARISTARCO DE FALERO<sup>(422)</sup>, NO SÉTIMO DIA [DO MÊS] DE PIANÉPSION<sup>(423)</sup>, O SIGMA INTENTOU UM PROCESSO CONTRA O TAU, NO TRIBUNAL DAS SETE VOGAIS, ALEGANDO VIOLÊNCIA E ROUBO DE PERTENCES SEUS E AFIRMANDO TER SIDO ESBULHADO DE TODAS AS PALAVRAS [AGORA] COM DUPLO TAU.

2. Vogais, juízes deste tribunal: Enquanto fui só levemente lesado pelo Tau, aqui presente, que abusava dos meus pertences e se metia onde não devia, eu suportava esse dano sem grande azedume e fingia não ouvir algumas dessas palavras, isto devido à moderação que, como vós sabeis, eu mantinha relativamente quer a vós, quer às demais letras<sup>(424)</sup>. Todavia, como ele chegou a um grau de ganância e de violação das regras<sup>(425)</sup> de tal ordem, que agora já acrescenta muitos mais casos àqueles que eu, muitas vezes e sem disso gostar, tolerava, vejo-me forçado a chamá-lo à responsabilidade perante vós, que nos conheceis a ambos. Além disso, assalta-me o receio, nada despidiendo, da minha própria exclusão, porquanto, ao acrescentar cada vez mais casos aos já cometidos, acabará por me excluir do lugar que me é próprio, de tal maneira que, se eu me mantiver calado, pouco faltará para deixar de ser contado no número das letras e encontrar-me na condição de simples sibilização<sup>(426)</sup>.

---

<sup>421</sup> Naturalmente, esta expressão não consta dos manuscritos...

<sup>422</sup> Aristarco de Falero, nome e naturalidade muito provavelmente fictícia...

<sup>423</sup> Pianépsion (Πιανεψίων), 4º mês do ano ático, correspondente à 2ª metade de Outubro e 1ª de Novembro.

<sup>424</sup> “letras”: o gr. diz (acusat. pl.) *süllabás* (συλλαβάς) “sílabas”, mas, aqui, é referência às outras letras, ou seja, às consoantes (v. dics.).

<sup>425</sup> “violação das regras”, lit.<sup>te</sup>. “ilegalidade”, gr. *anomía* (ἀνομία), que é emenda feita e aceite por quase todos os modernos editores (v. “Loeb”). Aceito a emenda, mas a lição dos manuscritos, genit. *anoiás* (ἀνοίας) “loucura”, “desvario” aceita-se perfeitamente. Uma tradução por “desregramento” serviria para os dois sentidos!

<sup>426</sup> “sibilização”, gr. (genit.) *psóphou* (ψόφου) é a lição, geralmente aceite, do manuscrito Γ. O problema está em interpretar este sentido. Pessoalmente, arrisco a ideia de que o duplo tau, -ττ-, representava, no

3. Portanto, é justo que não só vós, que neste momento exercéis a função de julgar, mas também as restantes letras, vos precateis de algum modo contra esta tentativa. Realmente, se for permitido a qualquer um, por iniciativa própria, ocupar à força o lugar que pertence a outro, e se vós o permitirdes, vós, sem cuja participação<sup>(427)</sup> não pode escrever-se absolutamente nada, então não vejo de que modo é que a nossa formação poderá manter a ordem normal estabelecida logo no início<sup>(428)</sup>. Mas nem eu creio que vós alguma vez chegueis a um grau de negligência e de indiferença tal, que permitais algo que não é justo, nem, no caso de vós renunciardes a este pleito, eu, o ofendido, desistiria dele.

4. Oxalá se tivesse posto imediatamente cobro ao atrevimento de outras letras, logo que começaram a infringir as normas, pois não estariam até hoje em guerra o Lambda contra o Ró, disputando a respeito de “pedra-pomes”, *kísēris* [κίσηρις]<sup>(429)</sup> e de “dor de cabeça”, *kephalargía* (κεφαλαργία), nem o Gama lutaria contra o Capa, pouco faltando, muitas vezes, para chegarem a vias de facto, “na oficina do pisoeiro”, *en tō gnaphēiō* (ἐν τῷ γναφείῳ), a respeito de “enchumaços de almofadas”, *hūpēr gnaphállōn* (ὑπὲρ γναφάλλων)<sup>(430)</sup>; e este (o Gama) deixaria de lutar contra o Lambda, que queria tirar-lhe<sup>(431)</sup> o

---

ático, de acordo com a sua origem, o fonema complexo [tsh], um *t* apical, ao passo que no jónico (e na *koiné!*, e no gr. mod.!) a evolução fora mais longe, talvez [shsh], ou seja, um *s* apical prolongado. Seria, pois, a parte final do tau, [...sh], aquela que *se mantinha na pronúncia* do duplo sigma, -σσ-. Propriamente o *dígrafo* -ττ-, esse, estaria em risco de desaparecer.

<sup>427</sup> “sem cuja participação”, lit.<sup>te</sup> “sem as quais” (vogais)... mas aqui surge novamente o problema do género gramatical (neutro em grego), pelo que é preciso “neutralizar” o género...

<sup>428</sup> Note-se que o alfabeto grego, derivado de um alfabeto de tipo semita (cananeu?), mantém, no fundamental, a ordenação das letras (*alf, bēt, gaml, delt...* gr. *alfa, beta, gama, delta...*). Esta ordem passou para o alfabeto etrusco, daí para o latino, e deste para o das línguas modernas, com certos pormenores que não vêm agora ao caso...

<sup>429</sup> *kísēris* [κίσηρις], “pedra-pomes” e *kephalargía* [κεφαλαργία] “dor de cabeça”, pronunciados e grafados *kisēlis* [κίσηλις] e *kephalalgía* [κεφαλαλγία]. NOTA: Começam aqui os exemplos, que, naturalmente, não têm correspondência noutras línguas, pelo que é forçoso fazer-lhes um breve comentário.

<sup>430</sup> Por, respectivamente, *knaphēiō*, [κναφείῳ] e *knaphállōn* [κναφάλλων].

<sup>431</sup> “queria tirar-lhe”, *aphairoúmenon* (ἀφαιρούμενον), particípio “presente”, correspondente, no modo finito, ao chamado “imperfecto de intenção”.



[g] de *mógis* (μόγισ), “a custo”<sup>(432)</sup>, bem como o [l] de *málista* (μάλιστα)<sup>(433)</sup>, “sem dúvida”. Desse modo, as restantes letras ficariam, desde logo, tranquilas quanto a confusões irregulares. Na verdade, é bom que cada uma permaneça na ordem que lhe calhou, pois passar para lá do que é devido é obra de quem quer violar<sup>(434)</sup> a justiça.

5. Ora, o primeiro [homem] que elaborou essas leis para nosso uso — fosse ele o insular Cadmo<sup>(435)</sup>, ou Palamedes, filho de Náuplio (alguns atribuem esta tarefa a Simónides) —, não só determinou<sup>(436)</sup> a ordem segundo a qual são estabelecidas as precedências (qual fica em primeiro lugar, qual em segundo...), mas também englobou<sup>(437)</sup> as qualidades que cada um<sup>(438)</sup> de nós possui, bem como as [respectivas] atribuições. A vós, juízes<sup>(439)</sup>, conferiu a maior dignidade, uma vez que podeis soar por vós próprios; às semivogais<sup>(440)</sup> atribuiu a posição a seguir, por necessitarem de um apoio para que possam ouvir-se; e determinou

<sup>432</sup> *mógis* [μόγισ] e *mólis* [μόλις], a primeira tipicamente jónica.

<sup>433</sup>: parece que algumas pessoa pronunciavam... \**mágista* (\*μάγιστα).

<sup>434</sup> “de quem quer violar”: v. *supra*, nota a “queria tirar-lhe”.

<sup>435</sup> Cadmo, natural (na tradição aqui expressa) de Tiro, cidade e ilha da Fenícia, terá introduzido dezasseis letras; Palamedes, notável pelo seu espírito inventivo, passa por ter sido o introdutor do alfabeto fenício, ou, segundo outros, por ter acrescentado quatro letras às dezasseis de Cadmo; Simónides (não o poeta, mas o físico natural de Siracusa) terá introduzido as outras quatro. A questão dos tipos de alfabeto grego não é tão simples como aqui se lê...

<sup>436</sup> “determinou”: o gr. tem a 3ª p. pl., *diórisan* (διώρισαν), considerando, portanto, as três personagens mencionadas. Creio poder emendar a forma verbal para 3ª p. sg. *diórisen* (διώρισεν), embora se compreenda a falta de concordância presumidamente originária...

<sup>437</sup> “englobou”: v. *supra*, nota a “determinou”; *id.* a seguir: “conferiu”... “atribuiu”... “determinou”...

<sup>438</sup> “cada um” (considerando, em port., o nome de cada letra), e não “cada uma” (das letras)... para evitar o feminino...

<sup>439</sup> “juízes... próprios”, e não “juízas... próprias”...

<sup>440</sup> “semivogais”, gr. *hēmíphōna* (ἡμίφωνα). Os gramáticos antigos estabeleceram uma tripla divisão dos fonemas: VOGAIS (7): A, E, H, I, O, Ω, Y; SEMIVOGAIS (8): *líquidas* Λ, M, N, P; *sibilante* Σ; *duplos* Ζ, Ξ, Ψ; CONSOANTES (9): Β, Γ, Δ, Θ, Κ, Π, Τ, Φ, Χ. A atribuição da classificação de semivogal obedece a critério diferente do actual, aludindo-se (sugestão minha!) ao facto de esses fonemas poderem ser alongados na pronúncia: λλ..., μμ..., νν..., σσ..., ζζ..., κσσ..., πσσ... Note-se que, segundo esta classificação, o “réu” *Sigma*, por ser uma “semivogal”, pode reivindicar precedência relativamente ao *Tau*, simples consoante...

que a última das divisões fosse atribuída às nove restantes, as quais, não têm um som por si mesmas<sup>(441)</sup>. Portanto, parece que são as vogais quem deve preservar essas leis.

6. Ora, este aqui presente, o Tau — na verdade, não tenho, para o nomear, pior nome que não seja aquele por que ele é chamado<sup>(442)</sup> —, o qual, pelos deuses!, nem sequer poderia ser ouvido, se não lhe acorressem dois de vós, tão amáveis e tão agradáveis à vista, ou seja, o Alfa e o Ípsilon<sup>(443)</sup>... este fulano — dizia eu<sup>(444)</sup> — atreveu-se a ofender-me muito para além dos ultrajes de outro tempo, não só ao banir-me de nomes e verbos do meu património, mas até ao expulsar-me, de uma assentada, de conjunções e preposições, a ponto de já não poder suportar essa sua insaciável ganância. Mas já é tempo de vos expor desde quando e de que modo tudo isso começou.

7. Estando eu, uma vez, de visita a Cíbelo — uma cidadezinha nada desagradável, e, segundo se diz, uma colónia de Atenas —, acompanhado do bravíssimo Ró, o melhor dos meus vizinhos, hospedei-me em casa de um certo poeta cómico. Chamava-se ele Lisímaco, beócio de origem, segundo aparentava<sup>(445)</sup>, mas que pretendia ser considerado como [originário] do coração da Ática. Foi em casa deste meu hospedeiro que eu descobri a ganância aqui do Tau. Enquanto este metia a mão em poucas palavras, atrevendo-se a dizer *téttara* (τέτταρα), “quatro”, e *tettarákonta* (τετταράκοντα), “quarenta”, ou apoderando-se de *témeron* (τήμερον), “hoje”, e outras palavras similares, afirmando que estas [formas] eram sua propriedade, arrancando-me assim [da companhia] dos grafemas<sup>(446)</sup> meus parentes e companheiros,

---

<sup>441</sup> Por isso são chamadas *con-soantes*, gr. *súmphōna* (σύμφωνα).

<sup>442</sup> A forma do Tau (T) sugere fortemente uma cruz, e até a sua designação: *staurós* (σταυρός), com a inevitável alusão à crucificação dos condenados.

<sup>443</sup> Faz referência ao nome da letra, *tau* (ταῦ), que as duas vogais permitem que seja pronunciada.

<sup>444</sup> “dizia eu” é uma versão mais explícita que o gr. *toínūn* (τοίνυν), “portanto”.

<sup>445</sup> “segundo aparentava”... pela maneira de falar, própria do dialecto beótico, como se verá.

<sup>446</sup> “grafemas”: o gr. diz, genit. pl., *grammátōn* (γραμμαμάτων), “letras”... mas também “fonemas”. A fim de evitar (como diversas vezes acima) o feminino, verti por “grafema”, pese embora o aspecto erudito e moderno do termo (aliás, ocorre no gr. tardio, como sinónimo de *grámma* (γράμμα).

considerarei [esses casos] como uma peculiaridade<sup>(447)</sup> sua, pelo que tais formas me eram suportáveis e não me sentia muito “mordido”<sup>(448)</sup> por esses factos.

8. <sup>(449)</sup>Quando, porém, com base nestes casos, ousa pronunciar *kassíteros* (κασσίτερος), “estanho”, *káttüma* (κάττυμα), “sola”, e *pítta* (πίττα), “pez”, e a logo a seguir, com todo o descaramento, chama à *basílissa* (βασίλισσα), “rainha”, *basílitta* (βασίλιττα)<sup>(450)</sup>, fico escandalizado, e não pouco, com esses casos, e em chamas, receando que, com o decorrer do tempo, ele chame aos *súka* (σῦκα), “figos”... *túka* (τῦκα)<sup>(451)</sup>. Então vós, por Zeus!, perdoai-me por esta minha justa raiva, pois estou fora de mim e isolado de quem acorra em meu socorro. Na verdade, o risco [que eu corro] não diz respeito a coisas de pouca monta nem vulgares, pois estou a ser afastado de grafemas familiares e estudados em conjunto<sup>(452)</sup>. O fulano arranca, por assim dizer, do meu seio, a *kíssa* (κίσσα), “pega”, ave tagarela, e chama-lhe *kítta* (κίττα)<sup>(453)</sup>. Também me rouba *phássa* (φάσσα), “pombo”, juntamente com *néssai* (νήσσαι), “patos” e *kóssüphoi* (κόσσυφοι), “melros”. apesar da proibição de Aristarco. Também me arrebatou não poucas *mélissai* (μέλισσαι), “abelhas”; além disso, introduziu-se na Ática e arrancou ilegalmente do seio desta região o *Hümēssós* (Ὑμησός), “Himeto”, à vista de vós e das outras letras<sup>(454)</sup>.

<sup>447</sup> “peculiaridade” ou “hábito dialectal”: afinal, o homem era beócio...

<sup>448</sup> “mordido” é tradução literal = “incomodado”, “ofendido”...

<sup>449</sup> Neste parágrafo e na primeira parte do seguinte, trata-se de vocábulos com duplo tau, -ττ- em ático e -σσ- no jónico e na *koiné*.

<sup>450</sup> Sigo a emenda de A. M. Harmon (“Loeb”)... que não se impõe sem alguma dúvida...

<sup>451</sup> O nome do figo era, no dialecto beótico, *túka* (τῦκα), forma que pareceria muito estranha aos falantes dos outros dialectos, incluindo aos falantes da *koiné*.

<sup>452</sup> Arrisco sugerir que Luciano se refere ao ensino da leitura, em que o professor dividia as letras, ou grafemas (e fonemas) em vogais, semivogais e consoantes. Ora, enquanto o Tau pertencia ao grupo das consoantes, a sua substituição pelo Sigma fazia-o integrar-se no grupo das semivogais. V. nota a “semivogais”, §5.

<sup>453</sup> *kítta* (κίττα) é a forma ática (Aristf., *Aves*, 302, 1297), passível de ser usada pelos neo-aticistas do tempo de Luciano. A forma com -ss- (-σσ-) era a forma normal na *koiné*.

<sup>454</sup> “letras”: o gr. diz (genit. pl.) *süllabôn* (συλλαβῶν) “sílabas”, mas, aqui, é referência às outras letras (v. §2, nota a “letras”, e dics.).

9. Mas para quê mencionar estes casos? O fulano expulsou-me de toda a Tessália, ao pretender chamar-lhe *Thettalía* (Θετταλία), “Tessália”; excluiu-me de todo o “mar”, *thálassa* (θάλασσα) e não roupar sequer, nas hortas, as “acelgas”, *seutlía* (σευτλία)... enfim, como diz o provérbio, “não me deixou nem um pauzinho”, *pássalos* (πάσσαλος).

Que eu sou uma letra cordata, vós mesmos testemunhais em meu favor, pois nunca acusei o Zeta de me roubar *smáragdos* (σμάραγδος), “esmeralda”<sup>(455)</sup> ou de me tirar toda a *Smúrna* (Σμύρνα), “Esmirna”, nem o Csi, pelo facto de este ter totalmente violado a *súnthékē* (συνθήκη), “tratado”<sup>(456)</sup>, tendo por *súmmakhos* (σύμμαχος), “aliado”, em casos como este<sup>(457)</sup>, o historiador Tucídides. Além disso, perdoei ao meu vizinho Ró, não só quando ele, por insanidade mental, plantou nos seus domínios as *múrrinai* (μυρρίναι), “murtas” que me pertenciam, mas também quando uma vez, num acesso de raiva, me deu uma bofetada<sup>(458)</sup> na *kórrē* (κόρρη), “bochecha”. Eu sou assim mesmo!

10. Mas quanto aqui ao Tau, vejamos como ele é violento por natureza, especialmente contra as restantes letras. [Para se ver] que ele não deixou em paz as outras letras, mas ofendeu o Delta, o Teta, o Zeta e quase todos os outros grafemas, chama-me<sup>(459)</sup> essas letras ofendidas... Vogais membros deste júri, escutai as palavras do Delta: “*Ele roubou-me a entelékhēia* (ἐνδελέχεια)<sup>(460)</sup>, “continuidade”, resolvendo pronunciar entelékhēia (ἐντελέχεια), “*energia activa*” “*essência da alma humana*”, violando todas as leis.”... e as palavras do Teta, que chora e arrepela os cabelos<sup>(461)</sup>

---

<sup>455</sup> O grupo *-sm-* (-σμ-) era vulgarmente pronunciado *-zm-* (-ζμ-), por assimilação de sonoridade do *-m-*; nalguns casos, está atestada a grafia *-zm-* (-ζμ-),

<sup>456</sup> Os compostos de prefixo *sün-* (συν-) tinham, em ático, uma forma alternativa *xün-* (ξυν-).

<sup>457</sup> ... incluindo *súmmakhos* (σύμμαχος), que Tucídides escreve *xímmakhos* (ξύμμαχος).

<sup>458</sup> “deu uma bofetada”... ou “... um murro”: o gr. diz “bateu”.

<sup>459</sup> “chama-me”: O Sigma dirige-se ao... “oficial de diligências” do tribunal.

<sup>460</sup> Neste caso, trata-se de duas palavras distintas, uma das quais “desaparece”, absorvida pela outra. Em port., p. ex., temos *retratar* [-t-] e *retractar* [-ct-], que o infeliz acordo ortográfico “amalgamou” numa única forma, como, também, *nervo óptico* (do olho) e *nervo ótico* (do ouvido), *et cetera*...

<sup>461</sup> “cabelos”: Há aqui uma referência subtil aos diversos casos do vocábulo grego: nominat. sg. *thríx* (θρίξ), mas, p. ex., o caso presente

da cabeça, pelo facto de ter sido esbulhado da *kolokúnthē* (κο-λοκύνθη)<sup>(462)</sup>, “abóbora”... e as palavras do Zeta, por já não poder *sūrízein* (συρίζειν), “sibilar”, nem *salpízein* (σαλπίζειν), “trombetear”, e nem sequer *grúzein* (γρúζειν), “murmurar”<sup>(463)</sup>. Quem poderá suportar tal situação? Que punição poderá ser aplicada aqui a este malvadíssimo Tau?

11. Além disso, ele não só ofende o povo da sua raça, o das letras, mas transferiu para a raça humana essa sua maneira de proceder. De facto, não deixa que os homens usem com naturalidade as respectivas línguas<sup>(464)</sup>, mas, pelo contrário, ó juizes... a propósito, isso fez-me recordar o caso de *glóssa* (γλωσσα), “língua”, pois<sup>(465)</sup> ele até me banuiu como parte desta [palavra], fazendo que a *glóssa* (γλωσσα) seja [pronunciada] *glótta* (γλωττα). Ó Tau, verdadeira peste da... *glóssa* (γλώσσα), “língua”!... Mas vou passar novamente a este [fulano] e falar em favor dos homens, a respeito dos erros que ele comete contra os mesmos. De facto, ele tenta, por meio de uma espécie de cadeias, torcer e torturar a sua pronúncia. Então, uma pessoa, ao ver algo ... *kalón* (καλόν), “belo”, quer chamar-lhe... *kalón* (καλόν), “belo”, mas este fulano cai subitamente sobre a pessoa e obriga-a a pronunciar... *talón* (ταλόν)<sup>(466)</sup>, com o que pretende ocupar o lugar de precedência em todas as circunstâncias. Mais ainda, um outro discute a respeito de *klêma* (κλήμα), “parra”, mas este fulano — verdadeiramente... *tlêmon* (τλήμων), “atrevido”

---

(acusat. pl.), *trikhas* (τρίχας).

<sup>462</sup> *kolokúnthē* (κολοκύνθη), ático *kolokúntē* (κολοκύντη).

<sup>463</sup> Estas três últimas palavras pronunciavam-se, no ático, com *-tt-* (-ττ-).

<sup>464</sup> “línguas”: creio que o sentido é “maneiras de falar”, “dialectos”...

<sup>465</sup> “pois... até”, *hóti kai...* (ὅτι καὶ...): Sigo a lição dos manuscritos, e não a simplificação de A. M. Harmon (“Loeb”), que retira a conjunção causal...

<sup>466</sup> Ao contrário do que sugere A. M. Harmon (“Loeb”), não se trata de um jogo de palavras (ingl. *pun*) entre *kalós* e *talós*, palavra (?) que, como nota, não está nos dicionários... nem tinha de estar, pois, simplesmente, *não existe* (na verdade, os dicionários até deviam registá-la como *não existente*, com a explicação que eu proponho). Creio que se trata de um defeito de linguagem (mais frequente nas crianças, mas também verificado em adultos), que consiste em pronunciar as guturais *c* e *g* como dentais *t* e *d*. Em port. (como há muitas décadas dizíamos a um nosso amigo): *Vai pra tassa e tem tuidado tom o tãõ*, ou *Onde está o dãto?* No que respeita à pronúncia de *d* por *g*, a designação é *deltismo*. Procurei *tauísmo*, mas encontrei um sentido completamente diferente: “religião popular da China... fundada na devoção por Tau, o princípio universal...” (“Morais”).

como é — transformou *klêma* (κλήμα), “parra” em... *tlêma* (τλήμα)<sup>(467)</sup>. “atrevimento?”. Ele, porém, ofende não somente as pessoas vulgares, mas até já conspira contra o próprio “Grande Rei” — perante o qual, segundo dizem, a terra e o mar se afastam e alteram as suas próprias características naturais —, e transformou aquele que é *Kúros* (Κῦρος), “Ciro”, num qualquer... *Túrós* (Τῦρός)<sup>(468)</sup>, “queijo”.

12. É, pois, desta maneira que ele, no que toca à pronúncia, ofende os homens. E quanto aos actos, como é? Os homens choram, lamentam a sua sorte e amaldiçoam mil vezes Cadmo, pelo facto de este ter colocado o Tau na família das letras. De facto, dizem que foi com base na figura deste<sup>(469)</sup> que os tiranos, tendo seguido e imitado a sua configuração, depois architectaram<sup>(470)</sup> madeiros com essa forma, a fim de neles empalarem as pessoas, e que foi deste que a maldita designação passou para a maldita invenção<sup>(471)</sup>. Por tudo isto, portanto, de quantas mortes julgais vós digno o Tau? Pela minha parte, acho que só se faria justiça, se fosse aplicada ao Tau esta pena: sofrer a sua própria punição amarrado à sua própria figura, [*pois o facto de a cruz, staurós [σταυρός] existir, (é que) foi criada com base nesta letra, e assim nomeada pelos homens.*]<sup>(472)</sup>.

---

<sup>467</sup> Como no caso *kalós* / \**talós*, também não existe a palavra \**tlêma*, que no entanto, sugere o sentido de “atrevimento”. Bailly (que não regista \**talós*, diz a respeito de *tlêma* (τλήμα): “*mauv. prononc. de κλήμα*”, referindo-se precisamente a este passo.

<sup>468</sup> *Túrós* (Τῦρός): Muito subtilmente, Luciano faz seguir este vocábulo de uma enclítica, o que obriga a um segundo acento, pelo que a palavra \**túros* (\*τῦρος), *que não existe*, é transformada no (neste contexto) ridículo *turós* (τυρός), “queijo”. Este exemplo leva-nos a pensar que, nestes casos com enclíticas, o acento “secundário” ganhava uma ênfase particular... como no gr. mod., p.ex.: *o pólemós mas* (ο πόλεμός μας), [o *polemós*-mas] “a nossa guerra”. Parece razoável manter, na transcrição, os dois acentos, mas, rigorosamente, dever-se-ia pronunciar mesmo *Túrós* (Τυρός)...

<sup>469</sup> Alusão à forma do Tau: T.

<sup>470</sup> “*arquiζεζαram*”: o verbo gr., part. aor., acusat. pl., *τεκτένοντας* (τεκτήνοντας) não foi escolhido ao acaso, com os seus três... *Taus*. O verbo da minha versão tenta, de algum modo, imitar o original...

<sup>471</sup> Luciano entra aqui numa explicação etimológica muito ingénua... e falsa, ao ligar o nome da letra, *taú* (ταῦ), ao nome da “cruz”: *staurós* (σταυρός). Mas tem graça!

<sup>472</sup> Este final, que consta dos manuscritos, é, no entanto, eliminado por muitos editores modernos, pois constitui nitidamente (até pelo estilo) um comentário de copista medieval, que acabou por ser incorporado no texto.

*O BANQUETE OU OS LÁPITAS*

(Página deixada propositadamente em branco)



## INTRODUÇÃO

Diga-se desde já que o “subtítulo”, ou título alternativo, *Os Lápitás*, resulta de uma comparação não explícita com o banquete *mitológico* em que se celebrava o casamento de Pirítoos, rei dos Lápitás, com Hipodamia. Como os Centauros tentassem raptar a noiva, os Lápitás reagiram violentamente, acabando por sair vencedores. É claro que o ambiente de festa se transformou numa desordem generalizada... como aconteceu neste *Banquete*. Nada disto, porém, consta do *Banquete* de Luciano, mas tão-somente uma referência no fim do §45, pelo que o título alternativo, *Os Lápitás*, parece não se justificar... Uma comparação mais explícita, não com o caso dos Centauros e dos Lápitás, mas com o das bodas de Peleu e Tétis, é a que é feita no §35. Neste último caso não se gerou desordem na sala, mas as consequências fizeram-me sentir algum tempo depois, pois o episódio esteve, segundo a mitologia, na origem da guerra de Tróia.

*“Para retratar o mais fielmente possível as cenas que se passaram no banquete, estas pareceram-me muito semelhantes às que os poetas contam a respeito da Discórdia. De facto, [dizem que] esta, por não ter sido convidada para as bodas de Peleu, lançou a maçã para o meio da sala do banquete, de onde resultou a famosa guerra de Tróia. Pois bem: a carta que Hetémocles lançou no meio da sala pareceu-me como que uma espécie de maçã, e produziu males não menores que os da Iliada.” (§35)*

Quanto ao banquete propriamente dito, faz parte de uma espécie de “subgênero” literário<sup>(473)</sup>, que vem na sequência do *Banquete* de Platão, mas que já tem antecedentes em Homero (*Iliada*, II, 402, *Odisseia*, IX, 1, etc.). Seguiram o “filão”, entre outros, Xenofonte, Aristóteles (obra perdida), Plutarco, Ateneu, Epicuro (obra perdida), etc. O mesmo tema, mas com propósitos satíricos, foi explorado pelo filósofo cínico Menipo, que pode ter influenciado o seu grande admirador Luciano.

Luciano, que não perde uma única oportunidade de criticar a incoerência da maior parte dos filósofos do seu tempo, que apregoam honestas doutrinas, opostas, porém, à sua imoral

---

<sup>473</sup> V. *The Oxford Cl. Dict.*, s. u. SYMPOSIUM LITERATURE.

prática diária, junta aqui, num banquete, essas figuras de aspecto venerando, as quais, diante de uma boa travessa de comida, esquecem as mais elementares normas do comportamento civilizado. De entre todos os representantes das diversas correntes filosóficas, o único que se revela igual a si próprio e à sua concepção filosófica (aliás pouco ou nada estruturada!) é o cínico Alcidadante, que começa e acaba por ser o um dos desmancha-prazeres daquilo que deveria ser um encontro festivo, mas para cuja degradação não deixaram de contribuir os outros veneráveis filósofos. No meio de toda esta vergonhosa situação, salva-se o dono da casa, Aristéneto, que se revela um homem sensato e ao mesmo tempo “esperto”, que usa certos truques para tentar acalmar a situação. Aristéneto “*não é como a maioria desses ricos, mas, pelo contrário, interessa-se pela cultura e passa a maior parte do seu tempo na companhia dessas personalidades*” (§10). Apesar de o filósofo cínico se ter apresentado sem que o convidassem, o anfitrião admitiu-o na festa e mandou que, à falta de um leito, lhe dessem uma cadeira, que o cínico não aceitou, preferindo ficar de pé, ao que Aristéneto condescendeu com o... mal-agradecido (§13). Quanto ao facto de Aristéneto não ter convidado o filósofo estóico Hetémocles (que por isso, com uma extensa e rabiosa carta, fez “azedar” ainda mais o ambiente), Licino (Luciano) desculpa-o, dizendo que ele imaginava que o venerando ancião não aceitaria; além disso, não queria expô-lo a um ambiente tão pouco recomendável (§28). Mais adiante, interpôs-se entre Cleodemo e Zenótemis, raivosamente engalfinhados (§33), etc...

O §34 — que me atrevo a transcrever aqui na totalidade — resume o pensamento de Licino (Luciano!) a este respeito:

*“Enquanto isto se passava, eu, ó Filon, reflectia comigo mesmo sobre mil coisas, como, por exemplo, aquele pensamento muito apropriado, segundo o qual de nada serve aprender as ciências, se uma pessoa não orienta a sua vida no sentido do que é melhor. Ora, eu verificava que aqueles homens, embora de uma eloquência fora do comum, eram motivo de risota devido aos seus actos. E logo a seguir, ocorreu-me ao pensamento se não seria verdade aquilo que muitas pessoas diziam, ou seja, que a instrução afasta do recto pensamento aqueles que atendem só e exclusivamente aos livros e às ideias neles contidas. De facto, no meio de tão grandes filósofos ali presentes, não era possível vislumbrar, assim ao acaso, um só que estivesse livre de pecado, mas, pelo contrário, uns cometiam actos vergonhosos, e outros diziam coisas*

*ainda mais vergonhosas. E eu nem sequer podia atribuir ao vinho esse procedimento, ao pensar nas coisas que Hetémocles tinha escrito, sem ter comido nem bebido.”*

Enfim, o *Banquete* de Luciano sai completamente dos cânones do banquete filosófico, o que é, de algum modo, compensado pela veia satírica... compulsiva do seu Autor.

(Página deixada propositadamente em branco)

## O BANQUETE OU OS LÁPITAS

1. FÍLON — Diz-se, ó Licino<sup>(474)</sup>, que vós<sup>(475)</sup> tivestes ontem, durante o jantar em casa de Aristéneto, uma diversão muito variada e que foram pronunciados uns quantos discursos filosóficos<sup>(476)</sup>, no seguimento dos quais, se Carino não estava a mentir-me, se levantou uma discórdia nada ligeira, tendo a coisa chegado a vias de facto, pelo que a reunião terminou com efusão de sangue.

LICINO — Mas, ó Fílon, como é que Carino soube disso, pois não estava connosco no jantar?

FÍLON — Disse que ouviu [da boca] do médico Dionico... Dionico que, julgo eu, era um dos comensais.

LICINO — Sim, era... mas esse não assistiu a tudo pessoalmente desde o início, pois chegou mais tarde, quando a discussão já ia quase a meio e um pouco antes da pancadaria. Por isso, estranho que ele estivesse em condições de contar o caso com precisão, uma vez que não acompanhou os acontecimentos desde que a discórdia começou, e até terminar em sangue.

2. FÍLON — Por isso mesmo, ó Licino, é que o próprio Carino me pediu que lhe fizesse o favor de vir ter contigo, a fim de ouvir a verdade, como é que tudo se passou, pois o próprio Dionico lhe dissera que não tinha assistido a tudo, e que tu é que conhecias com exactidão o caso e eras capaz de reproduzir esses discursos, uma vez que costumavas escutar<sup>(477)</sup> essas coisas, não distraidamente, mas com todo o interesse. Portanto, trata imediatamente de me “banquetear” com esse agradabilíssimo “banquete”, que, pelo menos para mim, não há outro mais agradável, especialmente se nos “banqueteamos” sóbrios, em paz e sem sangue, longe de frechadas, observando

---

<sup>474</sup> Tal como noutros diálogos, “Licino” é uma espécie de pseudónimo de Luciano. O seu interlocutor, Fílon, parece ser o mesmo a quem é dedicada a obra *Como se Deve Escrever a História*.

<sup>475</sup> “vós”, mais do que um plural majestático, refere-se, talvez, a Licino e aos demais convivas.

<sup>476</sup> Na verdade, a temática do banquete acabou por ser outra, pois a festa degenerou em pancadaria.

<sup>477</sup> “costumavas escutar”: o part. pres. corresponde, no modo finito, a um presente ou um imperfeito, e exprime o aspecto contínuo, habitual, donde “costumavas”... que não está explícito.

velhos e novos perdidos de bêbados durante o jantar, levados pelo vinho puro<sup>(478)</sup> a dizerem e fazerem coisas que não deviam mesmo nada [dizer e fazer].

3. LICINO — Ó Fílon, o que tu pretendes é que eu divulgue e conte minuciosamente para toda a gente factos acontecidos em ambiente de vinho e bebedeira, quando o que se impõe é deixá-los no esquecimento, considerando tais coisas próprias de um deus, Dioniso, que não sei se admite alguém não iniciado nos seus ritos e mistérios báquicos. Portanto, vê lá bem se não será próprio de pessoas mal-formadas examinar minuciosamente esses factos, que é bom que, ao sairdes, os deixeis na sala do banquete. Na verdade, diz-se: “*Detesto um conviva com memória.*” Ora, Dioniso não procedeu correctamente ao narrar esses acontecimentos a Carino e ao espalhar o forte “cheiro a vinho” de uns homens... [que até são] filósofos. Cá por mim, c’ um raio!, não divulgaria uma coisa dessas.

4. FÍLON — Estás a fazer-te rogado, ó Licino. Mas não devias proceder assim comigo, que sei muito bem que estás muito mais desejoso de falar do que eu de te ouvir. Até me parece que, se tivesses falta de quem te escutasse, irias com todo o gosto para junto de uma qualquer coluna ou de uma estátua e aí despejarias tudo de seguida e sem fechar a boca. E se eu neste momento decidir retirar-me, não me deixarás ir sem te escutar, mas agarrar-me-ás, irás atrás de mim e suplicar-me-ás. Sim, agora será a minha vez de me fazer rogado contigo. Se me dás licença, vamos informar-nos<sup>(479)</sup> junto de outra pessoa... E tu fica muito calado.

LICINO — Não fiques zangado. Sim, vou contar-te [tudo], já que tanto o desejas... mas não irás falar disto a ninguém<sup>(480)</sup>.

FÍLON — Se não estou completamente esquecido de [quem é] Licino, tu próprio o farás melhor [do que eu] e te anteciparás a contá-lo a toda a gente, pelo que eu não tenho necessidade de o fazer...

---

<sup>478</sup> “vinho puro”: gr. *ákratos (oínos)*, ἄκρατος (οἶνος). O costume era beber vinho com um certo grau de diluição em água, mas os beberrões preferiam o vinho puro.

<sup>479</sup> “vamos informar-nos”, plurais majestáticos, ao contrário do que entende A. M. Harmon (“Loeb”), que supõe que Fílon se dirige a um terceiro participante (de quem nós, leitores, não desconfiávamos).

<sup>480</sup> “a ninguém”: o gr. diz “a muitos”, “a muita gente”. O contexto leva a interpretar, algo fora da letra, como “não irás divulgar o assunto”.

5. ... Mas, antes de mais, diz-me cá uma coisa: Foi por ocasião do casamento de seu filho Zenão<sup>(481)</sup>, que Aristéneto vos ofereceu esse banquete?

LICINO — Não foi, não, mas sim quando ele deu a sua filha Cleântide em casamento àquele estudante de Filosofia, filho do agiota Êucrito.

FÍLON — Sim, por Zeus!, um mocinho muito formoso, mas muito imaturo e ainda longe da idade do casamento.

LICINO — É que ele não tinha, julgo eu, outro [noivo] mais conveniente. Por isso, escolheu para genro, entre todos, este, que lhe parecia muito ajuizado e dado à Filosofia, e que era, além disso, único [herdeiro] do rico Êucrito.

FÍLON — Não é despidendo esse motivo que tu mencionas, ou seja, o facto de Êucrito ser rico... Mas então, ó Licino, quem eram os convivas?

6. LICINO — Para quê nomear-te todos eles? Os ligados à Filosofia e às letras, e que tu particularmente desejas [ouvir mencionar], eram: o velho Zenótemis, o [filósofo] do Pórtico<sup>(482)</sup>, e juntamente com ele estava reclinado<sup>(483)</sup> Dífilo, o “Labirinto”, que é professor de Zenão, filho de Aristéneto; de entre os peripatéticos, [estava] Cleodemo, que tu bem conheces... esse palrador, um grande argumentador, a quem os seus discípulos chamam a “Espada” e o “Cutelo”; além desses; também estava o epicurista Hérmon: quando este entrou, logo os estóicos o olharam de soslaio e desviaram a cara, horrorizados como [se estivessem] perante um parricida ou um sacrílego. Todos eles haviam sido convidados para o banquete, na qualidade de amigos e companheiros do dito Aristéneto. Entre eles estavam também o gramático Histieu e o retor Dionisodoro.

7. Por parte de Quéreas, o noivo, tinha sido convidado o platónico Íon, que era seu professor, homem de aspecto grave e venerando, que espelhava no rosto uma grande dignidade.

---

<sup>481</sup> “por ocasião do casamento de seu filho Zenão”, lit.<sup>te.</sup>: “ao conduzir (a sua casa) uma esposa para seu filho Zenão”. O sujeito de “conduzir esposa”, *gūnaika ágomai* (γυναικα ἄγομαι) é, ou o noivo, ou (como aqui) o pai do noivo, ou mesmo um irmão do noivo.

<sup>482</sup> “do Pórtico”, gr. *tēs stoás* (τῆς στοᾶς), ou “estóico”.

<sup>483</sup> “reclinado”: era esta a posição dos comensais, e não propriamente sentados...

Muitos chamam-lhe o “Cânon”, atendendo à rectidão do seu pensamento. Quando ele entrou [na sala], todos se levantaram e o saudaram como a alguém de categoria superior; numa palavra, este simples facto, que era a presença do admirável Íon, era [visto como] a visita de um deus.

8. Como já quase todos [os convidados] estivessem presentes, havia que nos reclinarmos [à mesa]. À direita de quem entra, as mulheres, que não eram poucas, ocuparam toda a fila de leitos; entre elas estava a noiva, completamente coberta com o véu e rodeada pelas outras mulheres. No lado oposto, ficou o resto das pessoas, segundo a categoria de cada um.

9. Em frente das mulheres, ficou em primeiro lugar Êucrito, e Aristéneto a seguir. Então levantou-se a questão de saber qual dos dois — o estóico Zenótemis, na qualidade de ancião, ou o epicurista Hérmon, por ser sacerdote dos dois “Ânaces”<sup>484</sup> e pertencer à primeira família da cidade — devia ter a precedência. Mas Zenótemis resolveu o problema: “*Se tu, Aristéneto — disse ele — me colocares em segundo, a seguir a este... homem... para não lhe chamar coisa pior... epicurista..., eu retirar-me-ei, deixando-te todo o banquete*”... isto ao mesmo tempo que chamava o seu criado e fazia menção de se retirar. Então Hérmon disse: “*Ó Zenótemis, fica lá com o primeiro lugar, muito embora, se outro argumento não houvesse, te ficasse bem ceder o lugar a um sacerdote, por muito que desprezes Epicuro.*” E responde Zenótemis: “*Eu trocei foi de um epicurista ser sacerdote*”. E ao mesmo tempo que dizia isto, reclinou-se [no leito], e a seguir a ele, apesar de tudo, Hérmon; depois, o peripatético Cleodemo, a seguir Íon, e abaixo deste o noivo, e depois eu, e a meu lado Dífilo, e a seguir a este o seu discípulo Zenão, e depois o retor Dionisodoro e o gramático Histieus.

10. FÍLON — Ena! Ó Licino, esse banquete que me descreves é um [autêntico] museu [constituído] na sua maior parte por homens sábios, e eu elogio Aristéneto pelo facto de, ao promover uma celebração soleníssima, ter decidido convidar para o

---

<sup>484</sup> Os dois Ânaces (Anactes) são os gémeos Castor e Pólux, vulgarmente chamados “Dioscuros”. Não deixa de ser interessante o facto de um *epicurista* (teoricamente ateu ou, pelo menos, agnóstico) ser sacerdote. Este “ateísmo” é mesmo claramente sugerido logo a seguir...



banquete, em vez de gente vulgar, as mais sábias personalidades, seleccionando a fina-flor de cada uma das Escolas filosóficas, e não uns sim e outros não, mas todos sem discriminação.

LICINO — É que, meu amigo, ele não é como a maioria desses ricaços, mas, pelo contrário, interessa-se pela cultura e passa a maior parte do seu tempo na companhia dessas personalidades...

11. ... Ora bem: Ao princípio, estávamos a jantar tranquilamente e eram-nos servidos pratos variados... mas... acho que não há necessidade de enumerar todos eles — caldos, pastéis e [outros] acepipes, tudo em enorme quantidade. Nisto, Cleodemo, inclinando-se para Íon, disse: “*Éstás a ver ali o velho* — referia-se a Zenótemis, que eu bem ouvi —, *como ele se atafulha de comida e tem o manto cheio de [nódoas de] caldo... e quantos nacos [de comida] dá ao seu criado, que está atrás de si, cuidando que isso passa despercebido dos outros, sem se lembrar que há outras pessoas por detrás dele? Faz sinal desse facto a Licino, para que ele seja testemunha.*” Mas eu não precisava de que Íon me fizesse sinal, pois desde há muito que estava lá de longe a topar o caso.

12. Mal Cleodemo acabara de dizer estas palavras, eis que irrompeu [pela sala], sem ter sido convidado, o cínico Alcidamante, recitando alegremente o conhecido “*eis chegado Menelau, por sua livre vontade*”<sup>(485)</sup> Muitos acharam que ele tinha procedido sem vergonha e ripostaram-lhe, um com as apropriadas [palavras]: “*Éstás louco, Menelau*”<sup>(486)</sup>, e outro:

*Mas tal ao coração não agradou | do Atrida Agamémnon*<sup>(487)</sup>,

e outros murmuravam outras palavras [igualmente] certas e espirituosas, mas ninguém se atrevia a dizê-las em voz alta, pois tinham medo de Alcidamante, que é extraordinariamente

---

<sup>485</sup> Frase tirada, com alterações, de Homero, *Iliada*, II, 408.

<sup>486</sup> Homero, *Iliada*, VII, 109.

<sup>487</sup> Homero, *Iliada*, I, 24. Agamémnon não gostou das palavras de Crises, sacerdote de Apolo, que lhe suplicava que libertasse sua filha, e, com palavras muito duras, ordenou-lhe que se retirasse e nunca mais ali aparecesse... e o mesmo devia fazer o intruso Alcidamante...

“perito em vozeirão”<sup>(488)</sup> e o mais ladrador de todos os... cães<sup>(489)</sup>, qualidade em que todos o julgavam superior e altamente temível.

13. Mas Aristéneto elogiou-o e mandou-o puxar de uma cadeira<sup>(490)</sup> e sentar-se entre Histieu e Dionisodoro. E vai ele: “Raios te partam! Mandas-me sentar numa fofa cadeira de mulher ou num leito de encosto, [que é] como vós vos banqueteades, pouco faltando para estardes estendidos de costas, mesmo vestidos de púrpura! Cá por mim, jantarei de pé, ao mesmo tempo que passeio pela sala de jantar; e se me sentir cansado, ponho por debaixo o meu manto e reclinar-me-ei apoiado no cotovelo, como representam Hércules.” E diz Aristéneto: “Faça-se assim, se isso te é mais agradável.” Dito isto, Alcidas, percorrendo [a sala] a toda a volta, ia jantando, como os Citas<sup>(491)</sup>, deambulando em busca do repasto mais abundante e rodeando os [criados] que distribuía[m] [as travessas de] comida.

14. Mesmo assim, enquanto comia, continuava muito activo em dissertar simultaneamente acerca da virtude e do vício e vituperava contra o ouro e a prata. Então perguntou a Aristéneto de que é que lhe serviam tantas e tão ricas taças<sup>(492)</sup>, que faziam o mesmo que as de barro. Mas Aristéneto fez com que ele, [pelo menos] de momento, deixasse de nos importunar, fazendo sinal a um criado para que enchesse de vinho puro<sup>(493)</sup> um enorme canjirão<sup>(494)</sup> e lho servisse, o que lhe pareceu uma

---

<sup>488</sup> Expressão tirada da *Iliada*, II, 208, aplicada a Menelau, embora em contexto diferente.

<sup>489</sup> O termo *kúōn* (κύων), propriamente “cão”, aplicava-se correntemente aos *cínicos*, *kūnikoí* (κυνικοί). Naturalmente, os gregos entendiam ambos os sentidos ao mesmo tempo.

<sup>490</sup> “cadeira”: o gr. tem (genit.) *thrónou* (θρόνου), “trono”, que é um assento demasiado nobre para a circunstância. Deve antes tratar-se de uma simples “cadeira”, como aquelas em que (por questão de recato!) se sentavam as mulheres.

<sup>491</sup> Os Citas, povo bárbaro do Nordeste da Europa e Noroeste da Ásia, lutavam a cavalo, armados de setas. Nem sequer se apeavam para comer...

<sup>492</sup> “taças”, gr. pl. *kúlíkes* (κύλικες) eram uma espécie de canecas de metal (ouro, prata, cobre), com duas asas, relativamente largas em relação à altura.

<sup>493</sup> “vinho puro”, gr. *zōrós* (οἶνος), ζωρός (οἶνος): geralmente, o vinho era bebido com uma maior ou menor mistura de água. Só os beberrões o bebiam puro; neste caso, tratava-se de “acalmar” o truculento cínico.

<sup>494</sup> “canjirão”, grande caneca de boca larga, corresponde mais ou menos ao gr. *skúphos* (σκούφος); é um vaso de base larga e com duas asas

ótima ideia, sem se aperceber de quantas desgraças aquele canjirão iria ser causa. Então Alcidamante, pegando no vaso, e tendo-se calado por um momento, deitou-se ao comprido no chão e aí permaneceu seminu, como havia ameaçado, com a cabeça encostada ao cotovelo na vertical e com o canjirão na mão direita, tal qual Hércules é representado, em casa de Folo<sup>(495)</sup>, pelos pintores.

15. Já circulava entre todos [os convivas] a taça, bem como as “saúdes” e os discursos, e já tinham trazido os fachos<sup>(496)</sup>. Nisto, eu, vendo sorrir o moço do vinho, o que estava junto de Cleodemo e que era muito formoso (sim, devo contar — julgo eu — todos os episódios secundários, especialmente os que se prestaram a risota), fiquei a observar por que motivo ele sorria. Passado pouco tempo, o moço aproximou-se, como se fosse receber a taça das mãos de Cleodemo, e então este apertou-lhe o dedo, ao mesmo tempo que, juntamente com a taça, lhe dava, creio, duas dracmas<sup>(497)</sup>. Então o moço, ao sentir apertarem-lhe o dedo, voltou a sorrir, mas julgo que não se apercebeu do dinheiro, de maneira que, por não as ter apanhado, as duas dracmas caíram [no chão], fazendo um tinido, pelo que ambos ficaram visivelmente ruborizados. Os que estavam perto perguntavam-se a quem pertenceriam as moedas. O moço negava que as tivesse deixado escapar, enquanto Cleodemo, junto de quem se ouvira o tinido, fingia que não as tinha deixado cair. Este caso não mereceu atenção e passou mesmo despercebido, pois não foram muitos os que o observaram, com excepção, segundo me pareceu, de Aristéneto. Este, de facto, um pouco depois substituiu o moço, fazendo-o sair discretamente, e fez sinal a um tipo já maduro e muito forte, talvez um muleteiro ou um tratador de cavalos, para que ficasse junto de Cleodemo. Assim foi, de algum modo, atenu-

---

horizontais... NOTA: A variedade dos vasos gregos (e romanos) é tal, que se torna difícil estabelecer uma correspondência com os vasos actuais...

<sup>495</sup> Folo, um dos Centauros, recebeu em sua casa Hércules, a quem serviu, além de carne cozinhada, um jarro de vinho, que suscitou a vinda dos outros Centauros, com os quais Hércules lutou e aos quais venceu...

<sup>496</sup> Entende-se que já anoitecia, pelo que era preciso iluminar a sala.

<sup>497</sup> “duas dracmas”, ou seja (como se vê a seguir), duas moedas de uma dracma, e não uma moeda de duas dracmas, que se chamava *dídrakhmon* (δίδραχμον).

ado este episódio, que poderia<sup>(498)</sup> ter sido motivo de grande vergonha para Cleodemo, se chegasse a espalhar-se entre todos [os convivas], em vez de ter sido imediatamente abafado, pelo facto de Aristéneto ter muito habilidosamente tratado este caso de bebedeira.

16. Então o cínico Alcidas, que já estava emborrachado, pediu silêncio com o seu vozeirão, perguntou como é que se chamava a jovem noiva e, voltando-se para o lado das mulheres, disse: “*Bebo à tua saúde, Cleântide, invocando o nosso patrono Hércules.*” E como todos comessem a rir destas palavras, acrescentou: “*Vós, porcaria de homens, ristes pelo facto de eu ter bebido à saúde da noiva, invocando o nosso deus Hércules? Pois deveis ficar sabendo que, se ela não receber das minhas mãos esta taça, não terá um filho como eu sou, de uma coragem inabalável, de pensamento livre e de corpo forte.*” E ao mesmo tempo [que falava], ia-se despindo cada vez mais, até ao limite da vergonha. Os convivas começaram novamente a rir desta situação, e então ele, irritado, levantou-se com um olhar muito duro e desvairado, enfim, era evidente que dali para diante já não ia ficar sossegado. E talvez mesmo agredisse alguém com o cajado, se, muito a tempo, não trouxessem para a sala um empadão descomunal. Ao vê-lo, ficou mais manso, a cólera baixou, e ele, ao mesmo tempo que circulava com o criado<sup>(499)</sup>, ia-se empanturrando.

17. Por essa altura, já estavam quase todos bêbados, e a sala toda cheia de algazarra. De facto, o retor Dionisodoro pronunciava, um de cada vez, os seus discursos contraditórios<sup>(500)</sup>, no que era elogiado pelos criados que estavam atrás de si; O gramático

---

<sup>498</sup> “poderia”, sentido dado pela partícula *án* (ἄν), que não está nos manuscritos, mas foi sugerida por Bekker e aceite por muitos editores modernos. Parece razoável.

<sup>499</sup> O verbo diz apenas “circulando com”, *sūmperiōn* (συμπεριῶν). Quer dizer: ia comendo do bolo... em andamento!

<sup>500</sup> Tratava de dois discursos, com teses contrárias e contraditórias — exercício de habilidade que, aliás, Luciano praticou algumas vezes... Nota: “discursos contraditórios”, *antirrhéseis* (ἀντιρρήσεις) é emenda de Gertz, adoptada por A. M. Harmon (“Loeb”) e outros. Os manuscritos têm *autoū rhéseis* (αὐτοῦ ῥήσεις), “discursos dele próprio”. Aceito a emenda, sobretudo pela indicação de que eram pronunciados “à vez”, *en mérei* (ἐν μέρει)... o que arrasta a ideia do contraditório...

Histieu, reclinado [no lugar] a seguir a este<sup>(501)</sup>, salmodiava e reunia num só [poema] versos de Píndaro, de Hesíodo e de Anacreonte, de modo que de todos eles se formava um único canto muitíssimo engraçado, especialmente aquele passo, em que ele como que adivinhava o que iria acontecer<sup>(502)</sup>:

*Batiam os escudos uns nos outros...*<sup>(503)</sup>.

ou ainda:

*Um grito de lamento ou de triunfo | entre os homens se elevou.*

Zenótemis, por seu lado, lia um livro com uma escrita muito fina, que tinha tomado do seu criado.

18. Quando os criados encarregados de trazer comida fizeram, como de costume, um intervalo, Aristéneto, providenciando para que aquele período de tempo não fosse aborrecido nem vazio, mandou entrar um bobo para dizer ou fazer alguma coisa engraçada que divertisse ainda mais os convivas. Então entrou um tipo muito feio, com a cabeça rapada, apenas com alguns cabelos espetados no alto da cabeça. Este pôs-se a dançar, dobrando-se e contorcendo-se todo, de modo que parecia ainda mais ridículo, recitou anapestos, marcando o ritmo [com palmas] e com um sotaque egípcio, e por fim, pôs-se a dizer piadas dirigidas aos presentes.

19. Todos riam, quando era a sua vez de lhes serem dirigidas piadas, mas quando disparou uma desse género contra Alcidamante, chamando-lhe “canicho maltês”<sup>(504)</sup>, este irritou-se

---

<sup>501</sup> “a seguir a este”, melhor que “em último lugar”, pois estas duas personagens, como se vê pelo final do §6, estavam em lugares contíguos... mas também, segundo parece, nos últimos lugares...

<sup>502</sup> “o que iria acontecer”, ou seja, as cenas de pancadaria em que o banquete iria degenerar...

<sup>503</sup> Homero, *Iliada*, IV, 447; o verso seguinte é de IV, 450.

<sup>504</sup> “canicho maltês”, raça de cães minúsculos, originários da ilha de Malta, *Melítē* (Μελίτη). Aqui, além da associação *cão / cínico*, parece haver uma outra alusão, pois *Melítē* era também o nome de um demo (distrito) de Atenas, onde se prestava um culto muito especial a Hércules, *patrono dos cínicos*... E se o cínico Alcidamante fosse natural do demo ático de Mélite (sugestão gratuita!), a piada seria completa: *Melitaíos* (Μελιταίος) = de *Melítē* (Μελίτη)... “da ilha de Malta”? ou do demo homónimo da Ática?

— na verdade, era desde há muito manifesto que estava com inveja do bobo, por este estar a ser aplaudido e atrair a atenção dos convivas —, e então, lançando fora o manto, desafiou o outro para uma luta de pancrácio<sup>(505)</sup>, dizendo que, caso o outro se recusasse, lhe aplicaria o cajado de alto a baixo. Deste modo, o pobre do Satirião<sup>(506)</sup> — assim se chamava o bobo — fez-se a ele e deu início ao pancrácio. Era uma cena sumamente deliciosa, ver um senhor filósofo defrontando um bobo e dando e levando golpes, à vez. Entre a assistência, uns estavam envergonhados, enquanto outros riam, até que Alcidas se fartou de levar porrada e de ser vencido por um homúnculo tão bem exercitado. E desataram a rir do caso.

20. Nesse momento, entrou o médico Dionico, não muito depois da luta. Tinha-se atrasado, segundo dizia, por estar a tratar de Polipreonte, o tocador de flauta, atacado de frenite<sup>(507)</sup>. Então contou um caso muito engraçado. Disse ele que, ao entrar em casa do outro, sem saber que ele estava a ter um acesso da doença, o homem levantou-se rapidamente [da cama], fechou a porta [à chave] e, puxando de uma pequena espada<sup>(508)</sup>, passou-lhe [para as mãos] uma flauta, ordenando-lhe que tocasse. Como [Dionico] não fosse capaz, pegou numa correia e bateu-lhe nas costas das mãos. Por fim, [o médico], perante tão grande perigo, imaginou o seguinte [truque]: desafiou o outro para uma contenda [de flauta], em que estava em jogo um certo número de golpes<sup>(509)</sup>. E [o médico] foi o primeiro a tocar, aliás muito mal; depois, ao passar a flauta ao outro, tirou-lhe [das mãos] a correia e a pequena espada e atirou-as rapidamente pelo postigo, para o pátio ao ar livre, após o que, lutando com ele já com maior segurança, pôs-se a chamar os vizinhos, que rebentaram com a porta e o salvaram.

---

<sup>505</sup> O pancrácio reunia duas “disciplinas”: a luta, *pálē* (πάλη) e o pugilato, *pūgmé* (πυγμή), mas este último de mãos nuas, e não ligadas com uma correia de pele de boi...

<sup>506</sup> Satirião ou Satírion, gr. *Satüríōn* (Σατυρίων), nome bem apropriado a uma figura que mais faria lembrar um Sátiro.

<sup>507</sup> “frenesim”, “loucura”, “delírio” ou (para ser fiel ao gr.), port. “frenite”, *phrenítis* (φρενίτις).

<sup>508</sup> “pequena espada”, *xiphídion* (ξιφίδιον), “punhal”... “faca”...

<sup>509</sup> Entenda-se que o vencedor aplicava (ou o vencido apanhava) uns quantos golpes com a referida “pequena espada”... ou “punhal”, ou “faca”...

Então Dionico, que não fora menos aplaudido que o bobo pela sua narrativa, ajeitou-se ao lado de Histieu e pôs-se a comer os restos do jantar, ele que se nos apresentou, não sem a intervenção de uma qualquer divindade, e que se tornou muito útil nos acontecimentos posteriores.

21. De facto, apresentou-se no meio da sala um criado, que dizia vir da parte do estóico Hetémocles<sup>(510)</sup> e trazia uma carta, que o seu patrão ordenara que ele a lesse publicamente, de maneira que fosse ouvida por todos, e que logo a seguir se retirasse. Como Aristéneto lhe desse autorização, o criado chegou-se a um facho e começou a ler.

FÍLON — Não era para aí, ó Licino, um elogio da noiva ou um epitalâmio, como tantas vezes se usa?

LICINO — É claro que [todos] pensámos numa coisa desse género, mas não foi, nem de perto, nada disso. De facto, a carta dizia:

22. O filósofo Hetémocles, para Aristéneto

*“O que eu penso a respeito de banquetes, toda a minha vida passada poderia atestá-lo... eu que, embora seja todos os dias incomodado por muitas pessoas mais ricas que tu, nunca por nunca me dispus a aceitar, por saber dos tumultos e excessos de vinho que se passam nos banquetes. No teu caso, porém, e só nesse, tenho por bem ficar, e muito naturalmente, zangado, pelo facto de tu, a quem durante tanto tempo e tão persistentemente eu tenho cortejado, não te teres dignado incluir-me entre os outros teus amigos, mas, pelo contrário, sou o único a ficar de parte, apesar de eu morar na tua vizinhança. Portanto, o que mais me aflige em ti é o facto de te mostrares tão ingrato<sup>(511)</sup>. Na verdade, para mim, a felicidade não consiste numa dose de javali, ou de lebre, ou de empadão — coisas de que gozo abundantemente em casa de outras pessoas, que sabem o que é a decência. Ainda hoje, podendo jantar, à rica, como sói dizer-se, em casa do meu discípulo Pâmenes, não acedi ao convite deste, reservando-me — que tolo que fui! — para ti.*

---

<sup>510</sup> “Hetémocles”, *Hetoimoklēs* (Ἡτοιμοκλήης): sigo a lição de A. M. Harmon (“Loeb”) ; outros lêem “Etímocles”, *Etümoklēs* (Ἐτυμοκλήης), andrónimo registado em “Bailly” (ainda que sem remeter para Luciano, mas para Xenofonte e Plutarco). De qualquer das formas, trata-se de um ilustre desconhecido, que não entrou para a História da Filosofia...

<sup>511</sup> Entenda-se: e não o facto de não participar no banquete.

23. “Tu, porém, puseste-me de parte e trataas muito bem outros... o que é natural... Na verdade, não és capaz de distinguir o que é melhor, nem possuis a faculdade “compreensiva”... Mas eu bem sei a que se deve esse comportamento a meu respeito: [deve-se] a esse teus admiráveis filósofos, Zenótemis e “Labirinto”<sup>(512)</sup>, cujas bocas — que Adrasteia<sup>(513)</sup> não me oiça! — creio poder fazer calar com um só silogismo... ou então que qualquer deles diga o que é a Filosofia... ou esta coisa elementar: em que é que a *skhésis* (σχέσις) difere da *héxis* (ἔξις)<sup>(514)</sup>... para já não falar das aporias<sup>(515)</sup>, como [por exemplo] a dos cornos<sup>(516)</sup>, ou a do sorites, ou a história do ceifeiro. Pois que te faça bom proveito, pois eu, que considero belo somente o que é honesto, suportarei facilmente essa afronta.

24. “Em todo o caso, para que não possas, mais tarde, recorrer a uma justificação, alegando que, no meio de tamanha confusão e tanto trabalho, te havias esquecido, já por duas vezes hoje mesmo te cumprimentei: de manhãzinha, em tua casa, e mais tarde, quando tu oferecias um sacrifício no templo dos Dioscuros. Aqui deixo esta justificação perante os presentes.

25. “Mas se cuidas que eu estou irritado por causa de um jantar, pensa no caso de Eneu<sup>(517)</sup>, pois verás Ártemis furiosa pelo facto

---

<sup>512</sup> Recordo (v. §6): Dífilo, o “Labirinto”, era professor de Zenão, filho de Aristéneto.

<sup>513</sup> Adrasteia, ou Némesis, divindade justiceira, que castigava severamente os orgulhosos, como poderia ser, ou parecer, o caso de Hetémocles.

<sup>514</sup> A *skhésis* (σχέσις) é o “estado passageiro” ou “acidente”; a *héxis* (ἔξις) é o “estado permanente” ou “atributo” — conceitos fundamentais da doutrina estoíca.

<sup>515</sup> As *aporias* (seria melhor, mas já ninguém diz, *apórias*) eram raciocínios falaciosos, que levavam a conclusões estranhas, mas difíceis de “desmontar” (v. *infra*).

<sup>516</sup> Aporia dos cornos ou do cornudo: “Aquilo que tu não perdeste, tu tens; ora, tu não perdeste cornos; logo, tu tens cornos”; *sorites* é um raciocínio em cadeia, um polissilogismo, em que o atributo da 1ª proposição passa a sujeito da segunda, o atributo da segunda passa a sujeito da terceira... e o atributo da última fica “logicamente” como atributo ligado ao sujeito da primeira. Lembro-me do sorites em voga no meu tempo de estudante: *Simão é macaco; macaco é um bicho; um bicho é um caracol; o caracol tem cornos; logo, o Simão tem cornos...*

<sup>517</sup> Eneu era rei de Cálidon, na Etólia, a norte do golfo de Corinto. No final das colheitas, celebrou um sacrifício em que invocou todos os deuses, menos Ártemis, a qual se vingou, enviando para a região um enorme javali,



*de ter sido a única que Eneu não invocou no sacrifício, enquanto obsequiava os outros deuses. A este propósito, diz Homero mais ou menos o seguinte:*

Ou se esqueceu, ou não se apercebeu, | em sua alma perturbado<sup>(518)</sup>...

*Ou Eurípides<sup>(519)</sup>:*

Esta terra é Cálidon, | na outra margem do golfo,  
para lá do país de Pélops, | de planuras fertilíssimas.

*Ou Sófocles<sup>(520)</sup>:*

Um javali monstruoso | contra o território de Eneu  
lançou de Latona a filha, | deusa que de longe acerta.

26. *“Fiz-te estas poucas citações, de entre muitas outras, para que fiques sabendo que homem é que tu desprezaste, ao tratares tão bem Dífilo, confiando-lhe o teu filho... e bem se compreende, pois ele é muito gentil para o jovem e tem com ele agradáveis relações<sup>(521)</sup>. E se eu não tivesse pudor de contar coisas dessas, acrescentaria algo mais, de cuja veracidade tu, se quiseres, poderás informar-te junto do pedagogo<sup>(522)</sup> Zópiro... Mas não me fica bem perturbar o ambiente de casamento, nem denunciar outras pessoas, especialmente com acusações tão vergonhosas. E no entanto, Dífilo bem o merecia, por me ter arrebatado já dois discípulos... mas eu, por respeito da Filosofia, calar-me-ei.*

27. *“Ordenei a este meu criado que, se tu lhe oferecesses alguma dose de javali, ou de veado, ou de empadão de sésamo, a fim de ma trazer, constituindo isso um pedido de desculpas em vez do jantar, que não a aceitasse, para que não dê a impressão de que eu o enviei com essa intenção”.*

---

que causou enorme destruição nos campos, acabando por ser morto por Meleagro...

<sup>518</sup> Homero, *Iliada*, IX, 537.

<sup>519</sup> Da tragédia perdida *Meleagro*... o herói que matou o famigerado javali...

<sup>520</sup> Da tragédia perdida *Meleagro*. Como se vê, os dois grandes tragediógrafos trataram o mesmo tema, que seria interessante comparar.

<sup>521</sup> “tem com ele agradáveis relações”, tradução não literal, mas que, como em grego, é ambígua: relações de amizade ou... mais íntimas, como se sugere a seguir.

<sup>522</sup> “pedagogo”, *paidagōgós* (παιδαγωγός) era o escravo que acompanhava o menino à escola e no regresso a casa, carregava com o material escolar e o defendia de investidas “mal-intencionadas”.

28. Durante a leitura da carta, ó companheiro, todo eu escorria em suor, de envergonhado que estava, e só desejava que a terra se abrisse [a meus pés], ao ver os presentes a rir a cada passo, muito em especial todos aqueles que conheciam Hetémocles, homem de cabelos brancos e de aspecto venerando. Por isso, espantava-me<sup>(523)</sup> pelo facto de um homem como Hetémocles os trazer, sem que eles se apercebessem, enganados pela sua barba e pela severidade do seu rosto. Realmente, creio que Aristéneto o excluiu, não por descuido, mas por calcular que, se o convidasse, ele não aceitaria participar numa coisa daquelas. Assim sendo, entendeu nem sequer tentar [convidá-lo].

29. Logo que, finalmente, o criado acabou de ler [a carta], toda a sala se virou para Zenão e para Dífilo, que estavam aterrorizados e muito pálidos e que, a julgar pelo embaraço dos seus rostos, conferiam verosimilhança às acusações de Hetémocles. Por outro lado, Aristéneto estava perturbado e muito confuso, mas, mesmo assim, mandou-nos continuar a beber, tentando compor as coisas, ao mesmo tempo que sorria. Mandou embora o criado [de Hetémocles], dizendo-lhe que iria tratar do assunto. Pouco depois, Zenão levantou-se e saiu discretamente<sup>(524)</sup>, pois o seu pedagogo fizera-lhe sinal para se retirar, aparentemente por ordem do pai.

30. Então Cleodemo, que desde há muito procurava um pretexto para se engalfinhar com os Estóicos e rebentava por não encontrar um começo razoável, apanhou este “prelúdio” que lhe oferecia a dita carta: “*É destas coisas — disse ele —, que produzem o belo Crisipo, o admirável Zenão<sup>(525)</sup> e Cleantes: só um palavreado miserável, umas questões e umas aparências de filósofos, na sua maioria uns... Hetémocles. Além disso, a carta assenta bem a um velho e, para concluir, Aristéneto faz de Eneu, e Hetémocles de Ártemis<sup>(526)</sup>. Por Hércules! Como tudo isto é de bom augúrio e apropriado a uma festa!*”

---

<sup>523</sup> “espantava-me”, *ethaímazon* (ἔθαύμαζον) também tem sido interpretado como 3ª p. sg.

<sup>524</sup> “levantou-se e saiu discretamente”, é o verbo *composto*, *hüp-ex-an-éstē* (ὑπ-εξ-ανέστη), mas a ideia de “discretamente” está explicitamente reforçada pelo advérbio *aphanôs* (ἀφανῶς).

<sup>525</sup> Zenão de Tarso (não confundir com diversos outros), sucessor de Crisipo como chefe da Escola Estóica. Cleantes, por sua vez, sucedeu a Zenão.

<sup>526</sup> V. §25 e nota a *Eneu*.

31. “*Por Zeus! — disse Hérmon, reclinado um pouco mais acima —, é que ele*<sup>(527)</sup>, *segundo creio, teria ouvido dizer que Aristéneto preparara um ‘certo’ javali para o jantar, pelo que não julgou fora de propósito mencionar o [javali] de Cálidon... Mas, ó Aristéneto, por Héstia*<sup>(528)</sup>, *envia-lhe o mais depressa possível uma parte das primícias [do animal], não se dê o caso de o velhote, à semelhança de Meleagro, ficar consumido pela fome... muito embora isso não o afectasse mesmo nada... uma vez que Crisipo considera tais situações como indiferentes.*<sup>(529)</sup>”

32. “*É o quê? Estais a citar Crisipo? — disse Zenótemis, acordando e gritando com toda a força — ... Ou será que avaliais Cleantes e Zenão, homens tão sábios, com base num único homem, que filosofa fora das regras, esse charlatão do Hetémocles? Quem sois vós para dizerdes tais coisas? Tu, Hérmon, não cortaste as madeixas dos Dioscuros, que eram de ouro? Ainda há-de pagar por isso e serás entregue ao carrasco. E tu, Cleodemo, cometias adultério com a mulher do teu discípulo Sótrato, e então foste apanhado em flagrante e sofreste um castigo bem vergonhoso*<sup>(530)</sup>. *Portanto, porque não vos calais, conscientes dos vossos pecados?”*. “*Mas eu — replicou Cleodemo — não prostituo a minha própria mulher, como tu fazes, nem, tendo recebido em depósito o dinheiro para a viagem*<sup>(531)</sup> *de um teu discípulo estrangeiro, jurei pela [Atena] Políade que não o recebi, nem empresto dinheiro a quatro dracmas [por mês]*<sup>(532)</sup>, *nem aperto o pescoço aos discípulos, caso estes não paguem os honorários*”. “*Mas — retorquiu Zenótemis — uma coisa não serás capaz de negar: que vendeste veneno a Críton, destinado ao pai deste.*”

<sup>527</sup> “ele”, aliás, não expresso; entendo: Hetémocles.

<sup>528</sup> Héstia, *Hestia* (Ἑστία), deusa do lar e da Hospitalidade, identificável com a Vesta romana.

<sup>529</sup> Segundo os estóicos (pelo menos de Crisipo em diante), os acontecimentos da vida humana dividiam-se em “bons”, “maus” e “indiferentes”. Os dois primeiros dependiam da vontade, pelo que deviam ser procurados ou evitados; outros, que, *como a morte*, não dependiam da pessoa eram considerados “indiferentes”, *adiáphora* (ἀδιάφορα).

<sup>530</sup> Deve tratar-se do duplo castigo mencionado nas *Nuvens* de Aristófanes, 1083 (Fala o Raciocínio Justo): Então e se ele, [quer dizer, o adúltero], por te ter dado ouvidos, for «enrabanado» e lhe queimarem os pêlos do cu com cinza quente?

<sup>531</sup> Parece entender-se que era dinheiro para assegurar a viagem de regresso.

<sup>532</sup> “quatro dracmas [por mês]”, quer dizer 4% *ao mês*.

33. Ao mesmo tempo, e como estivesse a beber, lançou para cima de ambos o que restava na taça, que estava quase meio cheia. E Íon, que estava na vizinhança deles, também apanhou [com algum vinho]... e não deixou de o merecer. Enquanto Hérmon limpava o vinho da cabeça, inclinado para a frente e tomando os assistentes como testemunhas do [ultraje] que sofrera, Cledemo, que não tinha taça, virou-se para Zenótemis, mandou-me uma escarradela na cara e, agarrando-o pela barba com a mão esquerda, ia dar-lhe um murro na bochecha, e teria mesmo matado o velho, se Aristéneto não lhe segurasse a mão e, passando por cima de Zenótemis, não se estendesse entre ambos, para que eles ficassem separados e estivessem sossegados, com Aristéneto servindo de muro de permeio.

34. Enquanto isto se passava, eu, ó Fílon, reflectia comigo mesmo sobre mil coisas, como, por exemplo, aquele pensamento muito apropriado, segundo o qual de nada serve aprender as ciências<sup>(533)</sup>, se uma pessoa não orienta a sua vida no sentido do que é melhor<sup>(534)</sup>. Ora, eu verificava que aqueles homens, embora de uma eloquência fora do comum, eram motivo de risota devido aos seus actos. E logo a seguir, ocorreu-me ao pensamento se não seria verdade aquilo que muitas pessoas diziam, ou seja, que a instrução<sup>(535)</sup> afasta do recto pensamento aqueles que atendem só e exclusivamente aos livros e às ideias neles contidas. De facto, no meio de tão grandes filósofos ali presentes, não era possível vislumbrar, assim ao acaso, um só que estivesse livre de pecado, mas, pelo contrário, uns cometiam actos vergonhosos, e outros diziam coisas ainda mais vergonhosas. E eu nem sequer podia atribuir ao vinho esse procedimento, ao pensar nas coisas que Hetémocles tinha escrito, sem ter comido nem bebido.

35. Assim, andava tudo invertido: por um lado, os ignorantes jantavam com todo o decoro, sem darem o espectáculo de

---

<sup>533</sup> “as ciências”, τὰ μαθήματα (τὰ μαθήματα), aqui no sentido de “ciências morais”, “Filosofia”...

<sup>534</sup> Recordem-se os três valores estoicos: o bom, o mau e o indiferente (v. §31, fim, nota a *indiferente*).

<sup>535</sup> “instrução”, lit.<sup>ic</sup> “o facto de ser instruído”, τὸ πεπαιδεύσθαι (τὸ πεπαιδεύσθαι), melhor tradução, neste caso, que “educação”. Aliás, o A. não diz *paideta* (παιδεία).

ficarem perdidos de bêbados e de dizerem coisas vergonhosas, mas apenas riam e criticavam aqueles que — julgo eu — antes admiravam, convencidos, a julgar pelas aparências, de que eles eram uns grandes senhores; por outro lado, porém, os sábios eram insolentes, insultavam-se uns aos outros, empanturravam-se em excesso, berravam e passavam a vias de facto... e o admirável Alcidamante urinava no meio da sala, sem respeito pelas mulheres. Para retratar o mais fielmente possível as cenas que se passaram no banquete, estas pareceram-me muito semelhantes às que os poetas contam a respeito da Discórdia. De facto, [dizem que] esta, por não ter sido convidada para as bodas de Peleu, lançou a maçã para o meio da sala do banquete, de onde resultou a famosa guerra de Tróia<sup>(536)</sup>. Pois bem: a carta que Hetémocles lançou no meio da sala pareceu-me como que uma espécie de maçã, e produziu males não menores que os da Ilíada.

36. De facto, Zenótemis e Cleodemo, mais os respectivos amigos, não pararam de discutir, nem mesmo quando Aristéneto se interpôs entre eles. *“Por agora — disse Cleodemo — basta-me provar que vós sois uns ignorantes, mas amanhã vingá-me-ei de vós como deve ser. Portanto, responde-me lá, Zenótemis, ou tu, elegantíssimo Dífilo, porque é que, embora afirméis que a posse de dinheiro é um [valor] indiferente, procurais acima de todas as coisas possuí-lo na maior quantidade possível e, com esse objectivo, frequentais os ricos, emprestais dinheiro e cobrais altos juros, dais lições em troca de dinheiro; e por outro lado, abominando o prazer e acusando por isso os epicuristas, vós próprios, por prazer, fazeis e deixais fazer<sup>(537)</sup> os actos mais vergonhosos... e ainda vos enfureceis, se alguém não vos convida para um jantar; e se sois convidados, comeis enormes quantidades e passais também enormes quantidades aos vossos criados.”* E enquanto assim falava, tentava puxar a toalha cheia de toda a espécie de carnes que o criado de Zenótemis tinha na mão, e estava mesmo prestes a

---

<sup>536</sup> Resumidamente, a Discórdia, ou Éris, escreveu na maçã “Para a mais bela”, o que originou uma espécie de “concurso de beleza” entre Hera, Atena e Afrodite, em que o juiz, Páris, filho de Príamo, atribuiu o título a Afrodite, que lhe havia prometido a esposa de Menelau, a bela Helena, que Páris raptou e levou para Tróia, para onde confluíram todos os chefes gregos, apostados em recuperar a bela Helena para os braços do seu esposo...

<sup>537</sup> “fazeis e deixais fazer”, referência à homossexualidade activa e passiva.

desatá-la e a espalhar pelo chão o conteúdo... só que o criado resistiu fortemente e não largou a toalha.

37. Então Hérmon disse: “*Muito bem, ó Cleodemo! Que digam por que motivo censuram o prazer, quando eles próprios pretendem gozar mais que as outras pessoas.*” E retorquiu-lhe Zenótemis: “*Nada disso, mas é antes a ti, ó Cleodemo, que compete dizer por que motivo não consideras a riqueza uma coisa indiferente.*” [E responde Cleodemo:] “*A mim, não, mas sim a ti.*” E ficaram durante longo nesta discussão, até que Íon, avançando para um lugar mais visível, disse: “*Parai lá! Se me permitirdes, eu lançarei para vossa discussão um tema digno da presente festa, e vós, falareis e ouvireis [os outros] sem quezílias, exactamente como a maior parte das vezes se procedia ao debate nos diálogos do nosso [mestre] Platão.*” Todos os presentes aplaudiram, especialmente Aristéneto e Êucrito<sup>538</sup>, que deste modo esperavam livrar-se desta desagradável situação. Então Aristéneto voltou para o seu lugar, confiado em que a paz estava feita.

38. Ao mesmo tempo, foi-nos trazido aquilo a que chamam ‘o prato completo’: uma ave<sup>539</sup> para cada um, uma dose de carne de javali, nacos de lebre, um peixe saído da frigideira, bolos de sésamo e diversas guloseimas que se podiam levar para casa. Diante de cada um puseram, não uma travessa, mas para Aristéneto e para Êucrito uma [travessa] comum em cada mesinha, donde cada um devia tirar a sua parte. Para o estóico Zenótemis e para o epicurista Hérmon, igualmente uma [travessa] comum; a seguir, [outra] para Cleodemo e para Íon; depois destes, [outra] para o noivo e para mim; Dífilo, porém, tinha uma dose dupla, uma vez que Zenão se tinha retirado. Lembra-te deste facto, Fílon, pois ele contém um pormenor útil para esta história.

FÍLON — Sim, lembrar-me-ei.

39. LICINO — Então Íon disse: “*Pois, se me dais licença, começo eu primeiro*”... e depois de uma breve pausa: “*Talvez eu devesse* — disse ele —, *na presença de homens tão ilustres,*

<sup>538</sup> “Êucrito”: recordo, “o agiota Êucrito” (v. §5) pai do noivo...

<sup>539</sup> “ave”, *órnis* (ὄρνις): deve tratar-se de algo como uma perdiz ou uma codorniz, e não uma galinha...

*dissertar a respeito de ‘ideias’, ‘incorpóreos’ e sobre a imortalidade da alma. Todavia, para que não me contradigam todos quantos não filosofam neste mesmo sentido, direi o que entendo a respeito do casamento. Para já, o melhor seria não necessitarmos de casamentos, mas, seguindo Platão e Sócrates, praticarmos a pederastia. De facto, só estas pessoas podem atingir a virtude. No entanto, uma vez que é preciso desposar mulheres, estas, segundo a doutrina de Platão, deviam ser comuns, a fim de ficarmos livres de rivalidade<sup>(540)</sup>.”*

40. Levantou-se uma [enorme] risada devido a estas palavras, ditas fora de propósito<sup>(541)</sup>. Então, disse Dionisodoro: “*Deixa de nos ‘cantar’ barbarismos! Sim, onde é que encontraríamos [o termo] zêlos [ζῆλος] nesse sentido? E em que autor?*” Responde-lhe Íon: “*E és tu que tal coisa dizes, porcaria de homem?*”... E Dionisodoro já ia mesmo responder-lhe com outra injúria, quando o bom do gramático Histieiu disse: “*Parai lá com isso, que eu vou ler-vos um epitalâmio.*”

41. A elegia<sup>(542)</sup> era nestes termos, se bem me recordo:

*Ou tal como agora esta,<sup>(543)</sup> | que no paço de Aristéneto,  
diva Senhora Cleântide, | criada amorosamente,  
que sobressai entre todas | as jovens da sua idade,*

---

<sup>540</sup> “rivalidade”. Íon emprega impropriamente o termo *zêlos* (ζῆλος), “rivalidade”, “emulação”, “inveja”, querendo antes dizer “ciúme”, *zēlotúpiá* (ζηλοτυπία), como a seguir lhe censura Dionisodoro, embora sem explicitar o termo correcto.

<sup>541</sup> “fora de propósito”, precisamente por serem ditas num ambiente de casamento!

<sup>542</sup> Este poema, em dísticos elegíacos, pretende vir na sequência do *Catálogo de Mulheres*, atribuído a Hesíodo, onde, após uma espécie de introdução sobre os amores de mulheres famosas, vem propriamente um catálogo, em que cada exemplo de heroína era anunciado sempre com as mesmas palavras: “*Ou como...*”, ἢ hoĩē... (ἢ οἷη...). Aqui, Histieiu dá continuação ao catálogo, acrescentando o caso da noiva Cleântide, filha de Aristéneto.

<sup>543</sup> O 1º hemistíquio é constituído quase exclusivamente por partículas “de encher”; e o 2º apresenta (quer na lição dos manuscritos, quer na emenda moderna (Schafer, Bekker) grande dificuldade métrica: ou ... Ἄ-ρι- | σται-νέ-του- | ...: ... ∪ ∪ | - ∪ ∪ |... Notar a irregular divisão silábica (...ι-στ...) e o (aliás regular) abreviamento de ...ου... em posição “fraca” e seguido de vogal. A minha versão teve de sacrificar algo ao aspecto métrico que pretendi dar-lhe: ou traduzi de menos, ou de mais... De resto o original é realmente fraco, além de pretensioso.

*mais bela que a Citereia, | mais bela que a bela Helena.  
Também te saúdo, ó noivo, | garboso e robusto efebo,  
Mais formoso que Nireu, | ou que de Tétis o filho.  
Este canto nupcial, | que agora vos ofertamos,  
em vosso louvor composto, | muitas vezes cantaremos.*

42. Ora, depois da risota causada, como era natural, por estes versos, era tempo de nos tomarmos o que havia sido servido. Aristéneto e Êucrito serviram-se das doses que estavam mais perto de cada um; eu servi-me da minha parte, e Quéreas da que estava do seu lado; Íon fez o mesmo, bem como Cleodemo; Dífilo, porém, pretendia ficar com a parte que havia sido destinada a Zenão, que estava ausente, e afirmava que tudo aquilo fora servido só para si, e então lutava com os servidores, e puxava cada um para seu lado pegando numa [perna de] ave, como se estivessem a puxar pelo cadáver de Pátroclo. Por fim, deu-se por vencido e desistiu, provocando uma grande risota entre os convivas, especialmente pelo facto de ele, no fim da cena, ter ficado furioso, como se tivesse sido gravemente injustiçado.

43. Hérmon e Zenótemis estavam reclinados da maneira que já tinha dito, um, Zenótemis, mais acima, e o outro abaixo dele. Tinham na sua frente as doses iguais, pelo que se serviam tranquilamente. Todavia, a ave do lado de Hérmon era mais gorda, julgo que por simples acaso. Cada um deveria, pois, pegar na respectiva dose. Nisto, porém, Zenótemis — toma muita atenção, Fílon, pois estamos a chegar ao cerne dos acontecimentos —... Zenótemis, como ia dizendo, deixou a [ave] que estava do seu lado e pegou na de Hérmon, a qual, conforme eu disse, era mais gorda. Mas Hérmon puxou pela ave e não permitia que o outro tivesse uma parte maior. Segue-se uma grande gritaria, após o que se engalinharam e batiam um na cara do outro com as aves; depois, agarraram-se pelas barbas e pediam socorro, Hérmon a Cleodemo, e Zenótemis a Alcidadante e Dífilo. Então [os convivas] tomaram posição, uns em defesa de um, outros em defesa do outro, com excepção de Íon, que se mantinha neutro.

44. Estavam todos engalinhados na luta, quando Zenótemis, sacando de uma taça que estava sobre a mesinha em frente de Aristéneto, atira-a contra Hérmon, mas



e foi rachar a cabeça do noivo, fazendo-lhe um ‘respeitável’ e profundo golpe. Então levantou-se um enorme alarido entre as mulheres, e muitas lançaram-se no meio da refrega, especialmente a mãe do jovem [noivo], quando viu o sangue. Também a noiva se levantou, temendo pela vida do esposo. Entretanto, Alcídante sobressaía lutando em favor de Zenótemis: brandindo o cajado, quebrou a cabeça de Cleodemo e os queixos de Hérmon, e sovou alguns criados que tentavam auxiliar os outros. Estes, porém, não desarmavam, mas, pelo contrário, Cleodemo, de dedo em riste, procurava furar um olho a Zenótemis e arrancar-lhe o nariz à dentada, enquanto Hérmon atirou do leito para fora e de cabeça para baixo, Dífilo, que vinha em auxílio de Zenótemis.

45. O gramático Histieu, ao tentar separá-los, também ficou ferido, apanhando, creio eu, um pontapé nos dentes dado por Cleodemo, que julgava tratar-se de Dífilo. Pelo menos o desgraçado ficou estendido por terra e, como diz o *seu*<sup>(545)</sup> Homero, “*vomitando sangue*”<sup>(546)</sup>. Toda a sala ficou cheia de agitação e lágrimas. As mulheres gemiam, concentradas à volta de Quéreas ...<sup>(547)</sup> ... enquanto os outros [?] tentavam acalmar o ambiente. Mas o maior dos males era Alcídante, que, uma vez sovados todos os seus adversários, batia indistintamente em todos os que lhe surgiam pela frente. E muitos mais — fica certo disso — caíam, se não tivesse quebrado o cajado. Por minha parte, fiquei muito direitinho encostado à parede, observando todos os episódios, sem me misturar, pois tinha sido ensinado por Histieu<sup>(548)</sup> que era arriscado tentar pôr fim a tais situações. Bem poderias dizer<sup>(549)</sup> que se tratava de

---

<sup>544</sup> Homero, *Iliada*, XI, 233. Luta entre Ifidamante e Agamémnon. Este, num primeiro ataque de lança, errou o alvo...

<sup>545</sup> “seu”, pois Histieu, como gramático (professor de Língua e Literatura... Gregas!) era íntimo leitor e comentador de Homero.

<sup>546</sup> Homero, *Iliada*, XV, 11.

<sup>547</sup> Supõe-se que há aqui uma lacuna (Gertz); Fritzsche emenda: outros *criados*...

<sup>548</sup> “por Histieu”, mais propriamente, “por aquilo que aconteceu a Histieu” (v. início deste parágrafo).

<sup>549</sup> “poderias dizer”: melhor que “2ª pessoa ideal” (= “bem se poderia dizer”), Licino dirige-se a Fílon.

Lápitas e Centauros<sup>(550)</sup>, se tivesses visto mesas de pernas para o ar, sangue espalhado e taças lançadas pelo ar.

46. Por fim, Alcídamente mandou abaixo o archote, o que provocou uma completa escuridão; a situação, como deves calcular, ficou muitíssimo mais grave. Na verdade, não era fácil conseguir outra luz, e então cometeram-se nas trevas actos horrorosos. E quando finalmente apareceu alguém que trazia um archote, Alcídamente foi surpreendido a tentar despir a tocadora de flauta procurando violá-la; por outro lado, Dionisodoro foi apanhado em flagrante a fazer uma coisa cómica: ao levantar-se, caiu-lhe uma taça da dobra do manto; então, a fim de se justificar, disse que Íon a tinha apanhado no meio da confusão e lha tinha dado, para que não se perdesse... e Íon, muito solícitamente, confirmou que assim o havia feito.

47. Com isto terminou o banquete, que depois das lágrimas e acabou novamente em risota à custa de Alcídamente, de Dionisodoro e de Íon. Os feridos foram transportados em estado miserável, especialmente o velho Zenótemis, com uma mão agarrada ao nariz e outra a um olho, gritando que morria com dores, a ponto de Hérmon, que estava igualmente mal — pois tinha dois dentes quebrados —, o refutar, dizendo-lhe: “*Lembra-te, Zenótemis, que não estás a considerar a dor como coisa indiferente*”. Também o noivo, depois de tratado por Dionico, foi conduzido a casa, com a cabeça envolta em ligaduras, e montado no [carro de] ‘dois cavalos’, onde era suposto haver de levar a noiva... E assim festejou o infeliz as suas bodas. Quanto aos outros [convivas], Dionico tratou-os na medida do possível, após o que foram transportados para as suas camas, tendo muitos deles vomitado no caminho. Alcídamente, porém, continuou na sala, pois não foram capazes de pôr fora o fulano, porquanto, logo que se atirou para cima de um leito, adormeceu deitado de atravessado.

48. E foi assim, meu bom Fílon, que terminou o banquete, e seria até seria melhor citar os famosos versos trágicos<sup>(551)</sup>:

---

<sup>550</sup> A simples alusão ao episódio mitológico da luta entre Lápitas e Centauros não justifica o 2º título: ... ou *Os Lápitas*...

<sup>551</sup> Referência a Eurípides, que, em *Alceste* (1159-1161), *Helena* (1285-1287), *Medeia* (só 1416-1417) e *Andrômaca* (1284-1286), termina com

*Muitas as formas do divino são,  
muito fazem os deuses de imprevisto:  
do inesperado um deus a via mostra.*

De facto, para falar verdade, não se esperava este desenlace, mas, pelo menos, já aprendi que não é seguro um homem pacífico participar num banquete onde estão sábios deste calibre.

---

esta espécie de “fórmula”. Transcrevo a tradução de José Ribeiro Ferreira, em decassílabos, nesta última.

(Página deixada propositadamente em branco)

VOLUMES PUBLICADOS NA *COLEÇÃO AUTORES*  
*GREGOS E LATINOS – SÉRIE TEXTOS GREGOS*

1. Delfim F. Leão e Maria do Céu Fialho: *Plutarco. Vidas Paralelas – Teseu e Rómulo*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
2. Delfim F. Leão: *Plutarco. Obras Morais – O banquete dos Sete Sábios*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
3. Ana Elias Pinheiro: *Xenofonte. Banquete, Apologia de Sócrates*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
4. Carlos de Jesus, José Luís Brandão, Martinho Soares, Rodolfo Lopes: *Plutarco. Obras Morais – No Banquete I – Livros I-IV*. Tradução do grego, introdução e notas. Coordenação de José Ribeiro Ferreira (Coimbra, CECH, 2008).
5. Ália Rodrigues, Ana Elias Pinheiro, Ândrea Seiça, Carlos de Jesus, José Ribeiro Ferreira: *Plutarco. Obras Morais – No Banquete II – Livros V-IX*. Tradução do grego, introdução e notas. Coordenação de José Ribeiro Ferreira (Coimbra, CECH, 2008).
6. Joaquim Pinheiro: *Plutarco. Obras Morais – Da Educação das Crianças*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
7. Ana Elias Pinheiro: *Xenofonte. Memoráveis*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2009).

8. Carlos de Jesus: *Plutarco. Obras Morais – Diálogo sobre o Amor, Relatos de Amor*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2009).
9. Ana Maria Guedes Ferreira e Ália Rosa Conceição Rodrigues: *Plutarco. Vidas Paralelas – Péricles e Fábio Máximo*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
10. Paula Barata Dias: *Plutarco. Obras Morais - Como Distinguir um Adulador de um Amigo, Como Retirar Benefício dos Inimigos, Acerca do Número Excessivo de Amigos*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
11. Bernardo Mota: *Plutarco. Obras Morais - Sobre a Face Visível no Orbe da Lua*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
12. J. A. Segurado e Campos: *Licurgo. Oração Contra Leócrates*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH /CEC, 2010).
13. Carmen Soares e Roosevelt Rocha: *Plutarco. Obras Morais - Sobre o Afecto aos Filhos, Sobre a Música*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
14. José Luís Lopes Brandão: *Plutarco. Vidas de Galba e Otão*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).

15. Marta Várzeas: *Plutarco. Vidas de Demóstenes e Cícero*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
16. Maria do Céu Fialho e Nuno Simões Rodrigues: *Plutarco. Vidas de Alcibíades e Coriolano*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
17. Glória Onelley e Ana Lúcia Curado: *Apolodoro. Contra Neera. [Demóstenes] 59*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2011).
18. Rodolfo Lopes: *Platão. Timeu-Critias*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2011).
19. Pedro Ribeiro Martins: *Pseudo-Xenofonte. A Constituição dos Atenienses*. Tradução do grego, introdução, notas e índices (Coimbra, CECH, 2011).
20. Delfim F. Leão e José Luís L. Brandão: *Plutarco. Vidas de Sólon e Públicola*. Tradução do grego, introdução, notas e índices (Coimbra, CECH, 2012).
21. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata I*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2012).
22. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata II*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2012).
23. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata III*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2012).

24. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata IV*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
25. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata V*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
26. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata VI*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).



(Página deixada propositadamente em branco)

OBRA PUBLICADA  
COM A COORDENAÇÃO  
CIENTÍFICA



CENTRO DE ESTUDOS  
CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS  
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA



• U



C •

